

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
CENTRO DE POLÍTICAS PÚBLICAS E AVALIAÇÃO DA EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO PROFISSIONAL EM GESTÃO E
AVALIAÇÃO DA EDUCAÇÃO PÚBLICA

Luiza Marillac de Paula Quetz Bittencourt

Cooperação entre a Família e a Escola no Processo Educativo: estudo de caso de uma
escola municipal de Juiz de Fora

Juiz de Fora

2022

Luiza Marillac de Paula Quetz Bittencourt

Cooperação entre a Família e a Escola no Processo Educativo: estudo de caso de uma escola municipal de Juiz de Fora

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação Profissional em Gestão e Avaliação da Educação Pública, da Universidade Federal de Juiz de Fora como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Gestão e Avaliação da Educação Pública. Área de concentração: Gestão e Avaliação da Educação Pública.

Orientadora: Profa. Dra. Edna Rezende Silveira de Alcântara

Juiz de Fora

2022

Ficha catalográfica elaborada através do programa de geração automática da Biblioteca Universitária da UFJF, com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

Bittencourt, Luiza Marillac de Paula Quetz.

Cooperação entre a Família e a Escola no Processo Educativo : estudo de caso de uma escola municipal de Juiz de Fora. / Luiza Marillac de Paula Quetz Bittencourt. -- 2022.

226 p. : il.

Orientadora: Edna Rezende Silveira de Alcântara
Dissertação (mestrado profissional) - Universidade Federal de Juiz de Fora, Faculdade de Educação/CAEd. Programa de Pós-Graduação em Gestão e Avaliação da Educação Pública, 2022.

1. Família. 2. Escola. 3. Coeducação. 4. Gestão. 5. Práticas e desempenho escolar. I. Alcântara, Edna Rezende Silveira de, orient. II. Título.

Luiza Marillac de Paula Quetz Bittencourt

Cooperação entre a Família e a Escola no Processo Educativo: estudo de caso de uma escola municipal de Juiz de Fora

Dissertação apresentada ao Programa de Pós Graduação Profissional em Gestão e Avaliação da Educação Pública da Universidade Federal de Juiz de Fora como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Gestão e Avaliação da Educação Pública. Área de concentração: Gestão e Avaliação da Educação Pública

Aprovada em 12 de agosto de 2022.

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Edna Rezende Silveira de Alcântara - Orientadora
Universidade Federal de Juiz de Fora

Prof. Dr. Wagner Silveira Rezende
Universidade Federal de Juiz de Fora

Profa. Dra. Carla Silva Machado
Universidade Estadual de Minas Gerais



Documento assinado eletronicamente por **Edna Rezende Silveira de Alcantara Professor(a)** . em 15/08/2022. às 19:03. conforme horário oficial de Brasília. com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543. de 13 de novembro de 2020](#)



Documento assinado eletronicamente por **Wagner Silveira Rezende Professor(a)** em 15/08/2022. às 19:51. conforme horário oficial de Brasília. com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543. de 13 de novembro de 2020](#)



Documento assinado eletronicamente por **Carla Silva Machado Usuário Externo** em 17/08/2022. às 17:33. conforme horário oficial de Brasília. com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#)



A autenticidade deste documento pode ser conferida no Portal do SEI-Ufif (www2.ufjf.br/SEI) através do ícone Conferência de Documentos, informando o código verificador **0878592** e o código CRC **1BF 0F998** .

“Ninguém vence sozinho, nem no campo, nem na vida!” (Papa Francisco, 2014)

Para minha família, a conclusão de uma etapa de aprendizagem, fortalecimento e crescimento.

AGRADECIMENTOS

A Deus, nosso criador, que me conduz e não me desamparou na caminhada, tudo providenciou e encaminhou para o êxito da pesquisa.

Aos meus pais pelos ensinamentos, suporte, confiança, parceria e amor incondicional.

A minha querida filha Laís Maria, que sempre trouxe luz, motivação, alegria e companheirismo em todos os momentos do mestrado e vibrou comigo a cada etapa vencida.

Aos meus irmãos e sobrinhos que entenderam minhas ausências e torceram por mim.

A toda comunidade escolar da instituição pesquisada que acolheu minha questão de investigação e colaborou, sem objeção com o desenvolvimento desse estudo.

As amigas de longa data que torceram dia a dia por mim. Foram compreensivas em minhas faltas, confiaram, acreditaram e ansiaram pela conclusão desse trabalho.

Aos colegas do mestrado que fortaleceram a jornada acadêmica, compartilhando angústias, aprendizados e conquistas.

À Universidade Federal de Juiz de Fora e ao Programa de Pós-Graduação Profissional em Gestão e Avaliação da Educação Pública pela organização do mestrado. Através do qual pude ter contato com profissionais de excelência, mestres e doutores que ampliaram meus conhecimentos e enriqueceram minha formação.

A minha orientadora, Professora Dra. Edna Rezende Silveira de Alcântara, que me trouxe motivação, inspiração e encantamento desde o primeiro contato. Obrigada pelo direcionamento, conhecimento partilhado e contribuições decisivas.

Agradeço à Mônica da Motta Salles Barreto, agente de suporte acadêmico que, com sabedoria e paciência, acompanhou e orientou o desenvolvimento de minha escrita.

Aos professores Doutores Carla Silva Machado, Marcelo Tadeu Baumann Burgos e Wagner Silveira Rezende que contribuíram nobremente com suas colocações na oportunidade de minha banca de qualificação e de defesa.

A professora Luana Fernandes Sofiati pela assistência, profissionalismo e revisão desse trabalho.

Minha gratidão aos familiares, amigos e colegas que ansiaram comigo pela conclusão desse trabalho. Muito obrigada!!!

RESUMO

A presente dissertação é desenvolvida no âmbito do Mestrado Profissional em Gestão e Avaliação da Educação (PPGP) do Centro de Políticas Públicas e Avaliação da Educação da Universidade Federal de Juiz de Fora (CAEd/UFJF). Por meio de um estudo de caso, este trabalho buscou identificar um problema de gestão presente na Escola Municipal Professora Thereza Falci, com a intenção de apresentar um Plano de Ação Educacional que promova melhorias à prática pedagógica desenvolvida na instituição, localizada na Zona Norte da cidade de Juiz de Fora, cujo público abarca alunos da Educação Infantil e Ensino Fundamental. Desta forma, nossa pesquisa analisa o que o gestor escolar pode fazer para promover o envolvimento das famílias dos estudantes na experiência educacional. A identificação dessa situação problema foi embasada pela observação do contexto institucional, pela coleta de evidências junto ao arquivo documental da escola e por meio de entrevistas exploratórias acerca do assunto. No histórico recente da escola, verificamos um bom posicionamento da instituição nas avaliações externas em âmbito municipal e a participação familiar em reuniões e festas. Todavia, notou-se uma baixa participação da família no acompanhamento pedagógico dos alunos, o que é um entrave ao potencial aprimoramento do processo educativo. Tal afirmação acerca dos efeitos da participação da família é, a partir de argumentos da literatura, uma premissa defendida neste trabalho, mesmo entendendo que essa não seja uma relação direta e simplificada. Assim, o objetivo geral da dissertação é identificar as práticas gestoras da instituição em estudo que colaboram para aproximar a família da vivência escolar e, a partir disso, propor um Plano de Ação que aprimore os mecanismos já existentes e implemente novas práticas, com impacto sobre o desempenho dos estudantes. Os objetivos específicos definidos para este estudo foram: I) Descrever a relação família e instituição na Escola Municipal Professora Thereza Falci, contemplando as práticas de aproximação das famílias e os entraves que têm comprometido a complementaridade entre família e escola. II) Analisar o caso de gestão tendo por norte o referencial teórico que aborda o tema coeducação, os dados coletados em entrevista, bem como apresentar os instrumentos de pesquisa. III) Apresentar um plano de ação para fortalecer a aliança entre família e escola, alinhando a identidade da instituição e as contribuições de estudos acadêmicos como a presente pesquisa. Fazem parte do nosso arcabouço teórico os trabalhos de Oliveira e Mariotini (2016), Pereira e Lopes (2017), Castro (2015), Paro (2000, 2016), Burgos (2014), Silva (2014), Lück (2008), Cavalcante (1998), Apple e Beane (2001), entre outras obras que balizam as discussões sobre a relação família, escola e gestão escolar.

Palavras-chave: Família. Escola. Coeducação. Gestão. Práticas e desempenho escolar.

ABSTRACT

The present dissertation is developed within the scope of the Professional Master's in Education Management and Assessment (PPGP) of the Center for Public Policies and Education Assessment at the Federal University of Juiz de Fora (CAEd/UFJF). Through a case study, this paper sought to identify a management problem within Municipal School Professora Thereza Falci, with the intention of presenting an Educational Action Plan that promotes improvements to the pedagogical practices developed within the institution, located in northern Juiz de Fora (Minas Gerais, Brazil), whose audience includes students from kindergarten up to elementary school. Our research analyzes what the school manager can do to promote the students' families' involvement in the educational experience. The identification of the problem was based on the observation of the institutional context, the collection of evidence from the school's documentary archive, and exploratory interviews on the subject. In the school's recent history, we looked at a good positioning of the institution when it came to external evaluations at the municipal level and family participation in meetings and parties. However, we noticed a low level of family participation in the students' pedagogical supervision, which proves an obstacle to the potential improvement of the educational process. This statement about the effects of family participation is, based on arguments found in literature, a premise that is defended in this work; however, it is understood that this is not such a direct and simplified relationship. Thus, the general goal of this dissertation is to identify the management practices of the institution under study that collaborate to bringing the family closer to the school experience and, from that, to propose an Action Plan that improves the existing mechanisms and implements new practices, with an impact on students' performance. The specific goals defined for this case study were: I) To describe the relationship between family and institution at Municipal School Professora Thereza Falci, contemplating the practices of bringing families together and the obstacles that have compromised the complementarity between family and school. II) To analyze the management case based on the theoretical framework that addresses the topic of co-education and the data collected in interviews, as well as presenting the research instruments. III) To present an action plan to strengthen the alliance between family and school, aligning the institution's identity to contributions from academic studies such as the present research. Our theoretical framework includes the works of Oliveira and Mariotini (2016), Pereira and Lopes (2017), Castro (2015), Paro (2000, 2016), Burgos (2014), Silva (2014), Lück (2008), Cavalcante (1998), Apple and Beane (2001), among other works that guide the discussion on the relationship between family, school, and school management.

Keywords: Family. School. Co-education. Management. School practices and performance.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Quadro 1 – Distribuição do alunado por turma e ano de ensino, referentes ao ano de 2019 na EMPTF	16
Quadro 2 – Número de alunos e funcionários entre 2010 e 2020	17
Quadro 3 – Os projetos atuais e os projetos que fazem parte da história da instituição	26
Quadro 4 – Quadro descritivo das reuniões do colegiado da EMPTF registradas em ata no período de 2002 a 2020.....	32
Quadro 5 – Relação com grupos de entrevistados, datas e nomenclaturas	60
Quadro 6 - Relação entre os principais achados e os objetivos da ação proposta	94
Quadro 7 - Aplicação da ferramenta 5W2H ao PAE	98
Quadro 8 – Cronograma de execução do PAE.....	100
Figura 1 – Esquema das seções do boletim informativo	101
Tabela 1 – Registro das presenças de responsáveis nas reuniões bimestrais do segundo semestre do ano 2019 na EMPTF	29

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ADI	Ação Direta de Inconstitucionalidade
AEE	Atendimento Educacional Especializado
BNCC	Base Nacional Comum Curricular
CAE	Conselho de Alimentação Escolar
CAEd	Centro de Políticas Públicas e Avaliação da Educação
CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CESU	Centro de Estudos Supletivos
CF	Constituição Federal
CNE	Conselho Nacional de Educação
DARE	Drug Abuse Resistance Education
ECA	Estatuto da Criança e do Adolescente
EE	Educação Especial
EF	Ensino Fundamental
EJA	Educação de Jovens e Adultos
EMPTF	Escola Municipal Professora Thereza Falci
EUA	Estados Unidos da América
FAPEB	Fundo de Apoio à Pesquisa na Educação Básica
Femde	Festival Municipal de Dança-Educação
FNDE	Fundo Nacional de Desenvolvimento de Educação
Fundeb	Fundo da Educação Básica
GEB	Gerência de Educação Básica
LA	Laboratório de Aprendizagem
LDB	Lei de Diretrizes e Bases
MEC	Ministério da Educação
PAE	Plano de Ação Educacional
PcD	Pessoas com Deficiência
PDDE	Programa Dinheiro Direto na Escola
PDE	Plano de Desenvolvimento da Escola
PJF	Prefeitura de Juiz de Fora
PNAD	Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios
PNE	Plano Nacional de Educação
PPGP	Programa de pós-graduação profissional
PPP	Projeto Político Pedagógico
Proerd	Programa Educacional de Resistência às Drogas
PROFESP	Programa Forças no Esporte
QI	Quadro Informativo
Saeb	Sistema de Avaliação da Educação Básica
SEDUC-PI	Secretaria de Estado da Educação do Piauí
Sislame	Sistema Integrado para Apoio à Administração e Controle Escolar
SME	Secretaria Municipal de Educação
TEST	Território Escolar Seguro no Trânsito
UFJF	Universidade Federal de Juiz de Fora

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	7
2	A RELAÇÃO ENTRE FAMÍLIA E ESCOLA E SUAS INFLUÊNCIAS NA EDUCAÇÃO	12
2.1	A COEDUCAÇÃO NA LEGISLAÇÃO BRASILEIRA.....	12
2.2	A ESCOLA MUNICIPAL PROFESSORA THEREZA FALCI	15
2.2.1	Caracterização do corpo docente	18
2.2.2	Mecanismos de articulação entre família e escola	19
2.2.3	Normas e Legislação da Escola.....	36
2.3	CARACTERIZAÇÃO DETALHADA DO CASO DE GESTÃO	39
3	UM OLHAR SOBRE A COEDUCAÇÃO E SEUS BENEFÍCIOS AO PROCESSO EDUCATIVO	42
3.1	A COEDUCAÇÃO NA LITERATURA.....	42
3.2	PROPOSTA METODOLÓGICA	53
3.2.1	Instrumentos de pesquisa	54
3.3	ANÁLISE DE DADOS.....	61
3.3.1	A percepção sobre a relação família-escola	61
3.3.2	Os principais entraves ao fluxo positivo na relação família-escola	74
3.3.3	Ações para fortalecer a relação família-escola.....	82
4	PLANO DE AÇÃO EDUCACIONAL	90
4.1	CONCEPÇÃO DO PLANO DE AÇÃO	91
4.2	ESTRUTURAÇÃO DO PLANO DE AÇÃO	96
4.3	EXECUÇÃO DO PLANO DE AÇÃO.....	99
4.3.1	Confecção e revisão do boletim informativo (Etapa 1).....	100
4.3.2	Distribuição do panfleto explicativo em reunião com as famílias (Etapa 2)....	103
4.3.3	Captação de e-mails (Etapa 3)	103
4.3.4	Envio do boletim informativo (Etapa 4).....	104
4.3.5	Controle e análise das métricas de envio e recebimento (Etapa 5).....	106
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	108
	REFERÊNCIAS	113
	ANEXO A – Notícia sobre construção da escola	118
	ANEXO B – Relatório de total de alunos	119
	ANEXO C – Exemplos do jornal escolar do Thereza Falci	120
	ANEXO D – Listas de presença de reuniões de pais	125
	APÊNDICE A - Roteiro de entrevistas: Cooperação entre a família e a escola no processo educativo: estudo de caso de uma escola municipal de Juiz de Fora	137
	APÊNDICE B – Transcrição das entrevistas	140

APÊNDICE C – Ficha para levantamento de demandas a partir dos grupos de trabalho	215
APÊNDICE D – Panfleto a ser distribuído às famílias na primeira reunião de pais do ano letivo de 2023.	216
APÊNDICE E – Sugestão a ser apresentada para equipe que trabalhará diretamente com a primeira edição do boletim informativo.	217

1 INTRODUÇÃO

Nesta pesquisa investigamos as práticas de colaboração entre a escola e a família. Práticas que, a nosso ver, beneficiam o processo educativo, tendo como campo de pesquisa uma instituição da rede municipal de ensino de Juiz de Fora. Ao ter contato com os estudos que abarcam a relação entre família e escola, nos deparamos com autores brasileiros e estrangeiros que apresentam boas perspectivas resultantes desse elo colaborativo. Sobretudo, destacam influências que favorecem a melhoria da aprendizagem e performance do aluno. Tal presença induz também à reflexão constante dos profissionais sobre os métodos de ensino e cria um comprometimento diferenciado de toda a comunidade escolar, principalmente por parte dos responsáveis. Cabe enfatizarmos que a hipótese de que os efeitos da participação da família tragam melhorias à aprendizagem do aluno é uma premissa defendida neste trabalho, a partir do referencial teórico, pois não temos a intenção de trazer evidências de que essa seja uma relação direta. Esse efeito não está sendo medido em nosso trabalho. Trata-se de um convite ao leitor para, a partir de argumentos e da literatura, compreender tal defesa. Dessa forma, reafirmam-se práticas de coeducação, ou seja, de cooperação entre a família e a escola para o processo educativo.

Entre pesquisadores brasileiros, citamos Vitor Paro (2000, 2016), Marcelo Burgos (2014) e Roseli Cavalcante (1998). Tais autores dialogam com o debate que acontece no panorama internacional acerca do assunto, o que confirma os benefícios desse regime de colaboração.

Dentre os autores estrangeiros, destacamos o estudo de Apple e Beane (2001) que apresenta exemplos de escolas atentas à importância de se experienciar novas ações que envolvam a família e a comunidade. Nesse modelo de gestão, as instituições escolares “estão profundamente comprometidas com a descoberta de formas práticas de aumentar a participação significativa de todos os envolvidos na experiência educacional, inclusive pais, moradores da região e principalmente os próprios estudantes” (APPLE; BEANE, 2001, p. 152).

A construção de uma aliança entre a escola e a família maximiza as possibilidades no processo educacional. Cavalcante defende que a “colaboração entre pais e escola tem o potencial não somente de melhorar o ambiente escolar, como também de transformar a experiência educacional dos alunos numa vivência mais significativa” (CAVALCANTE, 1998, p. 153).

Para além do reconhecido e significativo papel da instituição familiar junto à escola, constante em pesquisas e trabalhos acadêmicos, nos deparamos na prática com o envolvimento pontual e protocolar da família, que pode estar associado a diversos fatores, como nos apresenta Francisca Torquato Leite (2015) em sua dissertação, dentre os quais as novas configurações familiares, sociais e econômicas.

A participação da família na escola é uma função de responsabilidade, mas torna-se hoje um desafio diante das alterações estruturais pelas quais a família vem passando. As famílias esforçam-se na medida do possível, porém alguns pais ainda estão distantes da cultura escolar dos filhos, tornando-se complexa a integração da comunidade na escola. A instituição em si não precisa atuar sozinha, já que a parceria é relevante no desenvolvimento socioeducacional das crianças e jovens (LEITE, 2015, p. 58).

Tal como enfatiza o trecho supracitado, é essencial que a escola atue de maneira dinâmica e acolhedora para aproximar os responsáveis das práticas escolares de seus filhos. Essas ações precisam estar em sintonia com as possibilidades da comunidade escolar para construir caminho viável de comunicação com as famílias e instrumentalizá-las sobre o acompanhamento das crianças e adolescentes. Uma vez envolvidos de forma mais constante na vida escolar da criança, os responsáveis colaboram para a melhoria do fluxo das atividades e ampliação do repertório sociocultural dos estudantes. A incorporação e a vivência dos ideais colaborativos pela escola e pelas famílias geram práticas fortalecidas, que tendem a ser desenvolvidas, e beneficiam tanto os profissionais quanto os alunos e suas famílias.

Esse trabalho conjunto deve atravessar toda a prática escolar de forma vertical, de tal maneira que o currículo seja permeado pelas experiências colaborativas. Nesse sentido, a presença da família nas atividades cotidianas do aluno e da escola pode passar por uma transformação gradativa, pois todos os atores envolvidos no processo terão visibilidade de sua importância, não apenas na construção do conhecimento, mas, sobretudo, na formação de cidadãos conscientes de suas responsabilidades na sociedade, sendo destacada sua influência no processo de ensino-aprendizagem.

Tal conceito de complementaridade é defendido na Constituição Federal (CF) de 1988, documento que trouxe a universalização do acesso à educação. Em seu artigo 205, a Constituição apresenta a educação como um direito de todos e dever do Estado e da família, entendendo a sociedade como colaboradora no processo de desenvolvimento pleno de cada cidadão (BRASIL, 1988).

Na busca por uma educação de qualidade, faz-se necessário criar e fortalecer uma identidade para a escola que esteja ancorada nas legislações municipais, estaduais e federais e que seja construída a partir da história dos atores educacionais e das características regionais da comunidade escolar. Apesar de reconhecermos a importância da participação familiar em reuniões com professores e equipe diretiva, nesta pesquisa defendemos ser necessário ultrapassar essa participação protocolar, como acontece mais frequentemente, para que seja possível consolidar uma gestão dinâmica, tal qual apresentada anteriormente.

Nesse ambiente de construção coletiva e trocas, a participação da família e da comunidade na jornada educacional da criança precisa ser colocada em evidência e discutida. Assim, a contribuição de cada um poderá ser transformada, através do coletivo, em ações. O interesse deste trabalho é fomentar ações que construam uma atmosfera onde se tenha uma família educadora, uma comunidade educadora e uma escola educadora.

O delineamento deste trabalho se iniciou a partir do encontro com a Escola Municipal Professora Thereza Falci, quando a pesquisadora passou a compor a equipe da instituição como professora dos anos iniciais do Ensino Fundamental em fevereiro de 2019. Nos espaços de formação e atuação dentro e fora de sala de aula, foi observado o potencial enriquecimento que o envolvimento das famílias no suporte pedagógico poderia trazer aos processos de ensino-aprendizagem, haja vista a presença de um número considerável deste ente em vários outros momentos, como festas e reunião de pais.

Após conversa inicial com o gestor da escola, fizemos a análise dos documentos internos, tais como atas e relatos formais, e realizamos conversas informais com colaboradores antigos e recentes sobre a dinâmica cotidiana da instituição. Nesse processo, tivemos a possibilidade de perceber que o eixo temático família e escola mostrava-se relevante pela hipótese de que a contribuição das famílias ao processo de aprendizagem mostrava-se aquém do potencial percebido por nós. A partir de um contato mais estreito com esse cenário, o problema de pesquisa foi se modelando de acordo com as particularidades da escola.

A temática sobre as estratégias que favorecem a coeducação despertou o foco deste estudo, que conduz a investigação com o intuito de apresentar à instituição que é nosso campo de pesquisa possíveis iniciativas da equipe gestora, com as quais buscamos aproximar família e escola, aprimorando o processo educativo. Nesse sentido, essa pesquisa parte de um problema de gestão e se propõe a entender como são estabelecidas as interações entre as famílias e a Escola Municipal Professora Thereza Falci, visando as questões educativas e pedagógicas. A partir disso, procuramos responder à seguinte pergunta: quais medidas a gestão da Escola

Municipal Professora Thereza Falci pode adotar para promover uma participação mais significativa da família na experiência educacional?

O problema de pesquisa foi definido a partir da conjugação entre a observação de evidências sobre a participação pontual das famílias no cotidiano da escola e a aposta, amparada pela literatura, de que a participação desse ente pode contribuir significativamente no processo educacional. A efetiva presença da família apresenta-se como um instrumento necessário ao desenvolvimento geral de toda comunidade escolar. A proximidade entre escola e família reflete positivamente na construção de uma educação mais consistente e de qualidade. As evidências apontam que as famílias, apesar de estarem presentes em reuniões com professores ou equipe diretiva e em momentos festivos, não fidelizam sua participação em atividades pedagógicas que fazem parte do processo educativo.

Diante desse quadro, destacamos que esta pesquisa está inserida em um programa de pós-graduação profissional, cujo objetivo é fomentar os estudos sobre gestão escolar que possam influenciar a prática pedagógica. Ressaltamos, ainda, que apesar de a inserção da família nas práticas escolares ser amplamente defendida por estudiosos, no cotidiano escolar essa não é uma questão resolvida. Portanto, a presente pesquisa se mostra como uma oportunidade de construir, a partir do contato direto com o ambiente escolar, mecanismos de aproximação entre família e instituição, de modo a promover uma formação cidadã plena.

Este trabalho de pesquisa se encontrou com a trajetória profissional da autora, alicerçada na crença de que, quando uma criança é respeitada nos seus direitos e em seus espaços de desenvolvimento e possui a cooperação para explorar plenamente seu potencial, ela tem melhores condições de expandir plenamente sua capacidade de educabilidade. Há que se dar luz também às práticas de inclusão e formação da família para, assim, considerar essa aliança necessária, promissora. O aluno deve ser considerado como um ser pertencente a uma família, a qual influencia o chão da escola¹ e o processo de aprendizagem.

O objetivo geral da dissertação traduz-se em identificar as práticas gestoras da instituição em estudo que colaboram para aproximar a família da vivência escolar, para propor, a partir disso, um plano de ações que aprimore os mecanismos já existentes e implemente novas práticas, com impacto sobre o desempenho dos estudantes. A partir dessa perspectiva, apresentamos os objetivos específicos de nosso estudo: (i) descrever a relação família e

¹ A expressão chão da escola representa tudo que ocorre no cotidiano desse espaço social e é usada por autores da área educacional (DE MELO, 2009; BURGOS, 2013).

instituição na Escola Municipal Professora Thereza Falci, contemplando as práticas de aproximação das famílias e os entraves que têm comprometido a complementaridade entre família e escola; (ii) analisar o caso de gestão tendo por norte o referencial teórico que aborda o tema coeducação e os dados coletados em entrevista, bem como apresentar os instrumentos de pesquisa; (iii) por fim, propor um plano de ação para fortalecer a aliança entre família e escola, alinhando a identidade da instituição e as contribuições de estudos acadêmicos como a presente pesquisa.

Este trabalho é composto por cinco capítulos. O presente capítulo, como é possível notar, foi dedicado à apresentação do panorama geral da pesquisa, com a indicação do problema de pesquisa, da hipótese e dos objetivos gerais e específicos. O segundo busca descrever a trajetória da participação das famílias, identificada nos registros formais da escola desde sua fundação, em 2001, até o ano presente, enquanto esta pesquisa se realiza, com o propósito de caracterizar e apresentar o panorama institucional no qual o nosso problema de pesquisa se instala.

No terceiro capítulo, colocamos em evidência contribuições teóricas que norteiam nosso entendimento acerca da relação entre família e escola; descrevemos os instrumentos de pesquisa exploratória e o percurso metodológico; e apresentamos os eixos de análise observados a partir do histórico de participação familiar e do material das entrevistas. A partir dos eixos de análise, a discussão teórica ampliou-se e viabilizou a argumentação sobre a correlação entre participação familiar no processo educacional e aprendizagem dos alunos. Conjugando a bibliografia e os dados gerados nas entrevistas, elaboramos um Plano de Ação Educacional (PAE).

Dessa forma, no quarto capítulo, descrevemos nosso PAE, construído com o objetivo de aprimorar a colaboração entre família e escola. A elaboração desse plano tem por objetivo fortalecer a aliança entre família e escola, alinhando a identidade da instituição e as contribuições de estudos acadêmicos. Essa proposta foi construída a partir do processo de pesquisa, considerando o histórico da escola, as visões de cada participante sobre o processo educativo e as relações observadas. Nessa fase final, evidenciamos o objetivo central desta pesquisa, que é promover o fortalecimento da coeducação que beneficia o estudante. No último capítulo serão apresentadas as considerações finais.

2 A RELAÇÃO ENTRE FAMÍLIA E ESCOLA E SUAS INFLUÊNCIAS NA EDUCAÇÃO

As interações presentes no âmbito escolar constroem uma relação dinâmica que constitui o processo educativo. Não é por acaso que, na intencionalidade desse processo, está presente a função social da escola enquanto formadora de alunos cidadãos. Ressaltamos que esses alunos são oriundos de um contexto familiar que, ousamos dizer, influencia o processo educativo, conforme demonstraremos ao longo deste capítulo e no decorrer da pesquisa.

Além de a educação ser um direito social previsto no artigo 6º da Constituição Federal, a família é reconhecida na legislação como colaboradora no processo educacional. Nossa magna-carta apresenta a cooperação entre família e escola como fator essencial ao bom desenvolvimento do aluno. Em seu artigo 205, ao apresentar Estado e família como os responsáveis pela educação, o texto preconiza que a ação educacional visa “ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho” (BRASIL, 1988). Tal trecho, ao nosso entender, legitima, mais uma vez, a importância do meio familiar nas ações educativas.

Neste capítulo, discutiremos a colaboração entre família e escola a partir das orientações sobre o tema presentes na legislação das três instâncias, visto que essas leis devem servir como parâmetro das ações gestoras que visam a promover esse vínculo. Além disso, será descrita a trajetória da participação das famílias na Escola Municipal Professora Thereza Falci, identificada nos registros formais desde sua fundação, em 2001, até o ano presente, enquanto esta pesquisa se realizava. Consideramos, entre os registros formais, atas e documentos disponibilizados, listas de presença nas reuniões com os pais, registros sobre projetos desenvolvidos na instituição, documentos orientadores enviados à escola pela Secretaria Municipal de Educação, além de seu Regimento e seu PPP. Essa descrição serve ao propósito de melhor definir o contexto do nosso problema de pesquisa.

2.1 A COEDUCAÇÃO NA LEGISLAÇÃO BRASILEIRA

Na literatura estão presentes práticas que preconizam a colaboração entre família e escola e a correlacionam ao bom desenvolvimento do aluno. Entendemos e apontamos como hipótese que, ao iluminar ações já existentes e sugerir a criação de novas práticas que fomentem esse elo no dia a dia da instituição, conforme apontaremos no PAE, a relação do aluno com o

conhecimento pode ser ampliada. Tal ação deve acontecer respeitando-se as características regionais e as particularidades do alunado, da família, da equipe pedagógica de ensino e da gestão.

Nesse sentido, defendemos que o entendimento dos papéis exercidos pela família e pela escola seja partilhado por todos aqueles que integram o processo educacional. As instâncias partícipes devem ter clareza sobre o seu papel na elaboração e efetivação das ações educativas para que a construção colaborativa possa ser aprimorada. No processo educativo, a legislação corrobora a integração entre escola e família proposta neste trabalho. No Plano Nacional de Educação (PNE), por exemplo, temos o tema abordado com clareza entre as diretrizes, metas e estratégias para o planejamento educacional no período de dez anos, contados a partir de 2014, quando foi sancionado o plano. A Lei nº 13.005/2014 compreende 20 metas que têm o objetivo de melhorar a educação no decorrer de sua vigência a partir de estratégias específicas para alcançar cada uma. A relação entre família e escola está exaltada na estratégia 2.9, na qual se afirma o compromisso de “incentivar a participação dos pais ou responsáveis no acompanhamento das atividades escolares dos filhos por meio do estreitamento das relações entre as escolas e as famílias” (BRASIL, 2014).

A parceria entre família e escola também é enfatizada nas estratégias da meta 4, cujo objetivo é a universalização do ensino e do atendimento educacional especializado às crianças e adolescentes com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades ou superdotação. Uma das formas de participação das famílias apresentada na legislação diz respeito à construção das estratégias como resposta à demanda da sociedade. Há, ainda, a menção à família enquanto agente essencial para acompanhar e colaborar com o atendimento especializado.

Na leitura das outras metas e suas estratégias é possível identificar uma recorrência da necessidade de cooperação entre família e escola para que os objetivos educacionais sejam alcançados, revelando a importância de dedicar atenção ao fortalecimento dessa relação.

Já na década de 1990, o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) abordava a atribuição de responsabilidade a cada um dos atores envolvidos no processo educativo:

É dever da família, da comunidade, da sociedade em geral e do poder público assegurar, com absoluta prioridade, a efetivação dos direitos referentes à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao esporte, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária. (BRASIL, 1990).

Essa visão está em acordo com a defesa daquilo que propusemos como objetivo deste trabalho, ou seja, o aprimoramento das ações que a escola já realiza para acolher e integrar as famílias, com vistas ao estreitamento dessa relação e implementação de novos mecanismos de diálogo, por exemplo. Nessa direção, a pesquisa busca fortalecer a coeducação nas atividades escolares.

Os artigos apresentados no Capítulo IV do ECA, por sua vez, tratam especificamente do direito à educação, à cultura, ao esporte e ao lazer. O trecho enfoca o tema norteando a prática para a formação e pleno desenvolvimento da criança e do adolescente. O parágrafo único do artigo 53, por exemplo, aborda o direito dos pais ou responsáveis de conhecerem o método pedagógico da escola onde seu filho está matriculado, assim como o de participar dos processos de elaboração das diretrizes institucionais.

Um pouco adiante no documento, no parágrafo 3º do artigo 54, é feita a defesa da parceria entre o poder público e os pais. O trecho afirma que “compete ao poder público recensear os educandos no ensino fundamental, fazer-lhes a chamada e zelar, junto aos pais ou responsável, pela frequência à escola” (BRASIL, 1990). A legislação evidencia, mais uma vez, a dinâmica de corresponsabilidade entre família e escola.

Outro tópico que apresenta um caminho de integração da família à vida escolar do aluno é a defesa do respeito aos valores culturais da comunidade da qual o aluno faz parte, assegurado pelo artigo 58 do mesmo documento: “no processo educacional respeitar-se-ão os valores culturais, artísticos e históricos próprios do contexto social da criança e do adolescente, garantindo-se a estes a liberdade da criação e o acesso às fontes de cultura” (BRASIL, 1990).

Nesse sentido, considerando a dinâmica escolar e a familiar, mecanismos pedagógicos poderão ser utilizados para acessar as famílias e incluí-las nas ações escolares, de modo que a formação humana, cidadã e intelectual dos alunos seja beneficiada por essa parceria. Como exemplo de atividade que envolve a participação da família e já foi realizada na escola em questão, citamos uma proposta feita aos alunos do 4º ano sobre a origem geográfica de seus familiares. Nessa atividade, os alunos foram convidados a entrevistar seus familiares para saber a naturalidade destes e relacionar essa conversa ao tema da migração. Contudo, nas últimas experiências realizadas com os alunos, observamos que a participação das famílias não foi muito expressiva. No contexto de elaboração do PAE, essa atividade pode ser ampliada com um direcionamento pedagógico que promova um envolvimento entre o aluno, a família e o processo educativo.

Como será detalhado no PAE, o envolvimento das famílias em atividades pedagógicas requer a elaboração de orientações que as ajudem a compreender os objetivos da atividade e direcionem o seu desenvolvimento, trazendo instruções e sugestões de modo a qualificar essa audiência. A implementação de tais iniciativas visa a otimizar os processos de aprendizagem, percepção e desenvolvimento do aluno, tendo em vista a realidade da instituição em estudo e suas possibilidades de abertura às famílias.

Na próxima seção, faremos uma descrição do histórico e da infraestrutura do espaço que serve de campo para esta pesquisa, de modo a apontar as possibilidades de ampliar a abertura da escola às famílias.

2.2 A ESCOLA MUNICIPAL PROFESSORA THEREZA FALCI

A escola que serviu como campo de pesquisa é uma instituição pública vinculada à Secretaria de Educação da Prefeitura de Juiz de Fora e está situada à Rua Tenente Guimarães, 485, no bairro Santa Lúcia, Zona Norte. No ano de 1997, em um processo legítimo do protagonismo da comunidade, a associação de moradores se reuniu para discutir a necessidade de uma área que servisse à construção de uma escola pela prefeitura. Fato que em 1999 culminou com a reintegração de posse pela prefeitura do terreno que hoje abriga a escola (ANEXO A). Conforme consta no Regimento da instituição, o espaço começou a ser construído no ano de 2000 e, já em fevereiro do ano seguinte, foram feitas as primeiras matrículas. A inauguração oficial aconteceu em 18 de março de 2001 e, antes disso, os profissionais trabalharam por cerca de um mês em uma estrutura um pouco precária, pois faltavam tanto recursos materiais quanto humanos, como mobiliário e equipe diretiva. Nos primeiros meses, a instituição teve o apoio da Escola Municipal Cecília Meireles, que está situada nas proximidades, e recebeu, inclusive, as primeiras matrículas da nova instituição.

Na ocasião da inauguração, a comunidade recebeu uma mensagem que posteriormente foi incorporada ao texto inicial do PPP da instituição. O trecho destacava a importância daquele momento para as famílias, o caráter coletivo da conquista e as expectativas para o futuro, encarando a criação da escola como passo “significativo na consolidação de uma história que podemos escrever” (ESCOLA MUNICIPAL PROFESSORA THEREZA FALCI, 2012a, p. 7). O texto ressalta o protagonismo da comunidade escolar e salienta o compromisso da instituição: “instrumentalizar os alunos e alunas através do conhecimento elaborado para uma formação humana integral” (ESCOLA MUNICIPAL PROFESSORA THEREZA FALCI, 2012a, p. 7).

Atualmente, a instituição dispõe de doze salas de aula que são utilizadas nos turnos da manhã e da tarde. No ano de 2019, atendeu a 517² crianças, do 1º período da Educação Infantil ao 9º ano do Ensino Fundamental (ANEXO B). O Quadro 1 ilustra a distribuição do alunado por turma e ano de ensino, referentes ao ano de 2019.

Quadro 1 – Distribuição do alunado por turma e ano de ensino, referentes ao ano de 2019 na EMPTF

		Turma 1	Turma 2	Turma 3
Educação Infantil	1º período	20	17	-
	2º período	20	20	-
Ensino Fundamental	1º ano	24	24	-
	2º ano	24	25	-
	3º ano	26	-	-
	4º ano	25	23	25
	5º ano	23	25	22
	6º ano	24	25	25
	7º ano	25	26	-
	8º ano	25	-	-
	9º ano	24	-	-

Fonte: Elaborado pela autora a partir de dados da secretaria da escola.

No turno da noite, o espaço é cedido ao Centro de Estudos Supletivos (CESU). Além das salas de aula, a escola possui espaços destinados a atividades do contraturno, como dança, teatro, Laboratório de Aprendizagem e Jornada Estendida. Outros espaços pedagógicos são: laboratório de ciências, sala de vídeo, sala de leitura, laboratório de informática e sala de recursos multifuncionais. Há, ainda, os espaços de uso da equipe diretiva, da coordenação, dos professores e a secretaria.

As salas têm quadros-negros e carteiras, em sua grande maioria, em bom estado de conservação, além de armários, cortinas e ventiladores. Ademais, a escola tem refeitório, despensa, banheiros para alunos, professores e funcionários, um parquinho para a Educação Infantil e uma quadra descoberta.

Atualmente, aproximadamente 60 professores trabalham na escola. A equipe gestora é formada por diretor, vice-diretora e duas coordenadoras, responsáveis respectivamente pelos turnos da manhã e da tarde. A instituição conta também com uma secretária, três cozinheiras e quatro funcionários para serviços gerais. Tal estrutura física e descrição de pessoal nos

²Número de alunos ao término do ano letivo de 2019, conforme dados do Sistema Integrado para Apoio à Administração e Controle Escolar (Sislame) do referido ano, disponibilizados pela secretaria da escola.

permitem visualizar parte da dinâmica existente na instituição e o aproveitamento desses espaços.

Ao longo dos 19 anos de funcionamento da escola, estiveram à frente da gestão quatro diretores, tendo sido o primeiro designado pela Secretaria Municipal de Educação, com atuação no cargo por dois anos. A atual direção está cumprindo seu segundo mandato. As duas gestões anteriores também cumpriram dois mandatos consecutivos.

Em nossa pesquisa, observamos que o crescente número de alunos é acompanhado pelo crescente número de profissionais. Tal cenário permite à gestão escolar ampliar suas possibilidades de contato com a família e melhor conduzir a dinâmica de funcionamento da instituição, uma vez que, conta com um número maior de funcionários para agregar experiências e atuar na comunidade escolar. No levantamento que apresentamos a seguir, consideramos informações disponibilizadas pela secretaria e informações disponíveis no portal QEdu, o qual utiliza dados do censo escolar.

Quadro 2 – Número de alunos e funcionários entre 2010 e 2020

Ano	Número de alunos	Número de funcionários	Observações
2010	374	42	–
2011	372	44	–
2012	388	53	–
2013	461	51	–
2014	486	53	Inclui Educação de jovens e adultos (EJA) (59)
2015	421	53	–
2016	419	53	–
2017	436	53	Alunos de Educação especial (EE) (19)
2018	507	80	Alunos de EE (19)
2019	517	55	Alunos de EE (20)
2020	524	65	Alunos de EE (14)

Fonte: Elaborado pela autora a partir de dados do Portal QEdu (2010-2018) e da secretaria da escola (2019-2020).

O Quadro 2 evidencia a relação que apresentamos entre o crescente número de alunos e a ampliação do quadro de funcionários, favorecendo a dinâmica de funcionamento da instituição e a ampliação do atendimento às famílias.

A escola está presente na rede social Facebook, através de uma página³ criada em 27 de junho de 2016. Tal ferramenta é utilizada para promover o diálogo entre organização, alunado,

³Disponível em: <https://www.facebook.com/emphtherezafalci/>. Acesso em: 29 maio 2020.

comunidade e famílias. Ao navegar pelo site, visualizamos trabalhos realizados pela escola, alguns ligados à agenda anual, outros frutos de projetos desenvolvidos em sala de aula e que estão fora da agenda escolar, mas resultam em um trabalho integrador.

Essa página é administrada pela equipe diretiva e tem o objetivo de divulgar os registros fotográficos de projetos da escola, assim como as atividades diferenciadas e os eventos, abertos à comunidade ou não. Apesar de esse canal de comunicação contar com mais de 700 seguidores, observa-se baixa interação com o público e publicações pontuais de caráter pedagógico ou informativo, como dicas de estudo, sugestões de ferramentas educacionais e recomendações de leituras.

No item que será trabalhado a seguir, vamos caracterizar o corpo docente da instituição por entendê-lo como agente de comunicação entre a escola e a família, ressaltando seu papel enquanto elo nessa relação. Dentre as questões, abordaremos o engajamento de alguns professores em projetos, os quais propõem a construção coletiva do conhecimento e o fortalecimento da identidade da escola.

2.2.1 Caracterização do corpo docente

A análise do corpo docente que propomos nesta breve seção tem por objetivo complementar a caracterização da escola, uma vez que, esses profissionais são agentes fundamentais no processo educativo. Ressaltamos que os professores atuam não só em sala de aula, mas também em projetos, atividades curriculares e de integração cultural. Nesse sentido, é interessante notar a relação que os profissionais contratados e os efetivos estabelecem com a instituição.

De início, recuperamos o histórico da instituição e observamos que, no ano de 2012, a escola contava com 20 professores efetivos e 14 contratados (ESCOLA MUNICIPAL PROFESSORA THEREZA FALCI, 2012a, p. 45-46). Já no ano de 2020, o número de professores contratados era superior ao de efetivos. Em uma lista interna disponibilizada pela vice direção referente a 2020, consta o total de 61 professores, dos quais 12 são efetivos. A escola possui em seu quadro outros dois profissionais efetivos que não constam nessa listagem por estarem cedidos um à SME e o outro ao CESU, que funciona em outra unidade.

Apesar do grande número de professores contratados, vale fazer uma ressalva sobre a continuidade desses na instituição, visto que alguns profissionais optaram por retornar à escola por vários anos seguidos. Como exemplos desse cenário, podemos citar a professora de

matemática Bruna⁴, que direciona seu contrato à instituição há 10 anos, e as professoras dos anos iniciais Joana e Elen, que estão vinculadas à escola por meio de contrato há 8 e 9 anos, respectivamente. Essa permanência dos docentes propicia ao aluno uma imagem mais coesa da equipe pedagógica e reforça a identidade da instituição.

Por meio da leitura de atas e documentos internos, observamos que a iniciativa de boa parte dos projetos está relacionada ao corpo docente, sendo a gestão grande apoiadora. São exemplos disso os trabalhos que aconteceram no passado “Thereza Fashion”, proposto por um professor de artes, e “Soul Black do Bem”, iniciativa de duas professoras, uma de educação física e a outra de história. Outros projetos foram propostos pela SME e acolhidos pelos professores a partir da mediação feita pela gestão, tais como a “Mostra Estudantil de Arte” e o “Festival Municipal de Dança-Educação (Femde)”.

Na seção seguinte, aprofundaremos o detalhamento desses projetos e de outras iniciativas que marcaram a história da instituição.

2.2.2 Mecanismos de articulação entre família e escola

Percebemos a presença da família no cotidiano escolar por meio de atas de reuniões, publicações feitas na página da escola na rede social Facebook e registros fotográficos tanto de eventos festivos quanto de encontros pedagógicos. Contudo, é necessário avaliar se essa presença se faz frequente no acompanhamento pedagógico, seja das atividades curriculares ou complementares. Nesta seção, além de descrever as atividades compreendidas nos projetos extracurriculares, também apontaremos o potencial de construção de diálogo oferecido por ações comuns ao ambiente escolar, como as deliberações do colegiado e as reuniões de pais, com o objetivo de investigar formas de incentivar a participação da família no desenvolvimento pedagógico.

Além do ensino regular, a escola estabelece vínculos com os alunos por meio de projetos oferecidos: Laboratório de Aprendizagem, Jornada Estendida, aulas de teatro, dança e música, além do Atendimento Educacional Especializado. São projetos realizados no contraturno, com número de vagas restrito. A participação do alunado, cujo vínculo não é automático nem

⁴ Os nomes dos professores foram substituídos por nomes fictícios neste capítulo e nos apêndices para preservar o anonimato.

obrigatório, oscila em cada projeto. É necessário o consentimento do responsável pelo aluno para a participação nos projetos, por serem consideradas atividades extracurriculares.

O Laboratório de Aprendizagem (LA) é citado no artigo 40 do Regimento como um dos serviços oferecidos pela escola e no item 2.3.7 do PPP como projeto subsidiário à prática pedagógica. Os alunos do 2º ao 9º ano com dificuldade de aprendizagem são indicados pelos professores, e a participação depende da autorização dos responsáveis e do comprometimento com a frequência. As atividades, tanto de português quanto de matemática, são trabalhadas conforme a demanda do aluno e/ou reforçando o conteúdo visto em sala de aula. Aos alunos do 9º ano, o laboratório direciona atividades para resolução de questões de concurso, preparando-os para os processos seletivos de instituições de ensino médio.

A frequência dos alunos no projeto varia entre as turmas de cada segmento. O 9º ano do Ensino Fundamental se destacou com boa assiduidade no ano de 2019. A baixa frequência evidenciada no Laboratório de Aprendizagem por alguns alunos, como os do 5º ano, é um ponto a ser observado, pois, apesar de necessitarem de apoio pedagógico, o engajamento da maioria não é uma realidade. No entanto, não podemos fazer uma análise superficial e devemos considerar a complexidade social da família, que pode ter motivos financeiros e estruturais que a impeçam de enviar a criança ao contraturno.

Outro projeto é a Jornada Estendida, que também acontece no contraturno e é oferecida a um número restrito de alunos. Os estudantes são indicados pelos professores, e a equipe diretiva analisa e considera critérios como vulnerabilidade socioeconômica e distância entre a moradia do aluno e a escola, para que esses tenham a chance de participar das atividades extracurriculares. Geralmente todos os indicados são atendidos e há casos em que os pais solicitam a vaga. Apesar de os alunos indicados serem a prioridade, a instituição sempre tenta atender a esses pedidos. São ministradas oficinas de teatro, esporte, informática, dança, música e laboratório de aprendizagem. Para que o aluno possa frequentá-las, é necessário o preenchimento de um termo de autorização que possui a descrição do projeto, horários e lacunas para os dados do responsável e o nome da criança.

Já os projetos isolados, como dança, teatro e música, são oferecidos, também no contraturno, a todos os alunos. Os responsáveis fazem a inscrição conforme desejo do discente e horário disponível. A vivência dessa experiência é entendida por nós como parte das ações que possibilitam aos professores e alunos ampliarem o senso de identidade e pertencimento ao coletivo da instituição. Os alunos frequentes nos projetos participam de eventos promovidos pela SE, como a mostra de teatro, a mostra estudantil, o Femde, todos abertos ao público geral.

Acontecem também apresentações internas para turmas da escola, como um ensaio geral antes de alguma apresentação. Esses momentos legitimam o projeto educativo para além da sala de aula, além de possibilitarem uma maior conexão da família e da comunidade com o trabalho desenvolvido na escola e uma ampliação de sua vivência cultural. Portanto, defendemos que as atividades extracurriculares fortalecem os vínculos institucionais e otimizam a base de formação humana do aluno.

Assim, ao estabelecer contato com os projetos, os alunos são surpreendidos por um convite ao crescimento pessoal, à construção coletiva e ao intercâmbio de práticas e ações. Através de um trabalho direcionado e diferenciado, acontece o acesso da escola ao mundo da criança e a tudo que o envolve. Portanto, a participação nessas atividades permite estreitar laços entre a instituição de ensino, o aluno e sua família, ao propiciar interações produtivas entre as instâncias envolvidas. O momento de conexão torna-se propício para falar de algo essencial: o empoderamento do aluno e a promoção de um espaço seguro para elaboração e expressão de emoções. Dessa forma, amplia-se o entendimento da criança sobre o que é a escola e qual é sua função.

No ano de 2019, a escola teve participação na XI Mostra Estudantil de Arte, do Programa Arte/Educação da Rede Municipal de Ensino em Juiz de Fora, com trabalhos organizados por cinco professoras. A escola integrou o evento com a exposição “Mundo das cores, cores do mundo”, composta por trabalhos de alunos do 5º ano e quatro apresentações artísticas nos gêneros teatro, música e dança.

Ainda no mesmo ano, a professora de português do 7º ano promoveu uma atividade de escrita de cartas em homenagem à cidade de Juiz de Fora, com o intuito de publicá-las no jornal Tribuna de Minas. Os textos foram divulgados no caderno de cultura do dia 11 de maio, mês do aniversário do município, o que gerou uma visibilidade para as produções dos alunos, apresentando-os como agentes da sociedade. Essa iniciativa evidencia um caminho de integração entre as experiências vividas em sala de aula e a vivência cidadã.

O Atendimento Educacional Especializado (AEE) é oferecido aos alunos da escola através da Política Nacional de Educação Especial na perspectiva da educação inclusiva. Seu público-alvo são alunos com deficiências, no espectro autista, com altas habilidades e/ou superdotação. O atendimento na sala de Recursos do AEE iniciou-se no ano de 2014, apesar de a escola ter sido contemplada pelo MEC com os materiais alguns anos antes. Visto que o projeto acontece no contraturno, com atendimento individual, em dupla ou em pequeno grupo de alunos por horário, as professoras conseguem estabelecer um percurso personalizado para a demanda

de cada criança. O docente mantém um contato semanal direto com o responsável, uma vez que o profissional acompanha a entrada e a saída do aluno na instituição. Esses momentos, mesmo que breves, viabilizam uma comunicação próxima com o responsável. Vale ressaltar ainda que a inclusão do aluno no programa acontece mediante uma reunião formal e individual entre a professora do projeto e a família. Tal proximidade permite ampliar o diálogo entre os responsáveis e a escola, o que beneficia o aluno.

Alinhada ao conceito de corresponsabilidade, a escola estabelece uma parceria, desde 2016, com o 4º Grupo de Artilharia de Campanha Leve de Montanha, quartel do exército situado no bairro Nova Era. Tradicionalmente, 15 alunos da escola compõem o programa, de um total de 50 participantes. Anualmente, a escola realiza um sorteio entre os alunos do 5º ano (manhã) interessados no programa Forças no Esporte (PROFESP), conduzido pela organização militar. Trata-se de um programa social do Ministério da Defesa em parceria com outros quatro ministérios: o Ministério da Cidadania, o Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos e o Ministério da Educação.

O projeto tem por finalidade “promover a valorização pessoal, fortalecer a integração social e a cidadania e reduzir riscos sociais dos beneficiados, por meio do acesso à prática de atividades esportivas e físicas saudáveis e de atividades socialmente inclusivas” (BRASIL, 2020a, p. 2). São desenvolvidas atividades lúdicas e esportivas, além de serem fornecidos almoço e lanche. Podem participar das atividades apenas alunos do sexo masculino, os quais se dirigem até o quartel dois dias por semana, no contraturno escolar à tarde.

Há alguns anos, outra parceria importante é com a Polícia Militar do Estado de Minas Gerais. A instituição ministra aos alunos do 5º ano o Programa Educacional de Resistência às Drogas⁵ (Proerd) cuja missão é auxiliar os estudantes na tomada de decisão frente às diversas situações de seu dia a dia. Os policiais instrutores trabalham com material impresso em forma de um livreto, no qual constam as lições a serem trabalhadas. São atividades interativas, que orientam a tomada de atitudes responsáveis, de forma a conduzir os alunos para uma vida segura e saudável. Além do tema prevenção de drogas, são trabalhados temas como o bullying e o

⁵ Este programa é uma versão do projeto Drug Abuse Resistance Education (D.A.R.E.) surgido em 1983 nos Estados Unidos da América (EUA). O Proerd foi elaborado em 1992 a partir do contato entre a Polícia Militar do Rio de Janeiro e o Departamento de Polícia de Los Angeles. No estado de Minas Gerais, as primeiras atividades ocorreram em 1998. “Inicialmente concebido como um programa antidrogas, o Proerd, hoje, vai além de prevenir o abuso dessas substâncias entre crianças e adolescentes, sendo um programa de formação humanista, que prepara os jovens para tornarem-se cidadãos responsáveis e capacitados para a condução de uma vida segura e saudável” (MELO, 2019, n.p.)

diálogo familiar. É concedida ao policial instrutor 1 hora por semana do tempo de aulas, sendo que o professor da turma acompanha o trabalho (MELO, 2019).

Os dois projetos acima apresentados evidenciam uma ação da escola em um território expandido, uma vez que a instituição media o contato dos alunos com outras iniciativas educacionais. Essa abertura pode oferecer aos alunos vivências enriquecedoras, que extrapolam o currículo escolar e abrangem outras esferas de suas vidas. Enquanto o primeiro projeto é voltado ao incentivo à prática esportiva, o segundo tem por objetivo orientar os alunos à tomada de decisões. De maneira indireta, os familiares também se beneficiam dessas ações que fortalecem o caráter de corresponsabilidade na formação humana.

Além dos projetos que estão ativos enquanto nossa pesquisa é feita, a instituição possui um histórico de atividades culturais e ações da comunidade escolar que colaboraram para a abertura da escola às famílias. Tal fato corrobora o entendimento de que a presença dos projetos na identidade da escola é fruto de uma construção histórica. Dessa forma, a defesa pela construção de um espaço escolar participativo e pela inclusão da família se faz necessária, tendo em vista o potencial desse trabalho colaborativo na promoção da formação cidadã.

A esse respeito, destaca-se que o PPP da instituição traz uma abordagem integral da educação, por meio de uma proposta multidisciplinar e alinhada à formação cidadã. Legitimando essa prática, o item 2.3.7 do documento, intitulado *Projetos subsidiários à prática pedagógica*, traz o seguinte texto:

Sendo assim, desde a inauguração de nossa escola em 2001, viemos desenvolvendo diversos projetos educacionais com a intenção de levar a nossos alunos uma formação mais diversificada e eficiente, proporcionando uma reflexão sobre a importância de uma cidadania plena. Para isso, a escola conta com projetos como: Dança/Educação; Educação Musical; Laboratório de Aprendizagem (1º e 2º turnos); Laboratório de Ciências; Laboratório de Informática; Literatura e Biblioteca Escolar. (ESCOLA MUNICIPAL PROFESSORA THEREZA FALCI, 2012a, p. 35).

Apesar de o caráter de corresponsabilidade estar manifesto nas diretrizes da instituição, a efetivação desse modelo educacional requer o estabelecimento de uma cultura de colaboração entre a equipe diretiva e a comunidade. Como instituição, a escola abarca alguns mecanismos de cooperação com as famílias, dentre os quais projetos culturais, reuniões de pais, acompanhamento pedagógico de reforço, atendimento especializado aos alunos PcD (pessoas com deficiência) e a instância deliberativa do colegiado. A construção coletiva do projeto educativo deve, portanto, permear a prática pedagógica como um todo e se fazer presente nas

salas de aula e para além desse espaço. Assim sendo, nas linhas seguintes destacaremos projetos que foram vivenciados na escola, dos quais tivemos acesso a registros.

Conforme indicado em ata, um evento que marcou os primeiros anos da escola foi o “Thereza Fashion”, que teve sua primeira edição no ano de 2002 e abarcou um concurso de beleza e de roupas. Contudo, a reprodução de um padrão de beleza não condiz com os objetivos de uma instituição educacional e essa contradição fica mais evidente ao analisarmos o regimento da escola. O artigo 10 do documento versa sobre o que a escola deverá buscar para alcançar seus objetivos e apresenta em seu inciso III o seguinte texto: “propiciar o desenvolvimento das potencialidades dos alunos, respeitando as diferenças individuais” (ESCOLA MUNICIPAL PROFESSORA THEREZA FALCI, 2011, p. 5). Em acordo com uma perspectiva mais aberta à diversidade, nos anos seguintes o evento se tornou uma apresentação artística mais ampla, com desfile de roupas, danças e produção de cenários. Nessa ocasião, a escola abria suas portas para receber as famílias e a comunidade, além de oferecer aos alunos uma experiência estética e valorizar sua subjetividade.

Outro projeto que marcou a história da instituição foi o “Soul Black do Ben”, concebido no ano de 2012 pelas professoras de educação física e de história, fundamentado na Lei nº 10.639/2003 sobre o estudo da história e cultura afro-brasileira e africana. Sendo assim, ao longo do ano letivo, eram propostas atividades e debates acerca dessa temática, com o objetivo de ampliar a compreensão dos alunos e da comunidade sobre o racismo e sensibilizá-los sobre os efeitos desse problema na sociedade e no cotidiano escolar, proporcionando aos alunos espaços de reflexão e de ação para a sua superação. Tal projeto recebeu financiamento público junto ao Fundo de Apoio à Pesquisa na Educação Básica (FAPEB) e ao programa Mais Cultura nas Escolas. Em seu texto, o PPP indica a inserção de três ações desse programa a partir de agosto de 2012: as aulas de capoeira, a editoração de um jornal interno e as aulas de grafite, sendo que naquele ano a escola já oferecia dança, musicalização e o Laboratório de Aprendizagem, segundo o documento.

Nos anos em que o projeto esteve ativo, a comunidade foi integrada a essa vivência de várias formas. Ao longo de seu desenvolvimento, por exemplo, houve uma abertura à participação de ex-alunos da escola. Outro movimento de abertura foi a recepção de alunos da Escola Municipal União da Betânia nas atividades realizadas. As ações de caráter extracurricular vinculadas ao projeto foram realizadas até o ano de 2018. Desde então, os eixos temáticos permaneceram incorporados ao cotidiano da escola nas ações pedagógicas. Para além disso, a escola realiza eventos internos que oportunizam o compartilhamento da temática entre

os discentes, como no dia nacional da consciência negra, que aparece recorrentemente nos calendários da instituição.

A recuperação de tal trajetória histórica aponta um caminho possível para as propostas que serão apresentadas no capítulo 4 deste trabalho, uma vez que manifesta a abertura às famílias da reflexão de temas relevantes que estão presentes no currículo e são abordados no ambiente escolar, mas extrapolam esse contexto. Instruir os pais para continuarem a reflexão iniciada na escola, por exemplo, sobre o racismo, é de extrema relevância, já que o tema não está limitado a uma data específica. Desse modo, a expansão do assunto proporciona a complementaridade entre a escola e a família, defendida tanto pelas pesquisadoras quanto pelo referencial teórico apresentado e condizente com o objetivo geral desta pesquisa.

Como já citado, entre os documentos do arquivo histórico a que tivemos acesso, soubemos da existência de dois jornais que circularam na escola, o *Thereza Falci Informação* e o *Thereza em Dia*. Encontramos um único registro da existência do primeiro, que é um dos itens de pauta da ata da reunião do dia 14/08/2003. O documento traz informações acerca do *Thereza Falci Informação*, iminente jornal da escola, o qual contaria com a participação do alunado em sua preparação. Com relação ao segundo jornal, que foi financiado pelo Programa Mais Educação, tivemos acesso a cinco exemplares que se encontram anexados a este trabalho (Anexo C). Suas datas estão compreendidas entre os anos de 2012 e 2015.

Entendemos tal iniciativa como um movimento importante de socialização do conhecimento e um meio de conexão entre os cotidianos escolar e familiar. A elaboração de um jornal possibilita ao alunado experienciar outras formas de expressão, por meio de diferentes suportes e gêneros textuais. Nesse processo, o aluno assume o protagonismo, e a publicação tem o potencial de favorecer a prática de leitura familiar.

Os projetos Laboratório de Ciências e Literatura e Biblioteca Escolar, constantes no PPP durante o período em que estiveram em funcionamento, contavam com professores específicos para o atendimento nos ambientes de Laboratório e Sala de Leitura, respectivamente. Conforme uma grade de horário preestabelecida, o profissional responsável pelo espaço recebia a turma juntamente com o professor regente e aplicava as atividades previstas. Tais ações, em nosso entendimento, auxiliavam o aluno na construção do conhecimento e ampliavam as possibilidades de aprendizagem, por meio de contato com literatura diversificada e prática em laboratório.

Segundo informações obtidas no arquivo da escola, o projeto Território Escolar Seguro no Trânsito (TEST) aconteceu nos anos de 2006, 2007 e 2008 e seu objetivo era promover a

educação para cidadania no trânsito. Entre as ações do projeto, foi pintada uma transitolândia no pátio interno da instituição, onde os alunos poderiam simular situações possíveis no trânsito envolvendo tanto veículos quanto pedestres.

No Quadro 3, é possível visualizar a descrição de todos os projetos em atividade na instituição no ano de 2020, assim como projetos que já fizeram parte do quadro de atividades da escola, seus objetivos e alcance sobre o alunado. Para tal mapeamento, utilizamos informações presentes nos Quadros Informativos (QI) disponibilizados pela secretaria, nos jornais informativos que já circularam pela escola aos quais tivemos acesso e em registros presentes em atas.

Quadro 3 – Os projetos atuais e os projetos que fazem parte da história da instituição

NOME	OBJETIVO	DESCRIÇÃO DE ATIVIDADES E/OU NÚMERO DE AULAS POR SEMANA	NÚMERO DE ALUNOS VINCULADOS	ANO DE INÍCIO	ATIVO EM 2020?
Jornada Estendida (Jornada Ampliada)	Reagrupar os alunos em situação de vulnerabilidade ou solicitação da família em atividades pedagógicas e artísticas no contraturno.	Oficina pedagógica de português (10); Oficina pedagógica de matemática (4); Laboratório de Aprendizagem (4); Dança (8); Música (6); Teatro (11); Informática (5); Esportes (4); Contação de história (4).	60	2015	Sim
Laboratório de Aprendizagem – anos iniciais	Auxiliar os alunos com dificuldade de aprendizagem por meio de acompanhamento pedagógico complementar.	7	70	Não consta em registro.	Sim
Laboratório de Aprendizagem de Matemática	Auxiliar os alunos com dificuldades de aprendizagem e oferecer preparação para concursos.	8	80	Não consta em registro.	Sim
Laboratório de Aprendizagem de Português	Auxiliar os alunos com dificuldades de aprendizagem.	8	80	Não consta em registro.	Sim
Projeto de teatro	Oferecer aos alunos vivências artísticas e favorecer a consciência e expressão corporais.	6	45	Não consta em registro.	Sim
Projeto de dança	Oferecer aos alunos vivências artísticas e favorecer a consciência e expressão corporais.	10	45	2003	Sim
Projeto de música	Oferecer aos alunos vivências artísticas e favorecer a consciência e expressão corporais.	1	15	Não consta em registro.	Sim
Atendimento Educacional Especializado	Disponibilizar atendimento especializado aos alunos com condição de autismo, altas habilidades e/ou superdotação.	32	16	2014	Sim
Sala de Leitura	Incentivar a leitura e ampliar o arcabouço literário do aluno.	35 (dado de 2017)	Todos os alunos.	Não consta em registro.	Não
Soul Black do Bem	Valorizar a influência da ancestralidade negra na cultura brasileira e promover o contato do aluno com expressões artísticas	Jornal <i>Thereza em Dia</i> , oficinas de Hip Hop e maquiagem, apresentações	Todos os alunos.	2012	Não

	por meio de oficinas, roda de discussão etc.	artísticas, Projeto Tambores, aulas de dança e de grafite.			
Projeto Test (Território Escolar Seguro no Trânsito)	Promover a educação para cidadania no trânsito.	Não consta em registro.	Todos os alunos.	2006	Não
Laboratório de Ciências	Ampliar o conhecimento dos conteúdos de forma prática.	16	Todos os alunos.	2005	Não
Jornal <i>Thereza Falci Informação</i>	Levar informação, esclarecimento e conhecimentos gerais à comunidade escolar.	Conteúdos pertinentes à escola e conhecimentos gerais, elaborados por colaboradores e alunos da escola.	Todos os alunos.	2003	Não
Thereza Fashion	Promover concurso de beleza e de roupas.	Nos anos seguintes, o evento se tornou uma apresentação artística mais ampla com desfile de roupas, danças e produção de cenários.	Todos os alunos.	2002	Não
Programa Forças no Esporte (PROFESP)	Promover a valorização pessoal e a integração social por meio da prática de atividades esportivas.	O aluno participa das atividades na instituição militar duas vezes por semana.	15	2016	Sim

Fonte: Elaborado pela autora a partir de dados disponibilizados pela secretaria da escola.

Observa-se no Quadro 3 o amplo alcance dos projetos ao longo da história da instituição, evidenciando-os como uma característica marcante da escola. Como foi visto nesta seção, os projetos que fizeram parte da instituição e os existentes na atualidade favorecem a criação e o fortalecimento de vínculo entre família e escola, assim como promovem o engajamento nas atividades propostas cotidianamente na instituição, porém não garantem a integração da família ao processo educativo.

Tal ensejo, conforme defendido neste trabalho, deve ser um convite à família para envolver-se em um objetivo pedagógico comum à equipe escolar. Essa ação requer apoio mútuo na educação da criança com a finalidade de trazer melhoria na assimilação e na vivência escolar. Esse comprometimento tende a acontecer de maneira mais consistente quando há uma proposta bem orientada, que pode ou não incluir a capacitação do público implicado no processo pedagógico.

Uma escola envolvida na empreitada de estabelecer vínculos mais fortalecidos com as famílias não pode desperdiçar nenhuma chance de promover tal ideia. Dessa forma, em paralelo às atividades extracurriculares, temos outros dois mecanismos que visam a promover o envolvimento das famílias com o projeto educativo, que são as reuniões de pais e o colegiado.

Sobre a primeira, temos no artigo 38 do Regimento que, entre os objetivos da escola e as competências da coordenação pedagógica, está a responsabilidade de promover, junto ao corpo docente, reuniões de pais e/ou responsáveis (ESCOLA MUNICIPAL PROFESSORA

THEREZA FALCI, 2011). Habitualmente são realizadas quatro reuniões anuais e a conversa mais detalhada entre pais e professores acontece em sala de aula para abordar questões específicas do aluno e/ou condução pedagógica acerca da turma. Algumas reuniões começam por um momento coletivo, no qual a gestão traz orientações gerais sobre o alunado, o funcionamento da escola e informativos sobre a instituição. Em conversa com a coordenação, tivemos acesso a listas de presença de duas reuniões bimestrais que aconteceram no ano de 2019⁶. Na tabela abaixo trazemos um compilado para elucidar as presenças nas reuniões.

⁶ Tendo em vista o cenário da pandemia do novo coronavírus e a suspensão das atividades presenciais no município em março de 2020, elegemos os dados de 2019 como nossa amostra de análise.

Tabela 1 – Registro das presenças de responsáveis nas reuniões bimestrais do segundo semestre do ano 2019 na EMPTF

		Agosto de 2019			Novembro de 2019		
		Número de alunos	Presentes na reunião	Percentual de presença	Número de alunos	Presentes na reunião	Percentual de presença
Educação Infantil	1º período I	20	5	25%	20	Não consta em registro.	–
	1º período II	17	Não consta em registro.	–	17	Não consta em registro.	–
	2º período I	20	6	30,0%	20	Não consta em registro.	–
	2º período II	20	5	25,0%	20	Não consta em registro.	–
Ensino Fundamental	1º ano I	23	6	26,0%	24	10	41,6%
	1º ano II	24	Não consta em registro.	–	27	10	37,0%
	2º ano I	24	Não consta em registro.	–	27	12	44,4%
	2º ano II	26	10	38,4%	27	10	37,0%
	3º ano	26	Não consta em registro.	–	27	15	55,5%
	4º ano I	25	6	24,0%	25	14	56,0%
	4º ano II	23	Não consta em registro.	–	23	9	39,1%
	4º ano III	25	10	40,0%	28	1	3,5%
	5º ano I	27	7	25,9%	27	11	40,7%
	5º ano II	27	6	22,2%	27	14	51,8%
	5º ano III	26	7	26,9%	27	15	55,5%
	6º ano I	28	7	25,0%	30	7	23,3%
	6º ano II	27	7	25,9%	27	7	25,9%
	6º ano III	27	2	7,4%	28	4	14,2%
	7º ano I	26	7	26,9%	26	9	34,6%
7º ano II	26	10	38,4%	26	14	53,8%	
8º ano	25	7	28,0%	27	6	22,2%	
9º ano	26	4	15,3%	26	6	23,0%	
Geral		538	112	–	556	174	–

Como fontes dos dados para compor a Tabela 1, consideramos, a princípio, as listas de presença das duas últimas reuniões periódicas entre as famílias e os professores no modelo presencial, e os dados do Quadro 1, o qual fora alimentado pelo Censo Escolar 2019. Como é possível ver no Anexo D as listas entregues pela coordenação são impressas, em sua grande maioria, já com o nome dos estudantes, e os responsáveis assinam na coluna ao lado, acompanhando a direção da linha com o nome do aluno pelo qual são responsáveis, em espaço designado especialmente a isso. A ocorrência da lista no molde descrito possui três exceções, pois, na reunião de agosto, três turmas da educação infantil apresentam listas preenchidas pelos presentes, nas quais constam, além do cabeçalho institucional, duas colunas designadas ao preenchimento do nome do aluno e da assinatura do responsável, respectivamente. Desse modo, como os presentes preencheram tanto o nome do aluno quanto o campo de assinatura dos responsáveis, recorreremos ao Censo Escolar 2019 para identificar o número de alunos das

referidas turmas, fato que se repetiu nas outras 9 ocorrências que não possuíam registros. Os demais foram preenchidos com o total de alunos constante nas listas.

Apesar de as turmas sem listas não terem valor para a análise que faremos dessa tabela, também foram incluídos seus números de alunos por entendermos que isso permite demonstrar o universo de alunos naqueles períodos do ano, e serve para apontar as mudanças no número de alunos durante o ano letivo. Sobre a variação nos registros, cabe ainda esclarecer que os períodos letivos considerados na elaboração das informações constantes nas listas e no Censo Escolar são distintos: enquanto as listas abarcam o número de alunos presentes nas chamadas naquele determinado período do ano, incluindo transferidos e novas matrículas, os números do Censo Escolar remetem à situação das turmas ao final do ano letivo, ou seja, conforme o número de alunos com o vínculo ativo. Isso justifica a variação entre alguns números do Quadro 1 em comparação com a Tabela 1.

Na elaboração da Tabela 1, privilegiamos os dados das listas e não aqueles do Censo Escolar, visto que o número geral de alunos registrados no Censo Escolar não inclui aqueles que foram transferidos ao longo do ano letivo, mesmo que estivessem na instituição no momento da reunião. Faz-se necessário informar que a Tabela 1 possui quadrantes que informam a ausência de alguns registros, pois, das 22 turmas em funcionamento naquele ano, tivemos acesso a 17 listas das reuniões de agosto e a 18 das reuniões de novembro.

Dois esclarecimentos ainda se fazem necessários sobre a elaboração da Tabela 1: o primeiro, referente aos responsáveis que têm mais de um filho matriculado na escola, e o segundo, a possíveis situações em que mais de um responsável compareceu à reunião. Neste caso, apenas um responsável assina a lista de presenças, e naquele, o responsável, habitualmente, vai a uma reunião e depois se dirige à outra, considerando que irmãos que estudam no mesmo ano frequentam turmas distintas.

Conforme já descrevemos acima, no universo de turmas existentes na escola, na reunião de agosto de 2019, não tivemos acesso a 5 listas e, na reunião do mês de novembro de 2019, ficaram também sem dados 4 turmas, pelo mesmo motivo. Dessa forma, as informações do quadro cobrem 77,2% do total de turmas na reunião de agosto e 81,8% das turmas na reunião de novembro. Portanto, a análise a seguir é elaborada a partir desse percentual de turmas com as informações completas, ou seja, referente a 424 alunos na reunião de agosto e a 479 na de novembro.

Das informações apresentadas pela Tabela 1, podemos observar que, apesar de a reunião ser um importante momento de encontro entre família e escola, ao tomarmos como referência

o universo de estudantes da instituição e considerarmos o recorte das turmas que têm listas de presença, a ocupação desse espaço pelos responsáveis não ultrapassa 26,4% nos registros de agosto e 36,3% nos de novembro. Tal percentual aponta que, no recorte de turmas com os dados completos, o índice médio ficou próximo, em sua maior ocorrência, da terça parte do número de alunos da escola e, na sua ocorrência menor, aproximou-se da quarta parte do alunado. Pormenorizando os dados, ao considerar a reunião de agosto de 2019, temos como percentual de participação mais baixo a turma do 6º ano III, que contou com apenas dois responsáveis, representando 7,4% da turma. Já na reunião de novembro de 2019, a turma do 4º ano III apresenta o menor percentual de participação, pois contou com apenas um responsável, representando 3,5% do total de responsáveis dessa turma. Ao voltarmos nossa atenção para os percentuais de participação mais elevados, temos o 4º ano III na reunião de agosto e o 5º ano III na reunião de novembro, com os percentuais de 40% e 55,5%, respectivamente.

A partir da análise dos percentuais mais elevados de participação e seu oposto, cabe ressaltar a variação de presenças observada entre as duas reuniões, se tomarmos como referência a mesma turma. Exemplo disso é o 4º ano III, que foi destaque de presenças na reunião de agosto e apresentou o menor índice de participação na reunião de novembro.

A temática reunião de pais é investigada na área de educação por diversos pesquisadores, dentre os quais Paro (2016) e Oliveira e Mariotini (2016). No capítulo 4 da obra *Gestão democrática da escola pública*, Paro (2016) considera o espaço como um dos pontos de observação em sua pesquisa. Dentre outras observações, reflete acerca da visão e da postura da escola frente à participação popular e aponta a visão depreciativa da escola com relação à comunidade. O autor exemplifica com um relato de uma ex-professora acerca do ambiente de reunião de pais, que se apresenta como um ambiente não convidativo, embora devesse ser, conforme defendemos neste trabalho, um ponto de encontro e comunicação entre família e escola. Na mesma direção, Oliveira e Mariotini (2016), ao defenderem a integração escola-família-comunidade, questionam o posicionamento pouco reflexivo que as escolas assumem nas reuniões com os responsáveis. Dentre as informações trazidas, apresentam a experiência da reunião de pais como um ambiente, por vezes, utilizado como espaço de controle e cobrança do desempenho, ou mesmo um espaço para transferir aos pais a responsabilidade de pressionar seus filhos nos estudos, exigindo-lhes boas notas e bom comportamento. Entendemos que ressignificar esse momento de encontro é uma oportunidade de otimizar a presença da família no processo educativo da criança e do adolescente. A discussão dessa questão será retomada no próximo capítulo, na seção do referencial teórico.

Já a instância deliberativa do colegiado tem encontros periódicos determinados pelo regimento e é formada por membros da direção, da coordenação, professores, funcionários, membros da sociedade civil e responsáveis de alunos e alunas. Ao analisarmos os registros do livro de ata de colegiado, observamos dois aspectos que podem ser considerados ao pensar sobre o contato entre família e escola: frequência em reuniões e participação dos responsáveis registradas nas atas de reuniões. O Quadro 4, elaborado com base na leitura das atas presentes no livro de atas do colegiado, apresenta a relação entre pautas observadas nas reuniões e falas registradas.

Quadro 4 – Quadro descritivo das reuniões do colegiado da EMPTF registradas em ata no período de 2002 a 2020

Anos	Datas das reuniões	Pautas apresentadas e/ou observadas	Membros com fala registrada em ata
2002	10/04/2002	Renovação da Caixa Escolar (votação dos membros da caixa escolar).	Direção.
	20/12/2002	Avaliação dos resultados de alunos.	Professora.
2003	20/02/2003	Informes de início de ano letivo: apresentação dos professores, novo curso de suplência, mudança de horários e de uniforme. Escolha dos membros do Colegiado.	Direção.
	10/03/2003	Votação dos membros da caixa escolar.	Direção.
	12/06/2003	Pedido de colaborações para obra da escola, objetivo e planejamento da festa junina, liberação da quadra para a comunidade, disponibilidade de um pai para arrumar os computadores da escola.	Direção, responsáveis, comunidade e funcionários.
	14/08/2003	Avaliação da última reunião de pais, informação sobre a feijoada promovida pelo GIFAE, apresentação do nome do jornal da escola e detalhes sobre o conteúdo que seria veiculado, gincana de livros e revistas promovida por duas professoras, horário e acervo da biblioteca, nova data para o 2º Thereza Fashion, organização para o festival da canção e apresentação do convite para participação de alguns membros da escola em um projeto de iniciativa da empresa Belgo.	Direção e professores.
2004	07/07/2004	Eleição do conselho fiscal, elaboração do calendário escolar de reposição de greve e discussão sobre junção de turmas.	Direção, professoras e aluno.
2005	–	–	–
2006	–	–	–
2007	13/02/2007	Eleição dos membros do conselho fiscal.	Direção.
	26/09/2007	Definição de prioridades para o emprego da verba do Programa Dinheiro Direto na Escola (PDDE) e criação de uma forma alternativa de angariar fundos para outras necessidades da escola (decisão: rifa).	Direção.
	27/11/2007	Prestação de contas da rifa de uma bicicleta e de parte do valor do PDDE que foi aplicado na reforma da quadra poliesportiva; orçamento de tintas e comprometimento de um empresário para colaborar com a pintura; comportamento de alunos.	Direção, coordenação e professoras.
2008	28/05/2008	Informe de que a vice-diretora assumirá a direção, devido à licença maternidade da diretora e, por conseguinte, haveria um processo de eleição interno para a vice-diretoria; comunicado de que no início do próximo ano acontecerá o processo de eleição da direção, com possibilidade de não ser possível manter o cargo de vice-direção, devido ao número de alunos da escola.	Direção.
	19/08/2008	Relatório financeiro, designação de verbas, comportamento de alunos.	Direção.
2009	04/03/2009	Deliberação sobre o ofício do Conselho de Alimentação Escolar (CAE), que solicitou representantes da escola para assembleia.	Direção.
	05/12/2009	Esclarecimento sobre as intenções de destinação da verba onuda do PDDE, informe sobre desejo de algumas mães acerca da possibilidade de reformulação do uniforme.	Direção.
2010	26/03/2010	Eleição para novos membros do colegiado e escolha do conselho fiscal para renovação e movimentação da Caixa Escolar.	Direção.
2011	11/10/2011	Explicações sobre o edital e programação da eleição de diretor; apresentação do Plano de Desenvolvimento da Escola (PDE); previsão de gasto com a verba do PDDE ou reaplicação do montante, devido à necessidade de prestação de contas.	Direção e membros do colegiado sem identificação.
2012	21/03/2012	Eleição para novos membros do colegiado.	Direção.

	14/06/2012	Orientações para os novos membros do colegiado; informe sobre doações da comunidade; discussão sobre depredação ocorrida na escola; apresentação do resultado do IDEB, verba PDE e marcação da reunião seguinte, que já contaria com uma pauta acerca da pintura de uma faixa separando o passeio do estacionamento.	Direção.
2013	12/06/2013	Informações e discussões sobre propostas de reposição das paralisações e greve do magistério.	Direção e responsáveis pelos alunos.
	09/09/2013	Esclarecimento acerca da diferença entre carga horária do professor e carga horária do aluno, rearranjo dos horários, recebimento da verba do Programa Escola Sustentável, debate sobre a possibilidade de a SME viabilizar a cobertura da quadra esportiva.	Direção.
2014	22/02/2014	Eleição para novos membros do colegiado e escolha do conselho fiscal para renovação e movimentação da Caixa Escolar.	Direção.
	30/06/2014	Reposição de aulas (devido a paralização e greve do magistério), prestação de contas da festa junina, parquinho para educação infantil.	Direção.
	08/08/2014	Calendário de reposição de aulas (paralização e greve do magistério).	Direção e responsáveis pelos alunos.
	20/10/2014	Processo eleitoral para direção e vice-direção, definição da comissão eleitoral.	Direção.
2015	26/08/2015	Boas vindas, orientação da SME acerca do calendário de reposição de aulas (paralização e greve do magistério), menção às verbas atrasadas, apresentação do PDDE interativo para 2016, formação do Conselho Escolar com função de grupo de trabalho para elaborar um diagnóstico e construção de plano integral, destinação de verbas (exemplo: Escola Sustentável e PDDE), substituição de alguns membros do colegiado, oficinas para os alunos que ficam ociosos aguardando o transporte escolar, informe de que a manutenção do projeto Jornada Estendida para o ano seguintes só aconteceria se houvesse verba.	Direção.
2016	05/03/2016	Renovação dos membros do conselho fiscal da Caixa Escolar.	Direção.
	22/03/2016	Boas-vindas, resolução municipal 25/2008, recebimento de verbas, escolha dos novos membros do colegiado.	Direção.
2017	09/05/2017	Boas-vindas, prestação de contas sobre os gastos das verbas recebidas em 2016, previsão de verbas para 2017, substituição de um membro do colegiado, comunicado sobre o descarte de livros escolares antigos já autorizado pela SME, rifa com tema junino, elaboração do calendário para reposição de aulas (paralização e greve do magistério).	Direção.
2018	06/03/2018	Informações sobre o colegiado, verbas vinculadas a projetos, escolha dos novos membros do colegiado.	Direção.
	11/08/2018	Adequação do Estatuto Social da Caixa Escolar.	Direção.
2019	21/01/2019	Prestação de contas sobre o PDDE e o PDE.	Direção.
2020	11/02/2020	Boas-vindas e formação do novo colegiado conforme interesse de voluntários presentes na assembleia.	Direção.

Fonte: Elaborado pela autora a partir de dados do livro de ata do colegiado.

Acerca da periodicidade das reuniões, observamos que, apesar do artigo 21 do Regimento orientar uma reunião ordinária de colegiado a cada mês do ano letivo, não existe uma regularidade na frequência de reuniões, pois o número de encontros anuais variou entre zero e quatro. Não temos como intenção afirmar quais razões levaram à falta de regularidade das reuniões, mas interessa à nossa pesquisa pensar acerca das consequências deste problema. Tendo em vista que este é um instrumento de inserção das famílias na gestão escolar, podemos afirmar que, quanto menos encontros forem realizados, menor será a participação da família em deliberações que envolvam o coletivo. Sendo assim, o colegiado perde força enquanto instância de diálogo.

Acerca das participações ativas, evidenciadas nos registros das reuniões, observamos uma predominância da fala da gestão e registros pontuais da fala dos responsáveis pelos estudantes, conforme apresentamos de forma compilada no Quadro 4. No registro de 32 reuniões, observamos a ocorrência de uma fala de aluno e três falas de responsáveis registradas

em atas do colegiado. Não vamos argumentar aqui o que levou a um número tão reduzido da participação ativa dos responsáveis nas reuniões, mas é importante termos no horizonte a discrepância na distribuição do discurso. Nesse contexto, levantamos as hipóteses de que a dinâmica de diálogo genuíno promoveria um espírito de colaboração e de que a instrução da audiência sobre os assuntos ali abordados propiciaria que os responsáveis se sentissem integrados ao grupo e trouxessem contribuições a partir do lugar de fala ao qual pertencem, valorizado em prol do envolvimento da família no processo educacional.

Na análise dos documentos a que tivemos acesso, já nos primeiros anos de trabalhos pedagógicos da instituição, encontramos relatos que apontam para o contato estreito entre família e escola, tal como a ata da reunião do dia 14 de agosto de 2003, na qual consta:

Observou-se que o número de pais presentes esteve abaixo das reuniões anteriores. Os pais inclusive solicitaram à direção que a próxima reunião fosse feita à noite, já que para alguns pais o horário das reuniões é incompatível com o horário de trabalho deles. (ESCOLA MUNICIPAL PROFESSORA THEREZA FALCI, 2003, p. 7).

Escolhemos destacar esse trecho por entendê-lo como uma manifestação dos pais pela possibilidade de estarem presentes e um sinal do esforço da escola em ouvir essa demanda. Reconhecemos que, embora este tenha sido um evento pontual, seu registro é importante para nos levar a pensar em caminhos de acolhimento e integração com a família.

Um outro exemplo da contribuição ativa que os membros do colegiado podem oferecer à escola é o encontro de perspectivas e ideias. Em uma das atas, constante como anexo deste trabalho, foi registrada a presença de um aluno na reunião de colegiado em 07 de julho de 2004 (Anexo E). Entre outras pautas, a reunião abordou a determinação da Gerência de Educação Básica (GEB) a respeito de junção de turmas para atender ao número mínimo de estudantes previsto na legislação. No debate sobre a questão, um aluno sugeriu:

Por que não dizer à GEB que a turma da 3ª etapa do 3º ciclo (8ª série) tem alunos que são especiais, que se trabalhados com menos alunos o rendimento é mais satisfatório [sic], mediante esta pronúncia a professora Nicoli propôs que em agosto fizéssemos uma mobilização em torno deste assunto, como um abaixo assinado envolvendo todos, comunidade, professores, colegiado, direção, criando uma comissão para se responsabilizar pelo abaixo assinado. (ESCOLA MUNICIPAL PROFESSORA THEREZA FALCI, 2004, p. 8, grifo nosso).

Participações ativas como a citada acima se contrapõem a outros registros, como o da reunião de colegiado do dia 14/06/2012, que apresenta uma perspectiva limitante acerca desse espaço representativo da comunidade escolar:

No primeiro momento a diretora Cecília leu o estatuto com as devidas instruções sobre a função do colegiado para os novos membros e explicou a importância das reuniões. **Enfatizou que, como a escola não registra grandes problemas, as reuniões são basicamente para dar direção às verbas recebidas.** (ESCOLA MUNICIPAL PROFESSORA THEREZA FALCI, 2012b, p. 20, grifo nosso).

O colegiado é um espaço legítimo de exercício da democracia na escola, em que se deveria evidenciar o protagonismo das representações sociais que compõem essa instituição, e se estabelecer enquanto instância deliberativa. É salutar enfatizar que, quantitativamente, são poucos os pais que chegam a integrar o colegiado como membros, mas seu potencial de construção coletiva no projeto educativo é significativo. Dessa forma, entendemos que o posicionamento citado no trecho da ata de colegiado acima representa um posicionamento não integrador desse espaço.

Na análise do livro de atas do colegiado, percebemos que, para além da pouca frequência em reuniões, a participação ativa da comunidade e da família nas reuniões é muito pontual. Apesar de o colegiado não ser o objeto de análise central em nossa pesquisa, ressaltamos que pesquisas acadêmicas e legislações em vigor apontam a necessidade de aprimorar o diálogo nessa instância e fortalecer sua funcionalidade. A defesa desse mecanismo deliberativo como espaço de colaboração está fundada na percepção de seu potencial de inclusão e partilha do projeto educativo. A importância dessa vivência no contexto escolar nos apresenta uma perspectiva de consolidação da noção de coeducação. Acerca desse assunto, Andreia Mendes Costa (2018), na introdução de seu trabalho, aponta que:

Quanto mais sentido de coletividade e bem comum se emprega às formas de participação na área da educação, mais concretos ou passíveis de efetivação se tornam os projetos de uma escolarização transformadora, promotora da equidade e emancipadora dos sujeitos. (COSTA, 2018, p. 13).

Em alinhamento com o trecho citado acima, entendemos que a vivência escolar acontece para além da sala de aula e deve abarcar todos os espaços da instituição. Assim, cabe à gestão estruturar práticas de colaboração e envolver todos os atores no cotidiano da escola, com o intuito de fomentar o trabalho de coeducação. Na prática pedagógica, esse conceito se

materializa no acompanhamento escolar dos alunos pelos familiares, na realização de entrevistas com os pais, na comunicação via agenda escolar e em outros meios.

Na seção seguinte, aprofundaremos a análise dos documentos para identificar como a coeducação aparece nas diretrizes da instituição.

2.2.3 Normas e Legislação da Escola

A instituição escolar é pensada com função formativa e social, e a aprendizagem se estabelece nas relações e nos diálogos entre seus membros. Para além das pessoas que atuam cotidianamente na escola, como professores, alunos e gestores, outros sujeitos podem enriquecer essa troca de saberes, como a família. A coeducação se evidencia, por exemplo, quando os pais e responsáveis assumem o papel de orientadores das crianças em trabalhos que são realizados fora do horário escolar. Essa colaboração entre família e escola é pautada no Regimento e no PPP da instituição, os quais serão analisados nesta seção. As versões mais atualizadas destes documentos datam de 2011 e 2012, respectivamente. Trazemos, ainda, a análise dos calendários escolares aos quais tivemos acesso, pois registram as atividades que compõem o ano letivo.

O Regimento Escolar é um dos principais documentos internos que orientam as ações educativas da instituição e aponta a família como agente corresponsável pelo processo formador do aluno, deixando evidente em suas linhas a importância da abertura da gestão a esse ente e à comunidade. Essa inserção é percebida entre as competências da escola, como no inciso IV do artigo 11, que aborda a necessidade de articulação da instituição com as famílias e a comunidade, a fim de gerar a integração dos envolvidos. Da mesma forma, o artigo 16 (inciso XII) apresenta também essa como uma das competências do diretor.

O Regimento confere legalidade às ações da escola, funcionando como documento norteador da instituição. Ao tratar de um dos compromissos do estabelecimento escolar com a família, o artigo 11 (inciso V) ainda nos traz: “informar os pais ou responsáveis sobre a frequência e o aproveitamento dos alunos, **bem como sobre a execução de sua proposta pedagógica**” (ESCOLA MUNICIPAL PROFESSORA THEREZA FALCI, 2011, p. [5], grifo nosso). Entendemos que, ao ter contato com a proposta pedagógica, os responsáveis têm a possibilidade de ampliar seu envolvimento no processo educativo e vivenciar a coeducação.

Acerca do PPP, como exposto na introdução desta seção, destacamos que a versão mais atualizada do documento é de 2012 e não abarca projetos que foram desenvolvidos

posteriormente. A ênfase sobre essa defasagem se faz necessária, pois, atualmente, a escola tem projetos que expandem o atendimento educacional para além da sala de aula e estreitam as relações entre escola e família, como abordado na seção 2.2.2. O acréscimo dessas iniciativas no PPP pode beneficiar a prática pedagógica da instituição à medida que favorece o estabelecimento de protocolos para as atividades e viabiliza novas ações que aproximam a família ao cotidiano escolar.

Conforme descrito no material, a escrita dessa segunda versão teve como base o primeiro PPP, elaborado em 2001, ano de inauguração da instituição. O trecho abaixo, extraído do item 1.2 do PPP da instituição, intitulado *Repensando a escola*, aponta para uma atitude educacional transformadora pensada para aquele momento.

Estamos falando aqui de uma educação que instrumentalize para a leitura crítica e consciente da realidade, que embase ações concretas no sentido de promover a verdadeira transformação. Uma educação que signifique o contraponto, a superação de uma estrutura social injusta e excludente. E essa construção só é possível quando os principais atores deste processo educativo – professores, alunos, funcionários e comunidade – se organizam e com coragem e ousadia estruturam a caminhada para juntos construírem uma HISTÓRIA. (ESCOLA MUNICIPAL PROFESSORA THEREZA FALCI, 2012a, p. 8).

O documento faz uma defesa clara sobre a inclusão das famílias que formam a comunidade nesse processo. O texto dá luz ao posicionamento que a escola deve assumir diante das vivências histórico-culturais da comunidade na qual ela está inserida e reforça um compromisso de abertura e articulação. No item 2.3.7 do PPP, que aborda os projetos que auxiliam a prática pedagógica, temos:

Por constituir um processo de caráter eminente sócio-político, a educação há de ser concebida e vivenciada em constante articulação com a vida social, da qual a Escola é parte integrante. Assim, considerar-se-ão as referências sócio-políticas e histórico-culturais que envolvem os educandos no seu universo de valores, (pré) conceitos, percepções, aspirações e expectativas para efeito de orientação do fazer pedagógico no ambiente escolar em busca do diálogo entre a escola e a sociedade (ESCOLA MUNICIPAL PROFESSORA THEREZA FALCI, 2012a, p. 34).

Como veremos a seguir, esses documentos estão em acordo com o que está proposto na legislação municipal, especificamente, a Resolução 25/2008, que em seu artigo 5º orienta acerca das particularidades do PPP. Em sua elaboração é imperiosa a participação da família, que está incluída na comunidade escolar. O mesmo artigo aponta, ainda, a regularidade com que o PPP

e o Regimento Escolar devem ser reavaliados: “§2º A cada ano o Projeto Político-Pedagógico e o Regimento Escolar serão reavaliados e, se necessário, atualizados, respeitadas as normas legais vigentes. §3º As modificações no Projeto Político-Pedagógico e no Regimento Escolar deverão ser discutidas pelo coletivo de cada escola” (JUIZ DE FORA, 2008).

Embora a orientação seja reavaliar anualmente, segundo este documento, a instituição apresenta uma defasagem de nove anos. Em consequência disso, observamos lacunas com relação ao funcionamento da escola, à definição da identidade institucional e à elaboração de estratégias para aperfeiçoar a gestão e o acompanhamento pelas famílias do processo educativo do aluno. A defasagem observada traz comprometimento no dia a dia e nas práticas institucionais, uma vez que tais documentos deveriam se alinhar às transformações ocorridas anualmente e/ou com perfil e necessidades atuais. Assim, cabe realçar a urgência de sua reformulação, pois as lacunas na prática pedagógica da instituição e a ausência de uma norma pensada pelo coletivo atual convergem na direção do caso de gestão apresentado.

A atualização deste documento é importante, não somente para acrescentar essas atividades, mas também para oferecer um direcionamento pedagógico construído por todos os atores, incluindo a família. Além disso, a defasagem temporal do documento faz com que ele deixe de representar as ações da instituição, o que, em um passo seguinte, leva a não se consultar o documento. Nesse sentido, o PPP perde a sua função norteadora para a escola.

Conforme indicado nos documentos que orientam as práticas pedagógicas da instituição, a família deve estar inserida no espaço escolar para que essa ação impulse sua participação no processo educativo do aluno. Conforme esse espaço seja desenvolvido, devem ser estabelecidas ferramentas para a manutenção e ampliação dessa vivência, para que não aconteça uma retração com o passar do tempo. Ademais, é central que aconteçam avaliações frequentes desses recursos para que sejam realizados os ajustes necessários.

Acerca do calendário, para nossa análise, tivemos acesso a 10 dos 20 calendários que fazem parte da história da instituição. A partir deles, observamos que não há grande variação nos registros de atividade. Regularmente, estão presentes nos calendários ações imprescindíveis à organização do trabalho pedagógico institucional, tais como reuniões pedagógicas, conselhos de classe, períodos avaliativos, além da indicação dos dias letivos e feriados.

Dentre os calendários a que tivemos acesso, os referentes aos anos 2002, 2014 e 2015 apresentam informações mais detalhadas das atividades previstas, pois indicam períodos de preparação para festas tradicionais, Jornada de Educação, Semana do Livro, Dia Nacional de Combate à Dengue, Dia Municipal da Cultura e da Paz, entre outros. Em nosso entendimento,

tais eventos são significativos para aproximar as famílias da escola, mas não necessariamente para integrá-las ao cotidiano escolar.

É essencial construir uma comunicação efetiva entre as esferas de formação da criança, ou seja, família e escola. Nesse processo, a informação das famílias sobre o calendário pode favorecer o sincronismo entre os ritmos escolar e familiar. Para além das festas, é importante que as famílias estejam cientes de todas as ações que compõem a prática pedagógica, como reuniões, períodos avaliativos e recessos. Embora todas essas ações estejam presentes no calendário, as famílias não têm acesso a elas, visto que na unidade tal documento circula apenas internamente. Assim, a ausência do compartilhamento cria uma barreira à integração entre família e escola.

A partir do cenário apresentado até aqui, na próxima seção apresentaremos o detalhamento do caso de gestão.

2.3 CARACTERIZAÇÃO DETALHADA DO CASO DE GESTÃO

O desejo de viver em uma escola democrática, caracterizada pela coeducação, pode estar latente nas escolas públicas brasileiras. No entanto, à medida que cada pessoa envolvida no processo educacional experiencia um ambiente permeado pela lógica de colaboração, essa vontade se manifesta mais recorrentemente e torna palpável a realização desse ideal. Nesse sentido, o desafio está na construção e manutenção de mecanismos que promovam o diálogo e reafirmem a corresponsabilização que deve caracterizar a formação humana, cidadã e intelectual de crianças e adolescentes. Assim, reconhecemos como postura essencial um esforço contínuo de articulação entre equipe diretiva, professores, funcionários, alunos e familiares. Nessa perspectiva, entendemos a troca como ação necessária na formação de cidadãos conscientes de seu papel na sociedade, que saibam das consequências de suas ações para o coletivo.

Alunado, família e comunidade precisam ter suas identidades inseridas na escola, ao passo que a instituição deve deixar sua contribuição a esses sujeitos. Atualmente, possuímos legislação, literatura e pesquisas que falam dos êxitos da coeducação enquanto impulsionadora do processo educativo. A escola deve ser um espaço de impressões e falas múltiplas que convirjam para o compromisso constitucional e institucional de formação integral dos estudantes, visando sempre ao bem comum desses e ao preparo das crianças e adolescentes para viver em sociedade. Tendo em vista essas questões, o conhecimento e a apropriação desse

espaço tornam-se necessários, pois a noção de corresponsabilidade requer um exercício gradativo e contínuo para se fortalecer.

A legislação dialoga com a inserção da família no processo educativo, como já foi abordado. A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), em seu artigo 2º, envolve a família como responsável pela educação; em seu texto, temos: “a educação, dever da família e do Estado, inspirada nos princípios de liberdade e nos ideais de solidariedade humana, tem por finalidade o pleno desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho” (BRASIL, 1996).

Ao iluminar a coeducação como sendo o caso de gestão adotado neste trabalho, entendemos que a regularidade da participação dos responsáveis no processo educativo do aluno pode trazer benefícios que serão observados em diversos aspectos da vida da criança, do adolescente, dos profissionais da educação e dos responsáveis. O movimento a partir do qual todos os envolvidos são considerados e reconhecidos favorece o ânimo da família para ampliar sua participação no processo educativo, como defendemos neste trabalho.

Considerando que a coeducação acontece através de um processo de construção, os registros históricos, as experiências vivenciadas já relatadas no decorrer deste capítulo, assim como as potenciais trocas relatadas, importam e podem colaborar para a composição e formação das atuais e futuras ações de cooperação entre família e escola no processo educativo. Os impactos de uma experiência positiva podem gerar um crescimento significativo no processo de assimilação do conhecimento e no repertório individual de cada aluno e do grupo como um todo.

Dessa forma, delimitamos a participação da família como sendo um problema de pesquisa por entender que, de fato, o envolvimento da família no processo educativo no qual o aluno está inserido é uma oportunidade de se ampliar e otimizar as arenas e repertórios de aprendizagem. A coeducação requer práticas de colaboração, que devem se estabelecer na atmosfera escolar e se fixar como uma plataforma de encontro de perspectivas e esforços mútuos.

Assumimos como hipótese que o envolvimento das famílias no processo educativo exige um maior conhecimento da gestão sobre elas. E, para que isso ocorra, precisamos responder à seguinte pergunta: como potencializar o envolvimento das famílias com a escola? A falta de regularidade nessa participação prejudica importantes vínculos entre a família, a escola e o processo educativo. Portanto, defendemos que, ao se tratar do modelo de coeducação,

é necessário estabelecer uma cultura de envolvimento, debate e colaboração mútua no espaço escolar para que esse modelo se fortaleça.

Desta forma, o PAE será elaborado no sentido de aprimorar e implementar práticas de coeducação, que irão colaborar com a gestão na promoção de atividades que fomentem esse vínculo. Assim, evidencia-se a relevância do estudo para o cotidiano escolar e a formação cidadã, não somente do alunado, mas também de toda a comunidade. Encontramos inspiração para a perspectiva de um projeto integrador tanto na literatura quanto na legislação. Repensar esse espaço é imprescindível para que ele se torne mais palpável para todos os agentes envolvidos.

3 UM OLHAR SOBRE A COEDUCAÇÃO E SEUS BENEFÍCIOS AO PROCESSO EDUCATIVO

Neste capítulo, iremos apresentar três seções que colaboram sistematicamente para o Plano de Ação Educacional desenvolvido no próximo capítulo. Na primeira seção apresentaremos uma discussão teórica a partir dos pontos de vista de autores que dialogam com a temática do caso de gestão. Nas seguintes, teremos a discussão metodológica e a análise de dados.

3.1 A COEDUCAÇÃO NA LITERATURA

Na literatura, ao se dar luz ao debate acerca da relação entre família e escola, primeiramente destacamos o trabalho de Faria Filho (2000) que, em um apanhado histórico, analisa a ocorrência do tema nas páginas de um periódico mineiro em circulação no início do século XX, momento em que se destacou o movimento escolanovista no Brasil. Tal movimento publicou, em março de 1932, o *Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova*, com o qual 23 homens e três mulheres reivindicaram o devido realce para a educação, considerando sua magnitude para a sociedade, definindo o papel do Estado em relação à educação no Brasil e defendendo uma escola aberta, obrigatória, laica e baseada na coeducação. O documento defendia, ainda, a profissionalização do professor e a garantia da progressão do fluxo escolar até a educação superior, sem distinção de classes.

A menção a esse movimento na introdução desta seção se deve à sua notável importância para a época e as ressonâncias desse entendimento na educação contemporânea. Além de demarcar a predisposição dos responsáveis pelo periódico analisado por Faria Filho (2000), que se identificavam como escolanovistas, o autor relata que um grupo diversificado de sujeitos, dentre professores, técnicos de ensino e diretores de instituições, projetavam e colocavam em circulação a temática da relação entre família e escola nas páginas do periódico analisado em seu trabalho.

Ao longo das décadas, as percepções apresentadas no manifesto e as pautas defendidas por ele se ampliaram, e a colaboração entre os entes família e escola também foi ganhando espaço de debate, sobretudo nas publicações científicas e, posteriormente, na legislação. Nesse sentido, a Constituição de 1988 marcou uma nova fase na organização de nossa sociedade e deu a garantia legal de que todos têm direito ao acesso a uma educação pública, gratuita e de

qualidade. A universalização do acesso já é uma realidade mais próxima do estabelecido em nossa magna-carta, pois observamos uma progressão contínua na garantia desse direito constitucional, por exemplo, a partir do esforço empreendido na elaboração do PNE. Aprovado em 2014, o documento possui 20 metas e cada uma tem, em suas estratégias, ações pormenorizadas, específicas para a conquista objetivada em cada meta.

Em suas quatro primeiras metas, o PNE retoma a universalização da educação básica para todas as crianças e adolescentes e aponta caminhos para ampliar a Educação Infantil em creches. Tendo em vista os percentuais de público a ser alcançado, apresentados no PNE para cada segmento da educação básica, percebemos um importante esforço em prol da pretendida universalização educacional, como podemos ver no texto da estratégia 2.5, que traz a adoção de parcerias em um empenho comum de “promover a busca ativa de crianças e adolescentes fora da escola, em parceria com órgãos públicos de assistência social, saúde e proteção à infância, adolescência e juventude” (BRASIL, 2014). Tal trecho nos evidencia a existência de um contingente de crianças sem acesso à instituição escolar.

Nesse sentido, o documento apresenta como meta o ano de 2016 para se chegar à universalização da educação para aqueles que estão na faixa etária entre 4 e 17 anos. No entanto, o cenário educacional brasileiro, conforme apresentado na Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNAD Contínua) de 2019 mostra que, apesar de haver uma evolução positiva nos números, ainda não temos a universalização. A faixa etária com melhor taxa de escolarização é a de 6 a 14 anos (INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA, 2019a, p. 4).

Ao analisar o informativo PNAD Contínua, que realça os principais achados da investigação, temos, no ano de 2019, as seguintes taxas de escolarização, segundo os grupos de idade: 35,6% de crianças na faixa etária entre 0 e 3 anos; 92,9% na faixa etária de 4 a 5 anos; 99,7% na faixa etária entre 6 e 14 anos e 89,2% na faixa etária entre 15 e 17 anos. Apesar de próximas da universalização, as estatísticas nos mostram que o panorama ainda não é de atendimento universal, sobretudo no Ensino Médio, o que justifica um esforço para ampliar tais percentuais.

No interior desse debate, para além da universalização, a meta 7 do PNE estabelece médias a serem alcançadas através de ações que busquem “fomentar a qualidade da educação básica em todas as etapas e modalidades, com melhoria do fluxo escolar e da aprendizagem” (BRASIL, 2014). As metas 2 e 3 do PNE, que tratam das etapas do ensino fundamental de 9 anos e do ensino médio, respectivamente, também trazem em seu texto uma marca qualitativa.

Percepção manifesta quando, no primeiro, é estabelecido como limite o ano de 2024 para que se atinja um percentual de 95% ou mais de alunos que concluam a etapa do ensino fundamental na idade recomendada.

Ao apresentar esse índice, o PNAD analisa e apresenta separadamente os percentuais dos anos iniciais e dos anos finais do ensino fundamental, sendo que os valores apontados em 2019 foram que 95,8% das crianças da faixa etária entre 6 e 10 anos, faixa idealmente estabelecida para essa etapa, estavam frequentando o ensino fundamental I, e 87,5% das crianças com idade entre 11 e 14 anos, faixa idealmente estabelecida, o ensino fundamental II. Acerca do Ensino Médio, o documento traz em sua meta 3 a expectativa de que até o final de sua vigência, ou seja, 2024, a taxa líquida de matrícula do ensino médio se eleve para 85%. No ano de 2019, tal indicador atingiu o percentual de 71,4% daqueles que estão no universo da faixa etária entre 15 e 17 anos. A taxa líquida de matrícula “representa a razão entre o número de estudantes com idade prevista para estar cursando uma determinada etapa de ensino (incluindo também as pessoas nessa faixa que já concluíram pelo menos essa etapa) e a população total na mesma faixa etária” (INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA, 2019a, p. 4). Nesse sentido, garantir a qualidade de ensino e a permanência do aluno na escola demandam um trabalho articulado entre as instâncias governamentais, com vistas à elevação dos percentuais de conclusão da educação básica e à redução da evasão escolar. A inclusão e fidelização da família ao processo educacional do aluno e o entendimento de todas essas instâncias acerca da inclusão do tema coeducação na agenda beneficiarão a educação como um todo.

As avaliações educacionais em larga escala têm, entre outras funções, a intencionalidade de fornecer ao poder público dados estatísticos que embasem e avaliem ações de melhoria educacional. Desta forma, frequentemente novos programas voltados à resolução dessas questões são apresentados, mas tais ações nem sempre são convertidas em políticas públicas. Em análise sobre a organização nacional da educação a partir da LDB e sua estreita relação com o sistema nacional, Dermeval Saviani (2010) ressaltava, à época, elementos favoráveis à sua implementação e exaltava a criação e o caráter deliberativo do Conselho Nacional de Educação (CNE) como um encaminhamento que:

Pretendia evitar a descontinuidade que tem marcado a política educacional, o que conduz ao fracasso das tentativas de mudança, pois tudo volta à estaca zero a cada troca de equipe de governo. Na verdade, cada governante quer imprimir a própria marca, quer fazer a sua reforma. Com isso, interrompe o que havia sido iniciado na gestão anterior e a educação fica marcando passo,

já que se trata de um assunto que só pode ser equacionado satisfatoriamente no médio e longo prazos, jamais no curto prazo. E as consequências recaem sobre a população, que vê indefinidamente adiado o atendimento de suas necessidades educacionais. (SAVIANI, 2010, p. 774).

Assim, dois dos principais obstáculos à garantia da qualidade educacional são a instabilidade e a descontinuidade de políticas públicas que marcam a sociedade brasileira e geram impactos em várias esferas do âmbito escolar, dentre as quais as diretrizes, o clima e a gestão.

Sobre instabilidade e descontinuidade que impactam o processo educativo, Paro (2000) aponta que o esforço e a vigilância para a aquisição e manutenção de direitos coletivos deve ser uma constância. No cenário nacional mais recente, podemos destacar como exemplo as políticas para educação especial que ocuparam o debate público em 2020. O decreto 10.502/2020 foi marcado com pontos polêmicos que apontavam um retrocesso na garantia de direitos acerca da educação inclusiva. O documento chegou a entrar em vigor, mas, graças à atenção daqueles envolvidos com a defesa do tema e aos mecanismos democráticos que possuímos, foi suspenso pela Ação Direta de Inconstitucionalidade (ADI) 6590, garantindo, no que diz respeito à educação inclusiva, o direito da PcD a ser acolhida e agregada ao ensino regular (BRASIL, 2020b).

Esse ambiente de instabilidade das políticas públicas, além de prejudicar o gerenciamento da equipe pedagógica, também compromete o fortalecimento da relação entre escola e família, essencial para a vivência da coeducação. Toda essa conjuntura impacta o desenvolvimento do aluno, figura central no processo educativo. Nessa perspectiva, enfatizamos que a integração da família ao processo educativo apresenta-se como um esforço necessário ao desenvolvimento geral de toda comunidade escolar na configuração de uma educação mais consistente e de qualidade. Tal envolvimento amplia as possibilidades de afirmação e de permanência do aluno no espaço escolar.

No sentido de embasar a defesa sobre coeducação, o referencial teórico que apresentaremos nesta seção reforça a importante vinculação entre família, comunidade e gestão. Sensíveis às necessidades do aluno no decorrer do processo educativo, os autores que embasam nossa pesquisa destacam a função social da escola enquanto facilitadora da formação de cidadãos críticos, capacitados com percepção de mundo bem desenvolvida, com a participação da família e da comunidade como necessárias nesse processo.

Em um artigo sobre o papel das instituições educacionais, Maria Auxiliadora Dessen e Ana da Costa Polonia defendem que:

Como um microsistema da sociedade, ela não apenas reflete as transformações atuais como também tem que lidar com as diferentes demandas do mundo globalizado. Uma de suas tarefas mais importantes, embora difícil de ser implementada, é preparar tanto alunos como professores e pais para viverem e superarem as dificuldades em um mundo de mudanças rápidas e de conflitos interpessoais, contribuindo para o processo de desenvolvimento do indivíduo. (DESSEN; POLONIA, 2007, p. 25).

A educação de qualidade é perpassada pelas práticas de colaboração e construção coletiva. Nesse sentido, a vivência da autonomia escolar favorece a atuação coletiva e o entendimento de que o projeto educativo pode ser elaborado conjuntamente por professores, gestores, alunos, famílias, funcionários e comunidade. Para que essa diversidade se manifeste no cotidiano escolar, é necessário nutrir o diálogo entre todos esses atores. A Base Nacional Comum Curricular (BNCC), por exemplo, tem como ponto de partida o currículo comum e, ao chegar à escola, tem o seu fazer reorganizado ao contexto de aplicação da instituição, ou seja, seu fazer contextualizado para a realidade da escola. Tal documento normativo, previsto desde a Constituição de 1988, está ordenado em habilidades, com o objetivo de desenvolver competências gerais no aluno. Seu compromisso está alinhado à educação integral, entendendo que a educação básica precisa intencional a formação e o desenvolvimento humano global. Para isso, exalta atividades que têm o aluno como protagonista do processo, como alguns conceitos que são trabalhados em sala, proporcionando ao aluno a perspectiva de pesquisador e complementando seu conhecimento com pesquisas, experimentos e vivências práticas. O ponto de vista apontado pelo documento extrapola o entendimento passivo do aluno, que é tido como personagem ativo na construção do conhecimento através de metodologias ativas e práticas colaborativas, que incluem a família.

Dessa forma, ao investigar os aspectos que influenciam a educação, percebemos uma rede de fatores a serem considerados. Nesse sentido, Castro (2015) aponta os elementos externos e internos à escola que impactam os processos de aprendizagem e podem dificultá-lo.

Entre os fatores associados externos à escola, destacam-se: **grau de escolaridade dos pais, acesso a livros e bens culturais; situação socioeconômica familiar**, carreira, salários e formação dos professores. Entre os fatores internos à escola e aos sistemas de ensino, destacam-se: **gestão da escola** e clima propício à aprendizagem; efeitos da repetência; formação continuada e em serviço dos professores; tempo de permanência na escola; uso do tempo em sala de aula; acesso à educação infantil; materiais didáticos de qualidade; hábitos de estudo, **lição de casa, participação dos pais**, entre outros. (CASTRO, 2015, p. 136-137, grifo nosso).

Por conseguinte, reconhecemos e reforçamos a dinamicidade dos indivíduos e das instituições que poderão ser analisados na pesquisa a partir de cada aspecto separadamente. Neste trabalho, destacaremos a relação existente entre a participação da família no processo educativo e a aprendizagem do aluno, mas sinalizamos que ambos devem ser considerados em sua integralidade.

Corroborando esse pensamento, Burgos (2014) aborda o tema trazendo uma reflexão acerca da relação entre a escola e o mundo do aluno. Já na introdução, ao falar sobre as motivações e o desenvolvimento da pesquisa, ele menciona:

Este livro nasceu da preocupação em estudar a relação da escola com o mundo do aluno, isto é, seu universo subjetivo, associado ao lugar e às condições em que ele vive, sua família e sua relação com a escola, em suma, do sujeito que há por trás do aluno. Com isso, pretende trazer para a reflexão os bastidores do trabalho escolar, em que se dá a construção social do aluno: esse lugar intersticial situado entre a escola, a família e a vizinhança. (BURGOS, 2014, p. 9).

O autor enfatiza a presença da família no universo subjetivo do aluno, considerando-a uma instituição a ser percebida e considerada ao se tratar do tema alvo de seu trabalho, que dá título ao livro em questão, *A escola e o mundo do aluno*.

Acerca da inserção da família e comunidade na gestão escolar, o estudo de Aline de Oliveira e Sérgio Donizete Mariotini (2016) reforça essas influências através de afirmações precisas e levanta um questionamento comum ao nosso caso de gestão. Os autores dizem:

É comum observar que maiores frequências de participação dos pais na escola são em eventos comemorativos em que a escola promove [sic] com intuito de aproximar os pais, para admirar o trabalho que está sendo desenvolvido pelo seu filho junto à escola. Mas indagamos: por que os pais aparentemente só frequentam a escola em eventos comemorativos e não no acompanhamento didático pedagógico e no processo ensino aprendizagem? Ainda, por que em reuniões de pais e mestres uma grande maioria de pais não comparecem a [sic] unidade escolar? (OLIVEIRA; MARIOTINI, 2016, p. 290).

Independente dos fatores e questões diversas analisados em pesquisas e publicações, observamos, como no trabalho acima, uma posição passiva assumida pela família diante de assuntos que dizem respeito ao aluno sob sua responsabilidade. Oliveira e Mariotini (2016) afirmam que a família acompanha mais de perto a criança apenas nos primeiros anos da vida escolar, por supor fragilidade e dependência. Dessa forma, no início da vida escolar, os pais, de

uma forma geral, procuram saber sobre a socialização, a aprendizagem, o desenvolvimento e as dificuldades enfrentadas, o que se perde com o passar dos anos, segundo os autores.

Ao refletir sobre a participação dos pais, os autores falam que este é um desejo permanente das escolas: envolver os pais nas questões do universo escolar de seus filhos para que eles possam usufruir de uma influência favorável à aprendizagem e ao rendimento escolar resultante desse processo. No entanto, reconhecem que o panorama ainda é de uma participação incipiente.

Heloísa Lück (2018) alerta que não bastam a vontade dos dirigentes ou o seu encorajamento para que os docentes, os responsáveis e o alunado colaborem para um projeto pontual ou para uma escola mais presente e eficiente. Em seu trabalho, analisa que tais fatos não impulsionam o produto esperado para uma escola participativa. A partir de sua experiência com gestores escolares, a pesquisadora indica a ocorrência frequente de queixas, por exemplo, dos professores que reclamam não participarem das definições curriculares, mas que, quando têm a oportunidade, são omissos e não participam.

Dessa forma, diante da relutância pela modificação de práticas no processo escolar, mesmo quando são mudanças desejadas, a autora se posiciona defendendo abordagens amparadas na observação, na reflexão e no estudo objetivo dos processos em análise, relatando que “o alargamento dessa consciência, associado ao desenvolvimento de competência técnica para colocá-la em prática, são condições fundamentais para que se possa construir uma cultura de participação efetiva na escola” (LÜCK, 2018, p. 77). Sobre as reuniões de pais, Lück (2018) menciona uma visão de controle do desempenho e cobrança em contraponto ao processo de orientação do aluno. Afirmo que é um meio para que a aproximação aconteça, embora seja possível observar que os pais que comparecem às reuniões tendem a ser os pais de alunos que tiram notas boas, disciplinados, participativos e que têm acompanhamento frequente por eles.

Em complemento ao que a autora apresenta, Oliveira e Mariotiniz (2016) indicam que o foco das reuniões de pais deveria acontecer no sentido de que o espaço seja utilizado como ambiente de acolhimento, orientação e resolução conjunta de situações variadas, e não um espaço de desconforto para os envolvidos, de enumeração e transferência de problemas. Frente ao universo de pais que frequentemente não comparecem às reuniões, os autores postulam:

[...] Há aqueles pais que deveriam comparecer, pais de alunos que apresentam algum tipo de dificuldade de aprendizagem, de comportamento ou outro semelhante, porém não comparecem. Neste caso, o docente teria a oportunidade de diálogo com os pais, não para apontar pontos negativos, mas, a partir destes pontos negativos, encontrarem junto com a família uma solução

para os problemas e ajudar os alunos no processo ensino – aprendizagem. (OLIVEIRA; MARIOTINI, 2016, p. 294).

Ressaltamos a importância, na percepção dos autores, de se iluminar o processo de aprendizagem e as oportunidades de diálogo sobre esse tema, como a reunião de pais. Embora a legislação oriente e sinalize nesse sentido, no senso comum, o processo não é enfatizado como os resultados mais visíveis, as provas e avaliações e a disciplina comportamental. Igualmente, Paro (2000) aborda a ocorrência de tal acontecimento e, ao tratar da contribuição da família ao melhor desempenho dos alunos, alerta para a ocorrência acerca da compreensão equivocada do que seja desempenho. Argumenta que a falta de ação dos responsáveis frente às frágeis contribuições da instituição escolar para a formação pessoal dos discentes:

Leva muitos a entenderem como desempenho apenas os conhecimentos e habilidades passíveis de serem medidos pelos convencionais exames e provas que compõem as atuais avaliações internas (para passar de ano) e externas (Saeb etc.) e os famigerados vestibulares e provões. Acredito que a escola pode e deve comprometer-se com uma educação libertadora que, embora possa conter muito do que os atuais exames acadêmicos exigem, não se restringe a isso, constituindo-se em verdadeira atualização histórico-cultural das pessoas que as instrumentalize, na qualidade de sujeitos, a engrandecerem suas práticas político-sociais. (PARO, 2000, p. 25-26).

Observamos que tanto nas ciências exatas como no universo educacional o resultado é consequência dos acontecimentos que o antecedem. Nessa perspectiva, o autor direciona a investigação de seu trabalho para verificar a possibilidade de interferência da família no desempenho escolar dos alunos, além de enfatizar sua defesa para uma educação mais abrangente. Compartilhando desse entendimento, acreditamos que fomentar práticas que envolvam toda a comunidade escolar e, de forma especial, os responsáveis no processo de aprendizagem dos alunos repercutirá positivamente nos resultados. Os autores Oliveira e Mariotini (2016), sobre esse espaço legítimo que deve ser fomentado pela instituição e devidamente ocupado pelas famílias dos discentes, pontuam que:

Existe a necessidade da participação da família, mas uma participação ativa, em que todos tenham o direito de ouvir e ser ouvido. Mesmo não tendo uma estrutura para se falar sobre educação, a escola tem que abrir espaço para que os pais se expressem apresentando pontos bem pequenos, pontos que aparentemente possam ser insignificantes. Mas se houver uma valorização pela equipe gestora e docentes, há uma possibilidade da família se sentir confiante e começar a fazer parte. (OLIVEIRA; MARIOTINI, 2016, p. 293).

Um importante questionamento feito por Oliveira e Mariotini (2016) é comum ao caso de gestão, indagando se a escola tem feito algum movimento para aproximar os atores, especialmente pais e escola. Em suas considerações finais, os autores apontam que:

É possível considerar que existem meios para que a família esteja na escola; meios que possibilitam a integração e a participação da família e da comunidade que juntas possam contribuir para a o desenvolvimento do indivíduo, na sua formação como cidadãos conscientes, participando assim da vida cidadã. Mesmo que esses meios existentes, ainda que apresentem suas dificuldades de se fazer acontecer, é possível que aponte resultados positivos. Entendo assim que o grande desafio da gestão escolar nos tempos atuais é buscar caminhos para dinamizar esses meios e fazer com que eles funcionem, para que possam atender as suas finalidades. (OLIVEIRA; MARIOTINI, 2016, p. 300).

Para além dos desafios existentes, os autores sinalizam a existência de um caminho a ser trilhado a fim de que o direito de aprendizagem aconteça.

Em seu trabalho, Bernard Lahire (1997) questiona o que leva as pessoas ao sucesso e ao fracasso escolar e por que, no senso comum, o fracasso está ligado aos meios populares. A partir de critérios metodológicos detalhados no corpo de seu trabalho, a população pesquisada constituiu-se de 14 crianças em situação de fracasso escolar e 13 crianças em situação de sucesso escolar. No decurso de sua pesquisa, o autor faz uma análise do desempenho escolar de crianças que cursavam, na França, a 2ª série do 1º grau, pertencentes a famílias oriundas dos meios populares. Levando em conta esse universo, o autor descreve 26 perfis de configurações familiares e a diversidade pela qual a família pode interferir na trajetória escolar da criança. Cita, por exemplo, o caso de uma criança pertencente a uma família pouco favorecida economicamente que, apesar de ser filha de pais analfabetos e compor um núcleo familiar numeroso (dez irmãos), é bem-sucedida com relação ao desempenho escolar.

Nesse sentido, o autor nos convida a refletir sobre conceitos consolidados acerca do bom desempenho escolar ou não. Pontua que existem variações históricas e sociais que envolvem o sujeito e que não nos permitem adotar, por se tratarem de múltiplas realidades, um conceito estático acerca do tema, nem mesmo afirmações de senso comum como a apresentada acima. Ao abordar a profusão de interferências sobre o desempenho escolar do aluno, Lahire (1997) diz que:

O fato de os diferentes membros das famílias contextualizadas agirem como agem, de seus filhos serem o que são e comportarem-se como tal nos espaços escolares não é fruto de causas únicas que agiriam poderosamente sobre eles.

Na verdade, estão envolvidos num conjunto de estados de fatos, de dados cujos comportamentos práticos cotidianos não passam de tradução: traduzem o espaço potencial das reações possíveis em função do que existe em termos inter-humanos. Qualquer modificação da constelação de pessoas (e portanto dos traços familiares, das propriedades objetivas ou das disposições incorporadas), da estrutura de coexistência, pode levar a uma transformação do comportamento da criança. Mas nenhuma característica em si explica este comportamento. **Ao contrário da compreensão descontextualizada das causas do “fracasso” ou do “sucesso”, a reconstrução das pressões sociais relacionais concretas que se exercem sobre as crianças singulares procura restituir os determinismos sociais relacionais de forma mais próxima da maneira como se apresentam a elas.** (LAHIRE, 1997, p. 72-73, grifo nosso).

O autor traz como questão central a individualidade de cada criança e a necessidade de compreender as diferenças secundárias entre as famílias que estão classificadas, por exemplo, em uma mesma dimensão econômica. Assim, ao pensarmos o plano de ação educacional, que será apresentado no próximo capítulo, a transposição dessa abordagem se apresenta como um importante cuidado inerente ao encadeamento de ações junto à comunidade escolar, especialmente à família, à qual propomos elos significativos com a escola e com o processo escolar do aluno.

Acerca da desconexão entre família e escola, a pesquisa de Paro (2016) sobre gestão democrática na educação pública evidencia a relação entre o autoritarismo e a visão que as famílias têm da escola:

Numa sociedade em que o autoritarismo se faz presente, das mais variadas formas, em todas as instâncias do corpo social, é de se esperar que haja dificuldade em levar as pessoas a perceber os espaços que podem ocupar com sua participação. No contexto da presente investigação, pude observar a mudança de postura da participação que pode operar a simples consciência de sua importância e possibilidade. (PARO, 2016, p. 74).

Na sequência, Paro (2016) exemplifica o posicionamento de uma mãe entrevistada que, ao ser questionada sobre a influência positiva da participação dos pais na educação dos filhos, apresenta-se alheia a essa possibilidade. Porém, na evolução da entrevista, o autor vivifica a mãe a refletir acerca de questões pontuais apresentadas por ele, a partir das quais a responsável assume novo ânimo e visualiza possível protagonismo da família frente às questões escolares dos filhos. No mesmo capítulo, o autor narra sua percepção e o relato de um professor entrevistado, que aponta o fato de os pais apresentarem-se inseguros quando necessitam, por exemplo, se posicionarem em uma reunião acerca de questões educacionais. “Nota-se também uma espécie de ‘medo do desconhecido’ por conta da ignorância dos usuários a respeito das

questões pedagógicas e das relações formais e informais que se dão no interior da escola" (PARO, 2016, p. 75-76).

A inclusão da família no processo educativo, no sentido de estimular o desenvolvimento de ações em prol da coeducação, é discutida na BNCC (BRASIL, 2017), a qual apresenta as dez competências que orientam todos os segmentos da educação básica para a garantia do padrão de qualidade. Como já dissemos anteriormente acerca de outras normas, essa também é fruto de uma construção histórica e, segundo o nosso entendimento, traz vantagens. O ensino, através do desenvolvimento de competências, permite ao discente uma formação reflexiva, participativa e crítica frente aos conteúdos e conhecimentos ministrados.

Corroborando a importância do tema, o trabalho de Géssica Pereira e Wiama Lopes (2017) analisa também as relações entre escola, família, comunidade e os mecanismos de gestão em prol da necessária articulação entre essas esferas. As autoras apontam os princípios e as circunstâncias políticas, educacionais e comunitárias favoráveis à ampliação do envolvimento da família no processo de desenvolvimento da aprendizagem dos alunos, fomentando uma cultura de acompanhamento, sobremaneira nos anos iniciais da escola pública. Pereira e Lopes (2017) exaltam a necessidade de se delinear uma prática educacional com ações que possibilitem:

A participação da família e da comunidade em prol do desenvolvimento de uma educação de qualidade para todas as crianças que ali estão. Para tanto, é preciso compreender as relações que a escola como um sistema conglomerado integrada a uma totalidade global estabelece com o seu contexto imediato. (PEREIRA; LOPES, 2017, p. 549).

A complexidade da relação entre família e escola é tema de pesquisas em universidades de todo o mundo. Em sua obra, o português Pedro Silva (2003), ao tratar dessa temática, faz uma análise em perspectiva histórica e traz uma gama de especialistas que, no decorrer do século XX, trataram essa como sendo uma relação laboriosa. Na fala desses, percebemos que há uma busca contínua para reconhecer todos os movimentos, forças e atores que interferem nessa relação que, segundo Silva (2003, p. 30), é “armadilhada”. Para o autor, percebê-la dessa forma não a condena ao fracasso, mas sim direciona nossa atenção para que possamos reconhecer as características da relação e as armadilhas nela existentes. Para ele, “evocar a relação escola-família como uma relação armadilhada significa, tão-só, alertar para a variedade de potenciais efeitos perversos que ela encerra” (SILVA, 2003, p. 378). Nesse sentido, a possibilidade de perceber a vinculação família-escola através desse prisma nos facultava uma

visão menos superficial, um investimento mais profundo em sua análise e, por conseguinte, uma ação mais ajustada na prática, gerando assim, nas palavras do autor, a oportunidade de “uma relação desarmadilhável” (SILVA, 2003, p. 386).

A incidência do tema em diversificados estudos pelo mundo não esgota as indagações acerca do caminho que está sendo construído para se estabelecer uma boa relação entre família e escola. Na realidade, essa ubiquidade aponta para a relevância de trazer o tema para a arena de pesquisa.

Diante desse cenário, este trabalho busca ampliar o diálogo acerca do tema coeducação na realidade da EMPTF e, para tanto, na próxima seção apresentaremos o percurso metodológico estabelecido para esta pesquisa, por meio do qual buscamos desvendar nossa questão de investigação, a fim de ampliar e instrumentalizar práticas gestoras e ações institucionais que fomentem um regime de colaboração em favor do processo educacional vivenciado pelo discente.

3.2 PROPOSTA METODOLÓGICA

Este trabalho é uma pesquisa qualitativa, do tipo estudo de caso, que busca responder à seguinte questão de investigação: quais práticas gestoras podem fortalecer o vínculo e a colaboração entre família e escola na instituição em análise de modo a beneficiar o processo educacional? Para responder a esse problema de pesquisa, usamos como instrumentos a pesquisa documental, o levantamento bibliográfico e as entrevistas exploratórias semiestruturadas. Para consolidarmos o caso de gestão aqui abordado, também consideramos a vivência profissional na instituição.

A pesquisa bibliográfica foi de notória importância no decorrer do levantamento documental frente ao universo de aspectos disparadores para delinear este trabalho, colaborando para o direcionamento da coleta de evidências documentais que caracterizou o primeiro momento deste trabalho. Após uma detalhada caracterização da instituição e de aspectos que tipificam e qualificam a escola em estudo, a entrevista exploratória mostrou-se pertinente para evidenciar eixos de análise que estivessem em consonância com o tema central da pesquisa.

Lüdke e André (1986) apresentam a entrevista como um importante instrumento para a coleta de dados da pesquisa, relatam que o instrumento é “uma das principais técnicas de trabalho em quase todos os tipos de pesquisa utilizados nas ciências sociais.” (LÜDKE;

ANDRÉ, 1986, p.33). Os autores defendem que a técnica permite a coleta pontual e rápida da informação desejada e:

Pode ser de enorme utilidade para a pesquisa em educação. É preciso, para tanto, conhecer os seus limites e respeitar as suas exigências. De início, é importante atentar para o caráter de interação que permeia a entrevista. Mais do que outros instrumentos de pesquisa que em geral estabelecem uma relação hierárquica entre o pesquisador e o pesquisado. (LÜDKE; ANDRÉ, 1986, p.33).

Após a realização das entrevistas, os dados coletados foram analisados e separados em temáticas, de acordo com as informações observadas nas perguntas e/ou respostas. Esses eixos de análise serão descritos aqui com auxílio dos excertos das entrevistas, analisados e apresentados à luz da bibliografia selecionada. Dessa maneira, teremos articulado, de forma síncrona, o referencial teórico, os dados e as reflexões acerca da temática deste trabalho, sem perder de vista a intencionalidade de subsidiar o plano de ação, que será apresentado no próximo capítulo.

A decisão pelas entrevistas como instrumento de pesquisa foi adotada por entendermos que tais dados poderiam corroborar o melhor balizamento do caso de gestão. Dessa forma, ao direcionar nosso olhar para a comunidade escolar, elegemos os grupos de gestores, professores e responsáveis para compor o público entrevistado. Apesar de entendermos que comunidade, funcionários e alunos também são importantes no universo escolar, estes foram excluídos da fase de coleta de dados. Reconhecemos a importância desses grupos e as potenciais colaborações, mas foi necessário estabelecer limites ao escopo do trabalho, tendo em vista também as limitações impostas pelo isolamento social vivenciado nos anos de 2020 e 2021, entre outros fatores. Por exemplo, a criação de uma nova etapa para o processo de autorização dos responsáveis pelos alunos menores foi um fator decisivo para descartar a participação desses alunos. Tais fatores se aliaram ao foco principal, que é a presença da família no processo educativo.

3.2.1 Instrumentos de pesquisa

Em decorrência do cenário de pandemia do novo coronavírus que se iniciou no ano de 2020, o município de Juiz de Fora, cidade onde a pesquisa se concentra, passou a atender à recomendação sanitária de isolamento social e profissional a partir de março do mesmo ano. A prefeitura decretou a suspensão das atividades presenciais nas escolas do município por meio

do decreto nº 13.893 de 16 de março de 2020, que dispõe sobre as medidas preventivas para enfrentamento da emergência de saúde pública de importância internacional decorrente do novo coronavírus e dá outras providências. Essa restrição total de contato seguiu até o mês de setembro de 2021, quando se iniciou uma flexibilização gradual do distanciamento, tendo em vista a atualização das recomendações sanitárias pelos órgãos municipais.

No período que compreende a data de início do decreto nº 13.893 e o início do mês de maio, os alunos da rede municipal tiveram, acerca da continuidade do trabalho escolar, apenas a informação da suspensão por parte dos meios governamentais. Tal informação só foi superada no dia 20 de maio, quando a Prefeitura de Juiz de Fora (PJF), através da SME, criou o projeto *Cadinho de Prosa*, que tem por intenção sugerir alternativas que possibilitem práticas e ensinamentos significativos para bebês, crianças, jovens e adultos agregados à rede municipal de educação de Juiz de Fora por meio de matrícula nas escolas municipais e instituições parceiras (JUIZ DE FORA, 2021). Tal iniciativa foi implementada na EMPTF, no mês de junho, com a elaboração de atividades direcionadas aos alunos e apresentadas a eles por meio da rede social *Facebook*.

No decorrer do ano de 2020, os trabalhos transcorreram de forma remota e as atividades foram aprimoradas pelos professores a partir do direcionamento da SME e da organização da instituição. Também foi considerado, nesse processo, o retorno que os alunos deram às atividades propostas, buscando oferecer um atendimento educacional coeso e que permitisse igualdade de acesso aos alunos de toda a rede.

Em agosto, a EMPTF, para acessar seu alunado de maneira mais próxima, para além do *Facebook*, coordenou um grupo de professores que fizeram um levantamento junto às fichas individuais dos alunos e atualizaram os contatos telefônicos dos responsáveis. Tal contato foi importante no sentido de acolhimento das famílias no momento de isolamento social vivenciado desde março de 2020. Ao final de cada contato, a família informava um número de telefone que possuísse o aplicativo *WhatsApp*, para que as atividades remotas fossem repassadas aos alunos, facilitando o contato da escola com a família.

Tal listagem foi organizada a partir das ações desencadeadas pela instituição após a Portaria 4.212 de 11 de agosto de 2020, que regulamentou o Regime Extraordinário de Atividades dos professores e coordenadores pedagógicos que atuam nas escolas da rede municipal, no período de suspensão das aulas presenciais. O inciso I do artigo 2º dessa portaria nos traz, entre os objetivos, a seguinte conduta: “elaborar, coletivamente, um diagnóstico das formas de comunicação entre a escola e a comunidade para que as práticas, proposições e

atividades cheguem até as crianças, alunos e alunas da Rede Municipal de Ensino” (JUIZ DE FORA, 2020).

A partir do início dos envios das atividades, que foram previamente elaboradas pelos grupos de professores responsáveis por cada ano letivo, um contato mais próximo foi estabelecido com alunos e familiares. Uma das primeiras atividades enviadas foi uma pesquisa acerca da qualidade de acesso à internet. Nessa pesquisa, foi possível captar o contato de e-mails de 283 famílias, que responderam à pesquisa por meio do Google Formulários.

Paralelamente a esse processo, no grupo de *WhatsApp* dos profissionais da escola, foi realizada a captação dos e-mails atualizados dos professores e funcionários, de forma a facilitar o acesso ao Drive da escola, o envio de atividades e contato para reuniões remotas. Dessa forma, ampliaram-se também as possibilidades de acesso da pesquisadora à comunidade escolar, pois, naquele momento, a possibilidade de aplicação de questionários, por exemplo, teria um alcance de 283 famílias, 60 professores e oito funcionários.

A partir disso, decidimos realizar a coleta de dados de forma remota, por entender que as demandas apresentadas pelas famílias e pelos demais atores da comunidade poderiam colaborar de forma significativa para a afirmação do problema de gestão apresentado, além de subsidiar o plano de ação. Nesse sentido, foi estabelecida a ferramenta de entrevista semiestruturada para coletar os relatos de gestores, professores e familiares sobre o tema abordado na pesquisa, sendo utilizada a plataforma digital Google Meet para promover os encontros.

Por se tratar de uma conversa direcionada e coletiva, o instrumento possibilitou trazer um contato interpessoal que favorecesse o detalhamento das narrativas sobre a escola, apresentando não só uma riqueza de detalhes e percepções, mas, também, a possibilidade de investigar com mais precisão pontos positivos, demandas apresentadas e problemas percebidos. Essa proximidade favoreceu a construção de um cenário propício ao entendimento de um panorama mais próximo às particularidades da escola. Dessa forma, a escolha pela entrevista se sobrepôs à opção por questionários por apresentar a possibilidade de colher diferentes apreensões e mapear falas qualificadas acerca da relação pesquisada.

Como já citado na apresentação deste capítulo, os grupos entrevistados estabelecidos foram: gestores, entre os quais estão diretor, vice-diretora e coordenadora; professores, divididos de acordo com os segmentos Educação Infantil, anos iniciais do Ensino Fundamental (EF) e anos finais do EF; docentes que atuam em projetos e familiares de alunos dos segmentos já mencionados. Dessa forma, definimos 8 grupos com 3 entrevistados em cada. A definição

do quantitativo que compôs os grupos aconteceu de forma a estabelecer um número favorável ao diálogo harmônico e à contribuição de todos, sem tornar o momento extenuante. Tal investigação foi realizada com a função de reiterar e consolidar as evidências através de conteúdos de entrevistas com cada segmento, buscando apresentar a visão desses grupos sobre nosso problema de pesquisa. Esse levantamento também teve o intuito de caracterizar os espaços e práticas de colaboração entre família e escola percebidos pelos entrevistados.

Desta forma, elaboramos uma proposta de entrevista conjunta para os gestores, grupo composto pelo diretor, pela vice-diretora e por uma coordenadora. A coordenadora do turno da manhã não participou da entrevista por estar de licença médica no período da entrevista, cuja realização teve por intuito identificar a perspectiva da equipe gestora sobre a relação entre família e escola e seu impacto sobre o projeto educativo da instituição. Além disso, buscamos investigar ações que tivessem sido realizadas para promover essa integração e quais as fragilidades dessa relação.

A equipe dos docentes foi dividida em quatro grupos de entrevistados, que compreenderam os três segmentos de ensino e um grupo com professores de projetos. A separação por segmento permitiu uma maior organização didática dos grupos de trabalho e, segundo nosso entendimento, favoreceu o entrosamento entre os participantes, propiciando, a partir das perguntas disparadoras, fluidez nas respostas, visto que aqueles profissionais falavam de um lugar comum a eles. Cada segmento apresentou particularidades, desafios e contribuições próprias sobre a relação entre família e escola, ao mesmo tempo em que contribuiu para o todo, pois o processo educativo compreende um desenvolvimento gradativo e contínuo. Entendemos que, apesar das demandas diferentes, a contribuição de cada grupo impactou o todo. Desta forma, a decisão por incluir o grupo de professores de projetos teve a ver com o contato plural que esses docentes têm com alunos da escola e com o destaque atribuído a essa modalidade de atendimento educacional existente na instituição.

Inferimos que a perspectiva dos docentes incorporada em nosso trabalho trouxe importante contribuição à pesquisa, pois seu lugar de fala vem de um estreito contato com todos os atores envolvidos no processo educativo e a sua percepção sobre as relações no ambiente escolar se elabora a partir de um repertório especializado proveniente de sua formação profissional.

A composição dos grupos de docentes entrevistados foi organizada a partir de dois critérios base: tempo de escola e disponibilidade. Assim, priorizamos convidar aqueles profissionais que possuíam um período maior de vínculo institucional, por entender que eles

acumulam um rol de experiências que perpassam gerações de alunos, gestões escolares e municipais. Sobre a disponibilidade, consideramos o tempo disponível e o interesse pela participação na entrevista coletiva.

Ademais, outros critérios foram considerados em cada segmento, devido a cada um estabelecer uma relação singular com as famílias dos estudantes. Na educação infantil, por exemplo, entre os profissionais que estavam à frente das quatro turmas, convidamos, primeiramente, a professora AInf.⁷, que acumula muitos anos de vínculo com a escola, sendo uma das poucas professoras que estão na instituição desde 2001. Após a confirmação da professora AInf., convidamos a professora CInf., que esteve à frente do 2º período até o ano de 2019, acumulando um vínculo de 5 anos na educação infantil. Por fim, os demais professores vinculados foram convidados pelo grupo de *WhatsApp* da educação infantil, sendo que duas profissionais se apresentaram e a definição da terceira profissional a compor o grupo aconteceu devido à disponibilidade de horário apresentada por ela. Essa terceira profissional foi a professora BInf., que acumula 8 anos de experiência na área de educação infantil, sendo dois desses à frente das turmas de educação infantil na EMPTF.

Para compor o grupo de professores dos anos iniciais do ensino fundamental, ou seja, professores que estão à frente de turmas do 1º ao 5º anos do ensino fundamental, priorizamos tempo de vínculo, disponibilidade e um equilíbrio entre os anos. Em outras palavras, buscamos compor o grupo com uma professora vinculada às turmas de alfabetização, outra, do 5º ano, último ano a ser considerado nesse grupo, e a terceira, responsável por um ano intermediário entre os dois extremos considerados nesse grupo. A primeira professora a ter sido convidada foi a professora BInc., que está na escola desde o ano de fundação da escola e já passou pela educação infantil e todos os outros anos considerados nesse grupo e, há 5 ou 6 anos (não soube precisar) está trabalhando com o 5º ano. A segunda professora é a professora CInc., que desde 2009 acumula dois períodos de 4 anos de vínculo com a escola. O primeiro, de 2009 a 2012, quando esteve como contratada, e agora, desde 2018, em que está vinculada como efetiva no quadro de professores. Relata já ter passado pela educação infantil e demais anos do ensino fundamental (1º ao 5º ano), mas desde 2018 assume o 4º ano do ensino fundamental. Para

⁷ Neste capítulo designamos siglas aos entrevistados para omitir seus nomes e preservar o anonimato. Essa nomenclatura difere da do capítulo anterior dada a necessidade de identificar a qual segmento educacional cada participante está vinculado. Cada sigla é formada por uma das três primeiras letras do alfabeto, tendo em vista que cada grupo é formado por três pessoas. Além disso, no grupo dos responsáveis e dos professores, acrescentamos as abreviações Inf., Inc., F. e P., referentes aos segmentos de Educação Infantil, Anos Iniciais do Ensino Fundamental, Anos Finais do Ensino Fundamental e Projetos, respectivamente.

compor a terceira profissional desse grupo de entrevistadas, convidamos outras três professoras, sendo que a professora que efetivamente estruturou o grupo foi a professora AInc., que está vinculada à escola há três anos. As outras duas se apresentaram indisponíveis; uma relatou estar muito atarefada na semana cuja entrevista estava agendada e não ficar à vontade com a realização pela plataforma do Google Meet, dizendo que ficaria à disposição caso eu pudesse enviar as perguntas e ela, devolver posteriormente as respostas. A outra teve um compromisso de última hora e desmarcou.

O grupo de professores dos anos finais do ensino fundamental foi convidado levando-se em consideração, além dos aspectos gerais de disponibilidade e tempo de atuação, as áreas de ensino. Dessa forma, elegemos as áreas de língua portuguesa, matemática e ciências para direcionar os convites. As professoras responsáveis pelas disciplinas de língua portuguesa (professora BF.) e de ciências (professora CF.) prontamente aceitaram o convite e se colocaram à disposição. Já na área de matemática, o convite foi direcionado primeiramente ao professor Y., que questionou se a entrevista poderia não ser em grupo e, frente à negativa, informou não ficar à vontade de participar em grupo e se desculpou. Desta forma, foi convidada a professora AF., também da área de matemática, que apresenta 10 anos de vínculo com a escola.

O grupo de professores vinculados aos projetos foi composto pelos responsáveis da área de música, teatro e laboratório de aprendizagem. Além do tempo de vinculação e disponibilidade, também foi considerada a diversidade dos projetos.

De maneira semelhante ao grupo de professores, o grupo de responsáveis também foi organizado por segmento, por considerar a trajetória diferenciada de cada etapa de escolarização. Desta forma foram compostos três grupos de familiares, sendo eles: grupo de responsáveis pelos alunos da educação infantil, dos anos iniciais e dos anos finais do ensino fundamental. O convite foi direcionado a eles através dos grupos de *WhatsApp* de cada ano escolar. No convite seguiram as informações acerca da pesquisa, da entrevista e das datas pré-estabelecidas para realização. Após o primeiro convite, houve a necessidade de reiterá-lo algumas vezes até que os grupos estivessem completos. Uma das estratégias adotadas foi o envio do convite através do celular da escola, utilizando a linha de transmissão que a instituição tem com os responsáveis. Dessa forma, a mensagem chegou individualmente a cada contato cadastrado. Os grupos de responsáveis pela Educação Infantil e pelos anos iniciais do Ensino Fundamental foram os primeiros a estarem completos e contaram em sua totalidade com mães de alunos. Já o grupo de responsáveis por alunos dos anos finais foi o último a ser composto, conforme a ordem de apresentação de voluntários, e contou com dois pais e uma mãe.

Consideramos esse momento de recrutamento e, posteriormente, de entrevista com responsáveis um importante passo na trajetória da pesquisa, pois a percepção que as famílias têm do vínculo com a escola pode ajudar os gestores a aprimorar a relação família-escola-aluno para que o processo de aprendizagem seja influenciado pelas benesses dessa relação. Sabemos que a presença da família em cada ano escolar é distinta e que esse comparecimento acontece de formas variadas, mesmo na modalidade presencial, mas é necessário tanto na educação infantil, alfabetização, quanto nos anos finais do ensino fundamental.

No quadro abaixo, para melhor dimensionar o universo de entrevistados, apresentamos um compilado para elucidar os grupos participantes, a data em que ocorreram as entrevistas e a nomenclatura utilizada para cada participante de pesquisa, conforme a apresentação que acabamos de trazer.

Quadro 5 – Relação com grupos de entrevistados, datas e nomenclaturas

Grupo	Data da entrevista	Entrevistado	Nomenclatura
Gestores	20/11/2020	Gestora A	A
		Gestor B	B
		Gestora C	C
Professores da Educação Infantil	12/02/2021	Professora A	AInf.
		Professora B	BInf.
		Professora C	CInf.
Professores dos anos iniciais do Ensino Fundamental	26/11/2020	Professora A	AInc.
		Professora B	BInc.
		Professora C	CInc.
Professores dos anos finais do Ensino Fundamental	26/11/2020	Professora A	AF.
		Professora B	BF.
		Professora C	CF.
Professores de projeto	22/12/2020	Professora A	AP.
		Professora B	BP.
		Professora C	CP.
Responsáveis por alunos da Educação Infantil	13/02/2021	Responsável A	AInf.
		Responsável B	BInf.
		Responsável C	CInf.
Responsáveis por alunos dos anos iniciais do Ensino Fundamental	13/02/2021	Responsável A	AInc.
		Responsável B	BInc.
		Responsável C	CInc.
Responsáveis por alunos dos anos finais do Ensino Fundamental	17/03/2021	Responsável A	AF.
		Responsável B	BF.
		Responsável C	CF.

Fonte: Elaborado pela autora a partir dos dados das entrevistas e metodologia utilizada.

Ao serem convidados e também no momento inicial de cada entrevista, todos os participantes foram esclarecidos quanto aos objetivos da pesquisa, bem como quanto à

manutenção dos padrões de sigilo, firmando sua participação através de consentimento verbal no início da entrevista. Assim, o primeiro passo da entrevista foi a identificação da entrevistadora e de sua instituição de vínculo, seguida das orientações gerais, seus objetivos e intenções, assim como o questionamento se o sujeito está de acordo em colaborar com a pesquisa. O segundo passo foi a apresentação das perguntas uma a uma, de forma que os entrevistados ficassem à vontade para responderem livremente, cada um em seu tempo, às perguntas apresentadas.

As questões abordadas, que fomentaram a entrevista, têm o propósito de identificar os entraves que têm distanciado as famílias dos educandos da gestão da escola em questão, assim como examinar a percepção desses atores educacionais acerca da relação entre família e escola e dos impactos dessa parceria no processo educativo. Tais questões têm o objetivo de buscar informações junto aos gestores, professores e responsáveis pelos alunos a respeito do tema da pesquisa, para que esses dados possam ser analisados, contribuindo para a construção de um plano de intervenção que busque garantir que o processo educativo se beneficie da integração da família à escola. Os roteiros das entrevistas se encontram no Apêndice A desta dissertação.

3.3 ANÁLISE DE DADOS

A partir dos dados das entrevistas, temos consolidado o nosso caso de gestão e daremos seguimento apresentando os eixos de análise que destacamos, não por considerá-los únicos, mas sim por destacá-los frente à nossa questão de investigação. Apresentaremos fragmentos das falas presentes nas entrevistas que subsidiaram a definição desses blocos de análise. Nesse momento, o referencial bibliográfico terá a intenção de guiar o repertório analítico dos dados.

Os eixos foram estabelecidos a partir da escuta de elementos significativos apresentados nas entrevistas, a partir dos quais temos os seguintes eixos de análise: 1) A percepção dos participantes sobre a relação família-escola na instituição em estudo; 2) Os principais entraves ao fluxo positivo na relação família-escola; 3) As ações para fortalecer a relação família-escola. A seguir, traremos os dados que já foram gerados e os analisaremos à luz do referencial teórico.

3.3.1 A percepção sobre a relação família-escola

Nesta seção apresentaremos um retrato da relação família-escola a partir das entrevistas. Tal temática apareceu em momentos e entrevistas distintos e foi considerada importante ponto

de convergência do recorte da comunidade escolar desta pesquisa. Dentre os pontos abordados pelos entrevistados, analisamos o que eles falaram sobre atividades cotidianas, reuniões, festas e eventos, assim como sua receptividade, pontuada como uma característica marcante da relação entre essas instâncias.

Os gestores, ao serem questionados sobre a percepção deles acerca do vínculo entre a instituição e a família, relataram experiências positivas e um posicionamento proativo dos responsáveis. Os três gestores entrevistados têm suas falas alinhadas ao considerar que os pais daquela comunidade escolar valorizam a educação, o que facilita um diálogo frutífero com a família sobre diretrizes da escola, desenvolvimento pedagógico e dificuldades do cotidiano, por exemplo.

A gente atende a uma comunidade em que os pais, eles dão muito valor à educação [...]. A grande maioria deles são presentes na vida escolar dos filhos [...]. Participam de reuniões, procuram a escola, [...] são pais que, além de interessados, eles conhecem os direitos também, né? Porque eles vêm à escola não só pra saber o que tá acontecendo, mas também pra cobrar. Muitas vezes a gente tem cobrança dos pais, porque eles sabem o que é de direito dos filhos, né? Ele vem questionar, [...] tentar entender algumas coisas. (GESTOR B, em entrevista com os gestores no dia 20/11/2020).

O diretor relata que assumiu a gestão em 2015, mesmo ano em que a coordenadora entrevistada integrou a equipe escolar. Ambos relatam que, já na primeira reunião, foram surpreendidos pelo número de participantes, pois haviam se programado para receber os pais na sala de vídeo, que comporta em média 100 pessoas, e, no entanto, precisaram rever o planejado, pois a sala não comportaria o número de familiares que comparecera. Outro fato que a coordenadora julga como evidência do envolvimento do grupo de familiares é a presença de um número considerável de alunos de outros bairros, que, na análise dela, têm um esforço maior de deslocamento para estar na EMPTF, escola que eles desejam para os filhos. Os entrevistados avaliam como expressiva a participação das famílias ao compararem-na a outras instituições de seu conhecimento. Em um relato pontual, o diretor fala com satisfação que a presença da família redefiniu sua preocupação, que antes era trazer os pais para a escola e passou a ser a manutenção dessa família na instituição: “eles estão aqui, né? Então, o desafio agora é mantê-los aqui. Se o nosso desafio era trazer, agora o desafio é outro, agora o desafio é manter. E a gente sempre pensa nisso, né? Como fazer pra manter esses pais, né?” (GESTOR B, em entrevista com os gestores no dia 20/11/2020).

Apesar de o gestor expor tal situação, entendemos que, ao programar uma reunião geral, seja para apenas um turno ou para ambos, o que não foi delimitado em sua fala, e considerando

uma sala com capacidade para 100 pessoas, a gestão subestimou a presença dos familiares nesse momento de diálogo que é tão caro ao processo educacional e largamente defendido na literatura. Ressaltamos que deve haver um esforço em prol do acolhimento e do respeito às demandas particulares dos pais que têm dificuldades de comparecer em determinados horários, para que um maior número de estudantes seja beneficiado com a presença de seus responsáveis na escola.

Como sinalizado no excerto acima, os gestores anunciaram que haveria uma predisposição das famílias a se integrarem ao ambiente escolar, sobre as quais eles sinalizam boa participação. Percepção que também aparece na fala da gestora A, como destacamos:

A gente tem um feedback das famílias, [...] é um retorno muito positivo. Lógico que existem as exceções, a gente tem [...] algumas situações que o convívio não é fácil, mas esses são pontuais. De uma forma geral, as famílias são presentes, as famílias atuam, tipo assim, quando tem qualquer tipo de problema com aluno ou quando a gente precisa, né? Chamar a família pra escola, a gente tem esse retorno. (GESTORA A, em entrevista com os gestores no dia 20/11/2020).

Ao comparar a fala dos gestores aos dados coletados no processo de levantamento de evidências, observamos que os relatos dos gestores são contrastantes aos registros da Tabela 1, apresentada no capítulo 2, a qual apresenta o número de responsáveis em duas reuniões de pais no ano de 2019. Assim, observamos que tais relatos são fundamentados na vivência dos entrevistados e não em dados.

Entendemos que boa participação é uma avaliação subjetiva assumida pela gestão, já que se baseia na vivência deles enquanto diretores e coordenadora. Podemos perceber que, inclusive a exemplo da reunião de pais ocorrida no início de 2015, a expectativa que tiveram para a reunião de pais foi baixa, pois a sala pensada para receber os responsáveis comporta 100 pessoas, sendo que o universo de alunos daquele ano, conforme já apresentado no Quadro 2, era de 517 alunos.

De qualquer modo, mesmo considerando a vivência dos gestores, a presença pontual dos responsáveis não significa necessariamente que eles estejam envolvidos no processo educativo. Um exemplo disso foi identificado nas entrevistas com os gestores e docentes, diante do questionamento de como avaliavam o acompanhamento que as famílias ofereciam aos alunos em deveres e trabalhos escolares para casa. Acerca dessa questão, a professora do Laboratório de Aprendizagem (LA) respondeu categoricamente que o acompanhamento é

quase nulo e apresentou algumas hipóteses do que levaria a essa ausência do responsável no processo de aprendizagem:

Há uma grande maioria que não consegue dar esse suporte pro filho. Ou por falta de conhecimento, ou por falta de tempo, ou por falta de interesse, [...] tem muitos pais jovens e eu acho que, como eles são jovens, eles ainda estão muito perto da escola que eles frequentaram, assim, de idade, então eles não criaram uma maturidade suficiente pra entender a importância da escola, [...] às vezes, a escola não teve aquela importância pra eles, então eles jogam isso no filho, eles veem a escola como um depósito de criança. (PROFESSORA AP., em entrevista com os professores vinculados aos projetos no dia 22/12/2020).

Como defendemos neste trabalho, a coeducação deve se fazer presente no processo de aprendizagem e nas atividades diversas propostas no decorrer do ano letivo, sendo o acompanhamento da família essencial na orientação e no suporte para a execução do dever de casa pelo aluno, por exemplo. Na próxima seção, discutiremos as dificuldades de alunos e familiares com as atividades domiciliares, uma vez que elas são uma ferramenta para o fortalecimento da relação família-escola.

Retomando as considerações sobre reuniões escolares, reconhecemos que esse momento está estabelecido não só na legislação como na compreensão dos responsáveis, que apresentam tal momento como uma reconhecida iniciativa da escola para contatá-los. Na entrevista dos responsáveis por crianças dos anos finais, diante da pergunta sobre os assuntos que levam a escola a procurar os pais, os entrevistados ficaram em dúvida em um primeiro momento, levantaram hipóteses com os temas comportamento e nota, até que um dos responsáveis apontou a reunião como sendo um dos momentos em que a escola os procura, havendo um consenso imediato dos outros participantes. A partir disso, iniciaram relatos pessoais acerca de reuniões em que estiveram envolvidos, despertando lembranças positivas nas quais o diálogo proposto ampliou o entendimento das partes, mesmo quando existia um ponto que a princípio trazia divergência e descontentamento. No trecho abaixo, o responsável menciona um episódio em que foi chamado pela escola e comenta sua reação:

Eles mandaram um recado pra mim [...], precisavam conversar comigo. Aí eu fiquei assim, né? Falei: “pronto, vem alguma coisa aí”. Aí acabou que aquela coordenadora, né? [...], eles queriam saber o que estava acontecendo... que a professora tava preocupada porque o B. era muito carente, entendeu? Que ele sempre ficava falando com ela, beijando, abraçando... se tinha algum problema em casa. [...] Aí a gente começou a conversar: eu, essa professora e a coordenadora. (RESPONSÁVEL AF., em entrevista com os responsáveis dos alunos dos anos finais no dia 17/03/2021).

O relato do pai expressa uma reação inicial de preocupação diante do chamado da escola, ao dizer “pronto, vem alguma coisa aí” em tom de tensão. Essa expectativa foi sendo diluída no contato com a escola quando o pai percebeu que não era uma reclamação sobre o aluno, e sim uma tentativa de esclarecer as circunstâncias relacionais da criança. A partir do diálogo, o chamado da escola se revelou ao pai como uma ação construtiva de colaboração entre família e escola.

No decorrer da entrevista, na sequência da pergunta que acabamos de citar, foi feita a pergunta no sentido oposto: quais assuntos os levavam a procurarem a escola. Em entrevista com os responsáveis por alunos da educação infantil no dia 13/02/2021, a responsável BInf. expôs sua percepção acerca do acolhimento e receptividade de suas colocações individuais quando procurou a escola:

Eu cheguei a procurar a escola pra conhecer [...] e eu fiquei surpresa porque todas que eu fui não deixaram eu conhecer. E essa foi a única que abriu a porta [...], me levou pra conhecer a sala, me levou pra conhecer a biblioteca, o lugar da refeição, o parquinho e assim, eu fiquei muito, muito grata, porque deixa a gente menos preocupado, né? E eu vi que a escola [...] era segura, então eu achei isso muito incrível, muito incrível. Ela tirou um tempo dela que eu sei que ela tava abafada e ela me mostrou a escola, né? E também, eu procurei a escola pra falar sobre as questões religiosas do B. e eu fui muito bem atendida, conversei com a professora, conversei com a coordenadora, e conversamos assim, foi muito bom a conversa, fui muito bem atendida, né? E respeitada, né? Devido às nossas crenças [...], eu vi que na prática isso aconteceu também, né? Não foi só: “ah, não, pode deixar, a gente entende, a gente sabe, a gente...”, não foi só de boca, foi na prática também. [...] Então, foi nesse tempo, né? Nessas duas questões que eu tive que procurar a escola, eu fui muito bem recebida e muito bem respeitada. (RESPONSÁVEL BInf., em entrevista com os responsáveis pelos alunos da Educação Infantil no dia 13/02/2021).

Embora a entrevistada não tenha detalhado a questão religiosa envolvida, notamos a sensibilidade da escola com a individualidade daqueles pertencentes à comunidade escolar.

Para além da questão apresentada acerca do atendimento individual, observamos também as particularidades entre os diferentes anos escolares. Se na educação infantil temos a insegurança dos pais e dos alunos por estarem vivendo uma nova experiência, no decorrer do ensino fundamental outras situações peculiares a cada ano escolar são específicas e distintas, sejam elas de cunho coletivo ou individual, as quais merecem atenção. Abaixo, trazemos um trecho da entrevista com o grupo de pais dos alunos dos anos finais do ensino fundamental, no qual a responsável CF. fala do momento em que foi à escola após receber um comunicado:

[...] Não costumo ir muito na escola, e eu procurei o ano passado quando a minha filha repetiu de ano. Foi a pior sensação da vida [...], eu fui chamada lá porque ela não passou, né? Aí eu fiquei bem, bem abalada. [...] A gente tem que ter um acompanhamento de perto e, assim, eu sou divorciada. É eu e ela. Então, eu tava trabalhando e ela em casa, e eu não tinha como monitorar. (RESPONSÁVEL CF., em entrevista com os responsáveis dos alunos dos anos finais no dia 17/03/2021).

Ao ampliarmos o entendimento coletivo acerca das dificuldades cotidianas das famílias, salientamos que mecanismos de comunicação e orientação podem auxiliar pais e instituição escolar no sentido de aperfeiçoar o acompanhamento e a orientação pedagógica no decorrer do ano letivo. Paro (2000) aponta duas dificuldades comuns entre os responsáveis: a falta de tempo para acompanharem o processo educativo dos filhos e a dificuldade de entendimento da linguagem institucional adotada. O autor faz ainda uma crítica à falta de ação institucional para a resolução desse problema, relatando o exemplo de uma professora de educação infantil que propôs atividades domiciliares que demandavam o auxílio dos responsáveis e valorizavam o vínculo com o processo educativo.

De forma análoga, Silva (2014), ao analisar os impactos das diferenças socioculturais entre o mundo escolar e o mundo do aluno, apresenta a constatação de que o relacionamento entre família e escola “é ainda uma relação entre códigos sociolinguísticos, entre o *código elaborado* da escola e o *código restrito* de um grupo socialmente dominado. Na prática, isto traduz-se em frequentes situações de in-comunicação e de equívocos, mesmo que inintencionais” (SILVA, 2014, p. 416, grifo do autor).

Nesse sentido, entendemos que, se conduzido dentro dos princípios educacionais legais, o compartilhamento de práticas que respeitem as demandas e características das famílias propiciará a participação das famílias no processo educativo, permitindo que a iminência de situações como a citada no excerto acima seja percebida e trabalhada em conjunto entre família e escola antecipadamente, de forma que o aproveitamento pedagógico do aluno seja a prioridade, para além de sua presença na escola. Apesar de entendermos que no episódio relatado houve o cuidado de chamar a responsável para tratar da reprovação da aluna em uma reunião individual e personalizada, acreditamos que o conhecimento mais pormenorizado do cotidiano escolar, por parte dos responsáveis, pode facilitar ações prévias acerca de determinados assuntos, como a ocorrência de baixo rendimento escolar nos primeiros bimestres.

Outro tópico a ser considerado com potencial para exaltar a parceria entre família e escola é a importância de se trazer ao debate uma possível dificuldade percebida entre esses

entes para tratar do processo educacional como um tema em construção contínua, ou seja, um tópico que precisa frequentemente estar em pauta, em momentos corriqueiros ou em espaços regulamentares, como as reuniões pedagógicas e de pais. Nos relatos dos entrevistados, o processo educacional de aprendizagem não é o foco das reuniões, e isso fica evidente na fala dos pais e dos profissionais. De modo geral, há uma visão e preocupação com o resultado. Na entrevista com os professores de projetos, a entrevistada BP. traz uma percepção sua acerca de um episódio ocorrido no ensino remoto, na oportunidade em que todos os alunos passaram a ter contato com os projetos através do bloco cultural que foi instituído para que os professores de música, teatro, dança e informática, com matrículas vinculadas aos projetos e jornada estendida, organizassem o contato dos alunos com essas áreas do conhecimento. Os responsáveis por tais áreas dialogaram entre si desde o planejamento das atividades e cada professor ficou responsável por prestar assistência a um grupo de alunos, por um determinado período, havendo a rotatividade dos professores pelas turmas no decorrer do ano escolar. Fruto dessa nova experiência, na qual todos os alunos do ensino fundamental passaram a ter contato com essas áreas do conhecimento, a professora BP. relata:

A gente tem visto agora [...] que o ensino remoto tá atingindo alunos que não são nossos alunos, [...] eles estão realmente se empenhando em fazer e tem alguns alunos do 8º ano, por exemplo, que eu já perguntei: “[...] por que que vocês não fazem teatro?” Aí eles falam: “[...] a minha mãe não acha útil.” Ou então: “[...] eu não tenho interesse realmente em teatro.” Ou então: “eu tenho muita vergonha, então prefiro nem tentar.” E assim vai. Então eu acho que [...] o que impede essa correlação entre família, processo educativo e rendimento escolar dentro do projeto de teatro, por exemplo, vem mais dessa falta de querer ou de entendimento dos pais, mas, quando tem esse querer e esse entendimento, vem mais pra essa questão de cena: “meu filho vai apresentar quando? Que horas? E eu quero ver meu filho lá na frente.” (PROFESSORA BP., em entrevista com os professores vinculados aos projetos no dia 22/12/2020).

Nesse trecho da entrevista percebemos, como relatado pela professora, uma falta de compreensão das benesses das artes cênicas, por exemplo, ao crescimento educacional do aluno. O entendimento sobre cada disciplina, sobre o impacto de cada ação educacional poderia colaborar para que uma área de conhecimento não fosse privilegiada ou abandonada pelos discentes e/ou familiares.

Paro (2016), ao defender o estabelecimento de padrões educacionais mínimos de qualidade, traz sua contribuição acerca de uma avaliação de resultados que considere o

andamento do processo e que permita ajustes, levando em consideração a comunidade escolar como partícipe desse processo. O autor defende:

É preciso, pois, criarem-se mecanismos institucionais que avaliem, e avaliem bem, não apenas o desempenho do aluno, mas todo o processo escolar, tendo também os pais e os estudantes como avaliadores, pois eles são os usuários da escola e seus interesses é que devem ser levados em conta na identificação dos problemas e no levantamento das soluções (PARO, 2016, p. 114-115).

Percebemos a necessidade de utilizar os espaços de contato e de reflexão, como a reunião de pais, para trazer uma partilha entre família e escola acerca do processo de aprendizagem e a importância do entrelaçamento das áreas de conhecimento. Na próxima seção, aprofundaremos a discussão sobre essa visão limitada do processo educativo que, a nosso ver, acarreta um entrave na relação entre família e escola, trazendo prejuízos ao potencial de coeducação.

Como já citamos, Oliveira e Mariotini (2016) alertam para o esvaziamento da presença dos pais percebido no ambiente escolar, cenário oposto ao que defendemos neste trabalho enquanto prática de colaboração. Esse problema que cresce com o avançar dos anos escolares é justificado pela responsável C, em entrevista com os responsáveis dos alunos dos anos finais, devido a suas obrigações profissionais e por ter apenas um responsável na residência e no acompanhamento da aluna. Contudo, segundo o apontamento dos professores, é uma prática frequente que compromete o desenvolvimento pedagógico do aluno: apesar de reconhecerem os limites estabelecidos pelos demais aspectos da vida dos responsáveis, acreditam ser necessário um esforço para transformar essa realidade. Diante da pergunta feita aos professores acerca da relação identificada por eles entre família, processo educativo e rendimento escolar na instituição em estudo, a professora BF., do Ensino Fundamental II, reconhece que família e escola precisam caminhar juntas. Sobre essa questão, ela faz um alerta sobre o quanto as crianças precisam de suporte em sua caminhada escolar:

Eu tava até conversando com as professoras no grupo e a gente percebe, às vezes, que o aluno vai com a mochila pra casa, joga num canto e no outro dia pega a mochila do jeito que deixou, chega na escola e parece que ninguém olhou, né? Que o dever de casa ninguém olhou, ele não fez. [...] Enquanto escola aí vem a nossa cobrança, que aí é árduo, é difícil, você cobra, pede, aí você chama pai, aí o pai vem, aí você vê que eles tentam melhorar, mas, assim, é isso que eu falei que tá diferente, porque hoje em dia parece que a criança... nem sei se tão exagerada... aprendeu a falar, andar, tomar banho sozinha, aí faz tudo sozinha, né? E não é, né? Criança, ela ainda precisa da orientação, do direcionamento da família. Eu sinto muita falta. A gente vê nítido: o aluno que

não tem o apoio da família, tem uma certa dificuldade. (PROFESSORA BF., em entrevista com os professores dos anos iniciais do ensino fundamental no dia 26/11/2020).

Na dinâmica da entrevista, a professora CInc. complementa essa resposta, relatando a importância de cada ente entender a definição de papéis nessa relação:

A criança de 4º, 5º ano, eles ainda não têm nível maturacional pra estar, né? Estudando sozinho, se organizando sozinho... precisam da escola. Não é aquele repasse pedagógico, como muitas vezes a gente escuta em palestras, que a escola não pode jogar a responsabilidade pedagógica pra cima dos pais. Não é isso que nós queremos. Nós queremos parceria pro desenvolvimento da criança, pro desenvolvimento do aluno. (PROFESSORA CInc., em entrevista com os professores dos anos iniciais do ensino fundamental no dia 26/11/2020).

A menção a essa característica dos responsáveis de deixarem por conta dos filhos a execução de tarefas relacionadas à continuação dos estudos em casa também se fez presente no decorrer da entrevista com os professores dos anos finais do ensino fundamental. Ao comentarem o vínculo percebido entre a escola e as famílias dos alunos na instituição em estudo, a professora AF. relata: “eles não são assim de estar muito na escola, a não ser que ocorra alguma necessidade de estarem lá pra resolver alguma situação no cotidiano da escola com relação aos seus filhos e aos alunos” (PROFESSORA AF., em entrevista com os professores dos anos finais do ensino fundamental no dia 26/11/2020).

Ao falarem que o vínculo entre família e escola é mais presente nos anos iniciais do ensino fundamental e que muitos pais de adolescentes deixam os estudos sob a responsabilidade do aluno, as entrevistadas discutem acerca de um percentual que represente o vínculo percebido por elas e chegam a um consenso, segundo a percepção das três, que varia entre 40% e 50% o percentual de famílias participativas, que apresentam interesse no que acontece na escola e nas atividades dos filhos. No entanto, tal percepção não se reproduz nos dados coletados e apresentados na Tabela 1, apresentada no capítulo anterior.

Se tomarmos como base a amostra das duas reuniões de pais analisadas na Tabela 1, constatamos que, na primeira data, apenas uma turma contou com 40% das presenças de responsáveis e, na segunda data, que foi um número mais elevado, 8 turmas receberam mais que 40% dos responsáveis. Tal cenário nos traz a reflexão de que o número de famílias presentes em reuniões é um dado passível de quantificar, mas, como já citamos anteriormente, não representa o envolvimento com a aprendizagem propriamente dito. Todavia, entendemos essa ação como uma atitude de proximidade, que poderá ser utilizada para envolver a família no

processo educativo, bem como para ser um espaço formativo de instrumentalização dessa família acerca de seu potencial colaborativo. Lück (2018) defende a busca por um clima de confiança e reciprocidade na instituição escolar entre os profissionais:

A confiança e a reciprocidade entre os membros de uma equipe constituem condição essencial para o bom funcionamento de uma unidade social de trabalho, caracterizada a partir do desenvolvimento da ética entre os companheiros de trabalho e do espírito de credibilidade. Sem tais condições, o que se tem é um grupo de pessoas que atua desarticuladamente, sem serem efetivas na ação educacional. (LÜCK, 2018, p. 92).

Em nossa análise, o entendimento da necessidade dessa confiança e reciprocidade entre os educadores deve extrapolar para toda comunidade escolar, de forma especial, os responsáveis.

Já a reflexão sobre o envolvimento aprofundado com o processo educativo aparece no relato da professora AF., que confirma a percepção de que a presença nas reuniões de pais não é necessariamente um sinônimo de envolvimento pedagógico. Na evolução da conversa sobre a presença dos responsáveis, a professora CF. observa que:

[...] A presença dos pais nessas reuniões é justamente aqueles pais dos quais os alunos são mais produtivos. [...] É... mais disciplinados. Aqueles que a gente realmente precisa da presença, da atuação... esses quase nunca aparecem. É igual a AF. falou. [...] São os casos que a gente tem que fazer uma convocação mesmo, né? Pra chamar esses pais, porque... pra resolver algum problema mais sério, e isso quando aparece, né? (PROFESSORA CF., em entrevista com os professores dos anos finais do ensino fundamental no dia 26/11/2020).

No mesmo sentido, a professora BF. complementa que tal ocorrência também se faz presente em outros eventos da escola, inclusive festas:

Eu acho que é exatamente isso que ocorre. Os meninos que são mais produtivos, mais eficientes [...] na disciplina, na escola, e no comportamento, e tudo, os pais são mais presentes [...]. Tanto em reuniões quanto nas feiras, quanto nas festas que a escola faz são sempre os mesmos, e aqueles que requerem mais dificuldades, mais atenção, os pais são muito ausentes. Eu acho que até... eu arrisco em dizer que os meninos são mais proficientes nas disciplinas justamente porque os pais se fazem mais presentes. Então, eu acredito que essa mesma cobrança que [...] existe [...] dentro de casa e faz com que o menino seja mais proficiente, né? Agora, porque os outros que têm mais dificuldade, que a gente tem que gastar, mandar os pais na escola, ou ter que estar cobrando, passando bilhete, em caderno e tudo... são ausentes e que os meninos demonstram mais dificuldade com as disciplinas. (PROFESSORA

BF., em entrevista com os professores dos anos finais do ensino fundamental no dia 26/11/2020).

Na narrativa presente no grupo de professoras dos anos finais do ensino fundamental, observamos um entendimento comum entre elas quanto à importância da integração da família ao processo educacional e ainda uma percepção de senso comum acerca de uma ausência dos responsáveis cujos filhos são rotulados como “problemáticos”, seja por baixo rendimento ou questões comportamentais. Para além da ausência percebida, é necessário ampliar a compreensão sobre os motivos que podem estar mantendo esses responsáveis afastados da escola. Silva (2014), a partir de uma diversidade de resposta ao questionamento sobre os motivos do afastamento dos pais da instituição escolar, pontua quatro aspectos principais ponderados na fala dos responsáveis: um conceito pré-estabelecido sobre os motivos que levam a escola a solicitar sua presença, baseado em uma experiência anterior negativa que os desestimulou a comparecer novamente; a dificuldade de conciliar horários, mesmo que o autor entenda que essa justificativa não seja compatível com a flexibilidade manifestada pela escola; “outros, ainda, afirmavam não entender a linguagem dos professores; finalmente, havia os que tinham a humildade de confessar que nem sabiam falar como outros pais que iam às reuniões” (SILVA, 2014, p. 419). Tal compreensão requer sensibilidade e atenção para o necessário cuidado ao reivindicar essa presença pontual, pois esse distanciamento pode representar, assim como o autor constatou em sua pesquisa, uma resistência da família para lidar com as suas dificuldades e/ou as do aluno.

Nas entrevistas de todos os grupos, recorrentes vezes apareceram comentários sobre a experiência do ensino remoto emergencial. O ano de 2020 foi marcado pelo início de uma pandemia e desencadeou situações não programadas na vida escolar e social de toda a comunidade, mas a administração municipal, a direção e os professores se organizaram para estabelecer contatos com os estudantes e seus familiares, como já relatado no início deste capítulo. Posteriormente, esses contatos seguiram através das atividades propostas, de cunho pedagógico, recreativo e questões informativas, de sondagem e administrativas. Tal panorama trouxe à arena de discussão as perspectivas, dificuldades e, até mesmo, aprendizados derivados do ensino remoto.

Nesse contexto, ficou mais evidente uma concepção de ensino focada no resultado, comum entre os atores envolvidos no processo educativo mesmo antes da pandemia. A seguir, trazemos alguns apontamentos que se destacaram nas entrevistas por incitar a reflexão de

agravamento dessa concepção durante o ensino remoto. Tal questão apareceu na fala da entrevistada BP., do grupo de professores de projetos:

Os pais sabem que a escola abraça projetos artísticos [...], porém [...] ainda não conseguem ver utilidade nisso, [...] não tem nota, isso não vai fazer passar de ano [...]. Ou então, além de não ver questão de utilidade, [...] por não ter esse conhecimento, essa relação pedagógica e artística, realmente: “ah, não quero fazer.” (PROFESSORA BP., em entrevista com os professores vinculados aos projetos no dia 22/12/2020).

A falta de entendimento acerca dos benefícios diretos e indiretos dos projetos manifestada no excerto acima ocasiona uma visão limitada dos propósitos mais amplos dos programas e do processo educativo. Essa visão está em contraste com as diretrizes educacionais defendidas na legislação vigente. A formação educacional abrangente é pautada na Constituição Federal (BRASIL, 1988), na LDB (BRASIL, 1996) e na BNCC (BRASIL, 2017) como uma marca normativa imprescindível ao propósito de formação integral preconizado para a educação. A BNCC, ao tratar do componente arte, menciona os diferentes movimentos e vivências culturais mobilizados em sua abordagem e aponta que tal campo de conhecimento favorece a visão ampla dos estudantes sobre a experiência educacional: “do ponto de vista histórico, social e político, propicia a eles o entendimento dos costumes e dos valores constituintes das culturas, manifestados em seus processos e produtos artísticos, o que contribui para sua formação integral” (BRASIL, 2017, p. 196-197).

Nesse mesmo sentido, Paro (2000) fala que o questionamento da qualidade da educação está comumente associado ao não ingresso no ensino superior e à falta de preparação do aluno para atividades laborais. No entanto, alerta que tal conceito traz uma limitada discussão acerca da educação, que “a escola, como *locus* da educação sistematizada, não pode passar ao largo do próprio conceito de educação em sua inteireza, como apropriação da cultura” (PARO, 2000, p. 11). Como exemplo de uma abordagem educacional atenta à formação cidadã, o autor narra uma experiência de conversas periódicas entre a família e a escola sobre temas relacionados à educação na instituição onde sua pesquisa foi realizada.

Fato semelhante foi relatado pela professora entrevistada BInc., após a pergunta sobre sugestão de ação ou ideia que oportunize o estreitamento na relação e na comunicação entre a família e a escola. Em seu relato, ela recorda os encontros recorrentes entre a coordenação e um grupo de pais que aconteceram durante um período na escola. Segundo ela, foi uma experiência positiva, que favoreceu a percepção dos pais como parte da instituição:

Uma das coordenadoras [...] criou um grupo de pais que iam lá pra escola à noite pra conversar... debater... sobre vários assuntos. [...] Era uma ideia boa, que é uma ideia que talvez que seja bom tá retornando algum dia na escola, né? Porque você, trazendo um pouco de pais, formando um grupo ali pra tá discutindo sobre a escola, o que é importante eles estarem debatendo... dali pode-se construir algo e trazer outros, né? De repente vira uma coisa boa que pode tá trazendo mais pais para que eles participem da escola, né? Porque [...] eu vejo eles enxergando como uma coisa separada. Mas, na verdade, a escola é nossa, né? É dele, é nossa, né? E é dos alunos. Então, assim, falta eles descobrirem isso, que a escola não é uma coisa separada, né? [...] As famílias também têm que saber que eles vão construir uma história ali. (PROFESSORA BInc., em entrevista com os professores dos anos iniciais do ensino fundamental no dia 26/11/2020).

No excerto acima, observamos os benefícios percebidos pela entrevistada acerca da experiência de grupo de pais que regularmente se reuniam para tratar de assuntos pertinentes ao ambiente escolar e sua preocupação sobre a desconexão entre a família e a escola. Sobre essa questão, a entrevistada destaca um posicionamento prejudicial assumido pelas famílias, de não estarem integradas à escola. Em concordância com o ponto de vista da professora, entendemos a colaboração entre os atores família e escola como um pilar da construção de uma educação abrangente e cidadã.

Sobre a compartimentalização entre as rotinas da escola e da família, Paro (2000) defende o trabalho da escola de levar até a família a orientação necessária para que ela colabore com o desenvolvimento escolar do discente. Assim, faz um convite ao amplo entendimento sobre o sistema colaborativo e critica a “compartimentalização do que é feito na escola, absolutamente separado do que se faz na família, que talvez coubesse questionar, com vistas à configuração de uma relação família/escola mais de acordo com a natureza da educação considerada como atividade social” (PARO, 2000, p. 41).

Nesse sentido, a reflexão do autor reforça a relevância deste trabalho e amplia a responsabilidade dos gestores e dos agentes educacionais de considerarem trazer o debate sobre coeducação para a arena escolar. Tal ação corrobora o entendimento desse conceito e permite que pais, professores e instituição se alinhem durante o processo educativo da criança e do adolescente.

Considerando a discussão acima sobre a visão limitada dos propósitos da educação, percebe-se uma desconexão com o direito do aluno à formação cidadã e às experiências artísticas e educacionais que impactem sua formação humana. Como agravante, a falta de diálogo colabora para a perpetuação dessa desconexão. A percepção dos entrevistados sobre a

função dos projetos culturais revela a necessidade de uma reflexão mais aprofundada acerca da abrangência do processo educacional. Nesse sentido, na próxima seção discutiremos as dificuldades de relação família-escola observadas nas entrevistas.

3.3.2 Os principais entraves ao fluxo positivo na relação família-escola

Nesta seção, destacaremos os entraves apontados na narrativa dos entrevistados para a relação entre família e escola. Tal exercício se faz relevante para que essa debilidade evidenciada possa articular possibilidades de ação para o seu enfrentamento. Como apontado na seção anterior, a disseminação da consciência sobre o processo educacional ainda se apresenta muito frágil com foco no resultado, nas notas e no comportamento, em detrimento do processo de aprendizagem. A literatura e a legislação indicam essa corresponsabilidade, como aponta Lück (2018): “a gestão está centrada na mobilização da energia de equipe para a realização das responsabilidades da escola, que são responsabilidades de todos, em conjunto” (LÜCK, 2018, p. 97).

O apontamento da autora nessa citação ratifica o compromisso defendido nesse trabalho de validar e fomentar uma cultura escolar de acompanhamento ao processo de ensino, no qual responsáveis e instituição estejam com seus objetivos alinhados entre si, entendendo que possuem papéis distintos e complementares. Nesse sentido, a seguir, analisamos, à luz do referencial teórico, circunstâncias evidenciadas nas entrevistas que indicam obstáculos à fluidez desse processo, tais como horário, conteúdo e dinâmica das reuniões, frequência e engajamento baixos no Laboratório de Aprendizagem e fragilidade no processo comunicativo.

No decorrer das entrevistas, tivemos relatos sobre momentos de reuniões e variados encontros, tais como festas, eventos e atividades planejadas com a participação de toda a comunidade escolar. Na fala da professora entrevistada CF., identificamos uma tentativa da escola de abarcar um contingente de pais frequentemente faltosos às reuniões, diversificando os horários desses encontros:

A gente já passou pro início, assim, pra atender pai lá às 7 horas da manhã. Reunião de pais às 7 horas da manhã no dia de semana. A gente já passou pra noite, né? [...] Já foi no sábado. Sempre pra atender os pais, porque, assim: “ah, eu não posso nesse dia porque eu tô trabalhando, ah, nesse horário fica difícil pra mim”, então a gente já variou esses dias de reuniões pra que pudesse ampliar as opções para esses pais participarem. Mas sempre fica também uma porcentagem que não varia muito não, tá? (PROFESSORA CF., em entrevista com os professores dos anos finais do ensino fundamental no dia 26/11/2020).

Observamos uma tentativa da instituição de favorecer o engajamento de um maior número de responsáveis com o momento de reunião para aproveitar esse importante espaço de diálogo e conexão. Nesse sentido, a reunião pode ser um suporte aos pais para que acompanhem o processo educativo das crianças e adolescentes, enquanto os responsáveis podem auxiliar o professor na compreensão mais detalhada das necessidades de seu aluno. Essa colaboração de mão dupla preconizada pela coeducação favorece uma troca positiva, a qual favorece o aluno em sua jornada acadêmica. Durante a entrevista com os gestores, a entrevistada C fala de uma experiência enquanto professora, na qual pôde ampliar sua compreensão acerca das dificuldades do aluno através do contato, em reunião de pais, com o responsável:

Assim, às vezes a gente atende... vê aluno, né? Situação de aluno que muitas vezes não tava aprendendo, ou tava com muita dificuldade, ou algum outro problema, às vezes a gente nem conhece o aluno. Quando a gente conversa, às vezes com a família, a gente consegue entender. Então, fica claro, assim, às vezes, essa relação [...] de família no processo de aprendizagem [...] educacional do aluno. Em alguns casos, eu já percebi isso bem claro. (GESTORA C, em entrevista com os gestores no dia 20/11/2020).

Ao falar de sua experiência em sala de aula, a entrevistada evidencia um momento no qual o contato com a família iluminou seu entendimento para possíveis encaminhamentos em sua prática educacional. Com relação à prática docente, Silva (2014) exalta a função mediadora que deve ser assumida pelo professor. O autor defende que, frente a tal conexão, o educador deve buscar uma ampla compreensão do aluno, de sua família e de seu espaço, a fim de evitar práticas educacionais uniformizadoras, que não dialoguem com o necessário respeito à cultura do aluno e de sua família. Em nosso entendimento, essa prudência beneficia uma relação empática que pode trazer agilidade à comunicabilidade entre esses entes e, dessa forma, impactar o processo educativo através de trocas autênticas.

Ampliando o leque de possibilidades acerca das permutas possíveis a partir de uma ação acolhedora como a citada acima, lembramos que existe uma livre circulação de informações entre os pais. Dessa maneira, boas experiências vivenciadas na escola podem estar presentes na troca de informações entre os responsáveis, ocasionando um maior interesse em encontros, reuniões e atividades envolvidas no processo educacional.

No decorrer da entrevista com o grupo de professoras de educação infantil, observamos a expectativa por parte da docente com relação à reunião de pais:

A gente decepciona, às vezes, na reunião [...], esperava que a participação fosse muito maior na reunião de pais, porque ali são avisos gerais que a gente dá, né? A oportunidade de tá falando individual logo depois que se tem a fala geral, né? Na reunião. Eu acho que falta mais a participação dos pais nas reuniões, né? Da turminha. Então assim, talvez seja pelo horário [...], tem os pais que trabalham. (PROFESSORA AInf., em entrevista com os professores da educação infantil no dia 12/02/2021).

No excerto acima, a professora de educação infantil, AInf., além de relatar que o número de participantes nas reuniões ocasionalmente é inferior à expectativa, destaca como um aspecto a ser valorizado nas reuniões o momento de conversa particular com o responsável acerca da aprendizagem e/ou outras observações individuais da criança. O encontro individualizado citado pela entrevistada é um momento de partilha e apresenta-se com a possibilidade de criação e/ou manutenção de um potente elo entre professores e responsáveis, no sentido de interação acerca do processo educativo. O momento formativo da reunião é defendido na literatura como um elemento chave na formação de uma cultura participativa na qual todos são mobilizados e conscientizados de seus papéis junto à formação dos estudantes (PARO, 2000).

Nesse sentido, é relevante considerarmos a dinâmica das reuniões e os conteúdos apresentados nela, para que tal momento esteja alinhado às exigências e necessidades do processo educativo.

Mostra-se primordial criar um espaço de diálogo para que as famílias se sintam à vontade, possam ampliar sua relação com a instituição e, por conseguinte, o seu envolvimento com as práticas educacionais dos alunos. Assim, no decorrer dessa ação, elementos subjetivos e objetivos merecem deferência, tais como: aspectos socioeconômicos das famílias vinculadas à escola; disponibilidade e entendimento sobre o papel de cada agente educativo no processo pedagógico, seja responsável, professor ou gestor; recursos e instrumentos pedagógicos e humanos da instituição ou da rede; sensibilidade do profissional mediador para que o momento de partilha se materialize em práticas construtivas.

Assim, ao considerarmos tal dinâmica, salientamos a necessidade de convidar toda a comunidade escolar a redefinir a concepção de acompanhamento, levando-se em consideração, por exemplo, a rotina de estudo, o ritmo de vida das famílias, o diálogo sobre o processo de aprendizagem. A dificuldade dos pais em oferecer suporte por falta de tempo, o não entendimento da dinâmica de estudo e o desconhecimento sobre os conteúdos apareceram nas entrevistas. Acreditamos que o responsável pode ajudar dentro de sua realidade, mas talvez não saiba ajudar de outra forma. Dessa maneira, oferecer um trabalho contínuo e dentro da concretude de cada família pode favorecer o processo de aprendizagem. Uma conversa

orientadora guiada pelos princípios da coeducação e não pela cobrança pode ampliar as possibilidades da família no sentido de sua inclusão na vida escolar do aluno. A ajuda dos responsáveis, portanto, deve ir além, deve alimentar a motivação do discente para se atentar a uma rotina, por exemplo. É necessário um apoio contínuo da família, que deve encorajar a criança e contar com a escola e os recursos oferecidos por ela.

No grupo de responsáveis por alunos da educação infantil, a entrevistada AInf. relatou que os deveres de casa da filha são acompanhados pelo irmão, estudante do 6º ano. Ela narrou que o filho faz suas tarefas e logo após orienta a irmã, enfatizando que monitora toda a situação e, caso deixem de fazer, os repreende. Tal prática, a do familiar que acompanha os deveres de casa e/ou promove a assistência no estudo domiciliar, mostrou-se variante entre os entrevistados. Apesar da ocorrência do acompanhamento da mãe se apresentar com maior frequência, a figura paterna também aparece partilhando o momento com o discente. Apareceram também, além dos já citados, avós, tias, irmã e professora particular.

Sobre esse acompanhamento das tarefas escolares em casa, o responsável AF. relata que existe um revezamento não planejado entre todos os membros da família para auxiliar seu filho, aluno do 7º ano da instituição, em suas tarefas. Disse que, diante da impossibilidade dos membros da família (pai, mãe, irmã e tia) ajudarem com as apostilas que têm sido enviadas para casa no ensino remoto, devido ao grande volume de atividades, complexidade dos conteúdos e esgotamento dos membros da família para lidar com a ausência de motivação do adolescente, ele, pai, recorreu a uma professora particular:

O meu filho é empurrado, sabe? Tudo tem que ser a “ferro e fogo” com ele. [...] O que pega mais aqui em casa é a questão de leitura, porque o resto a gente tem que fazer com ele, tem que empurrar ele. Ainda mais nesse caso de pandemia, a vontade dele é nenhuma. [...] Eu brinco aqui em casa que cada um tem que ganhar um diploma [...] nessa pandemia, eu coloquei ele numa professora particular aqui. [...] É muita matéria e eu não tava entendendo [...], era tanta coisa na apostila, tanta, que eu falei assim: “poxa...”. Ele saturou a Letícia, a mãe e a minha participação. Cansou os três [...]. Você acredita que no dia que eu fui ver a quarta apostila, ela tava refazendo a que nós tínhamos feito aqui em casa? Aí foi uma loucura, né? Pra colocar tudo em dia. (RESPONSÁVEL AF., em entrevista com os responsáveis dos alunos dos anos finais no dia 17/03/2021).

No excerto acima, o responsável pelo aluno aborda dois pontos relevantes a serem considerados na aproximação da família ao processo educativo. O primeiro diz respeito à opção adotada pelo responsável de recorrer a uma ajuda de profissional particular, embora tal alternativa não seja uma realidade possível para a grande maioria das famílias. O segundo

refere-se aos limites emocionais com relação ao acompanhamento das atividades do aluno. O saturamento pode ser uma ocorrência tanto entre familiares, quanto entre alunos. Assim, as diferentes formas de lidar com a referida situação devem ser um tema trazido à arena de discussões, não para promover um espaço de desabafo, mas para trazer empatia e apresentar instrumentos e reflexões sobre possíveis resoluções partilhadas e viáveis, evitando-se situações traumáticas, que podem chegar à violência. Um dos suportes para alunos com dificuldades é o laboratório de aprendizagem, apresentado anteriormente com outros projetos. No entanto, nas entrevistas, observamos falas das famílias sobre procurar a escola apenas em episódios de dificuldades ou dúvidas. Em entrevista com os professores responsáveis pelos anos iniciais, a professora BInc. apresenta sua constatação:

Tem os laboratórios e, às vezes, o professor quer ajudar o aluno, mas a gente não consegue porque falta a parte de lá. Às vezes, na questão do Laboratório de Aprendizagem, ele é feito no contraturno, né? Pra poder ajudar o aluno e a mãe não tem condição de mandar o filho, então, pra escola naquele horário. (PROFESSORA BInc., em entrevista com os professores dos anos iniciais do ensino fundamental no dia 26/11/2020).

Nesse excerto, observamos que os mecanismos e os recursos inerentes ao processo de aprendizagem educacional, tão longamente estudados nos meios acadêmicos, estão distantes dos responsáveis. Na prática, a falta de proximidade com tal conhecimento limita o uso dos recursos disponibilizados. Vale retomar que nos trabalhos de Paro (2000), Lück (2018) e Cavalcante (1998) a participação das famílias na experiência educacional é discutida não só como direito, mas como elemento imprescindível. Em acordo com essa posição, entendemos que a família compõe o processo de aprendizagem e que a escola não está apartada da sociedade.

Sobre as possibilidades de participação dos familiares, observamos, na entrevista com os responsáveis por alunos da educação infantil, o posicionamento da responsável CInf., que, apesar de reconhecer a importância da participação familiar, procura balizar, conforme o seu entendimento, as funções do pai dentro do processo de aprendizagem. No início da entrevista, ao ser apresentada à pergunta “você acredita que uma criança cujos pais participam da sua vida escolar tem melhores resultados que outras crianças cujos pais não participam?”, a entrevistada assume um posicionamento favorável à influência positiva dessa parceria e seus impactos, assim como as demais entrevistadas. Na sequência, fala de sua cobrança com relação à participação do pai:

Eu pus aqui pra ela que a gente tinha que ter responsabilidade de estudar, que era uma coisa importante [...]. Meu marido chega em casa a partir das sete da noite. Então, ele chegava em casa, ela pegava o caderninho, sentava com ele, explicava pra ele o que ela tinha aprendido naquele dia, mostrava pra ele o que ela tinha feito. Então, eu cobro dela e cobro dele também: “oh, sua atenção, tira 30 minutos só pra você prestar atenção no que ela fez hoje”. Ah, é pouco tempo pra gente? É, porque a gente já aprendeu, mas pra ela é um mundo novo. (RESPONSÁVEL CInf., em entrevista com os responsáveis pelos alunos de educação infantil no dia 13/02/2021).

Nesse excerto, a responsável apresenta a percepção de que pequenas ações podem impactar o universo da aprendizagem das crianças. Assim como na literatura, tal compreensão também é defendida neste trabalho ao considerarmos a coeducação como um meio viável para ampliar a aprendizagem do discente. Paro (2000), ao tratar da relevância da socialização primária, aponta que o investimento na compreensão dos pais acerca de seus papéis se justifica pela ressonância das ações cultivadas no cerne da família na jornada acadêmica da criança e do adolescente. Em seu parecer sobre os hábitos de estudo, o autor enaltece que “se isto é desenvolvido como valor no seio da família, terá força muito maior do que quando desenvolvido na escola apenas” (PARO, 2000, p. 26).

Contrastando com seu posicionamento no início da entrevista, a mesma responsável, em outro momento, relata que prefere fazer as atividades com a filha sem incluir o pai. Segundo ela, no decorrer da semana, o pai está trabalhando, mas aos sábados, quando o genitor está em casa, ela acorda com a filha sem fazer muito barulho e, desta forma, somente ela ajuda a filha em suas atividades:

É verdade, eu já sou meio egoísta. Eu já deixo só eu mesma. Eu só chamo quando ela tá fazendo pirraça: “ah, eu não quero fazer”, “oh, eu vou chamar o seu pai”, mas fora isso é eu, eu sou meio egoísta pra isso. Dia de sábado, eu levanto da cama, pé por pé, tem sábado que ele não trabalha e tem sábado que trabalha... pé por pé e venho pra sala... pra cozinha e chamo ela. Vamos fazer as atividades de hoje. E deixa ele lá. Liga a televisão lá no futebol e deixa ele lá sozinho. Prefiro fazer tudo sozinha. (RESPONSÁVEL CInf., em entrevista com os responsáveis pelos alunos de educação infantil no dia 13/02/2021).

Nesse excerto, fica evidente um posicionamento da responsável em assumir o protagonismo no acompanhamento da vida escolar de sua filha. Uma consequência disso é a limitação do potencial colaborativo de outros membros da família, como o pai. Observamos ainda que a entrevistada faz uma associação direta da figura do pai a um papel punitivo, usado para fazer ameaças e, de certa forma, colaborar com a criação/manutenção de um imaginário

que relaciona a figura paterna à violência. Tal posicionamento contribui para perpetuar uma fragmentada visão acerca do potencial colaborativo de cada membro da família.

Ademais, a entrevistada dá luz à questão da limitação do horário do pai, que chega a casa do trabalho já no turno da noite. Tal realidade, apresentada como obstáculo a uma participação mais efetiva na vida escolar dos estudantes, está presente na fala de outros entrevistados, como é o caso da responsável CF., que, além de trabalhar durante o dia, relata ser divorciada e, por esse motivo, sua filha conta apenas com ela para auxiliar nas atividades escolares.

Em uma abordagem mais consciente do direito da criança à inclusão parental ampla, a responsável BInf., ao responder sobre o familiar que mais realiza atividades com o estudante, indica a predominância da figura materna, enfatizando que incentiva a parceria do pai com a criança por entender a importância do acompanhamento por todos aqueles que possam dar suporte ao seu processo de aprendizagem:

As mães, né? A mãe. É a mãe, porque é a gente que tá em casa com eles, né? Mas quando meu marido tá de férias, eu procuro deixar ele fazer um pouquinho, porque aconteceu isso na pandemia, né? Meu marido ficou de férias, então, pessoal: “hoje é o seu papai que vai te ensinar”, pra ele ver que o pai também pode participar, né? Não é só a mãe, o pai também pode e deve, né? (RESPONSÁVEL BInf., em entrevista com os responsáveis dos alunos da Educação Infantil no dia 13/02/2021).

A responsável aponta sua preocupação em incluir o pai, que, devido à rotina de seu trabalho, está menos envolvido no processo educacional do filho. Sobre a presença paterna no cotidiano escolar, destacamos, no universo de voluntários de nossa pesquisa, a participação de dois pais, sendo que um deles enfatiza ser o maior responsável por acompanhar as atividades das filhas, enquanto o outro menciona dividir essa demanda com os familiares. O posicionamento desse último pai nos apresenta um cenário favorável ao que defendemos neste trabalho: um envolvimento coletivo no processo educativo.

O entendimento acerca da coeducação se evidencia na fala de alguns entrevistados, inclusive entre os responsáveis. Todavia, notamos a necessidade de ampliar tal entendimento para que ele faça parte da cultura e da prática escolar, criando um fluxo positivo no processo educacional. Desse modo, neste trabalho ressaltamos a importância da família nessa missão. Mas não somente ela está envolvida no processo. São necessárias trocas autênticas entre os membros da comunidade escolar para se galgar ao patamar da coeducação.

Na próxima seção, serão elencadas e analisadas as ações identificadas nas entrevistas que cooperam para encaminhamentos no que concerne aos entraves percebidos a uma prática de coeducação.

3.3.3 Ações para fortalecer a relação família-escola

A relação família-escola, ideia central neste trabalho, é uma experiência sentida de forma individual por cada envolvido. Assim, ao analisar as entrevistas, o delinear desse eixo mostrou-se significativo e dialogou com o princípio de colaboração defendido. A perspectiva de cada ator importa nas definições coletivas, ainda que nem todas sejam contempladas, porque a reunião delas constrói o diálogo e aponta para a vivência da coeducação. Assim como ocorreu nas seções anteriores, a presente seção servirá de substrato para o próximo capítulo, tendo como eixo o elemento de escuta. Entendemos que a escuta impactará a elaboração do Plano de Ação, uma vez que ele terá como ponto de partida demandas autênticas, vivências e expectativas dessa comunidade escolar.

Como fruto de um processo dialogado, as diretrizes para o fortalecimento da cultura de coeducação têm seu engajamento favorecido devido a sua origem estar no movimento de escuta como etapa de construção. Acerca disso, observamos relevantes contribuições à construção de possíveis caminhos, que serão analisados a partir de agora, à luz do referencial teórico. Ademais, ao longo das entrevistas, observamos a complementaridade entre obstáculos e soluções, dentro do mesmo grupo ou entre grupos diferentes.

Na elaboração das perguntas que direcionaram as entrevistas, havia uma intencionalidade de convidar os entrevistados a um exercício reflexivo acerca das práticas vivenciadas no ambiente escolar. Entre as perguntas, foi lançada a todos os grupos a seguinte questão: “você tem alguma sugestão de ação, proposta ou ideia que possa estreitar a relação e a comunicação entre a família e a escola?” Observamos que a esse questionamento especificamente não aparecem muitas respostas diretas. No grupo de gestores, por exemplo, tivemos apenas uma sugestão do entrevistado B, de que os projetos oferecidos na escola pudessem ter uma extensão para atendimento aos pais. O gestor apontou isso como um desejo do início da gestão que não se concretizou por questões burocráticas:

Eu tinha vontade, por exemplo, de ter algumas oficinas pros pais ou pra comunidade. Mas, por questões burocráticas, a gente não consegue. Por exemplo, a professora de dança, talvez a gente pudesse ter duas ou três horas da carga horária dela pra atender à comunidade, à noite, por exemplo, no espaço da escola. Ou a professora de teatro, o professor de história que também é professor de yoga, sabe? Se a gente tivesse condição de tá usando uma parte da carga horária desses professores, a gente traria essa comunidade pra dentro da escola, traria esses pais pra dentro da escola, estreitava relações dos professores que estão trabalhando com eles ali, com os pais dos alunos, sabe? (GESTOR B, em entrevista com os gestores no dia 20/11/2020).

Para além do excerto acima, no qual observamos uma resposta objetiva, percebemos na fala do grupo de gestores a predominância de uma percepção de que a manutenção dos pontos positivos, por parte da escola, já proporcionaria a fidelização da ligação dos responsáveis com a instituição, devido a esta, segundo o entendimento deles, ter uma boa relação com os pais:

Então, assim, eles se sentem em casa mesmo. Assim, eles sabem, acho que já têm essa certeza que sempre a gente vai atender, eu acho que essas festas que a gente faz, essas ações que a gente faz com as famílias também é uma forma de estreitar laço e as reuniões pedagógicas. Então, assim, eu acho que são os pontos que, na verdade, a gente já faz, que... né? É o que eu falei, deixar a porta sempre aberta, tá sempre disposto a atender às famílias, as ações que a gente promove e as reuniões que a gente tem as famílias presentes. (GESTORA A, em entrevista com os gestores no dia 20/11/2020).

Considerando uma análise mais pormenorizada, a entrevistada C do grupo de gestores concorda que a escola tem as portas abertas e que a manutenção dessa cordialidade permanece sendo um importante caminho para ter a família na escola e aproximá-la do processo educativo. Ela destaca, ainda, a relevância do cuidado subjetivo como ponto de deferência na relação família-escola:

Eu acho que a maneira como ele é atendido também, sabe? Eu acho que a gente, mesmo às vezes a gente sabendo de situação muito difícil, às vezes o pai e a mãe chegam, às vezes, com intenção até de brigar, sabe? A gente mantém, assim, uma educação, um carinho ao falar com eles que desarma, sabe? Então, sai agradecendo, sai, assim, super satisfeito, muitas vezes, muito diferente do jeito que entrou. Então, eu acho, assim, a maneira como a gente acolhe ele também, a família, acho que faz a diferença. (GESTORA C, em entrevista com os gestores no dia 20/11/2020).

Segundo o nosso entendimento, destacar o cuidado subjetivo torna-se necessário por sinalizar um relevante ponto a ser exaltado nas relações interpessoais na escola, o respeito às individualidades. Em associação com a importância do trato pessoal relatado acima, trazemos duas preocupações que aparecem na entrevista com os professores de projetos quando falam do ensino remoto. A primeira diz respeito aos limites das funções e práticas dos professores dentro desse sistema de ensino, e a segunda, ao entendimento do contexto familiar dos alunos para realizar uma abordagem profícua e atenta. Sobre a última, a entrevistada CP. faz um alerta de que a falta de engajamento no processo educativo não justifica uma abordagem desrespeitosa,

por exemplo. Ela sinaliza o cuidado necessário ao tratar daquilo que envolve o âmbito privado das famílias, mesmo que se trate de assuntos pertinentes à instituição escolar:

Sugestões você tem várias... como “como ganhar dinheiro?” É por aí, você pode ganhar dinheiro de [tudo] quanto é jeito, mas tá respeitando os direitos dos trabalhadores? Tá respeitando o direito do pai? Se bater na porta dele nesse momento de pandemia: “oh, o senhor não tá fazendo, por que que o senhor não tá fazendo?” Então, realmente, acho que aí cabe a quem que tá no cargo de direção, quem tá no cargo de gerente de... saber olhar pro outro lado. (PROFESSORA CP., em entrevista com os professores vinculados aos projetos no dia 22/12/2020).

A comparação feita pela professora entre soluções para ganhar dinheiro e as sugestões da escola para envolver a família nas atividades remotas ressalta o questionamento dos valores éticos envolvidos nessas ações. O caminho proposto pela entrevistada está ligado à empatia e ao diálogo como forma de entendimento entre as partes. Nesse sentido, apesar de o exemplo se aplicar diretamente ao contexto da pandemia, em nossa análise, cabe o destaque, devido a ser uma consideração que ultrapassa tal conjuntura e se aplica às relações do cotidiano escolar. Portanto, o debate da ética nas relações favorece o sistema de coeducação e beneficia o processo de aprendizagem do aluno. Em seu trabalho, Lück (2018) apresenta a ética, a solidariedade, a equidade e o compromisso como alguns dos valores orientadores da ação participativa, imprescindíveis à prática educacional. Argumenta que:

A ação participativa hábil em educação é orientada pela promoção solidária da participação por todos da comunidade escolar, na construção da escola como organização dinâmica e competente, tomando decisões em conjunto orientadas pelo compromisso com valores, princípios e objetivos educacionais elevados, respeitando os demais participantes e aceitando a diversidade de posicionamentos e características pessoais. (LÜCK, 2018, p. 51).

Na direção de se alcançar a coeducação como uma prática entendida e vivenciada pelos atores na instituição escolar, o delinear desse trabalho busca indicar ações para fomentar o diálogo e a reflexão dessa temática. Dessa forma, a preocupação da entrevistada, amparada pela literatura, torna-se um dos conceitos que guiarão o PAE, apresentado no próximo capítulo.

A outra preocupação trazida pelo grupo de professores vinculados aos projetos diz respeito ao uso das ferramentas tecnológicas adotadas para acessar o aluno e sua família na nova rotina estabelecida com o ensino remoto. A entrevistada enfatiza sua preocupação em estabelecer com maior clareza os limites das funções profissionais e os horários de disponibilidade frente às novas demandas:

A P., que é do estado, sabe do que eu tô falando, então, assim: até que ponto o órgão superior, né? O nosso... vai entender que esse não é nossa obrigação... essa não é... ah, mas os professores estão aí em casa, eles podem fazer isso. A gente pode fazer muita coisa. Eu vi também de outro professor, no início da pandemia, falando: “enquanto o estado não pagar a internet na minha casa, eu não vou assinar anexo nenhum.” O professor tá errado? Não, não tá errado. Então, assim, é essa questão de entendimento, de posicionamento que a gente também tem que, às vezes, alertar o órgão superior, alertar a família, alertar com quem a gente trabalha, pra gente saber que temos limite. (PROFESSORA BP., em entrevista com os professores vinculados aos projetos no dia 22/12/2020)

O posicionamento acerca dos limites necessários surgiu na evolução do diálogo e reflexão entre as entrevistadas para apresentarem sugestões de ações que aproximem família e escola. A entrevistada BP. faz um relato abrangente, considerando sua experiência na educação pública do município e do estado no ensino remoto: elogia o posicionamento da equipe da escola pesquisada, mas mantém sua preocupação em manter um diálogo constante quando se trata da atual difusão dos meios tecnológicos para o modelo remoto de aprendizagem. Em nossa análise, a falta de uma regulamentação da função do docente e dos recursos utilizados no atual modelo de ensino gerou certa instabilidade entre os profissionais, prejudicando um fluxo favorável e seguro da aprendizagem. Apesar de não apresentar uma sugestão direta, a preocupação da entrevistada se faz pertinente por estar associada a esse movimento de inserção contínua dos recursos tecnológicos no processo de aprendizagem, ação que requer um acompanhamento e um diálogo constantes entre todos os atores, favorecendo a coeducação e o melhor aproveitamento dos recursos.

A preocupação com a acessibilidade digital do aluno e de sua família, por exemplo, é congruente, pois, segundo dados da PNAD Contínua 2019, 82,7% dos domicílios brasileiros utilizam a internet, sendo o celular o equipamento mais utilizado para o acesso à rede. Nas residências em que não havia utilização da internet, destacaram-se os seguintes motivos: 32,9% alegaram falta de interesse em acessar a internet; 26,2% relataram que o serviço de acesso à internet era caro e 25,7%, que nenhum morador sabia usar a internet. A pesquisa aponta ainda que 94% das residências possuem aparelho celular (INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA, 2019b, p. 6).

Ao deter nosso olhar ao percentual da população que não sabe utilizar a internet e a considera onerosa, nos remetemos à necessidade de formação ampla da comunidade escolar

para utilização das novas tecnologias que vêm sendo agregadas à educação e também à necessidade de criação de políticas públicas para conectar essa população.

Para além da preocupação com os cuidados que envolvem as novas tecnologias, a entrevistada AP. traz seu entendimento de que a introdução de tais recursos está redefinindo as relações no universo escolar:

Eu acho que o pós-pandemia, pra gente, vai ser tudo diferente, [...] eu me reconstruí nesse período, assim, na questão tecnológica, né? [...] A gente tinha muito pouco acesso, e a gente viu que as coisas podem ficar mais estreitas, né? Nós estamos cada um num lugar, cada uma num lugar e fazendo uma reunião, e conversando. Eu acho que a escola pode, às vezes, investir numa situação assim, sabe? Ver quais pais têm acesso à internet, a possibilidade de fazer uma reunião on-line por turma, porque, às vezes, o deslocamento também é um fator, né? Que atrapalha. É sair do serviço e ir direto pra escola se for uma reunião à noite, num sábado, enfim. Eu acho que uma ação que poderia ser eficaz [...] fazer uma reunião on-line, né? Porque aí também aproxima, dá os recados, né? Vê o que que é necessário, não sei, pode ser uma ação efetiva, né? (PROFESSORA AP., em entrevista com os professores vinculados aos projetos no dia 22/12/2020).

A imersão vivenciada e relatada pela entrevistada se tornou mais comum no meio educacional após a implementação de atividade e contato remotos com os estudantes e suas famílias. O entusiasmo percebido na fala da professora é um importante elemento para promover a mediação entre as práticas educacionais e os atores envolvidos.

Ao analisar a possibilidade de aproximação oferecida pelos meios digitais, direcionamos um olhar de vigilância das condições estruturais necessárias para viabilizar a fluidez ao processo tanto na instituição quanto na realidade familiar do aluno. Na atual conjuntura escolar de modelo remoto, temos experienciado as disparidades de acesso às ferramentas tecnológicas utilizadas para a comunicação e para o ensino, acumulando perdas nas instâncias pedagógica e interpessoal. Nesse mesmo sentido, Natália Flores e Ana Arnt (2020) apresentam brevemente o percurso das tecnologias de comunicação e informação no meio educacional e retratam, em seu texto, a possibilidade da desigualdade de acesso aos recursos tecnológicos: “aprofundar o abismo social da educação no Brasil” (FLORES; ARNT, 2020).

Ao considerarmos as perdas, julgamos que elas acontecem em todas as instâncias: alunado, família e comunidade escolar. A dificuldade de acesso à internet, por exemplo, inviabiliza possíveis contatos e pode estratificar conhecimentos, interações e relações, como expressam as autoras ao analisarem o panorama que se instalou no meio educacional a partir do ensino remoto.

Ao alertar sobre os obstáculos, temos a intenção de ampliar o debate sobre o acesso aos meios eletrônicos e a outros recursos educacionais, por entender essa discussão como central no fortalecimento do diálogo sobre coeducação no cotidiano escolar. Tal reflexão sobre os meios eletrônicos e ferramentas educacionais, como foi sinalizado pela professora, extrapola o contexto de pandemia e ensino remoto.

Além da possibilidade de reunião virtual que acabamos de trazer, outra sugestão alinhada ao tema da reunião que surgiu entre o grupo de professores da educação infantil é a indicação de que a dinâmica dos encontros entre família e escola seja repensada. As entrevistadas sugerem um momento mais construtivo e agradável, com frequência maior e com o público direcionado:

Eu penso que é promover mesmo encontros, [...] uma reunião com café, uma coisa bem agradável, né? Porque, às vezes, a gente chama o pai, mas é mais pra conversar, assim, sobre o filho. Aí o filho tem um problema e você reclama: “oh, aquele pai, assim, ele meio que, né?, não quer mais, tipo, ir à escola pra isso, né?”. Agora, se você promover esses encontros mais agradáveis, né? Um café, um chá, uma tarde de poesia, por exemplo, né? Onde as crianças vão apresentar para os pais, eles adoram, eles gostam de ver o filho ali, né? Apresentando alguma coisa e as crianças também vão se sentir muito, né? Amadas de ver o pai na escola também [...]. Então, acho que tem que promover encontros assim, coisas agradáveis [...]. Mais encontros da família na escola, né? Um dia pro café, um outro dia pra uma apresentação de poesia, um outro dia da beleza, que isso é fantástico, gente, você mexe com a autoestima das pessoas também, né? Você tá ali, né? Propondo um trabalho, né? Pra melhorar, né? A aparência da pessoa, fazer uma unha, né? Arrumar o cabelo. Eles adoram participar, então eu acho muito interessante esse tipo de encontro que a gente possa promover na escola. (PROFESSORA AInf., em entrevista com os professores da educação infantil no dia 12/02/2021).

Assim como a sugestão do grupo de gestores, o excerto acima também foi uma resposta mais objetiva acerca de sugestões. E, de forma imediata, provocou a concordância e o entusiasmo das demais entrevistadas que, em seguida, complementaram a ideia inicial, inclusive sem considerar a viabilidade de determinadas ações. Como exemplo, citamos a proposta da entrevistada CInf., que sugeriu encontros quinzenais e, já em sua próxima fala, reconsiderou e sugeriu encontros mensais. A intensa periodicidade dos encontros sugerida pela entrevistada, ao nosso entender, remete ao ávido desejo dos professores pelo engajamento dos responsáveis com o processo educativo, pois, mesmo ampliando de 15 para 30 dias o intervalo desejado entre reuniões, sua proposta permanece com uma frequência alta de encontros, já que existem outros eventos já previstos no calendário escolar. Ainda sobre os encontros sugeridos, a entrevistada propôs mais temas, sem especificá-los.

Em seguida, ela alertou para um fato característico das famílias que têm mais de um filho no colégio e que frequentemente optam por priorizar a reunião de um dos filhos, ocasionando prejuízo na inteiração desse responsável com a turma de um dos filhos e com o processo escolar da turma. Em sua fala, sugere que o momento de reunião seja distinto entre as turmas, ou seja, que não haja coincidência de horários entre reuniões de diferentes turmas:

A reunião também, eu acho que a gente tinha que fazer separado. Eu acho que a reunião separada, não a reunião escolar, a reunião assim, de turma separado, eu acho que as pessoas se motivam mais a ir. Eu tinha muitos pais que tinham crianças em várias turmas. Vamos supor, né? Várias assim, né? Em duas turmas. Então, muitas das vezes chegava na minha reunião tarde, porque era, talvez pra eles, eram menos importantes do que o que está no 5º ano, né? Então, eu acho que a reunião também poderia ser separado e aí nas reuniões a gente montar alguns... alguma atividade de acolhimento, porque com isso, as reuniões escolares, a gente não consegue montar um acolhimento legal, né? Uma reunião legal, sabe? (PROFESSORA CInf., em entrevista com os professores de educação infantil no dia 12/02/2021).

A menção recorrente à temática das reuniões nas entrevistas nos aponta a influência exercida por esse importante momento de conexão entre a instituição e as famílias. Nesse sentido, as sugestões que surgiram no grupo de professores de educação infantil fortalecem o entendimento de se investir no clima organizacional das reuniões para que estas sejam experiências positivas, que suscitem o ideal da coeducação e tragam impactos à aprendizagem do aluno.

Outro ponto relevante observado no relato da entrevistada CInf. é o cuidado para especificar que sua sugestão diz respeito à separação de horários entre turmas, para que aquele que é responsável por mais de uma criança não tenha que se dividir em duas ou mais reuniões. Tal proposta, em nosso entendimento, articula um direcionamento organizacional que exalta as trocas autênticas presentes entre o professor e o grupo de responsáveis de alunos de uma mesma turma, assim como entre os responsáveis.

No excerto seguinte, temos a constatação da entrevistada AP., do grupo de professores ligados aos projetos, de que o posicionamento das famílias é variado com relação às festas e encontros. E sugere que a equipe escolar utilize a predisposição para as festas de forma a beneficiar o elo com a família e a aprendizagem:

Eu fiquei pensando na hora que a X. tava falando, é... reuniões comuns os pais vão pouco, mas quando é uma festa, um dia de a família ir na escola, aí aparecem mais pais. Às vezes, dá uma enganadinha, assim, né? Falar que é só a festa, mas a gente aproveita e dá mais um aviso que seja importante... Não

sei, com as mídias sociais, eu acho que, mesmo a gente sabendo que tem muitos alunos que não têm acesso, ficou muito democrático, assim, a gente chega muito mais nos meninos pelo Facebook, pelo WhatsApp, igual, tem o WhatsApp da escola mesmo pros pais. (PROFESSORA AP., em entrevista com os professores vinculados aos projetos no dia 22/12/2020).

A visão de senso comum apresentada pela entrevistada, de que o processo educativo se dá de forma fragmentada, nos alerta para a necessidade de incorporação dos objetivos integrais e integradores da educação na fala e na prática dos educadores. Conforme defendido na literatura e na legislação, a experiência educativa deve atravessar toda e qualquer vivência acadêmica e, inclusive, ultrapassar o limite dos muros da escola. Paro (2016) reflete sobre o caráter político e administrativo das ações que se dão no dia a dia da instituição escolar e sobre o entrelaçamento dessas dimensões. Em nosso entendimento, o propósito educacional da instituição e a utilização da vivência de práticas colaborativas devem perpassar todos os momentos vivenciados pelos discentes, seus familiares e a instituição.

Ao aproximarmos nosso olhar do encadeamento das disciplinas, por exemplo, observaremos que os conteúdos curriculares estão articulados em anos com uma intenção sequencial de que o aluno tenha um amadurecimento na aprendizagem. Nesse sentido, o propósito do processo educacional presente ao longo dos anos precisa estar claro para toda a comunidade escolar. Abandonando-se as marcas de cobrança nas reuniões e a descontração em festas, o propósito educacional deve perpassar as experiências escolares.

Os profissionais entrevistados apontam comportamentos variados para situações diversas, o que parece razoável ao considerarmos a dinamicidade exigida no desenrolar das atividades cotidianas. Ao associarmos essa análise aos estudos/legislação realizados na área, temos a concretude da defesa do direito do aluno e de seu responsável a estarem envolvidos no processo escolar de forma a serem sujeitos ativos na construção coletiva do conhecimento. Dessa forma, a coeducação é um caminho que traz a marca dessa construção, alicerçada em resultados positivos e direito de todos. Nesse sentido, no próximo capítulo será apresentado o Plano de Ação Educacional (PAE), com propostas de intervenção e estratégias, as quais têm a finalidade de aprimorar e fortalecer a aliança entre família e escola, alinhando as contribuições deste trabalho, do referencial teórico e da identidade da instituição, partindo da hipótese, fundamentada no referencial teórico, de que a participação da família no processo educacional pode otimizar a aprendizagem do aluno.

4 PLANO DE AÇÃO EDUCACIONAL

O presente capítulo se destaca como o apogeu desta pesquisa, pois o plano de ação que apresentamos a partir de agora vem cumprir um dos objetivos deste trabalho e traz a convergência dos dados coletados e analisados em associação ao repertório bibliográfico que ampara a pesquisa.

O caso de gestão que motivou esta pesquisa parte da observação e pesquisa documental na instituição escolar em estudo, na qual se observou, de um modo geral, uma proximidade da família com o ambiente escolar que nem sempre se traduzia em engajamento e trocas significativas para o processo de aprendizagem.

Conforme apresentado no capítulo anterior, destacou-se nas entrevistas a observação sobre um comportamento da família e do corpo discente com o foco no resultado e não no processo escolar. Contudo, o entendimento dos professores e as diretrizes educacionais vigentes, como a BNCC (BRASIL, 2017), apontam o bom desempenho acadêmico como consequência da experiência cotidiana vivenciada em etapas que incluam atividades realizadas dentro e fora do ambiente escolar.

Nesse sentido, o plano de ação deste capítulo tem o objetivo de instrumentalizar e fomentar práticas gestoras que priorizem uma relação família-escola que proporcione trocas autênticas e significativas, impactando o processo de aprendizagem e a experiência escolar de forma a ampliar o entendimento de que focar no processo e em cada experiência vivenciada no decorrer dele é necessário. Nossa hipótese de que a presença da família proporciona ganhos ao processo de aprendizagem está amparada na literatura, a partir de autores que argumentam acerca do envolvimento da família no cotidiano escolar. De forma semelhante, originaram-se nas entrevistas debates sobre ações que impactam o cotidiano e a experiência escolar, beneficiando o processo de aprendizagem.

O plano de ação tem como objetivo qualificar ações já existentes e fomentar novas práticas no sentido de aproximar as famílias dos processos escolares, sobretudo a partir de temas e experiências que só as famílias têm, como é o caso das rotinas de estudo, de descanso, de alimentação e de lazer, além de outros cuidados em torno da formação da criança.

Cabe aqui retomar a complexidade que gira em torno do tema família-escola: por se tratarem de entes dinâmicos que repercutem fatores externos nem sempre previstos, essa interação vai além da simples relação causa e efeito. Apesar de essa ser uma relação institucional, as realidades individuais influenciam a dinâmica das ações e dos processos

vivenciados na arena escolar. Isso expressa a importância de nutrir, junto à comunidade escolar, práticas e diálogo sobre os temas que circundam o desenvolvimento humano.

4.1 CONCEPÇÃO DO PLANO DE AÇÃO

Na elaboração do PAE, temos a intenção de implementar uma ação que faça eco à educação integral preconizada pela BNCC (BRASIL, 2017), a qual também enfatiza o protagonismo dos estudantes frente às aprendizagens essenciais e competências a serem desenvolvidas, conforme discutimos no capítulo 3. Ou seja, alinhamos nossa pesquisa à valorização da realidade do aluno, trazendo a ideia de colocar o estudante no centro. Isso significa dar mais voz a ele e, no caso das crianças, também dar voz às famílias, aprimorando os mecanismos já existentes e implementando novas práticas, com impacto sobre o desempenho dos estudantes.

Ao pensar esse encontro, faz-se necessário olhar atentamente a diversidade de configurações familiares que se apresentam no universo escolar, como nos apresentou Lahire (1997), que, em sua pesquisa, pormenorizou 26 perfis familiares e destituiu a ideia de correlação simplificada, muitas vezes de senso comum, no que se refere ao sucesso e ao fracasso escolar. Na análise dos dados da nossa pesquisa, sobretudo na fala dos pais e dos professores, observamos ecoar a relevância do tema e a importância de defender uma participação que promova efeitos sobre a aprendizagem. Portanto, a escola deve assumir uma posição empática nesses encontros, ou seja, auxiliar as famílias no entendimento de suas funções no processo de coeducação.

No espectro das questões identificadas em nossa pesquisa e da complexidade envolvida na relação família-escola, esse plano buscará trabalhar a questão da comunicação e, dessa forma, a continuidade e otimização da colaboração identificada entre a família e a escola na instituição pesquisada. Nesse sentido, propomos como plano de ação a veiculação regular de uma Newsletter, termo já largamente utilizado por instituições públicas e privadas em nossa sociedade que, traduzido, é “boletim de notícias”. Gustavo Assis (2003), em seu livro intitulado “Guia de e-mail marketing”, apresenta tal recurso, descrevendo suas características e vantagens frente a outras opções digitais. Trata-se de um recurso digital utilizado em variadas áreas e tem o propósito de entregar, a determinado público, conteúdos de seu interesse através de e-mails periódicos (ASSIS, 2003). Ao diferenciar tal ferramenta de e-mails promocionais, Assis (2003) diz que “a Newsletter é mais pessoal, informativa e deve tentar adicionar valor na relação

empresa-cliente, empresa-funcionário, empresa-fornecedor ou editor-leitor” (ASSIS, 2003, p. 51).

No blog da Active Campaign, Lindley (2022) descreve a newsletter exaltando as características da publicação, como sua versatilidade e a disponibilidade de *templates* (modelos) que facilitam a organização das informações para um público não especializado em comunicação. Essa última característica é particularmente importante para o nosso plano de ação, que será executado pela equipe de profissionais da educação.

Nesse conjunto de circunstâncias, percebemos que uma das principais características da ferramenta vai ao encontro da nossa expectativa de entregar um conteúdo relevante para nosso público. A escolha por uma ferramenta digital abarca o alcance amplo da comunidade escolar, o custo reduzido, a fácil replicação, além da viabilidade de controle e avaliação quantitativa.

Defendemos a Newsletter como um meio de comunicação por meio do qual a relação família-escola poderá se estabelecer com equidade de acesso. Apesar de o termo em inglês ser amplamente difundido, neste trabalho utilizaremos o termo boletim informativo, com a finalidade de personalizar a publicação e de melhor definir para o público a clareza de sua intencionalidade. O fortalecimento da comunicação entre os entes família e escola pode trazer benefícios ao processo de aprendizagem do estudante, quando favorece o entendimento da família como agente dessa relação. Faz-se importante valorizar o diálogo, pois a fragilidade no processo comunicativo e a falta de diálogo colaboram para a perpetuação da desconexão da família e do aluno ao processo educacional.

Os textos de Lück (2018) e Paro (2016), abordados no capítulo 3, vêm ao encontro de algumas falas que surgiram no decorrer de nossas entrevistas, sobretudo nos grupos de professores, e estão em sintonia com a nossa defesa em estimular as capacidades de colaboração do ente família. Nesse sentido, o boletim informativo caracteriza-se como um espaço de diálogo, já que tem o intuito de oferecer às famílias conteúdos para que elas possam ampliar sua relação com a instituição e, por conseguinte, o seu envolvimento com o processo educativo.

Em seu trabalho, no livro intitulado *Jornalismo da Internet: planejamento e produção da informação on-line*, Pinho (2003) traz uma análise pormenorizada da evolução da rede e dos recursos oferecidos por ela. Acerca da interatividade, ele relata:

A Internet permite diversas formas de interatividade nas suas aplicações. Os grupos de discussão, por exemplo, já têm embutido em seu propósito a interação entre os participantes de um grupo com interesse focado em um assunto específico de interesse. Mesmo **o correio eletrônico pode ser interativo quando se encorajam as respostas e são geradas discussões**

entre uma lista de pessoas que estejam recebendo a mensagem. A interatividade da rede mundial é muito valiosa para os que queiram dirigir mensagens e informações específicas para públicos de interesse. **Na Internet, a organização não está falando para uma pessoa, mas sim conversando com ela** (PINHO, 2003, p. 54, grifos nossos).

Nesse mesmo sentido, ao propor o boletim informativo, consideramos que a agenda escolar é parte significativa do cotidiano das famílias e que a ação proposta estreitará o contato da escola com a família de maneira dinâmica e acessível. Em resumo, nossa proposta tem a intenção de oferecer um meio de comunicação que promova encontros que repercutam sobre as famílias, a comunidade escolar e o aluno.

O vínculo entre esses entes se afirmou, em nossa pesquisa, como uma dimensão fundamental da gestão escolar, assim como proposto por Paro (2016), e as contribuições do PAE têm a intencionalidade de propiciar um lugar de encontro que legitime e fortaleça essa conexão. Por isso, defendemos a construção de uma participação qualificada, na qual toda a comunidade escolar possa contribuir, mesmo que indiretamente, e receber as benesses desse encontro.

Os principais achados de nossa pesquisa, que orientaram a proposta de Plano de Ação, foram agrupados no quadro abaixo, organizados a partir dos três eixos de análise trabalhados no capítulo 3.

Quadro 6 - Relação entre os principais achados e os objetivos da ação proposta

Eixos de análise	Principais achados	Ação proposta	Objetivos da ação
A percepção sobre a relação família-escola	<p>Receptividade e acolhimento nas relações família-escola.</p> <p>Fragilidade no processo comunicativo.</p>	B O L E T I M I N F O R M A T I V O	Fortalecer o processo comunicativo, seguindo uma abordagem respeitosa que já caracteriza essa relação família-escola.
Os principais entraves ao fluxo positivo na relação família-escola	<p>Falha na promoção de conteúdos e dinâmica de reuniões;</p> <p>Baixa frequência e pouco engajamento no Laboratório de Aprendizagem.</p> <p>Dificuldade de se estabelecer diálogo com as famílias sobre temas que circundam e perpassam o processo de aprendizagem.</p> <p>Fragilidade da consciência sobre o processo educacional, revelando foco nas notas e no comportamento, em detrimento do processo de aprendizagem.</p> <p>Falha no entendimento do potencial colaborativo amplo de cada membro da família.</p>		<p>Qualificar a comunidade escolar sobre temas relacionados a uma educação abrangente e cidadã.</p> <p>Elevar o senso de comunidade e a colaboração entre esses atores.</p>
As ações para fortalecer a relação família-escola	<p>Necessidade de se estimular o entendimento sobre o entrelaçamento entre as áreas de conhecimento.</p> <p>Necessidade de divulgação dos benefícios das atividades extracurriculares.</p> <p>Não acesso das famílias ao calendário escolar.</p>		Fomentar a circulação de conteúdos que, ao mesmo tempo em que extrapolam o ambiente escolar, trazem impactos sobre o processo de aprendizagem.

	<p>Falta de clareza das famílias sobre como realizar o acompanhamento dos compromissos escolares, entre eles o dever de casa.</p> <p>Reconhecimento positivo da experiência de grupo de pais ocorrida no passado.</p> <p>Necessidade de incorporação dos objetivos integrais e integradores da educação na fala e na prática dos educadores.</p>		
--	--	--	--

Fonte: Elaborado pela autora a partir de informações trazidas na análise dos dados da pesquisa presentes no capítulo 3.

Tendo identificado a falha na comunicação como um dos entraves à fluidez da coeducação na instituição em pesquisa, propomos que a escola implemente o boletim informativo, segundo o processo estruturado neste plano de ação. A escolha pelo boletim em detrimento de outros meios de comunicação, como as redes sociais, parte do princípio de que nossa audiência não receberá o documento em meio a publicações diversas na linha do tempo do *Facebook*, na qual o boletim poderia se misturar a anúncios de eventos sociais, publicações de amigos e publicidade.

Outras demandas identificadas, como o reestabelecimento do grupo de pais outrora existente e a necessidade de melhor estruturação das reuniões de pais, também se mostram relevantes; porém, elegemos o boletim informativo como a intervenção a ser detalhada para implementação eficiente. Sua abrangência poderá abarcar indireta e gradativamente tópicos relevantes, como os citados, e fortalecer a conexão entre família e escola.

Para além da comunicação, entendemos que a ação aqui apresentada alcançará êxitos em outras frentes, uma vez que os temas abordados trazem um potencial de mobilização revelado desde a sua idealização até a sua entrega. Na elaboração dos temas, gestão e corpo docente terão a oportunidade de pensar o cotidiano do aluno e das famílias a partir das demandas percebidas em sua prática, de temas relevantes e dos apontamentos das próprias famílias, como o relato de um familiar sobre uma queixa do aluno. Nesse sentido, mais uma vez a abrangência do boletim se justifica porque, ao pensar o boletim, a equipe escolar será provocada a pensar questões pedagógicas de seu cotidiano.

No decorrer da confecção do boletim, a mobilização, a reflexão e a escrita proporcionarão aos profissionais o contato, ou mesmo, reelaboração de abordagens e práticas na execução de seu ofício, remetendo à formação continuada defendida pela BNCC (BRASIL, 2017). Nesse processo de construção, conseqüentemente uma agenda de diálogo temático irá se estabelecer entre os professores, entre as famílias e entre esses grupos. A abordagem terá como fio condutor o convite ao debate da prática cotidiana no universo escolar, a partir das variadas perspectivas de agentes, propiciando um retorno quantitativo de toda audiência.

No que diz respeito à interação família-escola através de conteúdo informativo e formativo, encontramos algumas experiências mediadas por ferramentas digitais, como o aplicativo Clique Escola⁸, do Ministério da Educação brasileiro (BRASIL, 2020, 2021) e o programa *Mallette des parents* (Maleta dos Pais)⁹, do Governo Federal francês (FRANCE, 2022). O primeiro foi disponibilizado para ser instalado como aplicativo em celulares e oferece o acesso a informações técnicas sobre a escola e a algumas notícias; no entanto, não é uma ferramenta mobilizada pela instituição pesquisada, além de ser pouco divulgada em nossa comunidade, seja a comunidade escolar ou não. Já o segundo trata-se de um portal acessível ao público geral, mas que é destinado à comunidade escolar, trazendo temas relevantes e de interesse desse público.

Tais experiências colaboraram para delinear nosso plano de ação, que tem a intenção de atender o público envolvido com a instituição pesquisada e, futuramente, poderá ser expandido para a rede. Esse movimento seria semelhante ao que os projetos citados anteriormente tiveram para a nossa pesquisa. Ou seja, em nosso plano, buscamos conexões possíveis com as famílias, conexões que impactem o processo educativo e a performance do aluno na arena educacional.

4.2 ESTRUTURAÇÃO DO PLANO DE AÇÃO

Na organização do PAE, a ferramenta 5W2H será utilizada, pois serve ao propósito de auxiliar a execução de ações pela instituição, pela equipe de trabalho ou mesmo por um indivíduo que o tenha elaborado. É um instrumento funcional utilizado na resolução de demandas de gestão. A sigla 5W2H origina-se das iniciais das palavras e expressão americanas que seguem: “*what*”, “*why*”, “*who*”, “*where*”, “*when*”, “*how*” e “*how much*”, que, traduzindo,

⁸ <https://www.gov.br/pt-br/apps/cli-que-escola>

⁹ <https://mallettedesparents.education.gouv.fr/>

correspondem às expressões interrogativas “o quê?”, “por quê?” “quem?”, “onde?”, “quando?”, “como?” e “quanto?”. Ao responder a essas perguntas-chave, definem-se a ação, a justificativa, os objetivos, as etapas, os responsáveis e os custos.

A apresentação em formato de tabela facilita o acompanhamento e o controle por parte daquele que está gerindo o plano de ação. A possibilidade de visualizar, desde o início, todas as etapas e tarefas, assim como os pontos importantes (dentre eles, o meio pelo qual elas serão realizadas e quem serão os responsáveis) permite ações assertivas, controle e possível correção de falhas e, sobretudo, análise constante do processo para adequações e contínua melhoria. Poder avaliar a evolução do que foi planejado e o quanto falta para se atingir a meta são destaques dessa ferramenta, que recebeu fortes influências do toyotismo (5W2H, 2020).

Nakagawa (2000) destaca que, apesar de a ferramenta ser direcionada para a ação, existem diversos aprendizados na execução do que foi planejado. “Nem sempre o escopo (what) está bem definido, nem o problema (why) a ser resolvido é o previsto e o custo (how much) pode ser bem maior do que o imaginado. Por essas razões, a empresa precisa ter um controle de seus planos de ação” (NAKAGAWA, [2000], p. 3). Nesse sentido, para minimizar retrabalhos e gastos dispensáveis, é necessária a implementação da observância nas fases de planejamento para constante recebimento de informações acerca do processo, de forma a otimizar o resultado da execução do plano de ação (NAKAGAWA, 2000).

A tabela que constitui a ferramenta está dividida em 7 linhas, sendo cada uma direcionada a uma das perguntas orientadoras. Na primeira coluna, estão as perguntas; na segunda, cada uma é respondida objetivamente. Dessa forma, temos estabelecidas as metas do plano. Franklin e Nuss (2006) destacam que “com essa ferramenta você tem um quadro completo da tua [sic] equipe e os dados necessários para implementar o projeto. Durante a execução, o Plano de Ação permite a você saber quem é quem, o que está fazendo e porque está fazendo” (FRANKLIN; NUSS, 2006, p. [2]). O formato de apresentação em tabela e com objetivos claros facilita o entendimento e a interpretação por parte dos envolvidos. Para evidenciar o uso dessa ferramenta aplicada ao nosso plano de ação, temos as perguntas norteadoras e suas respostas no quadro 5W2H abaixo

Quadro 7 - Aplicação da ferramenta 5W2H ao PAE

O quê?	Boletim informativo trimestral.
Por quê?	Foi escolhido por se tratar de um veículo de informação versátil, com alta abrangência sobre a comunidade escolar e com baixo custo. Além disso, o boletim informativo possui alto poder de oferecer um conteúdo relevante, que proporcione a reflexão e a qualificação de nosso público.
Como?	<p>O boletim informativo será formulado e revisado sob a orientação da coordenação, através do trabalho colaborativo de uma equipe pré-estabelecida a cada trimestre e composta por seis docentes.</p> <p>A diagramação do arquivo digital será feita pela gestão após revisão de cada edição.</p> <p>O boletim será enviado para a lista de e-mails da comunidade escolar, captada pela secretaria e pela coordenação.</p> <p>Um exemplar de cada edição do boletim informativo será impresso em gráfica no tamanho A3 para ser fixado no mural localizado no hall de entrada da escola.</p> <p>Esse canal de comunicação será apresentado aos responsáveis na primeira reunião de pais do ano letivo de 2023, com o auxílio de um panfleto.</p>
Quem?	<p>A gestão da escola será responsável pela organização e edição do material e por instruir os professores acerca das pautas e diretrizes da escrita.</p> <p>Os professores contribuirão com os temas discutidos em roda de conversa.</p> <p>O grupo de trabalho de cada edição ficará responsável pela redação e revisão dos textos.</p>
Quanto?	De modo geral, o projeto não requer uso de recursos financeiros, apenas a contribuição dos professores e coordenadores que compõem os recursos humanos da escola. A única despesa a ser contabilizada será a impressão do informativo a ser fixado no mural da escola.
Quando?	Serão quatro edições do informativo por ano letivo. Seguindo o calendário da escola, as edições serão enviadas nos meses de março, junho, setembro e dezembro. A preparação de cada edição acontecerá nos dois meses que antecedem cada envio.
Onde?	O envio às famílias e à comunidade escolar acontecerá por meio da plataforma digital <i>Mailchimp</i> .

Fonte: Elaborado pela autora a partir do referencial teórico e planejamento desenvolvidos neste capítulo.

A partir do quadro, é possível visualizar os pilares do plano para, na próxima seção, detalharmos sua execução. Do ponto de vista da gestão da escola, para além da comunicação com a família, uma das vantagens de aderir ao boletim informativo como recurso é o controle oferecido pela plataforma de distribuição por meio da qual ocorrerá o envio. Existem várias plataformas que oferecem o serviço de organização da elaboração e do envio, além do monitoramento da recepção do boletim. A plataforma oferece um controle estatístico que permitirá ao administrador avaliar, em números, a receptividade do informativo e, dessa forma, se necessário, implementar a divulgação.

Como descrito no quadro, as famílias serão informadas previamente acerca do recebimento do boletim, com o intuito de criar uma expectativa pela chegada do conteúdo e favorecer a recepção desse novo canal de comunicação. No cronograma de apresentação e implementação do boletim informativo, os pais serão informados sobre o conceito, o formato, o canal de recebimento e a periodicidade.

Na próxima seção, apresentaremos as 5 etapas de execução do PAE, sendo que algumas delas acontecerão em mais de um momento, ou seja, uma etapa poderá estar subdividida em outras etapas (sub-etapas) para sua conclusão. As etapas estão nomeadas da seguinte forma: (1) confecção e revisão do boletim informativo; (2) distribuição do panfleto explicativo em reunião com as famílias; (3) captação de e-mails; (4) envio do boletim informativo; (5) controle e análise das métricas de envio e recebimento.

4.3 EXECUÇÃO DO PLANO DE AÇÃO

Nessa seção, detalharemos com maior precisão o que está previsto para cada etapa de execução do PAE. Tal pormenorização cumpre o propósito de estabelecer uma exposição didática das etapas, a fim de manter o rigor da transmissão do plano à prática. E, nessa direção, atingir o ápice deste trabalho de pesquisa e fidelizar um canal digital de comunicação acessível às famílias dos estudantes, com efeitos sobre a rotina do estudante frente ao processo de aprendizagem e sobre a comunidade escolar.

No quadro abaixo, sintetizamos as cinco etapas que envolverão o processo de implementação do boletim informativo, a fim de dar visibilidade à evolução da ação. Na sequência, apresentaremos o período da ação e os seus responsáveis.

Quadro 8 – Cronograma de execução do PAE

Etapas da ação proposta	Período	Responsável
Confeção e revisão do boletim informativo	Reuniões pedagógicas de novembro/dezembro de 2022	Equipe de trabalho e equipe gestora
Distribuição do panfleto explicativo em reunião com as famílias	Primeira quinzena de fevereiro 2023	Equipe de trabalho e equipe gestora
Captação de <i>e-mails</i>	Prazo de até 7 dias após reunião ocorrida na primeira quinzena de fevereiro de 2023	Equipe de trabalho e equipe gestora
Envio do boletim informativo	14 de março de 2023 (segunda terça feira do mês)	Equipe gestora
Controle e análise das métricas de envio e recebimento	Reunião pedagógica de abril de 2023	Equipe de trabalho e equipe gestora

Fonte: Elaborado pela autora a partir do planejamento desenvolvido neste capítulo.

O compilado das etapas de execução do PAE no quadro acima nos dá visibilidade do cronograma e dos envolvidos no processo. A seguir descreveremos as cinco etapas por meio de seções independentes, segundo a sequência cronológica prevista.

4.3.1 Confeção e revisão do boletim informativo (Etapa 1)

A primeira etapa da execução será a confeção e revisão do boletim informativo. A gestão escolar e os professores serão os responsáveis por formular o boletim informativo utilizando, durante reunião pedagógica, recursos disponíveis na instituição, tais como os computadores da sala de informática ou o sinal de rede de internet da escola, para aqueles que preferirem utilizar o seu próprio equipamento eletrônico. A proposta é que todos os envolvidos tenham acesso ao planejamento e evolução do boletim, que ocorrerá através de um documento compartilhado. Caso necessário, apesar de o produto final ser um documento digital, esse momento da primeira etapa poderá ser realizado através de um documento manuscrito, desde que sejam respeitadas as delimitações previstas. As delimitações previstas para cada seção são previsões adaptadas do *template* que utilizamos como referência para essa primeira edição do boletim informativo proposta. Abaixo, trazemos uma descrição do documento, com a indicação de quantas e quais seções terá o boletim, bem como a quantidade de palavras em cada uma e

sua disposição no informativo. Tal limitação acerca de cada seção cumpre o propósito de apresentar os conteúdos de uma forma diversificada e atrativa, de modo a manter ativo o interesse do leitor pelo conteúdo entregue.

O boletim informativo será entregue de forma virtual e contará com duas páginas, conforme o esquema apresentado a seguir. Na primeira, teremos o editorial, com uma média de 100 a 110 palavras; uma seção temática apresentando o texto destaque de nosso boletim, variando entre 170 e 180 palavras (já incluído o título); os avisos de 2 a 4 eventos previstos para o próximo trimestre e uma citação de destaque, extraída do texto da seção temática da primeira página, limitando-se a uma frase. Já na segunda página, teremos as seguintes seções: destaques recentes, na qual serão apresentados acontecimentos ocorridos na escola (entre 150 e 160 palavras, título incluído); segunda seção temática, com um texto-destaque variando entre 260 e 270 palavras, já incluso o título; seção cultural com sugestões, por faixa etária, de filmes, livros, jogos educativos, museus ou outros centros culturais, indicação de sites, entre outros (entre 60 e 70 palavras, incluindo o título). Havendo necessidade de algum ajuste nas fases de pesquisa de conteúdo, escrita ou revisão, os responsáveis farão os ajustes no decorrer da reunião pedagógica e, se a necessidade for identificada posteriormente à reunião, a gestão fica responsável por tais modificações.

Abaixo, apresentamos um esquema visual da disposição das seções a serem apresentadas no boletim informativo, conforme a descrição acima.

Figura 1 – Esquema das seções do boletim informativo



Fonte: Elaborado pela autora a partir do planejamento desenvolvido neste capítulo.

A escrita dos textos, conteúdo a ser entregue, será organizada da seguinte forma: em duas reuniões pedagógicas a cada trimestre, será reservado um período de 60 a 90 minutos para debate e produção da publicação. A cada edição será selecionado um grupo de trabalho com seis professores para elaborar diretamente os textos. No tempo acima indicado, os professores convidados e/ou voluntários de cada edição dedicarão seus esforços à escrita (utilizando-se dos tipos de textos: dissertativo, argumentativo, expositivo, entre outros, já que as seções do boletim possuem características variadas). Enquanto isso, os demais docentes, divididos em grupos de cada segmento educacional, farão uma roda de conversa sobre questões que têm afetado a prática pedagógica e poderão ser abordadas em edições futuras do informativo para abrir diálogo com as famílias. Ao final da roda de conversa, cada grupo apresentará um documento com o tema sugerido, descrevendo brevemente sua relevância e seu contexto de abordagem (Apêndice C). Tal documento servirá à gestão como levantamento das possíveis pautas para futuras edições.

Já na segunda reunião, o grupo de trabalho envolvido com cada edição do boletim dedicará o tempo para revisão e finalização do material. O grupo composto pelos demais profissionais, de posse do documento elaborado na primeira reunião, fará o levantamento de fontes e referenciais que discutam os temas indicados, tais como artigos científicos, livros sobre o tema, trabalhos dos bancos de dados das universidades e textos publicados em revistas confiáveis. Os professores poderão utilizar tanto seus próprios equipamentos eletrônicos para a pesquisa como os computadores da sala de informática; a rede de internet ficará disponível para tal levantamento on-line.

Finalizada a etapa de elaboração, os documentos serão encaminhados à coordenação, que fará a diagramação dos textos em um documento digital do Word a ser convertido em PDF. A sugestão para a primeira edição, constante no apêndice E, é um modelo a ser disponibilizado para facilitar a diagramação das outras edições pela gestão, servindo como base. Ao receber a aprovação da gestão por estar em conformidade com o previsto, o documento estará pronto para ser exportado para a plataforma de distribuição (a ser apresentada na seção 4.3.4), a partir da qual o boletim informativo será enviado para o e-mail de nosso público-alvo.

4.3.2 Distribuição do panfleto explicativo em reunião com as famílias (Etapa 2)

A segunda etapa, a distribuição do panfleto em reunião com as famílias, acontecerá na primeira reunião de pais de 2023, na qual serão abordados assuntos de início de ano letivo e será apresentado esse novo veículo comunicativo, cujo objetivo é fidelizar, qualificar e ampliar a relação família-escola identificada na instituição.

A adoção desse recurso impresso serve ao propósito de dar suporte à gestão na apresentação da ação digital (boletim informativo). Na oportunidade, os pais também serão convidados a refletirem acerca da coeducação e do histórico institucional, que evidencia uma boa relação família-escola. Ao adotar o panfleto (Apêndice D), também criamos uma via de comunicação alternativa para atender aos responsáveis que não comparecerem à reunião e informá-los dessa ação, uma vez que os alunos terão a possibilidade de levar esse material como bilhete para casa. No panfleto, constarão as seguintes informações: objetivos, periodicidade e canal de recebimento (e-mail) do boletim informativo.

4.3.3 Captação de e-mails (Etapa 3)

A terceira etapa consta da captação de e-mails. No dia da primeira reunião de pais do ano letivo de 2023 e no panfleto, será solicitado a cada família que disponibilize um e-mail pelo qual ela possa receber o boletim informativo. A importância da precisão desse dado será bem compreendida na próxima seção, pois falaremos de como esses dados alimentarão a plataforma de distribuição, na qual procederemos ao envio do boletim.

Na intenção de tornar a captação de e-mails mais ágil, a lista de presença da reunião já tradicionalmente organizada pela secretaria por turmas deverá ser complementada, em um documento do Excel, para incluir dados necessários à implementação do PAE. Desta forma, após o cabeçalho com dados da turma, constarão quatro colunas, sendo que a primeira, intitulada nome do aluno, estará preenchida com os nomes dos alunos de cada turma, extraídos do Sistema Integrado para Apoio à Administração e Controle Escolar (Sislame), que gerará a lista. As outras quatro colunas estarão em branco, para que os responsáveis possam preencher com seu nome, e-mail de contato e assinatura.

Como dito anteriormente, aqueles responsáveis que não comparecerem à reunião receberão o panfleto, no qual será disponibilizado, ao final da folha, um quadrante para que as famílias possam preencher as lacunas informando nome e turma do aluno e nome e e-mail do

responsável. Nesse caso, dos alunos que levarem o panfleto como bilhete para casa, a parte a ser destacada deverá ser preenchida e entregue na secretaria da escola no prazo máximo de 7 dias (uma semana) após a ocorrência da reunião. Na oportunidade da reunião e junto à secretaria, poderão ser esclarecidas as dúvidas que surgirem.

De posse dos dados captados, eles serão inseridos pela coordenação na planilha do Excel anteriormente preparada. A coluna assinatura será excluída e, além das colunas já apresentadas, constarão também duas outras, vínculo com a instituição e segmento educacional, que serão alimentadas pela coordenação. A coluna “vínculo com a instituição”, apesar de não aparecer no bilhete anexo ao panfleto, será alimentada pela coordenação, que incluirá a palavra “responsável” para indicar que os dados de contato são de familiares dos alunos. A coluna foi criada com o intuito de possibilitar a inclusão de membros da comunidade escolar, tais como professor, coordenador e gestor. No interior da plataforma, tal coluna viabilizará a setorização do envio de uma publicação, como o envio de um boletim teste apenas para a coordenação.

4.3.4 Envio do boletim informativo (Etapa 4)

A quarta etapa compreende o envio do boletim informativo. Para sua execução, utilizaremos uma plataforma de distribuição, na qual procederemos ao envio do boletim. A plataforma escolhida foi a *Mailchimp*, que oferece ferramentas de marketing que favorecem o envio e o acompanhamento da recepção do trabalho, seja na distribuição ou na análise das métricas.

A plataforma oferece o uso gratuito até o limite de 2000 contatos e *templates* a serem utilizados para confecção do boletim, sendo possível a inserção de documentos formatados como imagem ou PDF. Em nosso trabalho, utilizaremos o documento em PDF, que será importado para a plataforma no momento de envio da campanha.

O acesso ao portal será realizado através do e-mail e senha cadastrados pela instituição. Na interface do portal, temos um menu de opções localizado em uma coluna, na lateral esquerda da tela. Entre as funções disponíveis, utilizaremos os ícones *Create* (criação), *Audience* (público) e *Campaigns* (campanhas) para o envio do boletim. A seguir, detalharemos como cada uma dessas funções será utilizada no boletim informativo da escola.

Inicialmente, os contatos da comunidade escolar deverão ser organizados na plataforma. Isso será feito a partir das listas de e-mails previamente confirmados com pais e responsáveis, que contarão com as seguintes informações: nome, e-mail, vínculo com a instituição e segmento

educacional (Educação Infantil, Ensino Fundamental 1, Ensino Fundamental 2). Tais dados estarão organizados em uma planilha do Excel, a qual será importada para a plataforma através da subseção *all contacts* (todos os contatos) e da opção copiar e colar.

Já com os contatos salvos e o documento (boletim informativo) pronto em formato PDF, será o momento de enviar o boletim informativo. Na plataforma, todo e-mail a ser enviado é considerado uma campanha. Dessa forma, acionaremos o ícone *Campaigns*, em seguida a função *Create* (criação) e, por fim, e-mail. Na sequência da próxima tela, deveremos digitar o nome da campanha em *Campaign name*, sendo esse nome apenas para o controle interno de envio, e clicar em *Begin* (começar).

A partir desse momento, chega-se à página de configuração do e-mail a ser enviado e o primeiro passo será clicar em *To* (para) e em *Add Recipients* (adicionar destinatários) para selecionar aqueles que irão receber sua campanha, ou seja, o e-mail com o boletim informativo. Ainda na página de configuração do e-mail, a opção *From* (a partir de) será preenchida com o nome da instituição e a opção *E-mail address* (endereço de e-mail) com o endereço eletrônico da escola. As configurações realizadas na opção *From* deverão ser salvas para que se continue com o preenchimento da lacuna intitulada *Subject* (assunto da campanha), que deverá ser preenchida com uma frase curta e objetiva (máximo de 150 caracteres), como “Boletim do Thereza” e, na sequência, a lacuna a ser preenchida é *Preview text* (texto de visualização), palavra ou frase positiva que desperte o interesse do leitor (máximo de 150 caracteres). Incluídas essas informações, deve-se clicar no ícone para salvá-las e, assim, passar para a próxima fase, intitulada *Content* (conteúdo), ainda pertencente às configurações do e-mail, e clicar em *Design E-mail* (projetar e-mail).

Após optar por um dos modelos disponíveis, a plataforma abrirá outra página, na qual se pode personalizar e incluir as informações que irão aparecer quando o usuário receber o e-mail, inclusive o link para acessar o boletim informativo, que estará disponível em PDF. O modelo a ser personalizado está organizado em blocos de diferentes tipos (como texto, imagem, botão) disponíveis na metade esquerda da tela, com as opções de anular, duplicar e selecionar. Ao selecionar um bloco, é possível trabalhá-lo utilizando as ferramentas disponíveis para a personalização, que ficam aparentes na metade direita da página. Os blocos disponíveis recebem títulos que sugerem o que incluir, tais como logo, texto, ícones para as redes sociais da instituição e rodapé, todos com opções de personalização, como estilo e definições. O link para acesso ao boletim deverá ser incluído no bloco de texto, em que uma frase objetiva deve

convidar o leitor a clicar no link e a tirar o máximo proveito do boletim informativo. Concluída essa fase, o boletim estará pronto para o envio.

Para iniciar o envio, deve-se clicar em *List* (lista) e selecionar a lista que foi importada do Excel. Em seguida, irá aparecer a opção *Segment or Tag* (segmento ou etiqueta). Esses ícones serão utilizados no caso de o envio ser direcionado para apenas um recorte da lista. Caso contrário, deve-se selecionar a lista e enviá-la. Tal processo para ajuste e personalização acontecerá a cada nova campanha, ou seja, a cada boletim. Cada um deles ficará arquivado em *Campaigns* e será por meio desse arquivo que faremos o controle e análise dos números acerca do envio e do recebimento, a serem tratados na próxima seção.

4.3.5 Controle e análise das métricas de envio e recebimento (Etapa 5)

A quinta etapa, controle e análise das métricas de envio e recebimento, consiste em avaliar as métricas resultantes da entrega do boletim informativo. Para isso, usaremos a função *Campaigns*, na qual temos um painel que apresenta o número de contatos que recebeu o e-mail e o percentual da audiência que o abriu, ou seja, clicou no link para abrir o boletim informativo. Esse registro quantitativo da campanha serve ao propósito de confirmar o recebimento do boletim pelas famílias e confirmar se elas tiveram contato com o conteúdo. Já uma avaliação qualitativa, que considere os impactos e mobilizações ocasionadas pela circulação do boletim, objetivo principal deste trabalho, só será possível a longo prazo e de forma subjetiva, no contato pessoal com as famílias, através de relatos ou ações, já que a publicação busca incentivar a família a discutir temas que cercam o cotidiano dos alunos e impactam sua formação.

Cada uma das cinco etapas dedicadas ao desenvolvimento da implementação da ação proposta é importante, e a reunião delas, segundo nossa expectativa, gradativamente irá proporcionar uma aproximação dos entes família e escola, ou ao menos a apuração, por parte da família, do entendimento sobre suas possibilidades de apoio ao estudante. Esse último efeito, sobretudo, eleva o posicionamento ativo de toda a comunidade escolar, o que traz benefícios ao processo de aprendizagem e/ou crescimento individual dos entes envolvidos.

A intencionalidade de qualificação do público, através do boletim interno, permite a incidência de temas próprios ao controle da família. Questões que abarcam o currículo poderão circular com a intenção de informar e instrumentalizar o público.

Diante da ação apresentada, espera-se que este Plano de Ação Educacional contribua para o fortalecimento contínuo da relação família-escola e para o melhor desenvolvimento da

cultura da coeducação na instituição objeto desta pesquisa. Afinal, o fruto que se espera dessa relação refletirá diretamente na garantia de uma educação com mais qualidade, resultante da vivência de um processo de construção e assimilação com múltiplos agentes responsáveis e trocas legítimas entre eles. No próximo capítulo, apresentaremos as considerações finais da pesquisa.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao iniciar as nossas considerações finais, retomamos nossa questão de investigação, que buscou apurar quais práticas gestoras poderiam, na instituição em análise, fortalecer o vínculo e a colaboração entre família e escola de modo a beneficiar o processo educacional. Destaca-se que, desde nossas observações iniciais, percebemos uma predisposição de alianças mais significativas entre escola e família na instituição pesquisada. Foi essa motivação que nos acompanhou em todo o percurso de pesquisa.

Na evolução de nossa questão de investigação, desenvolvemos o objetivo geral, os objetivos específicos e os capítulos deste trabalho, que totalizam cinco. A partir dos resultados e achados da pesquisa, pudemos elaborar o plano de ação descrito no capítulo 4.

No primeiro capítulo, introdução, apresentamos uma exposição geral da pesquisa, com o apontamento do problema, da hipótese e dos objetivos gerais e específicos, além de trazer algumas referências da literatura que orientou o trabalho. O objetivo geral, fundamentado na questão de investigação e no propósito do programa de pós-graduação no qual a pesquisa se realiza, foi identificar as práticas gestoras da instituição em estudo que colaboram para aproximar a família da vivência escolar para, a partir disso, propor um plano de ações que aprimore os mecanismos já existentes e implemente novas práticas, com impacto sobre o desempenho dos estudantes. A partir dele, temos os objetivos específicos: (i) descrever a relação entre família e instituição na Escola Municipal Professora Thereza Falci, contemplando as práticas de aproximação das famílias e os entraves que têm comprometido a complementaridade entre família e escola; (ii) analisar o caso de gestão tendo por norte o referencial teórico que aborda o tema coeducação, apresentando os instrumentos de pesquisa e argumentando a partir dos dados colhidos, e (iii) propor um plano de ação para fortalecer a aliança entre família e escola, alinhando-o à identidade da instituição e às contribuições de estudos acadêmicos como a presente pesquisa.

No segundo capítulo, descrevemos o histórico da participação da família na instituição, segundo os achados documentais e as evidências que direcionaram a elaboração do nosso problema de pesquisa. Tal caracterização otimizou nossas expectativas acerca do potencial colaborativo e de conexões mais significativas que poderiam existir entre os entes família e escola, pois no histórico da instituição conseguimos perceber a presença do primeiro ente junto ao segundo, sem conseguir dimensionar a qualidade, além de documentos norteadores da escola

nos quais identificamos movimentos para acolher e incluir a família no processo de aprendizagem.

No terceiro capítulo, trouxemos as contribuições teóricas que discutem a relação entre família e escola e descrevemos a proposta metodológica, bem como os instrumentos de pesquisa e os achados resultantes das análises das entrevistas. Nesse contexto, merecem destaque os três eixos de análise que surgiram principalmente a partir da análise do material das entrevistas, mas também influenciados pelos objetivos e pela luz do referencial teórico: (i) a percepção sobre a relação família-escola, (ii) os principais entraves ao fluxo positivo na relação família-escola e (iii) as ações para fortalecer a relação família-escola.

A organização do material em eixos colaborou, em grande medida, para classificar os principais achados da pesquisa, a partir dos quais foram geradas as condições propícias para a confecção do Plano de Ação Educacional (PAE).

No quarto capítulo, foi apresentada e discutida a ação que ocupa o ponto alto deste trabalho: a veiculação digital do boletim informativo trimestral da instituição, uma ação de entrega de conteúdos que impactam o elo colaborativo, auxiliando a comunidade escolar a galgar êxitos na correlação entre a participação familiar no processo educacional (coeducação) e a aprendizagem dos alunos.

Por fim, após a trajetória brevemente descrita acima, chegamos ao presente capítulo, no qual descrevemos as conclusões do estudo, assim como os seus limites e as indagações que ficam para pesquisas futuras.

A legislação e o referencial teórico, apresentados de forma mais destacada no terceiro capítulo, validaram a relevância de nossa pesquisa e auxiliaram a interpretação dos dados colhidos nas entrevistas.

Retomemos aqui que, ao nos debruçarmos sobre a elaboração do roteiro de entrevistas, além de considerarmos nossa questão de investigação, também levamos em conta três outros fatores: o momento de restrições sociais e recomendações de isolamento que vivíamos devido ao cenário de pandemia, o conceito de coeducação e o clima institucional percebido. Ponderadas essas três vertentes, que também influenciaram na elaboração das entrevistas, passemos à receptividade verificada, junto aos profissionais e responsáveis, do recebimento do convite através dos grupos de *WhatsApp* da escola para colaborarem com a pesquisa até a realização on-line das entrevistas. Tal receptividade pode ser notada nas respostas positivas ao convite, na prontidão de alguns que não conheciam o aplicativo *Meet* ao tomar conhecimento

do recurso e o instalarem em seus dispositivos e no clima cordial e organizado que se estabeleceu no decorrer das entrevistas.

O êxito na utilização de tal recurso como instrumento de pesquisa, a nossa observância acerca do crescente uso do Drive compartilhado da escola pelos professores e os resultados da pesquisa são indícios da receptividade que terá o boletim informativo a ser veiculado de forma digital. A decisão por apresentar o boletim em uma reunião de pais com o auxílio de um panfleto também favorece o entendimento das famílias sobre a ação, pois amplia o espaço para trocas de informações e para o esclarecimento de dúvidas.

Acerca dos principais achados, temos compilados, no eixo (i), a receptividade e acolhimento nas relações família-escola e a fragilidade no processo comunicativo; no eixo (ii), a falha na promoção de conteúdos e dinâmica de reuniões de pais, a baixa frequência e pouco engajamento no Laboratório de Aprendizagem, a dificuldade de se estabelecer diálogo com as famílias sobre temas que circundam e perpassam o processo de aprendizagem, a fragilidade da consciência sobre o processo educacional revelando foco nas notas e no comportamento, em detrimento do processo de aprendizagem, e a falha no entendimento do potencial colaborativo amplo de cada membro da família; por fim, no eixo (iii), a necessidade de estimular o entendimento sobre entrelaçamento de áreas de conhecimento, a necessidade de divulgação dos benefícios das atividades extracurriculares, a falta de clareza das famílias sobre como realizar o acompanhamento dos compromissos escolares, entre eles o dever de casa, o não acesso das famílias ao calendário escolar, o reconhecimento positivo da experiência de grupo de pais ocorrida no passado e a necessidade de incorporação dos objetivos integrais e integradores da educação na fala e na prática dos educadores.

A proposta de um boletim informativo, segundo nosso entendimento e o amparo da literatura, propiciará um elo comunicativo com as famílias, no sentido de contemplar os achados da pesquisa. Ressaltamos que, a partir da veiculação do boletim, poderemos alcançar uma caminhada próspera rumo à experiência da coeducação através de conteúdos direcionados.

O conceito de coeducação defendido por nós neste trabalho se estabelece como um ponto confluyente na articulação de pontos centrais ao processo escolar com a família, como a agenda escolar e oportunidades de encontros, a fim de trazer a coeducação como prática inerente ao processo educacional. Nesse sentido, ações que busquem fortalecer a consciência de coeducação e exaltar os sinais positivos dessa prática de colaboração reforçam sua importância.

Nessa perspectiva, as seções do boletim informativo cumprem o propósito de levar até as famílias conteúdos e informações que se encontrem no ponto de interseção entre os núcleos

família e escola. Muitas vezes, serão temas que perpassam a educação de forma subjetiva, mas que interferem demasiadamente no processo educativo. Na literatura, temos a defesa da utilização de estratégias de mediação que facilitem o diálogo, sugerindo o acolhimento das famílias para resolução de problemas e/ou conversas proativas acerca da educação, assim como os temas transversais, que são essenciais à formação do educando e perpassam todas as áreas de conhecimento.

A qualificação da comunidade escolar sobre temas transversais à aprendizagem, segundo os apontamentos conclusivos deste trabalho, é essencial para a compreensão da família acerca do processo educativo vivenciado pelo aluno. Temas que surgiram na análise das entrevistas, como a ocorrência, por vezes, de um abalo da disposição da família para colaborar com o processo escolar, ou mesmo a inexistência desse suporte, poderão ser abordados no canal de comunicação proposto, assim como a subutilização do Laboratório de Aprendizagem, que também apareceu na análise dos dados. Outros temas, como a alimentação, o sono, o uso de eletrônicos, o equilíbrio emocional e o papel da arte na formação humana, também poderão ser discutidos na execução do boletim, pois interferem na rotina dos estudantes.

O conhecimento sobre as particularidades e expectativas de cada um a respeito do ano escolar, assim como o contato com o calendário escolar e o calendário de provas, por parte das famílias, poderá permitir a imersão destas no processo de coeducação defendido e almejado por nós na instituição pesquisada.

Nesse sentido, a circulação de conteúdos que, ao mesmo tempo que extrapolam o ambiente escolar, trazem impactos sobre o processo de aprendizagem é o propósito do veículo de comunicação proposto, que busca ampliar e qualificar o envolvimento da família no processo de aprendizagem, além de fortalecer a consciência das famílias sobre o caráter colaborativo e gradual inerente à experiência educacional.

Propomos uma ação que terá alcance sobre os principais achados, indicação que foi considerada por reconhecermos seu potencial de aplicabilidade e sua abrangência, apesar de não termos a pretensão de conferir a tal ação a total abordagem dos principais achados de nossa pesquisa que demandam encaminhamentos e resoluções, pois reconhecemos que, entre os achados, existem aqueles que merecem uma ação específica para abordagens com maior êxito. Nesse sentido, pontuamos esse aspecto como um limite da pesquisa, mas conscientes de que a opção escolhida de estudar, aprofundar e pormenorizar a ação proposta (boletim informativo) colaborará, em grande medida, para o sucesso de sua implementação. Assim, aquilo que extrapola o limite do plano de ação pode ser uma consideração, uma indicação para futuras

pesquisas, inclusive pesquisas que complementariam esta, ou seja, uma possível expansão, após sua implementação e avaliação.

Por entendermos que o tema da comunicação entre família e escola é um estudo de interesse público, este estudo abre-se para a leitura, para o estudo e para uma possível implementação do plano aqui proposto em outras instituições.

REFERÊNCIAS

APPLE, Michael; BEANE, James (org.). **Escolas Democráticas**. São Paulo: Cortez, 2001. 159 p.

BRASIL. [Constituição (1988)]. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Presidência da República, 1988. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm. Acesso em: 1 set. 2020.

BRASIL. **Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990**. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. Brasília, DF: Presidência da República, 1990. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l8069.htm. Acesso em: 2 jun. 2020.

BRASIL. **Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996**. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília, DF: Presidência da República, 1996. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm. Acesso em: 5 abr. 2020.

BRASIL. **Lei nº 13.005, de 25 de junho de 2014**. Aprova o Plano Nacional de Educação – PNE (2014-2024) e dá outras providências. Brasília, DF: Presidência da República, 2014. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2011-2014/2014/Lei/L13005.htm. Acesso em: 1 set. 2020.

BRASIL. Ministério da Defesa. **Informativo – PROFESP: carinho com disciplina**. Brasília, DF: MD, 2020a. Disponível em: https://www.gov.br/defesa/pt-br/arquivos/programas_sociais/profesp/informativoa_profespea_2020a_va_finala_19a_fev.pdf. Acesso em: 4 maio 2021.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria da Educação Básica. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, DF: MEC, 2017. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf. Acesso em: 18 set. 2020.

BRASIL. Supremo Tribunal Federal. **Suspensa eficácia de decreto que instituiu a política nacional de educação especial**. Brasília, DF: STF, 1 dez. 2020b. Brasília: STF, 2020. Disponível em: <http://portal.stf.jus.br/noticias/verNoticiaDetalhe.asp?idConteudo=456419&ori=1>. Acesso em: 4 maio 2021.

BRASIL. Ministério da Educação. **Clique Escola**. Brasília, DF: MEC, 13 mar. 2020. Disponível em: <https://www.gov.br/pt-br/apps/clique-escola>. Acesso em: 26 maio 2022.

BRASIL. Ministério da Educação. **MEC lança versão 2.0 do Aplicativo Clique Escola**. Brasília, DF: MEC, 19 dez. 2021. Disponível em: <https://www.gov.br/mec/pt-br/assuntos/noticias/mec-lanca-versao-2-0-do-aplicativo-clique-escola>. Acesso em: 26 maio 2022.

BURGOS, Marcelo Baumann. **A escola e o mundo do aluno: estudos sobre a construção social do aluno e o papel institucional da escola**. Rio de Janeiro: Garamond, 2014.

BURGOS, Marcelo Baumann. Dimensões institucionais da gestão escolar. **Pesquisa e Debate em Educação**, v. 3, n. 2, p. 11-23, 2013. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/RPDE/article/view/32234/21315>. Acesso em: 30 set. 2022.

CASTRO, Maria Helena Guimarães de. A consolidação da política de avaliação da educação básica no Brasil. *In*: BROOKE, Nigel; ALVES, Maria Teresa Gonzaga; OLIVEIRA, Lina Kátia Mesquita de (org.). **A avaliação da Educação Básica: a experiência brasileira**. Belo Horizonte: Fino Traço, 2015. 604 p.

CAVALCANTE, Roseli Schultz Chiovitti. Colaboração entre pais e escola: educação abrangente. **Psicologia Escolar e Educacional**, Campinas, v. 2, n. 2, p. 153-160, 1998. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-85571998000200009&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 2 mar. 2021.

COSTA, Andreia Mendes. **Conselho escolar: desafios e novas possibilidades de promoção da participação democrática em escolas estaduais de Governador Valadares**. 2018. Dissertação (Mestrado Profissional em Gestão e Avaliação da Educação Pública) – Faculdade de Educação/CAEd, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2018. Disponível em: http://mestrado.caedufjf.net/wp-content/uploads/2019/01/ANDREIA-MENDES-COSTA_REVISADO.pdf. Acesso em: 14 set. 2019.

DESSEN, Maria Auxiliadora; POLONIA, Ana da Costa. A família e a escola como contextos de desenvolvimento humano. **Paidéia**, Ribeirão Preto, v. 17, n. 36, p. 21-32, 2007. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-863X2007000100003. Acesso em: 27 nov. 2020.

DE MELO, Maria Tereza Leitão. O chão da escola-Construção e afirmação da identidade. **Retratos da escola**, v. 3, n. 5, 2009. Disponível em: <https://retratosdaescola.emnuvens.com.br/rde/article/view/31/191>. Acesso em: 30 set. 2022.

ESCOLA MUNICIPAL PROFESSORA THEREZA FALCI. **Ata do colegiado - reunião de 07/07/2004**. Juiz de Fora: EMPTF, 2004.

ESCOLA MUNICIPAL PROFESSORA THEREZA FALCI. **Ata do colegiado - reunião de 14/08/2003**. Juiz de Fora: EMPTF, 2003.

ESCOLA MUNICIPAL PROFESSORA THEREZA FALCI. **Ata do colegiado - reunião de 14/06/2012**. Juiz de Fora: EMPTF, 2012b.

ESCOLA MUNICIPAL PROFESSORA THEREZA FALCI. **Projeto Político Pedagógico**. Juiz de Fora: EMPTF, 2012a.

ESCOLA MUNICIPAL PROFESSORA THEREZA FALCI. **Regimento Escolar**. Juiz de Fora: EMPTF, 2011.

FARIA FILHO, Luciano Mendes de. Para entender a relação escola-família: uma contribuição da história da educação. **São Paulo em Perspectiva**, São Paulo, v. 14, n. 2, p. 44-50, 2000.

Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-88392000000200007&lng=pt&tlng=pt. Acesso em: 20 set. 2019.

FLORES, Natália; ARNT, Ana. Desigualdade social e tecnologia: o ensino remoto serve para quem? Campinas: **Blog Unicamp**, 2020. Disponível em: <https://www.blogs.unicamp.br/covid-19/desigualdade-social-e-tecnologia-o-ensino-remoto-serve-para-quem/>. Acesso em: 16 set. 2021.

FRANCE. Ministère de L'éducation Nationale et de la Jeunesse. **Mallette des parents**. Paris: Ministère de L'éducation Nationale et de la Jeunesse, 2022. Disponível em: <https://mallettedesparents.education.gouv.fr/>. Acesso em: 26 maio 2022.

FRANKLIN, Yuri; NUSS, Luiz Fernando. Ferramenta de gerenciamento. In : **SIMPÓSIO DE EXCELÊNCIA EM GESTÃO E TECNOLOGIA**, 2., 2006, Resende. Anais [...]. Resende: AEDB, 2006. Disponível em: https://www.aedb.br/seget/arquivos/artigos08/465_PA_FerramentadeGerenciamento02.pdf. Acesso em: 3 dez. 2021.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua – Acesso à internet e à televisão e posse de telefone celular para uso pessoal 2019**. Rio de Janeiro: IBGE 2019b. Disponível em: https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101794_informativo.pdf. Acesso em: 20 abr. 2021.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua – Educação 2019**. Rio de Janeiro: IBGE, 2019a. Disponível em: https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101736_informativo.pdf. Acesso em: 11 ago. 2021.

JUIZ DE FORA. Secretaria de Educação. **Cadinho de Prosa: um Projeto de Educação em tempos de Pandemia**. Juiz de Fora: SE, 2021. Disponível em: <https://sites.google.com/view/cadinho-de-prosa/projeto-cadinho-de-prosa?authuser=0>. Acesso em: 17 mar. 2021.

JUIZ DE FORA. Secretaria de Educação. **Portaria nº 4212**. Dispõe sobre a regulamentação do Regime Extraordinário de Atividades dos Professores e Coordenadores Pedagógicos que atuam nas Escolas da Rede Municipal de Ensino de Juiz de Fora no período de suspensão das aulas presenciais como uma das medidas de prevenção, cautela e redução da transmissibilidade decorrentes do novo Coronavírus (COVID-19) no âmbito da Secretaria de Educação de Juiz de Fora. Juiz de Fora: SE, 11 ago. 2020. Disponível em: https://www.pjf.mg.gov.br/e_atos/e_atos_vis.php?id=77582. Acesso em: 2 dez. 2020.

JUIZ DE FORA. Secretaria de Educação. **Resolução 00025/2008**. Estabelece normas para organização e funcionamento das escolas municipais e dá outras providências. Juiz de Fora: SE, 26 nov. 2008. Disponível em: <https://jflgis.pjf.mg.gov.br/norma.php?chave=0000030703>. Acesso em: 22 set. 2019.

LAHIRE, Bernard. **Sucesso escolar nos meios populares**. As razões do improvável. Editora Ética, 1997. 367p.

LEITE, Francisca Oleania Torquato. **Família e escola: parceria necessária para erradicar o fracasso escolar.** 2015. Dissertação (Mestrado em Ciências da Educação) – Instituto de Educação, Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, Lisboa, 2015.

LINDLEY, Cody. **Newsletter: o que é, como funciona, como fazer e exemplos.** Chicago, EUA: Active Campaign, 20 abr. 2022. Disponível em: <https://www.activecampaign.com/br/blog/newsletter>. Acesso em: 8 jun. 2022.

LÜCK, Heloísa. **A gestão participativa na escola.** 11. ed. (3ª reimpressão). Petrópolis: Vozes, 2018. V. 3. (Série Cadernos de Gestão).

LÜDKE, M.; ANDRÉ, M. E. D. A. **Pesquisa em Educação: abordagens qualitativas.** São Paulo: EPU, 1986. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4091392/mod_resource/content/1/Lud_And_cap3.pdf. Acesso em 8 jun.2022.

MELO, Silas Tiago Oliveira de. **Revisão histórica do Programa Educacional de Resistência às Drogas: uma estratégia eficiente e de baixo custo adotada pela Polícia Militar de Minas Gerais.** Belo Horizonte: PMMG, 15 mar. 2019. Disponível em: <https://www.policiamilitar.mg.gov.br/conteudoportal/uploadFCK/proerd/15032019105009377.pdf>. Acesso em: 20 set. 2020.

NAKAGAWA, Marcelo. **Ferramenta 5W2H: Plano de Ação para empreendedores.** São Paulo: Globo, [2014]. 3 p. Sebrae: Movimento Empreenda. Disponível em: <https://m.sebrae.com.br/Sebrae/Portal%20Sebrae/Anexos/5W2H.pdf>. Acesso em: 3 dez. 2021.

OLIVEIRA, Aline de; MARIOTINI, Sergio Donizete. Gestão escolar: caminhos para integração escola-família-comunidade. **Caderno de Educação: Ensino e Sociedade**, Bebedouro, p. 287-301, 25 abr. 2016. Disponível em: <http://unifafibe.com.br/revistasonline/arquivos/cadernodeeducacao/sumario/40/25042016155300.pdf>. Acesso em: 14 jun. 2019.

PARO, Vitor Henrique. **Gestão democrática da escola pública.** 4. ed. São Paulo: Cortez, 2016.

PARO, Vitor Henrique. **Qualidade do ensino: a contribuição dos pais.** São Paulo: Xamã, 2000.

PEREIRA, Géssica Galdino da Silva; LOPES, Wiama de Jesus Freitas. Relações entre escola-família-comunidade como mecanismo potencializador da aprendizagem discente nos anos iniciais na escola pública. **Revista de Pesquisa Interdisciplinar**, Cajazeiras, v. 2, n. 2, p. 543-559, 12 set. 2017. Disponível em: <http://revistas.ufcg.edu.br/cfp/index.php/pesquisainterdisciplinar/article/view/338/pdf>. Acesso em: 29 maio 2019.

PINHO, José Benedito. **Jornalismo na internet: planejamento e produção da informação on-line.** São Paulo: Summus Editorial, 2003. (Coleção novas buscas em comunicação; v.71)

SAVIANI, Dermeval. Organização da educação nacional: sistema e conselho nacional de educação, plano e fórum nacional de educação. **Educação & Sociedade**, Campinas, v. 31, n. 112, p. 769-787, jul./set. 2010. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/es/a/5vSs583Yt7RFvrNk5QQztsc/?lang=pt#>. Acesso em: 24 maio 2021.

SILVA, Pedro. **Escola-família uma relação armadilhada**: interculturalidade e relações de poder. Porto: Edições Afrontamento, 2003. (Coleção Biblioteca das Ciências do Homem/Ciências da Educação).

SILVA, Pedro. Escolas, meios populares e mediação sociocultural. *In*: BURGOS, Marcelo Baumann. **A escola e o mundo do aluno**: estudos sobre a construção social do aluno e o papel institucional da escola. Rio de Janeiro: Garamond, 2014. p. 403-449.

ANEXO A – Notícia sobre construção da escola

Tribuna de Minas
QUINTA-FEIRA
2 de setembro de 1999

Conquista na educação

Bairro Santa Lúcia vai ganhar escola

A reintegração de posse de um terreno de 15 mil metros quadrados no Bairro Santa Lúcia, doado, em 1994, para o Sesiminas, permitirá a construção de uma escola, uma das principais reivindicações da comunidade. No local deveria ter sido implantado um Centro de Atividades do Trabalhador (CAT), no prazo de dois anos. Passados cinco anos, como o compromisso não foi cumprido, o suplente de vereador Vanderlei Tomaz (PSDB) elaborou um projeto que, depois de ser publicado em abril, revogou a Lei 8.457/94, que normatizava o acordo.

O coordenador geral do Sistema Fiemg, Victor Motta, explicou que quando assumiu a função, havia 150 projetos para construção de CATs em Minas Gerais. Destes, 32 já estavam com as obras em andamento e serão concluídos. Os demais, incluindo o de Juiz de Fora, foram cancelados por falta de recursos. "Fizemos contato com todos os prefeitos e os terrenos foram revertidos aos municípios. Foi o que aconteceu em Juiz de Fora, via Câmara Municipal. A nossa proposta é reforçar a estrutura já existente e investir no ensino a distância."

O secretário municipal de Administração, Geraldo Majela Guedes, afirmou que serão destinados cinco mil metros para a construção da escola. O projeto já está sendo desenvolvido, mas ainda não há previsão para início das obras. Os outros dez mil estão em estudo e poderão ser utilizados como permuta na transação com os Correios na revitalização da Rua Mister Moore, no Centro.

A área, que fica atrás da Viação São Francisco, vinha sendo utilizada pelos moradores como campo de futebol. Vanderlei Tomaz afirma que o terreno é ideal para construção de um colégio, pois a Escola Municipal Cecília Meireles, em Nova Era, não comporta mais a crescente demanda da Zona Norte. "É uma área importante, localizada em região que cresce muito, e, por isso mesmo, tem terrenos valorizados."

O encanador industrial e instrumentista, Adair Petrónio Moraes, 40 anos, morador da Rua Tenente Guimarães, acredita que o Bairro Santa Lúcia merecia, por seu tamanho, ter escola e posto de saúde próprios, confirmando a procura apontada pelo suplente de vereador.

A área, localizada atrás da Viação São Francisco, vinha sendo utilizada como campo de futebol

ANEXO B – Relatório de total de alunos

Relatório de total de alunos EM PROFª THEREZA FALCI Rua Tenente Guimarães, 485, Nova Era, Juiz de Fora/MG emptf@pjf.mg.gov.br (32)36907837 SECRETARIA DE EDUCAÇÃO DE JUIZ DE FORA			
Período letivo: 2019			
AEE/AC			
Turno	Total regular	Total Progressão Parcial	Total
INTERMEDIÁRIO 1	1	0	1
MANHÃ	68	0	68
TARDE	133	0	133
Total AEE/AC	202	0	202
ER - EDUCAÇÃO INFANTIL			
Turno	Total regular	Total Progressão Parcial	Total
MANHÃ	17	0	17
TARDE	62	0	62
Total ER - EDUCAÇÃO INFANTIL	79	0	79
ER - ENSINO FUNDAMENTAL			
Turno	Total regular	Total Progressão Parcial	Total
MANHÃ	220	0	220
TARDE	218	0	218
Total ER - ENSINO FUNDAMENTAL	438	0	438
Total Período letivo 2019	719	0	719
Total	719	0	719

ANEXO C – Exemplares do jornal escolar do Thereza Falci

**EDITORIAL**

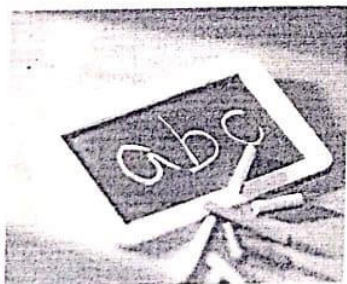
Olá galera da Escola Thereza Falci!

Essa é a primeira edição do nosso informativo "Thereza em dia" e temos muitas matérias interessantes para vocês.

Espero que gostem e em breve teremos outras edições.

Contamos com a participação de todos para os próximos números do nosso informativo.

Até Bereve!
Luisa Neto - Diretora

**CONSUMO DE DROGAS ENTRE OS JOVENS AUMENTA CADA VEZ MAIS**

Os jovens brasileiros estão usando drogas cada vez mais cedo. Segundo os especialistas, a iniciação hoje ocorre entre os 12 e 13 anos. O primeiro passo nessa direção pode acontecer aos 11 anos de idade quando



**Drogas?....
Diga não.**

eles começam a provar bebidas alcoólicas. "Tudo hoje é mais precoce, da iniciação sexual ao uso de drogas", constata Ilanapinsky, psicóloga e pesquisadora da Unidade de Pesquisas de Álcool e Drogas (UNIAD) da

Universidade Federal de São Paulo (USP). Embora o uso de drogas não tenha o tom de contestação dos anos 60 e 70, ainda é visto como um comportamento adulto. "Eles se sentem transgredindo, correndo riscos, mudando de fase", diz a psicóloga.

Além de experimentar muito cedo, os adolescentes também estão consumindo mais. Entre 1993 e 1997, quadruplicou o número de jovens que fumava maconha mais de seis vezes por mês. É o que constatou o estudo do Centro Brasileiro de Informação sobre Drogas Psicotrópicas (CEBRID) realizado com 15 mil estudantes de 1º e 2º graus em dez capitais. "Os adolescentes têm menos defesas biológicas, seu organismo ainda está em formação. Quanto mais cedo começam a usar maior é o risco de dependência", diz o psicólogo Içami Tiba, especialista em jovens.

Muitos pais, ao se deparar com um caso de drogas em casa, chega aos consultórios com a ideia de que o melhor é internar o filho, mas os especialistas dizem que a internação é um recurso extremo e estudos científicos mostram que 85% dos casos são tratados sem necessidade de internação.

Duas famílias que passaram por essa fase difícil contam que superaram o choque inicial e decidiram partir para a ação. Na maioria dos casos, os pais se sentem culpados e perdidos. Eles também precisam de ajuda.

Relacionamento pela internet Pag.2	Projeto de Dança e grafite Pag. 2
Gincana Pag. 3	Projeto soul black do ben Pag. 4





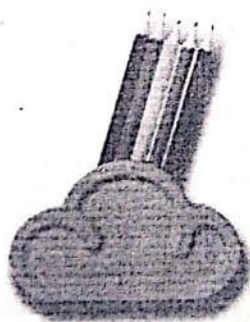
EDITORIAL

Olá, galera do Thereza Falci!

Essa é a segunda edição do nosso jornalzinho. Estamos com matérias novas para você ficar antenado e notícias boas de eventos que ainda irão acontecer. Fiquem ligados! Espero que aproveitem a leitura e contribuam com as próximas edições do nosso jornalzinho.

Até a próxima!

Luisa Neto – Direção



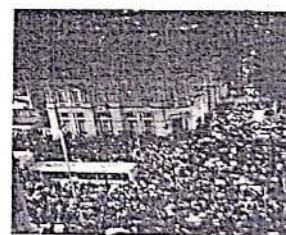
Festa Junina
Pag.2

Litotatudo
Pag. 2

**Copa das
Confederações**
Pag. 3

**Projeto
Tambores**
Pag. 4

MANIFESTAÇÕES EM TODO O BRASIL



Nos últimos meses, o Brasil foi varrido de Norte a Sul por manifestações que pegaram todos de surpresa. Essas manifestações ocorreram contra a PEC 37, corrupção, melhores condições de saúde, educação e gastos imensos com a Copa do Mundo.

Apesar da grande maioria querer protestos pacíficos, houve alguns

confrontos, com depredação de patrimônio, carros de emissoras queimados, pessoas feridas e um jovem morreu atropelado durante uma passeata.

Em Juiz de Fora, esse movimento ganhou um forte apoio, com passeatas pacíficas pelas ruas do centro da cidade.

Leticia, Giovana e Otávio - 7º ano 2



EDITORIAL

Chegamos ao nosso terceiro número do «THEREZA EM DIA». Neste número, teremos, finalmente, a participação dos alunos do turno da tarde.

Estamos trabalhando arduamente para aperfeiçoar cada dia mais o nosso jornal, para que fique interessante e que atenda aos anseios de toda comunidade escolar.

Boa Leitura!

Pro^{fo} Luiz Roberto

3

Contos de Horror pag. 2	Dia da Família pag. 3
Cantinho Vinicius de Moraes pag. 3	Curiosidades da Língua Portuguesa pag. 4

BRINCADEIRAS DE MAU GOSTO

Pesquisa mostra que o Bullying provoca baixa autoestima e atrapalha o desenvolvimento escolar.

Provocações e brincadeiras fazem parte da rotina dos adolescentes mas quando o limite do aceitável é ultrapassado e essas práticas vêm acompanhadas de agressão e violência, sejam psicológicas ou físicas, ganham o nome de bullying.

Praticado sem controle, esse tipo de violência tem provocado tragédias em todo o Brasil.

Recentemente, um garoto de 17 anos morreu depois de ter sido agredido pelos colegas dentro de sala de aula por causa de seu novo corte de cabelo. Até mesmo famosos já sofreram esse tipo de abuso. O empresário Bruno Chateaubriand, que hoje circula na alta sociedade carioca, lembra ressentido o que acontecia com ele na época da escola. «É aquele massacre, quase que diário. Você não tem mais vontade de ir ao colégio, não tem mais vontade de participar das festinhas com as crianças».

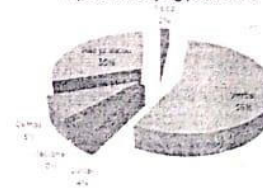
Na maioria das vezes, só se descobre o bullying depois de muito tempo. Isso porque além de humilhar e agredir, os agressores também ameaçam suas vítimas. A demora para identificar as agressões às vezes pode ser fatal. Pesquisa realizada no país pelo Ceats (Centro de Empreendedorismo Social e Administração em Terceiro Setor)

indica que cerca de 70% dos estudantes brasileiros já viram algum colega ser maltratado pelo menos uma vez na escola. Na região Sudeste, o índice chega a 81% e no Centro-Oeste, a 75%.

Para especialistas, esclarecer e educar são as principais armas das escolas para lutar contra a disseminação do bullying. A presidente da SBP (Sociedade Brasileira de Psicologia), Paula Gomide, disse que é preciso prevenir, até porque a maioria das vítimas de bullying se tornam adultos violentos, pois reproduzem o padrão de comportamento que vivenciaram.

Para Paula, a maior dificuldade é também o maior triunfo é descobrir a agressão precocemente. «O processo de prevenção começa quando o caso é identificado. Muitas vezes pais e professores têm dificuldade de entender que abusos psicológicos - como comparações, xingamentos ao corrigir uma criança - atingem o ser que ela é e não o seu comportamento. Isso provoca baixa autoestima, o que torna a criança uma vítima fácil de bullying.

Tipos de bullying praticado





EDITORIAL

Olá, pessoal! Estamos chegando com o nosso 4º número do Jornal Thereza em Dia. Nesta edição vamos falar de arte. A arte de Beatriz Milhazes e Ângelo Bigi que estavam com seus trabalhos expostos no MAMM (Museu de Arte Moderna Murilo Mendes), tivemos o prazer de visitar estas belas exposições. Falaremos, também, de futebol arte, apresentando um pouco da história do futebol, das copas e seus termos e para finalizar, trataremos de um caso de saúde pública, que é a vacinação contra o HPV.

Boa leitura para todos.

Profº Luiz Roberto

Visita ao
MANN
pag. 2

Poesia
pag. 3

Termos do
futebol
pag. 4

Vacinação
contra o HPV
pag. 4

HISTÓRIA DO FUTEBOL

COMPETIÇÕES INTERNACIONAIS ANTERIORES



A primeira partida internacional de futebol ocorreu em 1872 entre Inglaterra e Escócia. Com a crescente popularidade, o futebol participou dos Jogos Olímpicos de Verão de 1900, 1901, 1906, como esporte demonstração, sem direito a medalhas. Só foi introduzido nos Jogos Olímpicos de Verão (disputando medalhas, mas como esporte amador) em 1908. Em 1914 a FIFA reconheceu o futebol dos Jogos Olímpicos como campeonatos mundiais de futebol amador e passou a ficar responsável pela organização do evento. O futebol passou a ser um esporte oficial nos Jogos Olímpicos de Verão de 1920.

ORIGEM DA COMPETIÇÃO

O projeto de organizar uma Copa do Mundo começa na criação da FIFA (Federação Internacional de Futebol Associado), em francês: Fédération Internationale de Football Association em 21 de maio de 1904. A FIFA, entidade máxima do futebol, foi fundada em Paris, na França e tem sua sede em Zurique, Suíça. Em 1906, a primeira tentativa de edição, iniciada pelo líder neerlandês Carl Hirschmann estava prevista na Suíça, com quatro grupos de quatro seleções como uma primeira rodada haviam sido implementados. Mas no final das confirmações de inscrição para os dezesseis países convidados, em 31 de agosto de 1905, nenhuma federação confirmou sua participação e o projeto, naquele momento, foi abandonado. Com o estabelecimento de um torneio de futebol olímpico de 1908, Hirschmann queria prosseguir com o reconhecimento desse torneio olímpico como o campeonato Mundial de futebol amador. A ideia foi validada no Congresso da FIFA em 1914, mas a primeira Guerra Mundial bloqueou a iniciativa. Depois da guerra, a FIFA, o francês Jules Rimet, colocou tudo em vigor com o dirigente esportivo compatriota Henri Delaunay, para não mais reconhecer o torneio olímpico como o campeonato mundial de futebol amador, lutando para a criação de uma nova competição. Os Jogos Olímpicos de 1924 e 1928 puderam estabelecer um diálogo construtivo entre as formações da América do Sul e da Europa.

A Copa do Mundo da FIFA proposta foi aprovada em uma conferência em Amsterdã, no dia 26 de maio de 1928, por vinte e cinco votos a favor e cinco contra, com uma abstenção. A organização da primeira Copa do Mundo foi então atribuída ao Uruguai no Congresso da FIFA, em Barcelona, 18 de maio de 1929, para celebrar o centenário de sua independência, mas também porque a seleção havia sido campeã olímpica duas vezes em 1924 e 1928.

INFORMAÇÕES DA PRIMEIRA COPA DO MUNDO

Primeira competição ocorreu em 1930.

A taça de ouro original levou o nome de Jules Rimet e foi disputada três vezes nos anos de 1930.



Pais-sede foi o Uruguai.
Uruguai foi o campeão.

As treze equipes foram: (América Latina) Uruguai, Argentina, Bolívia, Brasil, Chile, Paraguai e Peru. (Europa) Bélgica, França, Iugoslávia e Romênia e duas da América do Norte: México e Estados Unidos.

Leandro Victor de Souza Alves - 9º ano
Gabriel Rodrigues - 8º ano



THEREZA EM DIA

INFORMATIVO DA E.M. PROFESSORA THEREZA FALCI

JUIZ DE FORA

ANO III N° 6

OUTUBRO DE 2015

EDITORIAL

É com muita alegria que apresentamos a primeira edição do Thereza em Dia do ano de 2015. Trazemos para vocês muitas notícias interessantes como o corte de 9,4 bilhões de reais que o governo federal fez na Educação, o Pan Americano 2015, a reforma na escola e a festa junina.

Esperamos que todos gostem de nosso trabalho e continuem nos privilegiando com sua leitura.

Profª Érica

JOGOS PAN-AMERICANOS DE 2015



Os Jogos Pan-Americanos de 2015, oficialmente denominados XVII Jogos Pan-Americanos, foram um evento multiesportivo realizados entre os dias 10 e 26 de julho e que tiveram como sede principal a cidade de Toronto, na província de Ontário, no Canadá além de outras dezessete cidades da região metropolitana do Golden Horseshoe em Ontário. Aproximadamente 6 mil atletas dos 41 Comitês Olímpicos Nacionais das Américas competiram em 36 esportes. Antes da cerimônia de abertura oficial, o primeiro evento realizado foi o polo aquático, que iniciou em 7 de julho. Esta foi a terceira vez que o Canadá sediou o evento, sendo que as duas edições anteriores foram em Winnipeg, tanto em 1967 quanto em 1999. Doze dias após o encerramento serão realizados os Jogos Parapan-Americanos de 2015, também gerido pelo Comitê Organizador de Toronto para os Jogos Pan e Parapan-Americanos de 2015 (Toronto Organizing Committee for the 2015 Pan and Parapan American Games – TO2015).

Seguindo a tradição da Organização Desportiva Pan-Americana (ODEPA), o então prefeito de Toronto Rob Ford e o ministro dos esportes canadense Bal Gosal receberam a bandeira da ODEPA durante o encerramento dos Jogos Pan-Americanos de 2011, em Guadalajara, no México.

Os Jogos de 2015 foi a primeira edição ecologicamente correta, porque foram neutras de emissão de carbono.⁴ Foram ainda o maior evento esportivo da história do Canadá com o dobro de atletas participantes dos Jogos Olímpicos de Inverno de 2010, em Vancouver.

Todos os 41 Comitês Olímpicos Nacionais membros da ODEPA devem competir em Toronto. Isso representa um a menos em relação aos Jogos Pan-Americanos de 2011, já que o Comitê Olímpico das Antilhas Neerlandesas foi dissolvido em 2011.

Fonte: Wikipedia

Matheus Henrique 8º ano e Nickhollas Bryan 7º ano 2

QUADRO DE MEDALHAS

PAÍSES				
1 Estados Unidos	92	79	65	236
2 Cuba	58	35	43	136
3 Brasil	48	35	58	141
4 México	42	41	50	133
5 Canadá	30	40	49	119
6 Colômbia	24	25	35	84
7 Argentina	21	19	35	75
8 Venezuela	12	27	33	72
9 República Dominicana	7	9	17	33
10 Equador	7	8	9	24

Festa Junina pag. 2	Feira de ciências pag. 3
Reformas na escola pag. 3	MEC corta orçamento pag. 4

FAMÍLIA

1º ANO I	ASSINATURA DO RESPONSÁVEL
Nome	
Ana Idalina Rodrigues Pereira	
Ana Lívia Ciriaco da Silveira	
Anabeli Bernardo Gonzaga	Juana Vanessa Bernardo Gonzaga
Arthur Daniel de Souza Silva	Doisda Enzio de Souza Silo
Bernardo Ferreira de Almeida	
Caio Bortoni de Britto	Fernando E. de Abreu
Fiorella da Costa Maria	Christiano Lopes de Albuquerque
Gabriel Lopes Barros	
Guilherme Ferreira Santos	
Heitor Felipe Brazier de Oliveira	
Jhuan Lucas Machado de Castilho	
João Gabryel David da Silva	
João Lucas de Oliveira Ferreira	
Lara Soares Fernandes	
Lara Umbelino Almeida Rosa	Luana C. Silva
Manuela da Silva Araujo	
Mana Clara Moreira Silva Ferreira	
Miguel Asafe Lucinda Cordeiro	Di. Abreu
Sophia Emily Silva Ávila	
Sulamita Fernandes Careli da Silva	
Pedro Lucca Santos de Oliveira Dutra	
Sarah da Costa Sabir Oliveira Andrade	
Murilo Lessa de Oliveira	

2º ANO II	ASSINATURA
Nome	
Ana Beatriz de Andrade Azevedo	
Ana Paula Garcia de Souza	Jessica Amanda Garcia
Beatriz Harrison Cruz Azevedo Santana	
Clara Oliveira Dias	Alice Regina de Oliveira
Davi Israel de Oliveira	
Emanuella de Souza Novais	Alvaro C. Ribeiro Souza
Emanuel Cristina Evangelista da Silva	Ronelle e George Lora (Par) Ricardo Januá Ribeiro
Evelyn Lopes de Almeida	
Felipe Mota Caetano	
Isadora da Silva Ribeiro	Marcio Jose Siqueira Riasco
Jasmim Lorena de Oliveira Ferreira	Rafaela Helena de O. Ferreira
Luan Emanuel de Lima Ribeiro	Adriana e Diana e de Lima
Márcio Antonio Pereira Moscardi	Genifer Martins Moscardi
MARIA EDUARDA RIBERT ALICIDIO	
Maria Luiza dos Santos Silva	
Miguel Fernandes Azevedo Carías	
Murilo de Assis	
Paulo Henrique de Oliveira Barbosa	
Pedro Henrique do Carmo Silva	
Pedro Paulo Justino da Silva	
Saulo Cardoso de Melo Trovato	
Thamires Ketlen Silva Costa	
Thiago Victor Mendes Piris	
Victor Davi Teixeira Amaral	Joelma Teixeira Melo
Yuri Wester da Silva Teixeira	
Maria Luysa Moreira Domingos	M. A. Ferreira

4º ANO I	ASSINATURA
Nome	
Alan Pietro Nascimento de Souza	
Ashley Maria da Costa Moreira	
Davi de Oliveira Mello	Juana Luiza O. da Silva
Emanuelly Araujo Silva	
Evellen Bianca da Silva	Rafaela Helena de O. Ferreira
Giovana Rodrigues Alves de Souza	Elizanna Rodrigues de
Gustavo Henryk de Souza Ribeiro	Diana e Rui de Souza
Jhennifer Cristina de Freitas	
Julia Elena de Oliveira Ferreira	Rafaela Helena de O. Ferreira
Kauan Lucas Oliveira Bessa	
Kayo Rodrigues de Oliveira	
Késsia Aparecida da Silva	Daniel Af. Junior
Maria Luiza Gomes da Silva	
Maria Luiza Ramos da Gama	
Mayb Stéfany Almeida	
Nicolly de Freitas da Silva	
Nycolas de Andrade Paiva	
Pâmela Cristina Ferreira da Silva	
Pedro Henrique de Oliveira Barbosa	
Rafael Bergamini Erhardt	
Riquelme Marçal Ricardo	
Vinicius Fahel Lopes da Silva	
Maria Eduarda Silva dos Reis	
Rhuan Teixeira Esteves da Silva	
Thaila Helena Aparecida Nascimento Alves	

4º ANO 3	ASSINATURA
Nome	
Ana Vitória de Oliveira	
Arthur Gonçalves da Silva	
Bruna Soares de Oliveira	
Caio Lucas de Oliveira Sousa	
Carlos Eduardo Moreira	
Davi Kauã Gonçalves de Moura	
Eder Vitor de Andrade	
Gabriela Malaquias de Faria	
Isabelly Silva Rodrigues de Matos	
João Vitor da Silva Soares	
Laiza dos Santos Justino	
Leonardo Ribeiro de Almeida Oliveira	
Luyra Vitória Claret Pires	
Maria Vitória Moreira Novais	
Miguel dos Santos Teles	
Natália Ambrósio Coutinho	
Pedro Rodrigues Umbelino	
Rafaela dos Santos Fernandes	
Rhyan Rômulo Cortes Nascimento	
Yan Muniz Gerhardt Freitas	
Wendel de Paula Massari	
Maisa Vitória de Jesus	
Nicolly Inacio Pereira	
Anallícia Chacon Azevedo Silva Rosa	

Arthur Resende de Souza

Andressa M. R. de Souza

5º ANO 1	ASSINATURA
Nome	
Alexandre Henrique de Oliveira Araújo	
Anna Beatriz Mattos Silva	
Cauã de Oliveira Reis	
Clarice Roberta Pinheiro	
Felipe Marques da Rocha	
Gabriel Augusto de Abreu Gomes	
Graziella Werneck Paulino	
Izabela da Silva Ribeiro	
Kauã Lucas Souza Maier	
Larissa Lopes de Carvalho	
Lavinia Araújo Cantarino	
Luiz Felipe Theodoro da Silva	
Luiz Felipe Del Penho Félix	
Mariany Vitória Alves	
Matheus Henrique Pires	
Matheus Vicente da Silva	
Miguel Henrique Delgado de Oliveira	
Nathaly Nascimento Nunes	
Pedro Henrique Araújo dos Santos	
Pedro Henrique Silva Ávila	
Rafael Cristian de Oliveira Clementino	
Sofia de Souza Andrade	
Sophia Cristina Freitas	
Vanderson de Jesus Souza	
Wechiley Fernanda da Silva	
Yasmin Wertz Teixeira	
Richard Winchester Silva Campos	

5º ANO II	ASSINATURA
Nome	
Alycia Cirino Ferreira da Silva	
Ana Alice Mendes da Silva	
Anita Correia da Costa Manso	Priscila Ferreira Correia da Costa Manso
Artur Bergamini do Amaral	
Artur Sebastian Freitas Cristóvão	Artur Sebastian Freitas Cristóvão
Brunno David Fonseca Ferreira	Brunno David Fonseca Ferreira
Clara Silverio de Oliveira	Clara Silverio de Oliveira
Davi Lucas de Jesus Silva	
Guilherme Silva de Jesus	
Isabelly Ozorio de Souza	
João Guilherme Cordeiro Gomes	
Jullya Alessandra de Souza Reis	
Kaio Barbosa de Castro Reis	
Kauã Lopes da Silva	
Kayky de Lima Ramalho	
Kevin de Jesus Figueiredo Almeida	
Larissa Franco da Silva Reis	Larissa Franco da Silva Reis
Lucas Araujo Souza	
Maria Clara Bento Ferreira	Tamara Maria dos Reis Bento
Matheus Oliveira dos Reis	
Mayk Allan de Assis Luiz	
Thailla Salino de Oliveira Brandão	
Thayane Cristina Gonçalves Ferreira	
Yasmim Lima Teixeira	
RAFAEL LOURENÇO DE OLIVEIRA SILVA	
NAUANY CLÁUDIA EPIFANIO ROSA	
Samara de Oliveira Morais	

5º ANO 3	ASSINATURA
Nome	
Ana Beathriz de Paiva Macedo	
Ana Cristina Luiz Bernardino da Silva	
Anna Flávia Martins Gouvea	
Bruna Silverio de Oliveira	Bruna Silverio de Oliveira
Carlos Alexandre dos Reis Alves	
Diego Lucas Nogueira Macedo	
Diego Vieira Pereira	Diego Vieira Pereira
Gabriel de Jesus Silva	
Gabriel do Vale Miranda	
Jamilly de Oliveira Soares da Silva	Jamilly de Oliveira Soares da Silva
João Gabriel Assis e Silva	
Julia Abalem Dias Fernandes	
Kathieny Alessandra de Castro	Kathieny Alessandra de Castro
Kauã Queiroz Soares Penizolo	
Larissa Américo Peixoto	
Lucas Bergamini do Amaral	
Nicolly de Oliveira Amorim	Nicolly de Oliveira Amorim
Raphaela Almeida dos Santos	Raphaela Almeida dos Santos
Sthefany Kaylane Erenite Gonçalves	Sthefany Kaylane Erenite Gonçalves
Thalysen Fernando Lotério	
Thiago Henrique Braga Policarpo	
Thiago Silva Nunes	
Yasmin de Oliveira da Silva	
João Vitor Correia Silva	
Leidiane Barbosa da Silva	Leidiane Barbosa da Silva
Gabriel Augusto de Abreu Gomes	

6º ANO I Nome	ASSINATURA
Arthur Barrozo de Souza Borges	
Arthur Bernardes Gomes Rezende	
Arthur Ribexo de Assis	Arthur Ribexo de Assis
Caroliny Salviano de Oliveira Silva	
Cauã César Pedrosa Neto	
Daliane Vitória Marçal Ricardo	
Emanoel Lucas Fernandes Odilon	
Emanuelle Lima de Mendonça	
Estefany Santos Chagas	
Francisco Lucas Corrêa Lima	
Indyanara Estefany Nascimento de Souza	Luceliny Thamyre do Nascimento
Isabelle Dias Higino	Isabelle Dias Higino
João Henrique Bitarães Moreira Campos	Isabelly A. Bitarães Moreira Campos
Júlia Karoline da Silva Luciano	
Kauã Francisco da Silva	
Laura Emanuelhe Feliciano da Silva	
Lucas de Assis Abreu	
Lucas Gabriel de Souza Lemos	
Luiz Miquel Chagas Moreira da Silva	Luiz Miquel Chagas Moreira da Silva
Maria Julia de Lima Gravina	
Maryana Monteiro Barbosa de Castro	
Paulo Ricardo Alves Virissimo	Paulo Ricardo Alves Virissimo
Thiago Henrique Silva de Souza	
Vitor de Araújo Bueno	Elizabete Santos (avi)
Vitor Maier Pereira	
Paulo Henrique Vireque Filho	
Vitória Eduarda Andrade Ferreira	
Lucas dos Santos Silva	

6 ANO II Nome	ASSINATURA
Ana Vitória da Silva	
Arthur Moreno Berg	
Anyane dos Santos Lima da Silva	Anyane dos Santos Lima da Silva
Carlos Eduardo Rodrigues Elpidio	
Cloaldo Samuel da Silva Junior	
Diogo Aparecido de Oliveira Paulino	
Everson Guilherme Andrade Gomes	
Henrique Miller Morães Cimino	
João Pedro Pimenta Gervásio	
Julia Gabrielle Gonçalves Cruz Santiago	Julia Gabrielle Gonçalves Cruz Santiago
Julia Hester dos Santos Chagas	
Júlia Passaroto Ferro Marques	
Junio Rodrigues Alves	
Kamylle Vitória Oliveira da Silva Alves	Kamylle Vitória Oliveira da Silva Alves
Kayke Maia Lomeu Ferreira	Kayke Maia Lomeu Ferreira
Kelvin Gomes da Silva	
Lucas Otávio dos Reis Fonseca	
Maria Eduarda Oliveira da Silva	
Mariah Eduarda Domingos de Sena	Mariah Eduarda Domingos de Sena
Matheus Antonio Maier Bergamini	Matheus Antonio Maier Bergamini
Ranyele Carolyne da Silva Cardoso	Ranyele Carolyne da Silva Cardoso
Rayssa Dellamari da Silva Teixeira	Rayssa Dellamari da Silva Teixeira
Sergio Phelipe de Oliveira Gomes	
Vitória de Aguiar Abreu	
Yasmin Monteiro Vidal	
Anna Beatriz Silva de Sousa	
Kaique de Oliveira	

6º ANO III	ASSINATURA
Nome	
Arthur Neves Custódio	
Gideão Lucas Rodrigues da Silva	
Guilherme Augusto Menezes	
Gustavo Motta Silva de Abreu	
Igor Carneiro Marcate	
Isabelle Soares Fernandes	Tássia Rosa Moraes
Izabele Mariana de Oliveira Moura	
Kauã de Paula Romão Remy	
Kauã Luzietto Gavioli de Moraes	maria fernanda de moraes
Larissa dos Santos Silva	
Lavinia Loren Nascimento de Menezes Alves	
Leoni Henrique Franco Azevedo	
Lucas Dias Ribeiro	
Luiz Guilherme Lopes Encarnação	
Maria Eduarda Laier Carneiro	
Mylena Pires de Oliveira	
Nicolas Ferreira Camargo	
Pedro Henrique Pilate Galvão	
Pietro Ferreira Rodrigues	
Sabrina Lopes de Assis	
Stephany de Freitas Rodrigues	
Thyago Gabriel Martins	
Vinicius de Paiva Calado	
Yuri Sousa Rezende	
Hederson de Oliveira Dutra	
Yasmim Garcia Pereira	
Thais de Souza Benevides	

7º ANO I	ASSINATURA
Nome	
Alexia Fonseca Correa da Silva	
Arthur Ferreira de Medeiros	
Arthur Gabriel Gonçalves Cruz Santiago	
Augusto Joaquim Nogueira Bernardo	
Cassiane Vitória Souza da Silva	
Cauã Reinner Monsoreos de Paiva Ramos	
Daniel Afonso Gonçalves	Paulo
Davi de Souza Pandolfi	
Felipe Gabry Silva	
Fernanda Duque Vicente	Josiany Aparecida Duque Vicente
Gabryel Kauan da Silva Pacheco	Wendell
Hiago Lopes dos Santos	
Igor Mendes Rodrigues Carvalho	
Kethellen Vitória da Silva	
Lohanny de Oliveira Santos	* João Batista Santos
Lucas Dias da Silva	
Manuella Oliveira Alves	
Maria Fernanda Abalem Dias Lopes Martins	
Maria Luiza Mendanha de Faria	Ana Paula Mendanha de Faria
Mariana de Almeida Xavier	
Mariana de Oliveira Miullini	Juliana
Raphaella Freitas de Castro	
Shayene Cristina Pires Oliveira	
Thiago Lucas Figueiredo Faria	
Vitória Regina Veiga dos Santos	Yasmin
Raisa Martins Pereira da Silva	

7º ANO II Nome	ASSINATURA
Alessandra Fonseca Correa da Silva	
Alicia Maria Silva Machado	
Ana Luiza da Silva Sales	
Andrei Brendo Souza do Nascimento	
Arthur Nascimento de Souza	
Ayumi Iki	
Bernardo Paulo de Almeida Oliveira	
Bernardo Vicente Ferreira	<i>Josémy Francisco D. Vicente</i>
Breno Moraes do Nascimento da Silva	
Carlos Daniel da Silva Rodrigues	
Débora Lara Costa Werneck	<i>Mauro César Costa</i>
Estefanny Vitória Rodrigues Brandão	<i>Marcos Vinícius Rodrigues Pereira</i>
Gabriel da Silva Valle	
Gabriel Lopes Maehler	<i>Bianca Silva Lopes</i>
Gabrielly Lourenço Silva	
Guilherme Franco da Silva	<i>Guilherme Luiz Franco</i>
Guilherme Gabri de Almeida	<i>Guilherme Gabri de Almeida</i>
Isabelle de Mello da Silva	
Ivone da Silva Reserde	
João Vitor Rodrigues Alves de Souza	<i>Chiquinha Rodrigues Alves</i>
Joyce Ellen Silva de Paula	
Lais Silva Lima	
Liz Bastos Fantuzzi	<i>Sônia do Nascimento Bastos</i>
Lorena Camilly Silva Duarte	
Roberto Cesar Júnior Ribeiro	<i>Roberto Cesar de Paula Ribeiro</i>
Vitória de Oliveira Soares da Silva	<i>Patrícia da Silva</i>

8º ANO Nome	ASSINATURA
Arthur Do Nascimento Balbino	<i>Aquimbalbino</i>
Carlos Sergio Bastos de Oliveira	
Gabriel Silva de Paula	
Gabriela Laurindo Rosa	
Gabrielly Costa Pereira	
Guilherme de Oliveira Ventura	
Henrique Gabriel de Assis Oliveira	
Italo Augusto Paula da Silva	<i>José Antonio S. Oliveira</i>
Kauã Luiz Ramos Pacheco	
Leticia Rocha Silva	
Lívia Ferreira da Silva	
Luan Gabriel Ferreira Campos	
Luiz Gustavo Nascimento Vieira	
Marcelo Inácio Rocha Alves	
Miguel da Silveira Gomes	<i>Valeria A. Silveira</i>
Paulo Victor Ferreira Liberato	<i>Adriana Carolina Severina</i>
Pedro Romão dos Santos	<i>Milena Romão dos Santos</i>
Ramon Pedro da Silva	
Ryan Guilherme dos Santos	
Sumaya Julia Ferreira da Silva	
Tainá Mendonça de Paiva Silva	
Thalles Keven Silva Costa	
Vinicius Romão de Jesus Souza	<i>Vinicius Romão de Jesus</i>
Willyan de Oliveira Mello	<i>Willyan de Oliveira Mello</i>
Caio Henrique Pedretti Lecker	

9º ANO Nome	ASSINATURA
Beatriz Gonçalves Pereira	<i>Beatriz Gonçalves Pereira</i>
Clara Cristina Castro Soares	
Clayver de Melo Simião	
Davi Munck de Oliveira	
Gabrieli Silvério de Oliveira	<i>Bianca Ap. de Oliveira</i>
Gustavo Henrique Lopes	
Gustavo Oliveira Feitosa	
Hugo Leonardo Parreira Júnior	
Josiane de Abreu Gonçalves	<i>Patrícia da Silva</i>
Kayenne Maryane de Jesus da Silva Ramos	
Leticia Rodrigues Alves de Souza	
Luana de Jesus Cardoso	
Luciana Celestino de Souza Martins Silva	
Luiz Filipe de Paula Silva	<i>Eloudeite Cristina de Paula Silva</i>
Maria Luiza Coutinho de Louredo	
Mariana Izabel Meireles	
Matheus Silva de Jesus	
Pedro Rodrigues do Nascimento	
Richard Branco de Paula	
Sandro Almeida Teles	
Tais Alessandra Goularte Teixeira	
Tainá Teixeira dos Reis	
Victória Monsoreos de Paiva Ramos	
Wendell Pereira Bernardo	
Witharian Gonçalves David	
Juan Sousa Braga	

ANEXO E – Atas das reuniões de colegiado



ESCOLA MUNICIPAL "PROFESSORA THEREZA FALCI"
 Portaria SME nº 012/2001 de 09.04/2001 Rua : Tenente Guimarães , 485 Santa Lúcia
 Juiz de Fora – MG CEP 36087-070 – Tel.3690-7837 CNEJ: 04500511/0001-23

Aos quatorze dias do mês de agosto de 2003, realizou-se uma reunião administrativa/administrativa, com o objetivo de informar e dar continuidade aos trabalhos que vem sendo desenvolvidos na escola. A reunião não pode contar com a presença das coordenadoras Rita Isabel e Adriana Esteves, ambas com problemas ausentes por problemas pessoais. A reunião teve a seguinte Pauta:

- . Feijoada /GIFAE
- .Jornal da Escola
- .Livros/Revistas/Gincana
- . "Reforço" 6º horários
- .Projeto Afetivo-sexual /BELGO

Ao iniciar-se a reunião foram feitas considerações sobre o encontro dos professores com os pais para entrega de notas que aconteceu semana anterior. Observou-se que o número de pais presentes esteve abaixo das reuniões anteriores. Os pais inclusive solicitaram à direção que a próxima reunião fosse feita à noite, já que para alguns pais o horário das reuniões é incompatível com o horário de trabalho deles. A direção e professores chegaram ao consenso de que última reunião será feita no horário noturno. Foi informado que a Feijoada promovida pelo GIFAE será no dia 14 de setembro, domingo, sendo solicitado aos professores a doação de 2 (duas) garrafas net de refrigerante. Em relação ao Jornal da escola, foi colocado que os professores já estão trabalhando com jornais em sala de aula. O nome escolhido para o jornal da escola é "Thereza Falci Informação", e deverá contar com a participação dos alunos interessados para ajudar na escolha dos artigos entre outras coisas. Quanto a gincana de livros e revistas que está sendo realizada pelas professoras Adriana (Inglês) e Giovana (História) encerrar-se-á no próximo dia 09(nove) de setembro, e será ganhadora a sala que obtiver o maior número de livros e revistas que serão posteriormente doados para a biblioteca. Os livros e revistas que forem sendo trazidos pelos alunos serão colocados em uma caixa que ficará no fundo da sala de aula. No dia do encerramento será promovido um lanche para todos os alunos participantes. Os alunos do segundo turno poderão participar da gincana. Em relação ao uso da Biblioteca também pelos alunos do segundo turno, foi sugerido pela professora Luisa que se fizesse um horário semanal para que todos tivessem estipulado um período. Foi sugerido ainda pela professora Silvana que a Coordenadora fizesse empréstimo na Sala do professor GEB, para aumentar o acervo de livros a serem emprestados para os alunos. A diretora Marcileia falou da experiência da professora Andréia Belloti (turno da manhã)que já está trabalhando com o empréstimo de livros o que tem dado bastante certo. A professora utiliza uma ficha com o nome do aluno e o controle é feito através desta ficha. Somente é feito um novo empréstimo para os alunos que estiverem em dia com a professora. Foi marcada uma nova data para o 2º Thereza Faschion , se realizará no dia 19 de outubro. Para o festival da canção que ocorrerá em dezembro deverá ser feito um ofício para a Funalfa solicitando o empréstimo de palco, amplificador para guitarra, teclado, contra-baixo, bateria, 3 (três) microfones para voz, P.A de frente, caixas de retorno, microfone para bateria, mesa de som para regular. Em seguida tratou-se do Projeto Afetivo-sexual /BELGO. A diretora colocou aos participantes que por intermédio da Prefeitura a escola recebeu um convite para participar do curso na semana de 18 a 22 de agosto, período de 08:00 às 18:00 horas. O curso ainda se estenderia por mais uma semana nos meses de setembro. Por intermédio das professoras Adriane e Carla (Educação Física) que estão desenvolvendo um trabalho de mestrado à respeito do assunto, o coletivo da escola após ampla discussão decidiu não aceitar o convite uma vez que o projeto afetivo-sexual da Belgo da forma em que é oferecido não está de acordo com a filosofia da escola. Para os profissionais da escola, a questão da afetividade será trabalhada visando o projeto político pedagógico da escola, sem o direcionamento empresarial e com o pensamento político e pedagógico do corpo da escola. A reunião contou com a participação dos professores direção além da secretária Helcionie Angélica de Oliveira que lavrou esta ata que deverá SER ASSINADA POR TODOS OS PRESENTES.

Juiz de Fora, 14 de agosto de 2003.



ESCOLA MUNICIPAL PROF^ª THEREZA FALCI
 Portaria SME nº 012/2001 de 09/04/2001
 Rua : Tenente Guimarães , 485 Santa Lúcia
 Juiz de Fora - MG CEP 36087-070 - Tel.3690-7837

ATA DA REUNIÃO DO COLEGIADO

Aos sete dias do mês de julho de dois mil e quatro, na sala dos Professores da Escola Municipal Professora Thereza Falci, realizou-se a reunião do colegiado, com a participação da direção, professores, secretária, pais de alunos, representante do bairro. A diretora, Mariléa de Oliveira Rodrigues Gonçalves, iniciou a reunião dando as boas vindas e apresentando a pauta: Eleição do Conselheiro Fiscal; Calendário Escolar de Reposição da Greve; Junção das turmas. Em seguida a diretora relatou da necessidade de **eleger um membro do Colegiado para ser o Conselheiro Fiscal e explicou qual seria a sua função**, de que juntos com a Direção, Tesoureira conferissem o Caixa da Escola de mês em mês que são entregues na Gerência de Educação para conferência e por unanimidade pelo Colegiado foi eleito o Senhor Alcides da Costa Leite Filho (Presidente da SPM do bairro Santa Lúcia); logo após a diretora passou para a segunda pauta da reunião que seria o Calendário de Reposição da Greve (o turno da manhã com o horário extra-turmo, retornando a escola no turno da tarde para reposição de aulas) ficou decidido que em agosto concluíram se será realmente viável o extra-turmo com nova reunião com os pais e professores; e por último a diretora passou para a próxima pauta que foi a junção de turmas que a GEB determinou, informando ao Colegiado que a escola recorreu a todas as possibilidades de que dispunha junto à GEB, para não fundir as turmas, no caso três turmas, mas, com a insistência da direção conseguimos reduzir para duas turmas que serão juntadas no caso uma turma da 1ª etapa do 3º ciclo(6ª série) e 3ª etapa do 3º ciclo(8ª série) a GEB alega que a legislação do Município não permite o nº de alunos existentes por isso a necessidade de se fazer a junção de turmas, a Professora Carla relatou que como diretora do Sindicato também participou de uma reunião onde a GEB fez a mesma alegação e informou também que na realidade em Juiz de Fora, estão sendo fechadas mais de 100 turmas, o aluno Sergio interveio dizendo porque não dizer a GEB que a turma da 3ª etapa do 3º ciclo (8ª série) tem alunos que são especiais que se trabalhados com menos alunos o rendimento é mais satisfatório, mediante esta pronúncia a professora Carla propôs que em agosto fizéssemos uma mobilização em torno deste assunto como um abaixo assinado envolvendo todos, Comunidade, Professores, Colegiado, Direção, criando uma Comissão para se responsabilizar pelo abaixo assinado a professora Silvania ressaltou da importância de se guardar num documento todos os passos da escola no sentido de tentarmos solucionar a questão da junção das turmas, logo após a diretora deu por encerrada a reunião e eu Fátima Alexandrina Cerqueira, lavro e assino esta ata que vai por mim assinada.

Por quatorze dias do mês de Junho de 1952, foi realizada
 uma reunião do Colegiado com os representantes de
 segmentos para o cumprimento das finalidades da
 Escola Municipal Dr.ª Theresza Falci. No primeiro mo-
 mento a Diretora leu o estatuto com as devidas
 instruções sobre a função do Colegiado para os novos mem-
 bros e explicou a importância das reuniões. Enfatizou
 que, como a Escola não registra grandes problemas
 as reuniões são basicamente para dar direção às
 obras recebidas. Em outro momento a Diretora
 explicou ao Colegiado que tem solicitado doação
 ao comércio, através de artigos, para a realização
 de eventos como as festas juninas que fazem
 parte do calendário escolar. Sem estas doações a
 Escola não poderia manter alguns e sempre há ne-
 cessidade de uma renda extra pois, os gastos são
 muito grande. Logo depois o Colegiado foi informado
 sobre a depreciação que acontece no início de ano,
 nas salas de dança e laboratório de aprendizagem
 enfermeiras, também, sobre o resultado do I.D.E.B. e
 disse que os anos finais ficou abaixo do esperado.
 Falou da obra do P.D.E. e o que poderia ser feito com
 ela. Ficou marcado uma próxima reunião para o
 mês de setembro e um dos assuntos é fazer uma fei-
 ra reparando o estacionamento do pátio para
 maior segurança dos alunos principalmente é para
 garantir, larci e parentes até que depois de lida e aprovada
 pelo Conselho por todos. Aproveito para
 fazer uma boa tarde.

APÊNDICE A - Roteiro de entrevistas: Cooperação entre a família e a escola no processo educativo: estudo de caso de uma escola municipal de Juiz de Fora

Mestranda: Luiza Marillac de Paula Quetz Bittencourt

Roteiro de entrevistas com os gestores

Meu nome é Luiza Marillac de Paula Quetz Bittencourt, aluna do Mestrado Profissional em Gestão e Avaliação da Educação Pública na Universidade Federal de Juiz de Fora. Minha pesquisa aborda a cooperação entre a família e a instituição no processo educativo da Escola Municipal Professora Thereza Falci. Assim sendo, esta entrevista é destinada ao diretor, vice-diretora e coordenadora dessa instituição de ensino. Para melhor registro gostaria de saber se vocês autorizam a gravação dessa entrevista. Ressalto que as respostas são apenas para fins de pesquisa, sua participação é voluntária e será mantida no anonimato. Desde já, agradeço por sua cooperação.

1. Na E.M.P.T.F. como vocês percebem o vínculo entre a escola e as famílias dos alunos?
2. Que tipo de correlação vocês identificam entre família, processo educativo e rendimento escolar?
3. Vocês têm informações sobre o acompanhamento que as famílias oferecem aos alunos em deveres e trabalhos escolares que vão para casa?
4. Essas famílias normalmente atendem as orientações ou encaminhamentos da Escola?
5. Quais tem sido as ações da escola para envolver e incluir as famílias no processo educativo?
6. Vocês têm alguma sugestão de ação (proposta/ideia) que possa estreitar a relação e a comunicação entre a família e a escola?

Roteiro de entrevistas com os Professores

Meu nome é Luiza Marillac de Paula Quetz Bittencourt, aluna do Mestrado Profissional em Gestão e Avaliação da Educação Pública na Universidade Federal de Juiz de Fora. Minha pesquisa aborda a cooperação entre a família e a instituição no processo educativo da Escola Municipal Professora Thereza Falci. Assim sendo, esta entrevista é destinada aos professores dessa instituição de ensino. Para melhor registro gostaria de saber se vocês autorizam a

gravação dessa entrevista. Ressalto que as respostas são apenas para fins de pesquisa, sua participação é voluntária e será mantida no anonimato. Desde já, agradeço por sua cooperação.

1. Na E.M.P.T.F. como vocês percebem o vínculo entre a escola e as famílias dos alunos?
2. Que tipo de correlação vocês identificam entre família, processo educativo e rendimento escolar?
3. Como vocês avaliam o acompanhamento que as famílias oferecem aos alunos em deveres e trabalhos escolares que vão para casa?
4. Essas famílias normalmente atendem as orientações ou encaminhamentos da Escola?
5. Quais tem sido as ações da escola para envolver e incluir as famílias no processo educativo?
6. Vocês tem alguma sugestão de ação (proposta/ideia) que possa estreitar a relação e a comunicação entre a família e a escola?

Roteiro de entrevistas com Familiares/responsáveis

Meu nome é Luiza Marillac de Paula Quetz Bittencourt, aluna do Mestrado Profissional em Gestão e Avaliação da Educação Pública na Universidade Federal de Juiz de Fora. Minha pesquisa aborda a cooperação entre a família e a instituição no processo educativo da Escola Municipal Professora Thereza Falci. Assim sendo, esta entrevista é destinada aos responsáveis por alunos dessa instituição de ensino. Para melhor registro gostaria de saber se vocês autorizam a gravação dessa entrevista. Ressalto que as respostas são apenas para fins de pesquisa, sua participação é voluntária e será mantida no anonimato. Desde já, agradeço por sua cooperação.

1. Na sua opinião os pais devem participar da vida escolar dos seus filhos? Por quê?
2. Na sua opinião, qual é a importância da família na escola?
3. Você acredita que uma criança cujos pais participam da sua vida escolar tem melhores resultados do que outras crianças cujos pais não participam?
4. Os alunos fazem deveres e trabalhos escolares em casa, com frequência?
5. Você enfrenta alguma dificuldade para auxiliar o estudante da sua casa em trabalhos e deveres?
6. Em geral, quais assuntos levam a escola a procurar vocês?
7. Em que situações vocês procuram a escola?
8. A escola tem ações para incentivar a participação de vocês na escola?

9. Você conhece as atividades que acontecem no contraturno da escola? Caso positivo:
Na sua opinião, de que modo essas atividades influenciam a vida escolar da criança?
10. Vocês têm vontade de participar mais das atividades educativas de seus filhos, eventos e decisões na escola?
Caso positivo....
11. Você tem alguma sugestão de ação (proposta/ideia) que possa estreitar a relação e a comunicação entre a família e a escola?
12. Na sua opinião, quais são os principais benefícios para o estudante quando os pais participam da sua vida escolar?
13. Qual é o familiar que mais realiza atividades com o estudante?
14. Em que tipo de atividade o familiar mais participa? Leitura de livros, dever de casa, trabalho escolar, pesquisas...

APÊNDICE B – Transcrição das entrevistas

Entrevista com os gestores: Gestora A, Gestor B e Gestora C

00:00 - Luiza Marillac: É... Perguntas com o intuito de contextualizar. Ah, agora eu tenho que falar novamente, porque... olha só, eu queria deixar ciente pra vocês que eu estou gravando, conforme vocês autorizaram, pra que posteriormente eu possa usar essa escuta na escrita do meu trabalho de dissertação do Mestrado em Educação da Universidade Federal de Juiz de Fora. Vocês novamente autorizam?

0:29 - Gestora A: Sim.

0:30 - Gestor B: De acordo.

0:32 - Gestora C: Autorizo, Luiza.

00:34 - Luiza Marillac: É... Eu elaborei seis perguntas, né? Que giram em torno desse tema da relação família e escola e peço que vocês respondam com relação ao contexto da Escola Municipal Professora Thereza Falci, tá certo? Vocês gostariam de se apresentar brevemente?

0:54 - Gestor B: Bom... eu sou o Gestor B, eu sou professor da Thereza Falci desde 2000, né? Não, perdão, não é 2000 não, cheguei lá em 2007. Sou professor desde 2000 e, no Thereza Falci, desde 2007 e, de 2015 até o presente dia, né? Estou diretor da Escola. Minha formação é em Educação Física e com especialização em Educação Empreendedora.

1:25 - Luiza Marillac: Tá certo. Obrigada, Gestor B.

1:29 - Gestora C: Posso falar então?

1:30 - Luiza Marillac: Pode.

1:31 - Gestora C: Eu sou a Gestora C, sou professora desde 98 na rede municipal e estou no Thereza Falci desde 2005. Lá eu atuo como professora dos anos iniciais, geralmente 4º e 5º ano que eu trabalhei e, desde 2017 estou na vice-direção também. Sou formada em Letras e Educação Física

2:00 - Gestora A: Posso falar, Luiza?

2:01 - Luiza Marillac: Pode.

2:02 - Gestora A: É... e eu sou Gestora A, sou coordenadora pedagógica da rede e fui transferida pro Thereza Falci em 2015. Tô desde o início da gestão quando o Gestor B assumiu a direção.

2:17 - Luiza Marillac: Tá certo. Eu agradeço. Então, vocês podem ficar à vontade, tá? Pra responder livremente dentro daquilo que eu perguntei. Elaborei seis perguntas, como eu falei com vocês. E aí vocês podem ficar à vontade, né? Um interferir na resposta do outro,

complementar a resposta. Número 1: na Escola Municipal Professora Thereza Falci, como vocês percebem o vínculo entre a escola e as famílias dos alunos?

2:53 - Gestor B: Eu vejo da seguinte forma, eu acho que a gente atende a uma comunidade em que os pais, eles dão muito valor à educação, sabe? Então, eles são presentes. A grande maioria deles são presentes na vida escolar dos filhos, né? Participam de reuniões, procuram a escola, né? A Gestora A, né? Que lida muito com os pais, a Gestora C e a Gestora A lidam até mais do que eu, às vezes, com os pais. Mas são pais que, além de interessados, eles conhecem os direitos também, né? Porque eles vêm à escola não só pra saber o que tá acontecendo, mas também pra cobrar. Muitas vezes a gente tem cobrança dos pais, porque eles sabem o que é de direito dos filhos, né? Ele vem questionar, porque... tentar entender algumas coisas, né?

3:43 - Gestora A: É o que acaba sendo muito positivo, né? Assim, essa consciência de direito. Posso... acho que de repente falar que uma maioria também compreende os deveres, porque a gente tem um *feedback* das famílias, assim, é um retorno muito positivo. Lógico que existem as exceções, a gente tem, né? Assim, algumas situações que o convívio não é fácil, mas esses são pontuais. De uma forma geral, as famílias são presentes, as famílias atuam, tipo assim, quando tem qualquer tipo de problema com aluno ou quando a gente precisa, né? Chamar a família pra escola, a gente tem esse retorno.

4:26 - Gestora C: E geralmente, a gente é atendido, né? É isso. Quando a gente está experimentando alguma situação, é... a gente tem essa troca, né? A gente escuta muito a família, procura melhorar no que é possível e acho que eles também, né? E, assim, a gente percebe que, às vezes, quando é um caso muito mais difícil, assim, mas às vezes a família até tira o aluno, né? Mas, assim, quem fica, realmente se propõe a acompanhar e ir seguindo a proposta da escola, né? Eu creio que seja isso.

4:57 - Gestor B: É... eu não sei... que a Gestora A mesmo falou que ela... ela chegou junto comigo à direção, né? Ela chegou lá exatamente, né? Em janeiro de 2015 e eu me lembro que a primeira reunião nossa de pais foi muito cheia, né? A gente teve que dividir, a gente não conseguiu fazer em uma sala. Até então, a sala de vídeo, né? Que a gente chama, com o vídeo, ela dava conta de fazer a reunião. E nesse dia a gente não conseguiu. Eu nunca nem conversei com a Gestora A qual que foi o impacto dela assim na primeira reunião, assim, a sala lotada que tava, né? A gente dividiu.

5:27 - Gestora A: Um susto, né? Assim, porque a gente tinha feito um planejamento e foi tudo diferente. A gente ia falar junto, a gente tinha se organizado, e aí a gente teve que dividir, foi um pouco pra cada sala e assim foi revezando nas salas, e aí gera uma insegurança também, porque cê tá chegando e, assim, cê ainda não tem o domínio que hoje a gente tem, a propriedade que a gente tem pra falar da escola que a gente tem hoje. Então, assim, é por que é uma participação maciça, tanto é que a última reunião que eu me lembro assim, de geral, já foi feita do lado de fora, né? A gente precisou usar microfone, porque as famílias realmente comparecem. Assim, eu comparo com outras escolas. Eu nunca vi do jeito que é lá, sabe, assim? Esse retorno.

6:14 - Gestor B: E o bom é que quando a gente fez essa primeira reunião, que eu vi ali aquela quantidade de pais, eu falei: olha, eles estão aqui, né? Então, o desafio agora é mantê-los aqui. Se o nosso desafio era trazer, agora o desafio é outro, agora o desafio é manter. E a gente sempre pensa nisso, né? Como fazer pra manter esses pais, né?

6:33 - Gestora A: E... eu acho que, assim, um ponto muito positivo que tem, porque a nossa escola, ela é muito... eu acho que essas famílias são tão, assim, preocupadas, porque a escola é procurada por diversos bairros que não são próximos, assim, vizinhos à escola. Então, os pais, assim, eles desejam que as crianças possam estudar na nossa escola. E aí esse desejo, cê já vê que é uma preocupação de tirar de uma zona de conforto, né? Que é o bairro onde eles moram. E, assim, a gente recebe muitas vans, então você vê que a família tá tentando porque acredita no nosso trabalho e tá tentando trazer para cá. Então, a família tá ali presente porque é uma preocupação dela mesmo com estudo, com educação, e esse é um ponto muito positivo, mas, assim, eu acho que a gente também tem que dizer que nem tudo são flores, assim, a gente tem problemas, né? Mas, assim, são pontuais e a gente sempre, assim, até hoje a gente conseguiu contornar tudo, né, Gestor B? Né, Gestora C? Assim, a gente consegue o diálogo, então...

7:34 - Gestor B: Sim. A gente acaba conseguindo resolver, né? Até porque esses problemas são poucos, são eventuais e, assim, uma vez ou outra dá um probleminha mais sério na escola, mas a gente não deixa que isso interfere no dia a dia nosso não, né? A gente procura de ser mais discreto possível, né? Entre nós mesmos, com os pais, ali, com o problema que a gente teve pra não interferir na forma como a gente se relaciona na escola, né?

8:04 - Luiza Marillac: Entendi. Então vamos. Alguém gostaria de falar mais alguma coisa, nesse vínculo, né? É... número 2: que tipo de correlação vocês identificam entre família, processo educativo e rendimento escolar?

8:24 - Gestora A: Peraí que eu vou ler a pergunta que você colocou aqui. Eu acho que o suporte familiar, Luiza, é a base, a gente tá... eu costumo falar isso muito quando eu atendo pai que a criança tá com dificuldade. Nós estamos com eles quatro horas diárias, e o restante, eles estão em casa. Então, assim, ter o suporte da família, ter a base pra... porque, às vezes, a família não tem nem a formação necessária pra ajudar no ensino, mas ela... é proporcionar um ambiente, valorizar o que a criança faz, o que o aluno faz, isso é fundamental. Então, eu acho que o rendimento escolar do aluno tá diretamente ligado à participação da família. Assim, são casos pontuais que o aluno se destaca quando a família não tá presente. Então cê pode ter certeza que sempre por trás de um aluno bom, tem uma família estruturada, sabe? Uma família que dá suporte e, quando eu digo estruturada, não é estruturada no sentido... o financeiro ajuda sim, mas não é só nisso não, é de valorização, é de incentivo. Então, assim, faz toda diferença.

9:36 - Gestor B: E os alunos percebem, né? Quando os pais estão interessados, que eles procuram a escola, que eles frequentam a escola, né? A gente faz, por exemplo, a feira de Ciências, né? E a gente fica impressionado com o número de pai que vai, né? Os pais, as mães, ali, os responsáveis. Fica muito cheio. É um evento na escola, né? Vai até... ex aluno aproveita pra ir à escola. Virou um evento da escola a Feira de Ciências, né? E os alunos percebem o interesse do pai, a participação deles, né?

10:06 - Gestora C: Eu lembro quando eu fazia reunião de pais, às vezes quando retornavam pra sala, como eles queriam saber: meu pai veio? minha mãe veio? Você viu, tia? Se tava aí? Então, eles ficam meio que na esperança, sabe? Na expectativa se eles vão. E, assim, às vezes a gente atende... vê aluno, né? Situação de aluno que muitas vezes não tava aprendendo, ou tava com muita dificuldade, ou algum outro problema, às vezes a gente nem conhece o aluno. Quando a gente conversa, às vezes com a família, a gente consegue entender. Então, fica claro, assim, às vezes, essa relação, sabe? De família no processo de aprendizagem, né? Educacional do aluno. Em alguns casos, eu já percebi isso bem claro.

10:48 - Gestor B: É bom tocar nesse ponto que Gestora C tocou também, porque muitas vezes a gente se pega só aos alunos a que a família é presente, mas muitas vezes também tem o caso do aluno que a família não é presente e que a gente precisa tá conversando, e que a gente precisa ter um olhar atento pra esse aluno pra saber o que tá acontecendo com ele e ver o como é possível tá ajudando aquele aluno, né? Então, a gente não pode ficar só prestando atenção nos que são bons, no que a família é presente. Não, a gente precisa ter um olhar bastante atento, né? Sempre percebendo os alunos que estão precisando da gente, né? Que a família tem mais dificuldade em estar indo à escola ou pode tá passando por algum problema e a gente precisa ver como que é possível tá ajudando esse aluno, né?

11:36 - Luiza Marillac: Tá certo. Pergunta número 3: vocês têm informações sobre o acompanhamento que as famílias oferecem aos alunos em deveres e trabalhos escolares que vão para a casa?

11:51 - Gestora A: Através dos professores, né? A gente sempre, geralmente, assim: Oh, Gestora A, não tá fazendo dever, a prova não foi legal a nota. Então, assim, a gente tem esse retorno das professoras e a gente convida essa família pra escola. Então assim, e é muito claro também, né? Nas avaliações de desempenho, essas crianças que não têm esse *feedback* da família, esse retorno da família, fica claro, né? Quando eles são avaliados. Então, assim, de forma...

12:26 - Gestor B: A gente sempre chama os pais, né? A gente chama o pai, a mãe pra conversar, a gente pede o aluno que busque o caderno, né? E chega um momento que a gente: pega seu caderno e vamos ver como que tá suas atividades, se você está fazendo, né? Avaliação, às vezes o professor pede pra tá assinando a avaliação. Vamos ver se o pai, a mãe tá assinando, se tá acompanhando.

12:54 - Gestora C: Eu acho que, lá na escola, os professores ficam bem atentos a isso, né? Então assim, a gente percebe que tá uma... tá frequente, né? A não realização de atividades, sempre entra em contato, manda um bilhete, quando não tem esse retorno, né? Assinado. Os pais, a gente costuma chamá-los pra tá conversando e, assim, basicamente a gente... logo assim no início, a gente já começa percebendo realmente quem tem esse acompanhamento e quem não tem. Pelo menos, assim, quando eu dava aula, eu já percebia... uma das primeiras semanas a gente já consegue ver aqueles alunos que têm o acompanhamento, que os pais ajudam nas tarefas e quem não tem. E aí, junto com a coordenação, né? A gente sempre tenta trazer a família pra escola pra tentar resolver isso. É claro, igual a Gestora A falou, tem casos que a gente consegue e tem casos que foge um pouco, né? A pessoa mesmo, da estrutura, a condição da família impede. A gente não consegue mesmo.

13:55 - Gestor B: Algumas situações a gente tem até que encaminhar pra Secretaria de Educação, quando a gente não consegue, porque a gente segue sempre o nosso... quase que um trâmite que a gente tem, né? Quase não, é um trâmite que a gente tem normal de, primeiro, mandar o bilhete, né? Comunicar os pais o que tá acontecendo. Se for necessário, convoco os pais, faz uma, duas, três convocação, liga pra família pra ver se pode em um dia, se pode no outro, tenta de todas as formas possíveis o contato pra que a família vá à escola. Se de tudo não for possível, a gente, né? Encaminha esse aluno pro setor pertinente da Secretaria de Educação e faz essa... essa interlocução, essa ponte entre a escola e a família.

14:40 - Luiza Marillac: Como é que chama esse setor, Gestor B?

14:42 - Gestor B: É o de articulação intersetorial. É o SAI, Setor de Articulação Intersetorial.

14:48 - Luiza Marillac: Tá.

14:50 - Gestor B: Eu posso até confirmar com você, Luiza, mas eu tenho quase certeza que é isso mesmo. É porque a gente conhece muito pela sigla, né? Eu sei que é o SAI. Você fala a sigla. É supervisão... acho que é Supervisão de Articulação Intersetorial.

15:04 - Luiza Marillac: Entendi. Oh, então vamos à pergunta 4: essas famílias normalmente atendem às orientações ou encaminhamentos da escola?

15:20 - Gestor B: Então, tem um pouco nessa parte que eu te falei, né? Que a gente encaminha pra Secretaria de Educação quando necessário, quando é recorrente, né? E tem aquela parte também que... algumas, a gente acredita que segue, né? Outras, eu acredito que não, mas a gente não sabe o porquê que não, né? Muitas vezes eles também não têm como tá seguindo muito, né? Não sei, tem outros que... vou até falar em nome, não é bom falar não, mas a gente... essa semana, por exemplo, tudo bem, né? Que a gente tá vivendo um momento diferenciado, mas há poucos dias atrás, a gente conversou com a família da aluna A, né? Aí foi o pai, foi a mãe, né? Deixamos tudo combinado, conversaram tudo direitinho. E isso foi... eu não lembro... tem um mês e meio, Gestora A? Dois meses... não sei, alguma coisa assim.

16:09 - Gestora A: Ah... é... não chega a dois meses não, assim...

16:12 - Gestor B: Depois disso, eles não voltaram a ter contato mais com a escola. E a gente tá vivendo um momento muito complicado, porque o que que a gente pode fazer? Ligar, a pessoa não atende, manda mensagem, a pessoa não responde. Tá bem complicado o momento que a gente vive. Então, a gente orienta, a gente fala, mas tem algumas famílias que são mais complicadas mesmo, né? Agora, por uma razão ou por outra, né? Que a gente, muitas vezes desconhece... mas tem umas mais difíceis.

16:43 - Gestora A: Eu acho que, não sei se eu sou correta em afirmar, mas eu venho muito a questão social. A pessoa não tem condições, assim, de vida adequadas, as prioridades não são a educação, é sobreviver no dia a dia, né? E a escola, às vezes a gente sente que é um lugar onde eles tranquilizam, porque sabe que o aluno tá sendo alimentado, que tá em segurança enquanto tá ali dentro, né? É o caso que o Gestor B citou, ainda tem um agravante, porque a menina é deficiente física e, assim, ela é cuidada mas, assim, você vê que não... a escola não tem a importância que a escola tem. Pra eles, assim, é o cuidar desassociado do educar. É só o cuidar, entendeu? E, assim, de uma forma geral, as famílias seguem, mas eu acho que existem famílias que não seguem. Algumas porque realmente, assim, têm outras prioridades, né? Às vezes, o filho não é a prioridade, às vezes a educação não é prioridade, e tem aquelas realmente que não têm nenhum tipo de instrução pra seguir, entendeu? Às vezes você tem que ensinar pro pai. A gente teve uma reunião essa semana, eu tive com a EE, de uma situação de uma criança que é super bem cuidada de... e a mãe não entende as orientações, a mãe não entende, a mãe tem dificuldade. Então, assim, são casos pontuais, então eu acho que a gente tem, na verdade, é um trabalho muito, assim, de família por família, é ganhar família por família e entender, mas assim, de forma geral acho que a gente pode falar que eles atendem às orientações.

18:25 - Gestor B: Até porque os casos que a gente tá citando aqui são justamente os casos pontuais, né? São aqueles que a gente tem dificuldade, né? Porque, de uma forma geral, a gente sempre faz as orientações, né? Manda no começo do ano as orientações, as normas da escola, a gente sempre procura tá mandando isso no começo do ano, né? E os pais, de uma forma geral, né? Eles acompanham ali o que que tá sendo... o que é enviado pra casa, né? Eles acompanham, leem, sabe as normas da escola e tudo, né? São... é um ou outro caso, assim, que a gente tem mais dificuldades mesmo.

19:01 - Luiza Marillac: Tá certo. Gestora C, quer falar alguma coisa?

19:04 - Gestora C: Não. Eu concordo com o que eles falaram. Eu também acho que é mais questão pontual mesmo. É o que eu falei anteriormente, entendeu? Quando a gente vê que tem uma certa dificuldade, quando a gente, às vezes, pelas nossas orientações, a gente vê que não melhora, aí, a gente chama a família, a gente entende que é uma situação específica, entendeu? Mas fora esses casos, a gente consegue, sim, é... esse retorno, né? Essa orientação da família.

19:35 - Luiza Marillac: Oh, vou passar pra pergunta 5. Quais têm sido as ações da escola para envolver e incluir as famílias no processo educativo?

19:47 - Gestora A: É... são dois contextos: de pandemia e de antes da pandemia, né? Acho que agora a gente tá com maior dificuldade, né? De atingir, eu acho, que não só a nossa escola. A gente tem participado de reuniões, né, Gestor B? Né, Gestora C? E a gente...

20:00 - Gestor B: É, eu acho que a gente tem que considerar o contexto da nossa escola, até te interromper, né, Gestora A?

20:05 - Gestora A: Não, pode falar.

20:05 - Gestor B: Você já falou até no começo aqui, que a gente conversando, que a escola, ela é muito procurada. Então, sempre que a escola tem vaga, aceita aluno dos bairros da região. Apesar da regionalização, a gente tendo a vaga, a gente aceita, né? Nesse momento fica muito difícil, né? Quando a gente passou o carro de som, por exemplo, a gente passou o carro de som em quatro bairros. Mas quem conhece ali sabe que a gente tem muito aluno, por exemplo de Benfica, Santa Cruz, tem muito, Santa Cruz é um bairro muito grande. Não tem como passar o carro de som na rua principal e imaginar que os alunos das outras ruas vão ouvir, sabe? O recado da escola. Então, hoje, o que a gente tem para tá entrando em contato com as famílias é passar um carro de som, é tentar o contato telefônico, que muitas vezes o contato tá desatualizado, que eles trocam muito de telefone, sabe? *Internet*, mas às vezes eles não acompanham, às vezes, a página da escola no Facebook. Então, tá... nesse momento tá mais complicado. A gente tá buscando alguns pais que moram mais longe da escola, entendeu? O que a gente tem feito é sempre pedir aos outros pais, aos outros alunos que têm contato com os colegas, que conhece os pais pra tá pedindo a eles também, tá? Então, a gente tem, nesse momento, o contato, a gente tem buscado através de *internet*, ligação, de carro de som, de colocar aviso no comércio. Agora já pedi até a Secretária A pra fazer uns “cartazinhos” lá pra gente tentar colocar naquelas... Andar ali pra aqueles comércios ali da região e tentar colocar, pra ver se a gente chega a alguns alunos que ainda não chegaram à escola nesse momento...

21:52 - Gestora C: Será que colocar no ônibus não consegue não?

21:54 - Gestor B: Oi?

21:55 - Gestora C: Colocar no ônibus?

21:57 - Gestor B: Eu acho que no ônibus tinha que ter uma autorização especial, né? Acho que tinha uma época que, eu lembro quando era mais novo, tinha muita coisa em ônibus, aí parece que regulamentaram isso, que precisa ter um aviso da gerência de transporte.

22:12 - Gestora C: Pensei que era só da empresa, de repente.

22:15 - Gestor B: Não, eu acho que tem que ser da gerência, mas é uma boa ideia a gente tentar colocar alguma coisa nos ônibus desses bairros, né? E aí, Luiza, esse é o momento atual, né? Antes da pandemia, é o que eu falei, os pais, quando a gente viu que os pais já estavam vindo à escola, porque essa primeira reunião, por exemplo, que a gente falou, a gente devia ter, mais ou menos, quando eu assumi a escola, na casa de quatrocentos e poucos alunos. Com certeza aquela reunião nossa tinha mais de cem pais, né, Gestora A?

22:42 - Gestora A: Ah, tinha!

22:43 - Gestor B: Então, quando a gente fala assim, a gente acha: ah, 25%, né? Mas muitos têm mais de um filho. Então, talvez a gente tivesse trabalhando ali com 35, 40% dos pais.

22:53 - Luiza Marillac: Entendi.

22:54 - Gestor B: Sabe? Pensando em termos de realidade, é pouco, porque não chega nem à metade, mas se a gente pegar em muitas escolas aí, que tem dois, três pais que vão por turma, a gente ainda consegue ter uma participação boa dos pais. Então, ali a gente entendeu que a gente tinha que manter, né? Os pais na escola. Então, na medida do possível, a gente tenta, né? Se colocar à disposição, atender o tempo inteiro. A gente não tem aquela coisa de: hoje eu não vou atender. Não. A gente dá um jeito, desde que eu assumi a assumir a escola, eu falei isso com as meninas, né? O pai chegou na escola, a gente dá um jeito de atender. A gente para o que tiver fazendo, o máximo que a gente faz ali, pede de 5 a 10 minutinhos pra gente se organizar, mas a gente sempre atende pai. Não existe aquele dia que é interno. Na escola não tem isso, na escola o pai chegou, a gente atende, sabe? As reuniões, a gente busca alternar, a gente já fez muita reunião sábado de manhã. A última reunião foi à noite. A gente já fez reunião durante o turno de aula ali no horário, por exemplo, de janela do professor, então a gente sempre tenta alternar os horários para que um pai que não possa, por exemplo, num dia, num determinado horário, ele possa tá indo em outro horário, outro dia. A gente faz isso também.

24:12 - Gestora A: Eu acho que esse é o... eu acho que é o... de repente a ação que a escola desenvolve que mais, assim, acolhe a família, porque a gente não tem hora. Assim, às vezes o pai tem que esperar um pouco e uma vez eu até falei isso na escola da minha menina, porque é uma escola particular e que a gente não é atendido quando a gente chega. Às vezes você vai e tem que voltar. Eu falei: nossa! E, assim, acho que as pessoas precisam conhecer as realidades das escolas públicas, porque a gente lá não existe isso, sabe? A gente tá sempre disposto a atender, porque a gente quer a família na escola, então se a gente entende, se procurou é por que é uma necessidade. E aí eu vou completar que, nas reuniões que a gente faz, é... gerais, geralmente aqueles pais que não vão, a gente tem muitos pais que procuram depois pra saber o que aconteceu na reunião, então você vê que tem uma procura. Então, assim, na verdade, acho que a gente não... eu já cheguei com essa comodidade de não ter que ficar correndo atrás muito

de família não, né? São casos pontuais em que a gente tem que correr, porque as famílias já vêm até a gente mesmo, né? E quando a gente solicita, geralmente a gente é atendido.

25:26 - Luiza Marillac: Tá certo.

25:27 - Gestor B: E tem os eventos, igual eu falei, Luiza, também, a questão do evento da Feira de Ciências, tem a festa junina. A gente sempre faz isso buscando também que o pai participa. Não festa... é, festa junina, não há problema da gente falar isso. A gente não faz festa religiosa. Nada disso, né? A gente faz a festa ali no mês de junho, né? E a Feira de Ciências também. A gente não faz...Oi?

25:52 - Gestora C: E tem o Dia da Família também, né? Que a gente...

25:55 - Gestor B: É, o Dia da Família, que a gente tenta fazer um monte de oficina, voltada também pros pais, né? A gente não pensa nas oficinas só pros alunos não. É até interessante, no dia da família, a gente pensa nos pais, né? O que que a gente vai fazer pros pais, né?

26:10 - Luiza Marillac: Tá certo. Vamos aqui à última pergunta, que é um pouco, né? Dentro disso daí que vocês estão falando. Vocês têm alguma sugestão de ação, proposta ou ideia que possa estreitar a relação e a comunicação entre a família e a escola?

26:35 - Gestora A: Ah, eu acho que já é dentro do que a gente faz mesmo, né? A gente é essa porta sempre aberta, né? Então, assim, eles se sentem em casa mesmo. Assim, eles sabem, acho que já têm essa certeza que sempre a gente vai atender, eu acho que essas festas que a gente faz, essas ações que a gente faz com as famílias também é uma forma de estreitar laço e as reuniões pedagógicas. Então, assim, eu acho que são os pontos que, na verdade, a gente já faz, que... né? É o que eu falei, deixar a porta sempre aberta, tá sempre disposto a atender às famílias, as ações que a gente promove e as reuniões que a gente tem as famílias presentes.

27:17 - Gestor B: É... porque, na medida do possível, né? Tudo o que a gente pensa de ação, assim, a gente coloca em prática, né? Então, pensamos, tivemos ideia, então vamos colocar em prática. Eu acredito que a única coisa que a gente não conseguiu, porque eu tinha vontade, por exemplo, de ter algumas oficinas pros pais ou pra comunidade. Mas, por questões burocráticas, a gente não consegue. Por exemplo, a professora de dança, talvez a gente pudesse ter duas ou três horas da carga horária dela pra atender à comunidade, à noite, por exemplo, no espaço da escola. Ou a professora de teatro, o professor de História que também é professor de yoga, sabe? Se a gente tivesse condição de tá usando uma parte da carga horária desses professores, a gente traria essa comunidade pra dentro da escola, traria esses pais pra dentro da escola, estreitava relações dos professores que estão trabalhando com eles ali, com os pais dos alunos, sabe? Mas por questões burocráticas, a gente não pode tá usando a carga horária do professor pra isso ou o espaço escolar. Então, eu acho que, assim, das coisas que eu pensei em relação à comunidade, foi uma coisa que a gente não conseguiu pôr em prática, né? Já fazendo uma análise já do final do mandato, né?

28:27 - Gestora A: Ai, Gestor B!

28:30 - Gestora C: Eu acho também, assim, que, mais do que abrir as portas, né? Da escola, como a Gestora A falou, pai não volta, né? Assim, se quer conversar com a gente, ele não volta, ele é atendido. Eu acho que a maneira como ele é atendido também, sabe? Eu acho que a gente,

mesmo às vezes a gente sabendo de situação muito difícil, às vezes o pai e a mãe chega, às vezes, com intenção até de brigar, sabe? A gente mantém, assim, uma educação, um carinho ao falar com eles que desarma, sabe? Então, sai agradecendo, sai, assim, super satisfeito, muitas vezes, muito diferente do jeito que entrou. Então, eu acho, assim, a maneira como a gente acolhe ele também, a família, acho que faz a diferença.

29:17 - Luiza Marillac: Mais alguma colocação? Gestora A? Fala um pouquinho?

29:22 - Gestora A: Não, eu acho que é isso mesmo. É o nosso acolhimento. Eu aprendi, né? Eu sou uma pessoa muito de... calor, né? Tipo assim, eu vou no calor da emoção, mas eu, hoje em dia, eu acho que a gente vai aprendendo a equilibrar e ver como que isso tem um valor enorme, né? E a gente vê que a comunidade, assim, se sente muito confortável com a gente, e é isso que a Gestora C falou, a forma que a gente atende, esse acolhimento da escola faz toda a diferença nessa parte de estreitar essa relação. Então, as famílias, assim, eles se sentem que são de casa mesmo, sabe? Assim, eu brinco que a gente... eu faço umas sessões de terapia com algumas mães. Eu não sou psicóloga não, mas eu acho que eu deveria receber como Psicóloga, a Gestora C também já tá passando por isso. Talvez o Gestor B, menos, porque mulher se abre mais com mulher, né? Mas elas vêm para contar da vida pessoal, pra desabafar. Então, assim, você vê que existe uma questão de realmente de relação, né? Então, assim, eu brincava que tinha mãe que, assim, várias vezes no mês, eu falava assim: não chegou pra sessão de terapia, porque existe essa relação, né? Tipo assim, de confiança, de acolhimento, que se não existisse, elas não viriam, né? Então eu acho que é isso.

30:44 - Luiza Marillac: Tá certo.

30:45 - Gestor B: A Gestora C e a Gestora A ficam mais com essa parte da terapia, né? O Gestor B é outra parte, né?

30:51 - Gestora A: O Gestor B é burocrático, o Gestor B é prático. Mas eu acho que é porque a mulher pra se abrir com homem é mais difícil, né? E com a gente, às vezes são questões tão pontuais, são questões tão pessoais, que, né? Você só tem confiança de falar com uma mulher mesmo. E aí, assim, mas assim, eu sei que eles também contam muito com o Gestor B, assim, na... tem mães que vão pra poder só ver o Gestor B mesmo, né? Vai lá e vê o Gestor B, mas existem as mães também que sabem que pode contar com ele. Então, assim, tem uma questão mais prática que faz falta, já. Eu acho que, de repente, nesse universo feminino e que eu falo que é uma coisa que eu vou sentir muita falta, porque, às vezes, a gente viaja muito na maionese e ele aterrissa a gente, sabe? Bota a gente no chão. Então, assim, isso também equilibra muito esse processo. Mas, de uma forma geral, a gente atende, né? Todo mundo muito bem, assim, e a gente tem muito acolhimento das famílias e vice-versa.

31:57 - Luiza Marillac: Tá certo, gente. Eu agradeço muito, tá? Essa entrevista, né? Esse momento e depois, né? Que o trabalho tiver pronto, eu vou apresentar pra vocês, vocês terão acesso e foi de grande importância a contribuição de vocês. Tá certo?

32:19 - Gestor B: Tá *okay*, Luiza.

32:20 - Gestora A: À disposição.

32:23 - Gestora C: Falou, Luiza.

Entrevista com professoras da Ed. Infantil : Professora AInf., Professora BInf. e Professora CInf.

0:02 - Luiza Marillac: Meninas, boa noite! Meu nome é Luiza Marillac de Paula Quetz Bittencourt. Sou aluna do Mestrado Profissional em Gestão e Avaliação da Educação Pública na Universidade Federal de Juiz de Fora. Minha pesquisa aborda a cooperação entre a família e a instituição no processo educativo da Escola Municipal Professora Thereza Falci. Assim sendo, essa entrevista é destinada a vocês, as professoras da Educação Infantil dessa instituição de ensino. Para melhor registro, gostaria de saber se vocês autorizam a gravação dessa entrevista.

0:37 - Professora AInf.: Sim. Eu, Professora AInf., autorizo.

0:42 - Professora CInf.: Professora CInf., autorizo.

0:46 - Professora BInf.: Professora BInf., autorizo.

0:47 - Luiza Marillac: Tá bom. Obrigada, meninas. É... então... é... serão 6 perguntas, tá? Que vai direcionar esse momento e elas, as perguntas, vão girar em torno desse tema norteador do meu trabalho, tá bem? Sobretudo questionando a relação da família com a escola, segundo o ponto de vista de vocês que estão trabalhando na Educação Infantil. Eu vou pedir pra rapidamente vocês se apresentarem, pode ser?

1:20 - Professora AInf.: Claro! É... Meu nome é Professora AInf.. É... eu trabalho na Educação Infantil há bastante tempo já, beirando aos 10 anos, né? Já tô na escola há muito tempo, né? Já tem assim, eu tô desde 2001 na escola Thereza Falci. Então já é, assim, há bastante tempo. Na Educação infantil, estou há menos tempo, né? Porque depois que eu comecei. Mas é isso. Trabalho com o primeiro período, né? Da educação infantil.

1:52 - Luiza Marillac: Tá bem.

1:54 - Professora CInf.: Meu nome é Professora CInf.. É... Pode?

2:00 - Luiza Marillac: Pode, por favor.

2:04 - Professora CInf.: Posso continuar?

2:04 - Luiza Marillac: Pode, por favor, Professora CInf..

2:06 - Professora CInf.: Ah, tá! Meu nome é Professora CInf.. Eu trabalhei, né? No segundo período da Educação Infantil na escola Thereza Falci e tem 4, é... 4, 5 anos que eu trabalho com a Educação Infantil. Sempre que tem oportunidade, eu pego a Educação Infantil.

2:32 - Luiza Marillac: Tá certo. Obrigada, Professora CInf..

2:35 - Professora BInf.: Meu nome é Professora BInf.. Trabalho na área da educação já faz 8 anos e é meu segundo ano na escola Thereza Falci na Educação Infantil.

2:48 - Luiza Marillac: Tá bem. Obrigada, Meninas. Vou iniciar com a primeira pergunta e aí vocês podem responder da forma que vocês se sentirem à vontade, tá? Na hora em que vocês se sentirem à vontade. Pergunta número 1: na Escola Municipal Professora Thereza Falci, como vocês percebem o vínculo entre a escola e as famílias dos alunos?

3:10 - Professora AInf.: Eu... eu, Professora AInf., penso que...[inaudível]

3:13 - Professora CInf.: Posso falar?

3:17 - Professora AInf.: Eu percebo que a escola dá uma abertura muito grande, né? Pro contato com as famílias. Então assim, a direção, né? Sempre muito disposta a promover os encontros, as nossas reuniões. Então assim, acho que a escola trabalha muito bem isso, embora, assim, às vezes tem um movimento fraco nas reuniões, mas o atendimento com os pais na escola, acho excelente. Não sei se respondi à pergunta.

3:53 - Professora CInf.: É, eu vou. Eu vou completar um pouquinho da... completar não, né, Professora AInf.? Mas, é... falar um pouquinho. É.. assim, a gente tem abertura, a direção sempre deixou claro pra gente marcar reunião, né? Marcar reunião com os pais, informar... e também tem o contato, né? Deles buscarem, porque na verdade muitas das crianças que... da minha sala, né? Da sala que eu regi, é... os pais questionavam: “como que foi?” E sempre assim. Então, eu acho que essa abertura, esse contato no final da aula também era interessante. Eu não sei se a Professora AInf. concorda, né, Professora AInf.? Mas eu vejo essa abertura, esse vínculo com a família.

4:50 - Professora AInf.: E sendo como coisa bem positiva, né? Que a gente tem um retorno, né? Eles falando, né? Das crianças pra gente e a gente podendo também, né? Conversar, às vezes, né? Com eles no final da aula. Isso é bem importante.

5:07 - Professora CInf.: Isso.

5:09 - Professora BInf.: Eu também, nesses dois anos que eu estou na escola, também eu sinto que esse vínculo é bem grande, assim, com os pais dos alunos por parte de nós, né? Da escola, quanto deles também. A minha turma, assim, pelo menos dos pais, era bem participativa, assim, perguntava. E se precisasse de chamar a direção, tinha todo o apoio.

5:35 - Luiza Marillac: Tá certo. E assim, vocês podem continuar, tá, meninas? Sintam-se à vontade de responder. Pergunta número 2: que tipos de correlação vocês identificam entre família, processo educativo e rendimento escolar?

5:53 - Professora CInf.: Ah, eu acho que... eu vou falar na sua frente, Professora AInf.. Eu acho que é, assim, é essencial quando os pais, né? Se preocupam, nos questionam como método que a gente tá dando, a evolução das crianças. Eles tendem a melhorar, né? E tanto em casa, fazer um trabalho em casa também deles é... como que eu te explico, espera aí, que eu vou formalizar melhor. É... assim... é uma criança amada, né? Uma criança mais protegida, mais assim, sentindo firmeza que os pais estão juntos, eu acho que o desenvolvimento é... é assim, bem melhor, entendeu? Do que uma criança que não tem muita atenção, que a escola seja só um depósito, no caso. “Ah, vou lá deixar meu filho na escola”. No caso, principalmente na Educação Infantil, muitos pais acham a criança é um... ah... Educação Infantil não tem importância pra alfabetização, né? Então, eu vejo que isso pra mim é especial e é importante

também, né? A família e... com as crianças, eu acho... eu vejo que eles evoluem muito melhor do que uma criança que não tem o apoio. Eu respondi ou era outra questão?

7:38 - Luiza Marillac: Sim, essa relação sim.

7:41 - Professora AInf.: Com certeza, completando o que a Professora CInf. falou, eu acho assim, fundamental, né? Porque você percebe muito isso quando a criança tem o apoio da família, que a família é presente, o desenvolvimento dele é totalmente, dessa criança, é totalmente diferente daquele que não tem o apoio da família. Então assim, a gente sente na Educação Infantil, imagina... nos outros anos também deve seguir a mesma coisa, né? Então eu acredito que ali a gente já tem a noção assim, né? Eu acho que a família é essencial, é um trabalho conjunto, a família e a escola. Pra obter bons resultados, é isso. É uma parceria.

8:27 - Professora BInf.: Concordo com o que as meninas falaram. A escola não consegue ter um bom rendimento quando não se tem o apoio da família, né? Pesa muito e, assim, igual a minha turma que eu estava o ano passado, eu sentia muito isso, os pais eram bem presentes. Então, era uma turma muito boa, muito boa mesmo. O rendimento da turma era muito bom. E tinha uns, assim, que eu posso falar... 20% da turma que a gente via que não tinha o apoio dos pais. Os pais, assim, nem buscavam, se você mandava algum bilhete no caderno de bilhete, não respondia. Então, dá para notar a diferença. É grande. Com certeza.

9:18 - Luiza Marillac: Então, meninas, alguém quer falar alguma coisa? Eu vou apresentar a pergunta número 3. Eu tô colocando no chat as perguntas, tá? Como vocês avaliam o acompanhamento que as famílias oferecem aos alunos em deveres e trabalhos escolares que vão para casa?

9:42 - Professora AInf.: Bom, eu penso que uma boa parcela é muito participativa e envolvida com o processo ensino-aprendizagem do filho. Então, esses que dão esse suporte em casa, fica muito claro pra gente que o dever é bem feito, né? Às vezes, se tem dúvida: "ah, eu não entendi". Aí põem um bilhete pra gente. Então assim, eu acredito que é bem positivo, né? Esse retorno também. Mas tem aqueles que também não fazem nada, né? Sempre tem a parcela que são realmente aqueles que são meio, assim, digamos, entre aspas, meio que largado na escola mesmo, pro pai trabalhar. Então assim, ele acha que lá é o quê? É uma creche pra deixar o filho, mas ele não tem o compromisso de ajudar em casa, de fazer o dever, que a gente sabe que se parar 20 minutinhos, dá para fazer o dever, dá para conversar com criança, né? E tirar dúvidas dela, porque às vezes ele não consegue. Ele é muito pequeno pra fazer o dever sozinho. Então, ele precisa do apoio. É necessário. Não sei se é essa resposta que atingiu bem.

11:01 - Professora BInf.: Eu concordo com a Professora AInf. e acredito que, até através do caderno mesmo de dever, a gente consegue identificar também os alunos que estão tendo apoio dos pais e os que não estão tendo, né? Porque geralmente os que não têm o apoio, fica a semana inteira sem fazer o dever e você manda bilhete e não tem retorno. Então, fica bem nítido isso. Quem tem a participação, quem participa, quem tá presente na vida escolar e quem não está.

11:38 - Professora CInf. A participação da minha turminha, né? Era bem... era dois mais ou menos, né? Pouquíssimo aluno que não realizava as atividades, que não entregava o dever, e aí a gente sempre observava, né? E eu sempre também anotava, mandava: "oh, a criança passa mais tempo com vocês do que na escola, o aprendizado maior não é na escola, é em casa. Então, se vocês ajudarem, né? Reforçarem o trabalho, a criança vai desenvolver muito mais", né? E

isso a gente via, né? Eu percebia muito sobre o desenvolvimento deles, né? Da criança que os pais realizavam atividades. Mas na sala que eu regia, era pouquíssimos, entendeu? Que não realizavam as atividades, os deveres. Era uma turminha bem comprometida, entendeu?

12:54 - Professora AInf.: Falando em... nessa parte aí de quantidade, sempre é uma parcela menor mesmo, né? Graças a Deus, né? Que é assim, né? Que são menos crianças que deixam de fazer e mais que apresentam, ou seja, a gente percebe que tem mais gente interessada do que não interessada, né? No trabalho.

13:21- Professora CInf.: Verdade

13:24 - Luiza Marillac: Podemos continuar? Mais alguma? Oh, questão número 4: essas famílias normalmente atendem às orientações ou encaminhamentos da escola?

13:40 - Professora BInf.: Olha, a grande maioria sim. Pelo menos, assim, na minha turma, né? Porque eu tenho que falar baseado na minha turma, né? Na minha turma, a grande maioria, sim. Em 100%, 80% atende.

13:56 - Professora AInf.: É, eu também acredito que... eu vejo, né? Que é esse percentual mais ou menos que, assim, que participa, que tá envolvida, né? São poucos os que não se envolvem, né? Mas a gente tem essa parcela que, às vezes, a gente fica, né? Meio chateado, né? Porque aí a gente percebe que isso vai evoluir lá para os anos seguintes, né? Dessa parcela que não participa. Mas a gente foca bastante naqueles que participam, né? E a escola tem, assim, um público muito bom nesse sentido, né? As famílias são muito participativas mesmo. A grande maioria.

14:43- Professora CInf.: Concordo com a Professora AInf.. Eu acho que eles são bem participativos. Eu não sei a entrevista que você fez com os outros, né? Porque na escola tinha dois anos que eu estava lá e eu percebo realmente que ali, a escola parece até uma escola particular, entendeu? Porque os pais são presentes, eles têm um desempenho de procurar, entendeu? De questionar, de participar. Não sei...

15:17 - Professora AInf.: É, às vezes, a gente decepciona, às vezes, na reunião, né, Professora CInf.? Que a gente esperava que a participação fosse muito maior na reunião de pais, porque ali são avisos gerais que a gente dá, né? A oportunidade de tá falando individual logo depois que se tem a fala geral, né? Na reunião. Eu acho que falta mais a participação dos pais nas reuniões, né? Da turminha. Então assim, talvez seja pelo horário, né? A gente também tem que ver várias coisas, tem os pais que trabalham. Não atende todo mundo nunca, né? Assim, nunca vai atender todos, né? Mas eu sinto que as reuniões, eles, assim, participam pouco. Mas tem o contato do dia a dia ali, né? Aquele negócio de pegar, de levar a criança que às vezes têm uma dúvida, alguma coisa pra colocar e a gente conversa ali, dá aquela atenção no horário que a gente pode.

16:14- Professora CInf.: É verdade. As reuniões, elas são bem, não são tão participativas, né? [inaudível].

16:29 - Luiza Marillac: Tá! Oh, então vamos pra pergunta número 5: quais têm sido as ações da escola para envolver e incluir as famílias no processo educativo?

16:43 - Professora AInf.: Eu penso que as reuniões são um, tipo assim, um fator, né? Que chama família para escola, aqueles finais de semana que se faz lá diferenciado na escola, com atividades pra família vir com os filhos, a Feira de Ciências. Eu acho muito importante que a gente tem lá na escola, né? São encontros, assim, né? Que promovem, né? Essa vinda da família pra escola. As apresentações, né? São coisas bem positivas. Eu acho que é isso que chama a família pra escola, as festas, festa junina, por exemplo, né? São os acontecimentos que a gente, da melhor forma, traz a família pra escola.

17:44 - Professora BInf.: É, eu concordo com a Professora AInf.. Assim, esse ano foi difícil, né? Devido à pandemia, né? Esse ano que passou. Mas fizemos atividades bem diversificadas, quando foi dia de solicitação da família pra ir na escola buscar apostila, por exemplo, tivemos uma participação. Não foi tão grande, né? Devido ao momento também e alguns estavam presentes pelo *WhatsApp*. Mas...

18:22 - Professora AInf.: Os kits de alimentação também que a gente teve, né? Aquele contato bem direto com os pais, até com as crianças que foram juntas, eu acho que foi assim que a secretaria deu essa oportunidade, né? Da gente tá mais perto das famílias também. Foi bem positivo esse ano, né? Agora, nos anos normais, assim, que a gente não teve isso, aqueles encontros, né? O dia da beleza lá, que se fazia no sábado, eu acho que aquilo assim, era muito interessante para as famílias e eu acho que dessa forma que a gente tem que chamar, promover encontros mesmo, né? De Literatura, fazer um café literário, alguma coisa dessa forma pra chamar atenção da família mesmo, né? Pra ser uma coisa bem positiva para eles estarem participando mais da escola.

19:18 - Luiza Marillac: Alguém gostaria de acrescentar?

19:20 - Professora CInf.: Oi, nossa! O meu...Será que é o meu celular que tá dando uma interferência?

19:26 - Luiza Marillac: A gente tá te ouvindo bem.

19:29 - Professora AInf.: É, realmente.

19:31 - Luiza Marillac: Pode falar que a gente tá ouvindo.

19:33 - Professora CInf.: Ah tá, então... isso que a Professora AInf. falou é só complementar mesmo, porque eu acho que os projetos, né? Os sábados que eram desenvolvidos, a Feira de Ciências, as festas, eu acho que isso tudo é um motivo pra família tá participando, né? E interagindo com a escola, né? Eu acho bem interessante essa forma deles agirem.

20:18 - Professora AInf.: Realmente, é bem positivo mesmo.

20:21 - Luiza Marillac: Podemos seguir?

20:23 - Professora AInf.: Sim.

20:24 - Luiza Marillac: Oh, então vamos pra última pergunta: vocês têm alguma sugestão de ação, proposta, ideia que possa estreitar a relação e a comunicação entre a família e a escola?

20:38 - Professora AInf.: Eu penso que é promover mesmo encontros, começando com encontros, assim, tipo que nem eu falei, né? Anteriormente. Um café, uma reunião com café, uma coisa bem agradável, né? Porque, às vezes, a gente chama o pai, mas é mais pra conversar, assim, sobre o filho. Aí o filho tem um problema e você reclama: “oh, aquele pai, assim, ele meio que, né?, não quer mais, tipo, ir à escola pra isso, né?”. Agora, se você promover esses encontros mais agradáveis, né? Um café, um chá, uma tarde de poesia, por exemplo, né? Onde as crianças vão apresentar para os pais, eles adoram, eles gostam de ver o filho ali, né? Apresentando alguma coisa e as crianças também vão se sentir muito, né? Amadas de ver o pai na escola também vendo eles ali. Então, acho que tem que promover encontros assim, coisas agradáveis, aquele dia da beleza, ter mais vezes, né? Não lembro se era dia da beleza, Professora CInf., como é que chamava, hein? Aquele final de semana que a gente ia lá pra promover, assim, é...

21:49 - Professora CInf.: Da família.

21:51 - Professora AInf.: Ah, então, né? Mais encontros da família na escola, né? Um dia pro café, um outro dia pra uma apresentação de poesia, um outro dia da beleza, que isso é fantástico, gente, você mexe com a autoestima das pessoas também, né? Você tá ali, né? Propondo um trabalho, né? Pra melhorar, né? A aparência da pessoa, fazer uma unha, né? Arrumar o cabelo. Eles adoram participar, então eu acho muito interessante esse tipo de encontro que a gente possa promover na escola. E coisas...

22:28 - Professora CInf.: E eu acho que...pode falar.

22:33 - Professora AInf.: Não, pode ser, né? Pode continuar.

22:36 - Professora CInf.: É... eu acho que tinha que ser assim com mais vezes, né? Assim, até que na escola são vários...

22:43 - Professora BInf.: [inaudível].

22:45 - Professora CInf.: Ter mais temas, né? Mas eu acredito...

22:47 - Professora AInf.: Ter mais vezes durante o ano, né?

22:50 - Professora CInf.: Sim! Vamos supor, de 15 em 15 dias... de mês em mês, né? Não é 15 em 15 dias não.

22:56 - Professora AInf.: Isso!

22:57 - Professora CInf.: De mês em mês, entendeu? A reunião também, eu acho que a gente tinha que fazer separado. Eu acho que a reunião separada, não a reunião escolar, a reunião assim, de turma separado, eu acho que as pessoas se motivam mais a ir. Eu tinha muitos pais que tinham crianças em várias turmas. Vamos supor, né? Várias assim, né? Em duas turmas. Então, muitas das vezes chegava na minha reunião tarde, porque era, talvez pra eles, eram menos importantes do que o que está no quinto ano, né? Então, eu acho que a reunião também poderia ser separado e aí nas reuniões a gente montar alguns... alguma atividade de acolhimento, porque com isso, as reuniões escolares, a gente não consegue montar um acolhimento legal, né? Uma reunião legal, sabe? Não sei, é meu jeito de pensar, Professora AInf., eu não se você...

24:07 - Professora AInf.: Não, eu...é bem interessante isso que você falou assim, né? De ter um dia para Educação Infantil de reunião, né? Que daí ele não vai ter que tá deslocando lá no quinto ano para saber do filho, porque aí geralmente a gente fica mesmo por último porque ele pensa o quê: “o meu filho lá do quinto ano, né? Ele precisa mais, né? Da minha atenção, porque são conteúdos, né? Mais pesados”, e aí a gente realmente fica lá com o finalzinho e aí a gente dá uma sala muito rápida, né? Mas não participa de toda a nossa reunião, né? Realmente, eu te dou, assim, razão, é isso mesmo, Professora CInf..

24:47 - Professora BInf.: Eu só tenho que concordar com as meninas, né? Tá certo, eu acho também que a reunião separado da Educação Infantil, seria assim, mais proveitosa, os encontros, se fosse todo mês também, né? Também seria bem produtivo, tanto pra gente também aproveitar e ser mais assim, né? Se envolver mais também com a família, né?

25:15 - Professora AInf.: É, exatamente. E tá podendo fazer o que a Professora CInf. falou mesmo, uma atividade de acolhimento ali, né? Uma dinâmica legal, né? Então assim, de repente isso também vai atrair também mais o...

25:30 - Professora CInf.: Mais gente.

25:30 - Professora AInf.: Nosso público, né?

25:32 - Luiza Marillac: Tá certo. Mais alguma contribuição, meninas?

25:35 - Professora BInf.: Porque vai passar e as coisas vão melhorar, e a gente vai poder colocar esses planos em prática.

25:42 - Professora AInf.: Se Deus quiser.

25:45 - Luiza Marillac: Meninas, gostaria de agradecer a contribuição de vocês, tá? Foi muito rica a contribuição de vocês e vai ajudar muito na minha escrita, né? Que eu estou escrevendo sobre a escola, e vai ajudar muito. Eu vou interromper a gravação nesse momento, tá bem?

26:05 - Professora AInf.: Tá joia.

26:06 - Professora CInf.: Ok!

Entrevista com professoras do fundamental 1: Professora AInc., Professora BInc. e Professora CInc.

0:00 - Luiza Marillac: Meu nome é Luiza Marillac, vocês me conhecem lá da escola, eu sou aluna do Mestrado Profissional em Gestão e Avaliação da Educação Pública, da Universidade Federal de Juiz de Fora, e minha pesquisa eu estou abordando a cooperação entre a família e a instituição no processo educativo, né? Especificamente da Escola Municipal Professora Thereza Falci. Para melhor registro, eu gostaria de saber se vocês autorizam a gravação dessa entrevista. Ressalto que as respostas são apenas para fins de pesquisa, a participação de vocês é voluntária e será mantido o anonimato. Vocês autorizam?

0:45 - Professora AInc.: Sim, autorizamos.

0:46 - Professora BInc.: Sim.

0:46 - Professora CInc.: Sim, autorizamos sim.

0:51 - Luiza Marillac: Eu gostaria que brevemente vocês falassem... se apresentassem, né? Falando do vínculo de vocês com a escola... há quanto tempo vocês estão lá...

1:14 - Professora AInc.: Meu nome é Professora AInc., trabalho na Escola Municipal Professora Thereza Falci há 3 anos, sou professora referência 2 de História, Geografia, Ciências e Artes.

1:29 - Luiza Marillac: E você já trabalhou em outros anos também, Professora AInc.?

1:34 - Professora AInc.: No Thereza Falci eu trabalhei o primeiro ano como bidocente e, os outros dois, como referência 2.

1:46 - Luiza Marillac: Professora BInc., pode falar.

1:59 - Professora BInc.: Meu nome é Professora BInc., trabalho na Escola Municipal Professora Thereza Falci. Eu acho... eu não sei... quantos anos tem a escola, Luiza? Você buscou?

2:14 - Luiza Marillac: 20 anos.

2:15 - Professora BInc.: 20? Então, a escola inaugurou em fevereiro, né? Eu cheguei no meio do ano, no primeiro ano da escola. Então, eu devo estar com 19 e meio... eu comecei junto com a escola, né? E aí nessa trajetória aí eu já trabalhei em todas as séries lá. Comecei é... dando aula de... na época eu dei aula de Artes, nem tinha essa separação, né? Eu entrei como contratada e acabei sendo efetivada lá na escola, que eu passei no concurso, gostei muito da escola e acabei sendo efetivada lá na escola. E aí trabalhei em todas as séries: trabalhei em educação infantil, alfabetização, gostei muito, e... já tem uns 5-6 anos pra cá que eu estou como referência 1 no 5º ano.

3:08 - Luiza Marillac: Certo. Professora CInc..

3:11 - Professora CInc.: Meu nome é Professora CInc.. Eu trabalho na Escola Municipal Professora Thereza Falci. Bem, é... na verdade eu voltei pro Thereza. Tem uma história, né? Com Thereza. Em 2009, eu trabalhei lá... de 2009 a 2012. Eu ainda não tinha sido efetivada, eu tava como contratada ainda, mas eu já havia passado no concurso, mas ainda não havia sido nomeada, e depois que eu fui nomeada, em 2012, eu fui para uma outra escola porque na época não havia vaga no Thereza pra efetivação. Aí eu fui pra uma outra escola, trabalhei nessa escola com educação infantil e o 1º ano, né? E depois, em 2018, eu consegui voltar pro Thereza, já efetivada, que aí eu peguei, eu pedi transferência, né? Da escola que eu estava e voltei pro Thereza, já efetivada, com a turma do 4º ano, que eu me encontro até hoje.

4:16 - Luiza Marillac: Tá certo. Então todas trabalham nos anos iniciais do Ensino Fundamental, né?

4:24 - Professora AInc./ Professora CInc./ Professora BInc.: Isso.

4:25 - Luiza Marillac: Então eu vou começar aqui com a pergunta número 1: na Escola Municipal Professora Thereza Falci, como vocês percebem o vínculo entre a escola e as famílias dos alunos?

4:39 - Professora AInc.: A participação da família e da escola são muito presentes, sempre quando necessário eles estão lá dando toda assistência à família, procurando saber da situação da criança, por que ela não tá indo na aula... é bem presente.

5:00 - Professora BInc.: É, a realidade da nossa escola, eu concordo com o que a Professora AInc. falou. Só assim, na minha caminhada aí de 20 anos da escola, eu posso dizer que ela já foi bem maior, bem melhor do que isso, né? De tempos em tempos, assim, que eu vim caminhando, né? Eu via a participação muito maior da família na escola, preocupada, presente. Hoje, a participação é bem menor. Hoje, eles vão quando a gente solicita, a relação é muito boa, eles estão sempre dispostos e a gente também. Mas essa participação, eu vejo, assim, que ela vai caindo ao longo do tempo, ela veio caindo. Minha opinião, né? Minha visão, assim, nesse tempo todo.

5:53 - Professora CInc.: É, eu também, assim, concordo com a fala da Professora BInc., porque, quando eu estive lá nos anos anteriores, 2009, 2010, eu não mencionei, mas eu trabalhei lá com o 1º ano... 1º e 2º ano... e nós tínhamos uma participação, né? Assim, melhor das famílias, né? Agora a gente continua, as famílias são dedicadas, né? Mas elas vêm, sim, tendo uma ausência a cada ano. A gente nota que está sendo um pouco deixado de lado, né? A questão família e escola, mas ainda sim são famílias presentes, em vista de muitas escolas também, né?

6:38 - Luiza Marillac: Tá certo. Oh, a número 2: que tipo de relação vocês identificam entre família, processo educativo e rendimento escolar?

6:52 - Professora AInc.: Pro aluno conseguir um rendimento escolar, ele precisa do apoio tanto da família, quanto da escola. Eles têm que andar juntos. Se não tiver esse incentivo familiar e nem na escola, buscando estratégias diferentes, maneiras diferentes de trabalhar com o aluno, ele não vai se desenvolver.

7:18 - Professora BInc.: Elas têm que andar realmente juntas. É isso aí. É... como eu disse, a gente percebe a piora – eu vejo como piora – que o ensino tá, né? Assim, o entorno das crianças tá bem pior, por quê? Porque a gente vem perdendo ao longo do tempo esse apoio da família de tá assim, por exemplo. Eu não acredito que criança, uma criança de 5º ano, ela não tem juízo e responsabilidade de dar conta dos seus afazeres sem ter um adulto pra tá direcionando ali, falando: olha, já fez os deveres? O que você fez hoje? Então, se a família não faz isso, não faz a sua parte, o aluno, você vê que o aluno tá sem aquela, né? Não tem ninguém ali, né? Ajudando, direcionando para que ela faça essas coisas. Eu tava até comentando... outro dia a gente, eu tava até conversando com as professoras no grupo e a gente percebe, às vezes, que o aluno vai com a mochila pra casa, joga num canto e no outro dia pega a mochila do jeito que deixou, chega na escola e parece que ninguém olhou, né? Que o dever de casa ninguém olhou, ele não fez. E, assim, a gente enquanto escola aí vem a nossa cobrança, que aí é árduo, é difícil, você cobra, pede, aí você chama pai, aí o pai vem, aí você vê que eles tentam melhorar, mas, assim, é isso que eu falei que tá diferente, porque hoje em dia parece que a criança... nem sei se tão exagerada... aprendeu a falar, andar, tomar banho sozinho, aí faz tudo sozinho, né? E não é, né?

Criança, ela ainda precisa da orientação, do direcionamento da família. Eu sinto muita falta. A gente vê nítido: o aluno que não tem o apoio da família, tem uma certa dificuldade. Também vem junto, né? Com a escola.

10:06 - Professora CInc.: Então, eu acho, assim, que o acompanhamento da família é fundamental. Às vezes, nós professores somos interpretados, né? Até, às vezes, pela própria Secretaria de Educação que pensa que nós queremos jogar a responsabilidade pedagógica para cima da família – mas não é isso, né? É uma parceria. Porque, como a Professora BInc. falou, né? A criança de 4º, 5º ano, eles ainda não têm nível maturacional pra estar, né? Estudando sozinho, se organizando sozinho... precisam da escola. Não é aquele repasse pedagógico, como muitas vezes a gente escuta em palestras, que a escola não pode jogar a responsabilidade pedagógica pra cima dos pais. Não é isso que nós queremos. Nós queremos parceria pro desenvolvimento da criança, pro desenvolvimento do aluno.

11:10 - Luiza Marillac: Tá certo, vou passar pra pergunta número 3: como vocês avaliam o acompanhamento que as famílias oferecem aos alunos em deveres e trabalhos escolares que vão para casa?

11:28 - Professora AInc.: O nível de acompanhamento da família em relação à “para casa” e a trabalhos que a gente passa, infelizmente é muito baixa. É raro você ver uma turma que todos levam “para casa” e volta com ele pronto. Não existe. Então, a gente passa essa dificuldade sim, é uma luta. Cada dia a gente reforça isso. Não quer dizer que a gente vai conseguir um resultado de 100%, mas um ou outro, com certeza vai surgir efeito. Mas, perfeito, a gente não consegue.

12:09 - Professora BInc.: A gente espera que sim, né? Que a nossa cobrança ali, né? Apareça algum resultado. Mas não tem não, deixa muito a desejar, eu acho, né? Esse acompanhamento ali é o que eu falei, eles estão por conta. Agora mesmo nessa pandemia aí, que as aulas estão *on-line*, as atividades... essa semana eu tive uma mãe, vou contar pra vocês aqui. Uma criança falou: professora, eu fui lá na escola e falaram para mim que meu nome tá lá na Secretaria, que eu não estou fazendo atividade. Aí eu falei: Secretaria? Só que era Secretaria da escola que ele tava querendo falar. Aí eu fui olhar, o aluno, ele todo preocupado, né? Como se ele tivesse sido, né? Ultrajado. Aí eu falei: vou olhar aqui. Aí eu falei assim: olha, aluno B, as listas ainda não desceram pra Secretaria, vai descer só em janeiro, né? Então eu não acredito e tal. Aí, nisso a mãe dele entrou em cena. Ele tava, assim, preocupadíssimo, levou um susto, a mãe dele entrou em cena: não, Professora BInc., não foi nada disso. A secretária A que teve na escola com a mãe, a secretária A cobrou que ele não estava fazendo, aí eu falei: olha, ele entregou algumas atividades, mas uma e outra, ele não entregou 100%, né? Mas eu não acredito que a secretária A tenha falado nada porque a secretária A ainda não tem essas listas mais de controle, né? Ela deve ter falando como se ela falasse, assim, chamando atenção no geral, né? E aí ela falou assim: não, e tal, porque eu não tomo conta dele, eu nem sei o que ele faz ou não faz – a mãe falou. Aí eu fiquei pensando... eu falei: tá vendo? Ainda bem que não foi ela que falou, né? Que ele tinha feito tudo e que eu não tinha visto, né? Ainda fiquei preocupada. Mas ela falou assim: não, eu tenho três filhos, eu tenho que dar conta do pequenininho e o aluno B que tá no 5º... – oh, falei o nome – que tá no 5º ano, ele fica sozinho, ele que faz, eu nem sei o que ele faz. Então eu falei assim: então, ele tá devendo umas atividades sim, até eu cheguei a mandar algumas vezes, falei: oh, você entregou uma, tá faltando tal. Ainda bem que tá gravadinho lá no “zap”, né? Fica lá gravadinho as conversas, né? E aí eu fui olhar o histórico, tava tudo lá, ele me mandando uma mensagem e eu falando: oh, tá faltando tal. Então, e a mãe, assim, me confessou na boa: não olho, não sei o que ele faz, o que ele não faz, então isso é comum. A

exceção é o aluno que chega todos os dias com a atividade, com as pesquisas, é exceção isso. Então a realidade é essa.

14:53 - Professora CInc.: Realmente, assim, eu também tenho essa dificuldade também com as turmas dos 4º anos. São poucos aqueles que retornam com as atividades de casa já prontas, né? Eu percebo que ali eles vão é... na hora que você tá corrigindo aqui, que eles vão tá fazendo junto com você, na hora da correção. Então, a gente percebe que não... ah, professora, não fiz, não deu tempo, eu cheguei pra fazer e não lembrava da sua explicação e não tinha ninguém em casa pra me explicar, né? Então eu tô fazendo aqui junto com a senhora. São expressões, assim, falas que a gente escuta em quase todas as aulas, né? São poucos os que trazem as atividades prontas de casa, poucos mesmo.

15:46 - Luiza Marillac: Tá certo, vou passar pra pergunta número 4: essas famílias normalmente atendem às orientações ou encaminhamentos da escola?

15:58 - Professora AInc.: Raramente. Tem vez que a gente manda bilhete pra família e não responde, fica lá. Você manda bilhete na agenda, como se ninguém tivesse visto. Só quando é uma coisa muito grave, que a escola tem que ligar pra família, tem que entrar em contato, aí eles vêm, mas a gente tentando um contato com eles... porque, às vezes, o aluno vem de van e a gente não tem nem contato com o responsável. Então, a gente quer ter o contato através do recadinho no caderno de bilhete, mas é raro as famílias que correspondem. Um nível muito baixo de famílias que não têm esse contato professor, a escola, e pra saber do filho dele também.

16:55 - Professora BInc.: É assim, esse retorno, assim, alguns você chama, assim, e vêm prontamente, né? Outros, passa, assim, o ano inteiro e eu não conheço... alguns pais eu não conheço. Não foi esse ano não... teve aluno que o pai apareceu lá no final do ano, que o filho ia repetir, aí apareceu pra você conhecer o pai, tratando-se de 5º ano, né? Mas, assim, eu lembro da minha época, né? Eu já... como eu falei, eu tenho 25 anos de carreira. Tinha reunião de pais, era uma sala lotada a reunião de pais. Você via, se era 25 alunos, tinha 20 pais. Hoje em dia, uma reunião de pais tem... vai 2 pais, em uma turma de 30? Quer dizer, como eu falei, a cada ano esse... esse... eu não sei que palavra usar... não sei se é descaso, falta de compromisso, acha que a escola que tem que dar conta. Eu não sei o que se passa, porque a escola até tenta, né? A gente tem coordenação na escola, lá no Thereza Falci são excelentes, eles estão prontos pra ajudar no que a gente pede, a gente constatou uma dificuldade, na hora marca-se reunião, chama pai, chama mãe, chama avó... e eles vão tentando, vão tentando, até que alguém aparece, mas a gente costuma, um ou outro escapa, não conseguir levar pai e mãe pra escola, e passa o ano, e você não sabe quem é. É muito comum.

18:32 - Professora CInc.: É, acontece também com as minhas turmas, com a turma também, né? Que eu pego. São poucos aqueles que atende às nossas solicitações, né? A coordenação tá sempre presente, a direção também, pro que você precisar. Mas, às vezes, é um ou outro que atende no dia que você marca, no horário que você marca, que pode ir. São poucos, são raros. Pra você ter uma ideia, teve uma mãe, umas duas mães que eu conheci no mercado, porque estava no final do ano, tinha ido fazer compra, e aí esse aluno, esses dois alunos: ô mamãe, professora Professora CInc., aquela ali que foi minha professora... né? Que estou saindo dela esse ano – ainda falou assim, brincou assim com a mãe. Aí na hora que a mãe veio e a gente ficou se conhecendo ali no mercado, sabe? Mas assim, poxa vida, né? Passou tanto... tantas reuniões que se passaram, quatro reuniões, né? Que a gente tem aí por bimestre, parece, né? No ano, no ano... e eu pensei: eu fui conhecer as mães aqui. Também não sei, né? A rotina delas,

né? A dificuldade que elas têm... mas também nunca me mandaram também um bilhete dizendo por que que não foram, né? Porque que não vão à escola quando são solicitadas.

20:02 - Luiza Marillac: Oh, vou passar pra pergunta número 5: quais têm sido as ações da escola para envolver e incluir as famílias no processo educativo?

20:15 - Professora AInc.: A escola Thereza Falci tem muitos projetos, muitas iniciativas em relação a projetos de artes, cultura... tudo isso pra incentivar a família estar dentro da escola, o aluno participar e se envolver. É apresentações no final do ano, em que as famílias vão e a escola vão. Tudo isso pra agregar a família e a escola.

20:50 - Professora BInc.: Sim, é isso mesmo. A própria reunião, né? Que geralmente no início do ano tem a reunião pra falar sobre como vai ser o ano e tal. Já começa por aí que a gente já vê a falta de interesse. É onde você vai falar do planejamento do ano, conhecer os professores... já começa por aí, né? E não tem plateia. Fora os projetos que ela falou. Geralmente, fechamento de bimestre tem apresentação dos projetos, música, dança... é... tem as festas que são certas de acontecer durante o ano, né? Festa da Família, Festa Junina. E aí outras festas... de Ciências também tem, parece, né? Feira de Ciências. São datas fixas, né? Que a escola tem. Então, é uma forma de trazer a família para ver o que que o aluno andou fazendo na escola durante aquele ano, né? Então, assim, a escola busca de todas as formas, até no particular, perante as dificuldades, ela tem os laboratórios e, às vezes, o professor quer ajudar o aluno, mas a gente não consegue porque falta a parte de lá. Às vezes, na questão do laboratório de aprendizagem, ele é feito no contraturno, né? Pra poder ajudar o aluno e a mãe não tem condição de mandar o filho, então, pra escola naquele horário. A escola então oferece almoço pro aluno ir pro laboratório, ficar na escola, almoçar e participar da aula à tarde. E nem assim a gente consegue levar esse aluno que tem dificuldade para poder tentar recuperar alguma coisa, então, assim, a gente vê muita iniciativa da escola tentando buscar. Mas eu ainda... eu ainda acho que, assim, tem que se descobrir o que que acontece aí nessa relação, se é uma coisa cultural, né? Você vai fazer o trabalho aí, depois você vai contar pra gente como foi a sua conclusão, a que você chegou, né? Aonde que tá faltando aí alguma coisa pra que a gente consiga mais, né? Porque, no momento, eu tenho visto menos esse retorno, eu me vejo muito sozinha, né? A gente quer ajudar, quer buscar, quer trazer, quer participar e ter participação, porque eu me vejo como mãe, né? Mãe de três filhos, eu estou na vida escolar dos meus filhos, porque eu quero direcioná-los, né? Pra uma educação, né? De qualidade. Eu quero saber o que eles estão fazendo. Então, assim, eu acompanho. Então, assim, eu, quando eu vejo que esse acompanhamento, às vezes, falta, eu vejo como faz a falta. É nítido a gente vê como que essa relação, quando ela não acontece, como ela faz falta pra educação das crianças, educação escolar, né?

23:49 - Professora CInc.: Além de todos esses projetos que as professoras falaram, eu também percebo que a coordenação, ela procura... ela conversa muito com as mães, né? E no privado, tá sempre ligando pra aquelas mães que estão mais ausentes, ela é... a coordenação tem uma relação assim. Busca... ela busca quando as mães não... elas não dão esse retorno, ela liga, conversa e participa até dos problemas familiares, né? Eu até brinco com ela que ela é um psicóloga... que ela ouve muitos, muitos casos de família, né? Não o programa, mas os casos da vida real, né? Do aluno, né? Então, ela tá sempre pronta pra falar pra gente que... por que que aquele aluno tá assim, assim, mas por quê? Porque ela já conversou com aquela família pelo telefone, porque ela já solicitou, a família não foi, mas ela busca por telefone. Isso aí também eu acho que é um ponto positivo, né?

25:01 - Luiza Marillac: Sim. Oh, então eu vou apresentar a última pergunta pra vocês: vocês têm alguma sugestão de ação, proposta, ideia que possa estreitar a relação e a comunicação entre a família e a escola?

25:20 - Professora AInc.: Agora a gente tem que pensar! Ah, eu acho que, assim, a participação da família nessas festas – Festa Junina, Feira de Ciências, Amostra Cultural – é bem importante, e as apresentações de teatro também, quando tem espetáculos por fora no final do ano, Cantata de Natal, as famílias estão presentes também. São as ideias de agora. Não sei se depois eu posso estar lembrando de mais pra agregar.

26:03 - Professora BInc.: É sim, é... na verdade é... eu, assim, a escola faz as ações que todos fazem, né? Acaba que hoje em dia tudo se copia. A gente não inventa muito nada não. A *internet* tá aí, as ideias estão aí, né? Borbulhando e a gente vai pegando uma ideia aqui, outra ali. É assim, a escola, como a gente já falou aí, Professora AInc., Professora CInc., a escola é... procura fazer tudo pra trazer a família pra escola, né? Nesses eventos aí a gente vê uma participação boa, mas não é... a escola tem 500 alunos, nunca que eu vi esse total de pais lá, né? Na verdade, 500 no geral, né? Mas vamos supor que o fundamental à tarde sejam 200. Metade, né? A gente não tem, né? Isso tudo de pai lá na escola nessas apresentações. E a gente vê como é importante, como o aluno se sente importante quando ele vê o pai e a mãe, né? Vivendo os trabalhos, o que ele fez... então, assim, é triste... é bom de ver a família junto, e é triste de ver como que isso faz falta, né? Pras crianças. E a escola continua buscando, mas a escola tem perdido muito e feio, né? As pessoas, eu vejo assim, as pessoas estão cada vez mais sem tempo. Não entendo, né? As pessoas é... pandemia, de novo, tão em casa, ficaram um tempo em casa, então era pra tá esse tempo dedicado à família, né? Porque você tá ali na família, não vai ter jeito de fugir, né? E mesmo assim, as pessoas não encontram tempo, né? Então, assim, é uma questão aí que tem que mesmo ser estudada pra vê, né? Por que que isso está acontecendo? Certo? Mas, como sugestão, eu lembro que lá na escola uma vez tinha um grupo chamado, não sei se você chegou a descobrir isso, chamava GIFAI, que uma das coordenadoras muito boa, a Rita, ela foi coordenadora da manhã, ela criou um grupo de pais que iam lá pra escola à noite pra conversar... debater... sobre vários assuntos. E, assim, muita gente achava que ela era louca que... né? Que ela... de tá fazendo isso e tal. E era uma ideia boa, que é uma ideia que talvez que seja bom tá retornando algum dia na escola, né? Porque você, trazendo um pouco de pais, formando um grupo ali pra tá discutindo sobre a escola, o que é importante eles estarem debatendo... dali pode-se construir algo e trazer outros, né? De repente vira uma coisa boa que pode tá trazendo mais pais para que eles participem da escola, né? Porque a escola eles enxergam... eu vejo eles enxergando como uma coisa separada. Mas, na verdade, a escola é nossa, né? É dele, é nossa, né? E é dos alunos. Então, assim, falta eles descobrirem isso, que a escola não é uma coisa separada, né? Que a escola é deles. Ainda brinco com as crianças em relação à patrimônio, né? Eu falo muito isso lá no 5º ano, eles já são capazes de entender, mas eu acredito que até os pequenos, né? Se... eu acho a nossa escola linda. Eu já andei por muitas escolas em Juiz de Fora e eu já vi coisa muito feia e eu acho a nossa escola é linda, é uma escola que... difícil ter uma escola igual em Juiz de Fora. Deve ter, né? Mas nas minhas andanças aí de contrato em escolas... é... questão da gente cuidar, a gente tem que cuidar da escola, tem que cuidar da família, tem que cuidar da família da escola, que somos nós, né? Que a gente vira uma família ali, né? A gente vive junto ali por um ano, ou até mais que um ano com algumas. Professora CInc., eu vi Professora CInc. engravidar, passar aperto. Então, assim, a gente constrói uma história, que a gente sabe de tudo. Então, as famílias também têm que saber que eles vão construir uma história ali. O filho deles vai passar ali 10, 12 anos numa escola, né? Então, a gente tem que fazer com que eles saibam que aquilo ali é deles, que a gente tem que

cuidar pra gente ter, né? Certo? Então, assim, meu ver é esse, mas eu já tô querendo aposentar, já tenho tempo, e assim, me aborreço muito de ver que... não sei se eu vou conseguir ver isso, né? No ambiente escolar. Porque, assim, a gente tem que tentar de alguma forma resgatar, porque o negócio tá complicado. Isso aí.

30:39 - Professora CInc.: Assim, a minha sugestão é que a escola continue buscando mais espaços de participação da família, da família na escola, né? Continuar com os eventos... buscar também outras formas, né? Outros meios de tá trazendo essas famílias mais pra perto de nós enquanto professores, né? Enquanto gestor, né? Na escola, né? Os gestores nas escolas. Buscar mais espaços participativos. Como? Eu não sei. De repente agora, após a pandemia, nós tenhamos até um novo... já temos um novo olhar do processo pedagógico. De repente até possa acontecer mais vezes, né? Mas, por enquanto também não sei como. Mas que teríamos que buscar mais espaço de participação...

31:33 - Professora BInc.: Talvez vir a melhorar, né? A volta da importância do professor, né? E da escola. Não, é? Vão dar valor ao que ficaram um ano sem, né? De ver como é importante, como tá fazendo falta aquele espaço da escola, né? A convivência... talvez... vamos ver, tenho esperança.

31:54 - Luiza Marillac: Tá certo. Meninas, eu tenho muito agradecer a vocês, tá? Por contribuir por esse trabalho. Foram grandes contribuições e, sim, assim que o trabalho tiver pronto, vou apresentar, sim, para toda escola, para toda a comunidade escolar pra gente crescer juntos, né? E eu queria agradecer, tá? A vocês muito.

32:16 - Professora AInc.: Nós agradecemos o convite também.

32:19 - Professora BInc.: Isso.

Entrevista com professoras do fundamental 2: Professora AF., Professora BF. e Professora CF.

0:04 - Luiza Marillac: Meninas, meu nome é Luiza. Sou professora da Escola Thereza Falci e aluna do Mestrado Profissional em Gestão e Avaliação da Educação Pública da Universidade Federal de Juiz de Fora. Minha pesquisa aborda a cooperação entre a família e a instituição no processo educativo da Escola Municipal Professora Thereza Falci. Para melhor registro, gostaria de saber se vocês autorizam a gravação dessa entrevista, ressaltando que as respostas são apenas para fins de pesquisa. Sua participação é voluntária e será mantida no anonimato. Desde já, agradeço a cooperação de vocês. Vocês autorizam que eu grave a entrevista?

0:48 - Professora AF.: Sim.

0:48 - Professora BF.: Sim.

0:50 - Professora CF.: Sim.

0:51 - Luiza Marillac: Obrigada. Então ...é ...Eu preparei... é... seis perguntas para direcionar esse momento e, conforme eu falei, é... eu vou abordar na minha pesquisa a relação entre família e a escola Thereza Falci. Então, vou perguntar para vocês. A pergunta número 1: na Escola

Municipal Professora Thereza Falci, como vocês percebem o vínculo entre a escola e as famílias dos alunos?

1:27 - Professora CF.: Eu começo aí. Eu acho que sempre... posso começar?

1:37 - Luiza Marillac: Pode.

1:38 - Professora CF.: Eu acho que sempre esse vínculo, ele, eu acho, que ele é mais marcado entre os alunos lá... dos anos iniciais. Os anos finais, a gente tem alguns pais que até participam, mas se a gente olhar o percentual, ele é bem... eu acho que seria metade, né, Professora AF.? E Professora BF.? Não são tão participativos assim não.

2:05 - Professora AF.: E o vínculo também se dá, que nos é possível verificar, são nas reuniões de pais, né? Que a gente percebe o interesse, mas não é um interesse eficaz assim... presente.

2:27 - Professora CF.: Exatamente.

2:27 - Professora AF.: A gente pode considerar uns 40%. Não é mais que isso. Na minha visão, né?

2:36 - Professora CF.: Eu ia falar entre 50%, né? Mas eu acho que 40 a 50%, então eu acho que a minha percepção é mais ou menos... tá igual. A gente tá batendo.

2:43 - Professora AF.: Eu acredito, porque, nesse caso, nós trabalhamos com os anos finais e, para os anos finais, eu quero acreditar que os pais, eles já consideram os filhos adolescentes, então nesse universo eles não... é... vamos dizer assim, eles deixam mais na responsabilidade do próprio aluno. Eles não são assim de estar muito na escola, a não ser que ocorra alguma necessidade de estarem lá pra resolver alguma situação no cotidiano da escola com relação aos seus filhos e aos alunos.

3:39 - Professora CF.: E mesmo assim, a gente percebe que é coisa que vai se repetir em várias escolas... é... que a presença dos pais nessas reuniões é justamente aqueles pais dos quais os alunos são mais produtivos.

4:01 - Professora AF.: Produtivos.

4:02 - Professora CF.: É... mais disciplinados. Aqueles que a gente realmente precisa da presença, da atuação... Esses quase nunca aparecem. É igual a Professora AF. falou. Raramente são os casos que a gente tem que fazer uma convocação mesmo, né? Pra chamar esses pais, porque... pra resolver algum problema mais sério, e isso quando aparece, né?

4:23 - Professora AF.: E existe fator também de que é a maioria desses pais trabalham pra manutenção da casa. Então, às vezes, essa situação se torna complicada deles estarem presentes, né? Muito presentes na escola. É uma visão que a gente tem no primeiro momento.

4:51 - Professora BF.: Então... é... exatamente... eu vou ao encontro das falas de você, eu acho que é exatamente isso que ocorre. Os meninos que são mais produtivos, mais eficientes, entre aspas, na disciplina, na escola, e no comportamento, e tudo, os pais são mais presentes, mas essa porcentagem fica em torno mesmo de 40% a 50% e olhe lá. Tanto em reuniões quanto nas

feiras, quanto nas festas que a escola faz são sempre os mesmos, e aqueles que requer mais dificuldades, mais atenção, os pais são muito ausentes. Eu acho que até... eu arrisco em dizer que os meninos são mais proficientes nas disciplinas justamente porque os pais se fazem mais presentes. Então, eu acredito que essa mesma cobrança que... essa mesma participação que eles têm dentro de casa, existe a cobrança, dentro da escola, perdão, existe essa cobrança dentro de casa e faz com que o menino seja mais proficiente, né? Agora, porque os outros que têm mais dificuldade que a gente tem que gastar, manda os pais na escola, ou ter que estar cobrando, passando bilhete, em caderno e tudo... são ausentes e que os meninos demonstram mais dificuldade com as disciplinas, enfim.

6:16 - Luiza Marillac: Tá certo. Eu vou passar pra pergunta número 2 e aí vocês podem fazer colocações quando se sentirem à vontade, tá? Que tipo de correlação vocês identificam entre família, processo educativo e rendimento escolar?

6:36 - Professora BF.: Eu acho que recai sobre a minha sala mesmo, se a questão de... os pais se fazem presentes, mais presentes, o menino tem... eu entendo que ele tem um suporte maior e ainda que seja cobrança, mas que existe e faz com que o menino caminhe melhor, dá um retorno nas disciplinas, dá um retorno para a escola melhor. Estes que os pais deixam os meninos, os filhos, à vontade e que não há, talvez, né? Não haja cobrança e que não são presentes na escola, os meninos apresentam muito mais dificuldades.

7:14 - Professora AF.: E também é o caso, no caso dos alunos que têm muita dificuldade, às vezes, os pais não têm esse conhecimento que possa ajudá-lo. outras vezes eles estão no trabalho e os filhos ficam em casa por eles mesmos, né? E também por falta de interesse e porque a escola, ela dá as condições, igual por exemplo, existe laboratório e aprendizagem tanto pra Matemática quanto para o Português, e os pais não mandam os filhos, os filhos não vão pra escola. E eu costumo dizer para eles que são aulas particulares, não são salas cheias, são alunos que necessitam dessa abordagem, desse amparo, para eles caminharem com mais segurança. E a gente não tem esse retorno dos pais, e é o que a Professora BF. falou, as famílias que amparam os seus filhos, eles progridem com mais facilidade. A gente tem visto agora na pandemia, a família da aluna C do oitavo ano II, que os pais, mesmo na pandemia, eles estão trabalhando os conteúdos dos livros didáticos com ela. Então, é muito interessante esse apoio, que é um protagonismo do aluno, mas que depende do amparo, do cuidado e da ajuda familiar.

9:12 - Professora CF.: Com certeza, eu acho que é isso tudo aí que as meninas falaram. Eu corroboro, né? Concordo. Não tem muito a acrescentar não, Luiza, porque é o que a gente percebe. Se há apoio da família, a Professora BF. mesmo já colocou, né? O aluno vai ser mais proficiente. E aquele que tem dificuldades, a gente vai no histórico, vai ver que tem algum problema, né? Que tem alguma deficiência dessa atenção da família por “n” motivos, né? É igual a Professora AF. falou, é o trabalho dos pais que, muitas das vezes, os alunos ficam sozinhos e não têm apoio durante o dia e mesmo a falta de interesse, igual a Professora AF. falou, temos laboratório e os pais renunciam a esse bem, né? Que seria pra ajudar esse menino com dificuldade, aulas particulares, e não se interessa. É como se fosse mais um incômodo da escola para ele. Ah, eu vou ter que levar mais o meu filho mais esse horário, e aí, como é que vai ser? Entende? Parece que não tá sendo benefício.

10:40 - Luiza Marillac: Entendi. Vou passar pra pergunta 3, aqui, oh: como vocês avaliam o acompanhamento que as famílias oferecem aos alunos em deveres e trabalhos escolares que vão para casa?

10:59 - Professora AF.: Isso aí é complicado, porque na maioria das vezes, os alunos que têm mais dificuldades, esses ficam inertes. Eles não fazem as atividades. É aquilo que a Professora BF. falou, aqueles alunos que vão bem em todo o sistema educacional, né? Eles absorvem bem, fazem as atividades, pesquisam, perguntam, são aqueles que os pais dão apoio e estão ali regularmente, né? Controlando todo esse processo, participando desse processo, e a maioria das vezes que são os alunos que mais precisam e que têm mais dificuldade, os pais são omissos. A gente percebe isso, às vezes até como referência à indisciplina, quando estes são solicitados a comparecer na escola, são omissos também. Essa é minha visão. Então, nesse sentido de acompanhar no prolongamento, né? Dessa aprendizagem através das atividades propostas para casa, às vezes nos frustra, porque nós queremos que esses alunos ampliem os seus conhecimentos culturais, né? E também que eles possam utilizar das tecnologias que eles têm, que hoje a maioria dos alunos têm no celular, podem pesquisar pelo celular e a gente percebe que os pais, na maioria dos alunos que possuem dificuldades, existe esse desinteresse tanto do aluno quanto dos pais.

13:17 - Professora BF.: Então, eu acho que... eu concordo com a fala da Professora AF.. Eu acho que é exatamente isso e isso tá muito visível, inclusive transporta para o trabalho remoto que hoje a gente vive, que é a nossa realidade hoje. Porque os mesmos meninos que têm, que desempenham as atividades, a participação em sala são dos pais presentes e são estes mesmos que nos respondem com o trabalho remoto. Continua, permanece o quadro, sabe? O mesmo quadro presencial permanece o quadro não presencial. A Professora AF. citou aí a aluna C, tem a aluna D, alunos que já são participativos e permaneceram participativos no trabalho remoto, e são de pais presentes. Agora, os demais, os que os pais não são presentes, eles também não trazem atividades, a participação deles também é muito baixa. Existe essa participação quando a gente cobra, né? Quando a gente cobra, quando a gente tenta estimulá-los, mas é uma participação muito baixa, né?

14:30 - Professora AF.: E mesmo as atividades remotas, esse instrumento que a escola disponibilizou para os alunos adquirirem as apostilas na escola, a gente percebe que os alunos, eles estão fazendo as atividades com má vontade. Tem apostilas que não tem quase nada escrito, então a gente percebe que existe a ausência do responsável por essa criança, por esse adolescente, e a gente fica meio que frustrado, assim, deste processo de ensino remoto, porque é aquilo que eu conversei com você anteriormente, nós estamos nos dispondo a trazer um diferencial que possa atrair, né? A atenção dos alunos e o apoio do familiar, mas nós ainda não atingimos esse objetivo.

15:46 - Professora BF.: Então, exemplificando isso aí, o pai pegou uma apostila, que aí eu posso falar porque eu tava presente, o pai entregou uma apostila do filho, foi entregar a apostila, eu abri a apostila, folhee e não tinha resposta nenhuma. Eu peguei e falei com o pai: mas isso aqui não tá respondido. Ele, ah não? Quer dizer, ele nem sabia, ele nem olhou. Ele falou, Ah não? Mas ele não respondeu? Eu falei: não, ele não fez. Eu falei: olha, eu passei umas folhas e olha, ele não fez. Aí ele falou assim: oh, não? E o que que eu faço? Ele perguntou: o que que eu faço? Eu falei: não, o senhor vai voltar com a apostila pra ele fazer. Eu não posso entregar uma apostila em branco. Aí ele: olha, eu não tinha visto, eu confiei nele, quer dizer, eu acho que isso é uma passagem que exemplifica, né? O não acompanhamento, sem julgamento nenhum, mas é o não acompanhamento da família com a criança.

16:37 - Professora CF.: E aí eu acho que, só acrescentando, né? Esse modelo de atividade remota que a gente tá vivenciando hoje, ele só deixou mais evidente essa ausência dos pais, ausência como a gente já falou, por “n” motivos. Mas como esse modelo hoje exige muito dos pais, né? Ele exige muito, eu acho que, aí, se não tinha essa, digamos, essa dedicação, mesmo que mínima, ela vai ficar evidente. Aí o menino não vai trazer nada mesmo, e quando se tem o regime de aulas presenciais, a gente, de certa forma, a gente manda atividade? Manda, porém a gente vai receber, eu já espero que eu não vou... eu já sei quem vai me entregar e quem não vai me entregar. Eu já sei disso, né? E a gente, dentro do modelo presencial, a gente tem lá que dá “n” chances também pra aqueles alunos que têm certas dificuldades, então a gente vai pegar no pé, digamos assim, né? Vai exigir novamente que ele refaça, que faça de novo, que faça mais uma vez, mais outra chance. A gente vai fica ali, exigindo, né? Só que agora a gente não tem como exigir, essa exigência ela tem que partir integralmente da família. E isso tá ficando evidente demais agora. Então, aquela porcentagem que a gente tinha de alunos com deficiência, eu acho que ela está escancarada agora, né? Ela tá demonstrando a realidade do que realmente a gente tem, que seriam uns 20% que participam? É... é isso, são 20% que estudam e os outros 80% não. Mas daí, a gente conseguia, dentro do modelo presencial, pegar e aumentar essa porcentagem, dando uma mascarada: oh, esse aqui fez uma “atividadezinha” depois de não sei quantas chances que eu dei a ele, e a gente consegue aumentar essa porcentagem, mas no modelo de ensino remoto não tem como. Eu sei que os pais têm uma série de dificuldades, como por exemplo, é o trabalho, muitos não têm, digamos assim...

19:07 - Professora AF.: Conhecimento necessário.

19:09 - Professora CF.: Conhecimento, é... o conhecimento necessário pra ajudar o seu filho a elaborar, a elaborar não, né? A desenvolver as atividades. Então, fica muito complicado, né? Ele vai recorrer a quem? Então, ele tem que confiar no filho, mas, como a Professora BF. falou, o mínimo a gente espera, né? Do pai: ué, meu filho, por que que você não fez isso daqui, né? Por que que você tá entregando em branco? E ele tem o recurso de entrar em contato com a escola de alguma forma e falar: estou com dificuldade. Como que a gente pode resolver isso? E não chega até nós, né?

19:50 - Professora BF.: É... essa fala é perfeita da Professora CF., é exatamente isso, agora eu acho que... eu acho que desvela... assim, desvelou exatamente o papel da família para com o filho em questões de educação, né? Por “n” dificuldades, mas isso ficou muito claro, fica muito nítido agora no trabalho remoto, porque os meninos precisam eficazmente da família, né? Pra desenvolver, e aqueles que não têm, não adianta, e eu acho que é interessante, eu acho que fica claro pra gente também o quanto é importante a participação, né? O quanto o trabalho da escola não é um trabalho desvinculado da família, o quanto esse trabalho da escola é necessário que a família esteja junto, que tenha a mesma cobrança que a gente tem. Então, isso também, eu acho que agora fica muito claro, assim, muito nítido tudo isso.

20:54 - Professora AF.: E a gente também já viu, assim, até viralizou, né? Muitos casos na *internet* de pais desesperados que já não estavam e não estão, né? Aguentando a quantidade de cobrança dos trabalhos remotos, né? Então, e é algo assim, de todos nós, né? Um momento de repensar todo esse processo, porque nem nós docentes estávamos preparados pra enfrentar uma educação num sistema remoto e nem os pais pra enfrentar esse processo, toda essa cobrança que nós já estamos acostumados, né? De passar por ela. Então, é algo pra nós estarmos refletindo, é um processo educacional que precisa estar sempre nas reflexões do que que pode ser feito pra minimizar, né? Esses problemas e aproximar mais a família da escola.

22:13 - Luiza Marillac: Certo. Eu vou passar pra quatro. Essas famílias normalmente atendem às orientações ou encaminhamentos da escola?

22:30 - Professora BF.: Bom, as famílias que estão presentes, elas atendem, né? Elas estão presentes, elas participam, elas atendem. Agora, somente essas. As que já estão ausentes até se comprometem, mas o resultado não chega. Elas até falam: ah, eu vou fazer, ah eu vou mandar, pode deixar que eu vou cobrar, mas o resultado não chega, eu não vejo mudança, eu acho que permanece a mesma coisa.

23:03 - Professora AF.: Elas são inertes, né? E, às vezes, algumas intervenções que são tomadas pela escola é diante de muita insistência. Eu não vejo nenhuma mudança, nenhum esforço deles quererem que algo mude na vida dos seus filhos não.

23:31 - Professora CF.: É isso aí, eu acho que eu concordo com a fala das duas aí também. Não vejo. Quando a gente chama os pais, eles até se comprometem, mas continua na mesma, na inércia.

23:51 - Luiza Marillac: Questão número 5. Quais têm sido as ações da escola para envolver e incluir as famílias no processo educativo?

24:06 - Professora BF.: A escola faz o seu papel, porque a escola faz feiras de Ciências, feiras de Matemática, a escola procura fazer a comemoração dentro da grade curricular de tudo o que é possível, convida as famílias, abre a escola para a família participar, ela tenta essa aproximação. Ela tenta essa aproximação. Eu acho que a escola não negligencia hora nenhuma essa relação da família com o ambiente escolar. Então ela, como eu disse, ela faz... ela tenta... ela tenta não, ela faz o seu papel, ela faz as atividades, chama a família, né? A escola tá aberta para receber essa família a hora que ela quiser pra questionar, pra reflexionar, pra perguntar, então a escola, ela faz o papel dela, né? E eu espero, sempre tô esperando que a família dê esse retorno.

25:11 - Professora CF.: É, e dentro do calendário, além disso, né? Existe aí um tal do dia da família na escola, e que não é feita nenhuma cobrança em si, é só uma tentativa de aproximação em que a escola oferece atividades, não é? Lúdicas, né? De convivência entre professores, alunos e família, e mesmo assim a gente não tem tanta participação dos pais nesses eventos não. Além disso, pra aumentar a participação nos dias, mais, né? Sério, né? De cobrança e tal, nós temos os dias de reuniões de pais, só que esses dias de reuniões, pelo tempo que eu já tive na escola, a gente já mudou os horários de reuniões pra que pudesse é...

26:03 - Professora AF.: Atender.

26:06 - Professora CF.: Né? Esses pais. A gente já passou pro início, assim, pra atender pai lá às 7 horas da manhã. Reunião de pais às 7 horas da manhã no dia de semana. A gente já passou pra noite, né? Para depois...

26:19 - Professora AF.: Já passou pro sábado.

26:20 - Professora CF.: É, já foi no sábado. Sempre pra atender os pais, porque, assim: ah, eu não posso nesse dia porque eu tô trabalhando, ah, nesse horário fica difícil pra mim, então a

gente já variou esses dias de reuniões pra que pudesse ampliar as opções para esses pais participarem. Mas sempre fica também uma porcentagem que não varia muito não, tá?

26:45 - Professora AF.: E o dia da família também vão muito poucas famílias. Pelo contingente de alunos que nós temos, a adesão é baixa.

26:59 - Professora CF.: É.

27:02 - Luiza Marillac: Então vou colocar a última questão. Vocês têm alguma sugestão de ação, proposta, ideia que possa estreitar a relação e a comunicação entre a família e a escola?

27:23 - Professora AF.: Agora após essa pandemia, eu acredito que todos os setores que envolvam a educação vai ter que pensar e articular meios pra ampliar justamente essa aproximação entre famílias e escola. Pensar em propostas diante do que a gente já tem, é algo assim, hoje a gente vai precisar pensar, inserir nesses projetos a tecnologia, porque nós fomos pegos de surpresa, né? Nesse trabalho, eu acho que é algo que a educação precisa refletir, nós como educadores, nós vamos ter que organizar essa engrenagem, envolver família e escola, e as tecnologias, todos os instrumentos que tiver à disposição pra fazer essa mediação, né? Hoje, a gente, a única coisa que nós temos disponível é a *internet*, né? É minha visão, assim, em meio a essa pandemia.

29:04 - Professora BF.: Eu acho que... é... eu acho eficaz o papel da escola em termos de chamar a família de... porque eu acho que, em tudo, o que pra mim, não puxando pro meu lado, mas pra mim o que é eficaz é a conversa, é o diálogo. Eu acho que estreitar o diálogo da família com a escola, pra mim, sempre vai ser eficiente se ele ocorrer. Então, a proposta que eu vejo e acredito que depois desse tempo todo remoto, dessa situação toda que a gente vive hoje, é que a família vai aproximar mais da escola, porque a família sentiu, né? Eu acho que a família percebeu o quanto a escola faz pelo filho dela, né? O quanto a escola, porque, principalmente as famílias que não estão presentes, as famílias que não, né? Participam efetivamente, elas sentiram isso e sentem isso nesse momento. Então, eu acho que elas, eu espero, né? Que a família consiga e tenha, né? O incentivo de aproximar esse diálogo, de fazer esse diálogo maior com a escola. Então, hoje falar de proposta, acho que a minha proposta continua sendo diálogo, continua sendo a presença da família na escola, a participação da família e com tudo que a escola já faz, com as reuniões, com o dia da família, com as feiras, né? Com a participação mesmo, com as festas. Com a participação, eu acho que a família, ela tem que estreitar esse canal de comunicação com a escola, e eu acho, espero que depois desse momento, a família tenha essa participação, que ela busque mais, ser mais presente nessas participações.

30:57 - Professora AF.: Que tenham um compromisso real, né, Professora BF.?

31:00 - Professora BF.: Exatamente, que elas estreitem realmente esse compromisso e que enxerguem a escola como um compromisso.

31:07 - Professora AF.: É... assumam um compromisso real diante de todas essas dificuldades nesse processo que a gente tem vivenciado, porque o sentimento que nós temos, enquanto educadores, é que parece que só nós, docentes e direção, todo o corpo da escola, que são os responsáveis por cada aluno, e na realidade é uma responsabilidade coletiva, né? E comungam se é entre pais e escola. Então, eu espero, eu tenho esperança, né? De que esses laços possam ser mais...

32:00 - Professora BF.: Estreitados.

32:00 - Professora AF.: Isso. E nesse compromisso das responsabilidades.

32:08 - Professora BF.: Então, quando você fala de uma ação, né? Uma sugestão de uma ação, de uma proposta, eu acho que a gente já tem essa ação, a gente já tem essa proposta, ela só precisa ser exatamente mais estreitada, ela precisa ser levada a sério, eu acho que a escola não precisa criar nada mirabolante, nada fantástico, colocar um parque dentro dela pra chamar atenção. Nós professores plantar bananeira dentro de sala de aula ou na reunião dos pais pra chamar atenção dos pais. Eu acho que a escola, ela precisa, o papel dela é esse, ela cumpre este papel quando ela chama a família pra dentro da escola. O que precisa é a mentalidade das famílias mudarem em relação à exatamente ao que a Professora AF. falou, a responsabilidade precisa ser assumida da família, porque nós, academicamente, assumimos a responsabilidade com os filhos. Agora, eles precisam assumir a responsabilidade de família na escola, né? De interesse. Então, eu, né? Eu não tenho muito conhecimento nessa parte, né? Metodológica e tudo, mas eu acredito que a escola já faz. Essa ação, ela já vem sendo feita, o que necessita é que a família assuma essa ação que a escola já faz.

33:26 - Professora CF.: Eu acho que é isso aí mesmo. Eu acho que nós já fazemos a nossa parte, porém a família, ela tem que também ter esse compromisso. Tá faltando, eu acho, que é o compromisso, né? E... pra que caminhemos juntos, né? Eficientemente caminhemos juntos. Eu acho que só assim a gente vai ter um resultado melhor na aprendizagem e no ensino dos alunos, e como as colegas falaram, né? Espero que depois desse período de ensino remoto, a gente tenha algum reconhecimento, né? Tenho esperança também de que os pais tenham reconhecimento, né? Pelo nosso valor, pelo trabalho que a gente faz dentro da escola, e antes eu acho que talvez não era tão visível assim pra eles.

34:28 - Luiza Marillac: Tá certo. Alguém gostaria de acrescentar alguma coisa? Alguma colocação?

34:36 - Professora CF.: Não.

34:38 - Luiza Marillac: Então, eu agradeço muito a participação de vocês, tá? Com certeza vai enriquecer muito o meu trabalho e a gente espera sempre melhoras, né? Eu vou interromper a gravação e a gente pode continuar....

Entrevista com professoras de projetos: Professora AP., Professora BP. e Professora CP.

0:05 - Luiza Marillac: Oh, meu nome é Luiza Marillac de Paula Quetz Bittencourt, sou aluna do Mestrado Profissional em Gestão e Avaliação da Educação Pública, da Universidade Federal de Juiz de Fora, e a minha pesquisa aborda a cooperação entre a família e a instituição no processo educativo, especificamente na Escola Municipal Professora Thereza Falci. Assim sendo, essa entrevista tá destinada a vocês, professores de projetos, e, pra melhor registro, eu gostaria de saber se vocês autorizam a gravação dessa entrevista. Ressalto que as respostas são apenas para fins de pesquisa, sua participação é voluntária e será mantido o anonimato. Desde já, eu agradeço a compreensão de todos. Vocês autorizam?

0:55 - Professora AP.: Sim.

0:56 - Professora BP.: Sim.

0:58 - Professora CP.: Sim.

1:02 - Luiza Marillac: Oh, então vamos iniciar! Eu gostaria que vocês se apresentassem, por favor.

1:18 - Professora BP.: Meu nome é Professora BP., tenho 28 anos, sou professora de projeto de Teatro da Escola Municipal Professora Thereza Falci. Tô na escola desde 2019 e... mas também sou ex-aluna da escola. É... estudei lá a partir do 4º ano dos anos iniciais até o 9º ano. Mais alguma coisa?

1:58 - Luiza Marillac: Não.

2:09 - Professora AP.: Meu nome é Professora AP., eu tô na Escola Municipal Professora Thereza Falci com o projeto de Laboratório de Aprendizagem e esse ano eu tenho o 7º ano III também, no turno normal, no horário normal, e é meu segundo ano na escola. Eu tô na rede desde 2014, se eu não me engano, e já trabalhei com projeto em outra escola também, além do Thereza Falci. É isso.

2:41 - Luiza Marillac: Laboratório de Português, né?

2:44 - Professora AP.: É, Laboratório de Português também em outra escola e o Laboratório de Aprendizagem lá no Thereza Falci. Não era chamado Laboratório de Português não, deixa eu... eu vou lembrar do nome que tinha na outra escola e falo, mas me fugiu o nome agora.

3:06 - Professora CP.: Gente, boa tarde, meu nome é Professora CP., sou professora de Português e de Música. Na escola Thereza Falci, estou há 13 anos [inaudível] ... escola, no Thereza. E 2019, 2020 [inaudível] Professora BP.. Sempre gostei muito da escola, até pela organização, pelo espaço físico e pela abertura das artes... literárias, sonoras, cênicas, quaisquer que sejam, porque eles dão mesmo um aparato muito bom pra gente. Trabalho na rede como contrato tanto quanto Português, Música, desde 92 – tem 53 anos. E vou tentar contribuir aí pra você, Luiza.

4:16 - Luiza Marillac: Obrigada. Então vamos iniciar! Na Escola Municipal Professora Thereza Falci, como vocês percebem o vínculo entre a escola e as famílias dos alunos?

4:45 - Professora CP.: Eu percebo, assim, há uma divisão, né? Rapaz, principalmente nesse momento do ensino remoto, que eles são presentes, passam “zap” pra gente, a gente vê que eles estão realmente ajudando os filhos na formação e na educação, principalmente nesse ensino remoto, né? E há pais que realmente não é que não queiram, é que não podem dar uma ajuda necessária para essa formação ser completa, junto com a escola, compartilhar com a escola, mas, apesar de muitas vezes eles não estarem juntos com a escola o tempo inteiro, eles têm uma credibilidade muito forte na escola, que dá uma margem desse afastamento, né? Mas a escola sempre chama, então eu vejo muito essa divisão em pais. Tem pais ali que são ótimos, presentes nas reuniões, estão cada vez mais presentes, mais pais presentes, a gente percebe isso, né? Que estou há três anos na escola, conseqüentemente percebo que houve um aumento. Então,

acreditar na escola, na direção, nos professores e tem pais que não participam realmente, porque tem, né? Um grau de letramento... não sei, por diversos fatores. Mas também eu vejo isso – que eles acreditam muito que a escola consegue fazer o que é necessário. Terminei.

6:28 - Professora AP.: Eu acho que, não é só uma particularidade do Thereza não, eu acho que... em todas as escolas pelas quais eu já passei, a participação dos pais, ela não é tão relevante, tão...tão... a gente nunca almeja aquilo que a gente espera, né? A escola, ela tem o contato com os pais, ela chama os pais quando há necessidade. A primeira reunião, né? Do início do ano, eu acho que é uma reunião que sempre vai mais pais, eu acho que até para conhecer professores e a estrutura da escola, pra aqueles que ainda não conhecem, ou então pela mudança de turma dos filhos... mas, a presença dos pais na escola, eu acho que ainda a gente tem muito que trabalhar. Porque, em diversas situações que são necessárias, eles realmente não participam, aí vai a questão até de interesse mesmo, né? Com a educação do filho ou uma falta de oportunidade. Às vezes, a reunião é marcada no horário que os pais trabalham... agora, quando é um assunto particular, individual, específico do aluno, aí pelo menos das vezes que eu já participei, que eu precisei, os pais estiveram lá, né? E eu vejo também o que a Professora CP. disse, eles têm uma confiança muito grande na escola, então, às vezes, eles não acham que seja tão necessário assim essa participação em determinadas situações, né? Haja vista que, quando a gente precisa de um, em particular, eles aparecem, eles comparecem e se interagem com a vida do filho. Essa é minha visão da escola também.

8:07 - Professora CP.: Vou só fazer um gancho, voltando aqui rapidinho, Luiza, se você me permite, Professora BP., rapidamente. Eu trabalho na escola W também, nem é bom citar, né? Mas, como é uma conversa informal, né Luiza? É claro que vai no seu texto, na sua fala, pode neutralizar... então lá, quando a gente chama alunos... que, em Nova Era, é uma escola também super organizada, eles acreditam na escola, mas não é esse tipo de confiança. Quando a gente chama, tem pai que não aparece, de forma alguma. Então, eu acho que, assim, tem pais que são distantes e não aparece nunca. Isso, lá no Thereza eu não vejo, de pai que não apareça nunca. Já concluí, acabei.

8:54 - Professora BP.: Bom, eu sou um pouco suspeita pra falar, justamente por causa do meu vínculo desde... depois eu faço os cálculos aí... mas desde os 9 anos [inaudível], porque o Thereza Falci, ele surgiu do Cecília Meireles, por causa da superlotação que o Cecília continha. Criou-se então o Thereza Falci pra justamente abraçar aquela comunidade e esse vínculo que tem tanto da escola com as famílias vem disso. Vem dessa região, vem dessa comunidade e, eu acho também que, complementando a fala que as professoras já disseram, tanto a Professora CP., quanto a Professora AP., dá pra se perceber essa... esse acolhimento que os pais têm da escola e também, infelizmente, é comparando-se com outras escolas, a gente não consegue ter isso 100% dos pais, toda essa dedicação que os pais têm que ter com os alunos e com a escola, independente de qual ela seja, mas, através da segurança que esses pais têm da escola Thereza Falci. Então, essa relação e esse vínculo que é gratificante trabalhar entre a escola e a comunidade, e a família, isso realmente acontece e é muito bom ver essa... ter essa segurança que a família tem com a escola, ao deixar seu filho, ao matricular o seu filho e escolher a Thereza Falci como escola pra poder seguir essa carreira, né? Desde os anos iniciais... desde a educação infantil até o 9º ano.

10:45 - Luiza Marillac: Tá certo. Eu vou apresentar a segunda pergunta: que tipo de correlação vocês identificam entre família, processo educativo e rendimento escolar?

11:11 - Professora AP.: Então, mais uma vez eu acho que vai muito de família pra família, né? Daquela que tá mais ligada à construção do conhecimento do filho porque, no laboratório, por exemplo, eu via no ano passado, né? Que foi o período que a gente teve mais contato com os meninos, mães e pais realmente preocupados com aquilo que o menino tava... que o aluno tava rendendo... que ele tava... o aproveitamento dele, tanto naquilo que poderia ter... é... no decorrer do ano, né? Eu me perdi um pouquinho... mas, a questão desse processo educativo, infelizmente, eu acho, na minha visão, que ainda tá muito atrelado à nota. Então, como eu tenho uma... o meu trabalho é diretamente com o conteúdo curricular, então chegava no final dos períodos, dos bimestres, aparecia mais meninos e os pais procuravam mais também, iam mais atrás da escola, principalmente no final do ano, quando eles viam que o filho tava em risco de reprovação. Então, essa preocupação dos pais com o processo educativo dos meninos, não é tanto só a questão do conhecimento, é muita preocupação com a nota, porque se fosse uma questão do conhecimento mesmo, eles teriam essa preocupação dentro do ano inteiro, né? Eu penso dessa forma. Agora, como eles estão só preocupados com o passar ou não passar de ano, e essa nota que ele vai ter, que a gente tem esse sistema, né? Então esse processo, ele fica muito preso num período só. Entendeu? Eu acho que é isso.

12:57 - Professora BP.: No nosso caso, enquanto projeto, tá relacionado muito à cena, à imagem também. A Professora CP. pode me corrigir nisso, mas eu fico vendo os alunos do teatro, por exemplo, a participação deles é sempre uma participação muito gratificante assim... dificilmente... são poucos os alunos que não traz pra nós o papel assinado, né? Que autoriza a participação no evento que a prefeitura mesmo promove. Dos poucos que participam do projeto. Então, assim, se a escola tem mais ou menos 400 alunos, 380 alunos, no meu caso, enquanto teatro, que recebe do 2º ao 9º ano, eu tenho em média mais ou menos 60 alunos, incluindo os alunos da jornada. De participação, eu sempre tenho um número mais ou menos entre 50...53, quando eu agrego todos a um único projeto... a uma única cena, vamos dizer assim... a uma única apresentação – que é o que aconteceu em 2019. E daí, porém, esses outros alunos que não participam dos projetos, esses outros 320 alunos que não participam do projeto, vêm também muito dessa falta de relação ou de entendimento que os pais não têm ainda sobre o projeto ou não querem ter. Assim, tem... os pais sabem que a escola abraça projetos artísticos – música, teatro e dança – porém, ou eles ainda não conseguem ver utilidade nisso – aí eu faço um complemento justamente na fala da Professora AP. nessa questão: ah, não tem nota, isso não vai fazer passar de ano ou não. Ou então, além de não ver questão de utilidade, realmente acha... a criança mesmo, por não ter esse conhecimento, essa relação pedagógica e artística, realmente: ah, não quero fazer, não o que que é, prefiro não entrar nisso. Porém, a gente tem visto agora, e é uma conversa que tanto eu, Professora CP. e Professora F já tivemos no nosso grupo, que o ensino remoto tá atingindo alunos que não são nossos alunos. Então, alguns alunos que tão trazendo pra nós retorno das atividades que não são os alunos da música, não são do teatro, não são da dança, mas tão buscando interesse em fazer as atividades, por mais que elas sejam também obrigatórias, mas eles estão realmente se empenhando em fazer e tem alguns alunos do 8º ano, por exemplo, que eu já perguntei: gente, eu nunca vi vocês na vida, por que que vocês não fazem teatro? Aí eles falam: não professora... aí eles vêm com os argumentos: a minha mãe não acha útil. Ou então: então eu não tenho interesse realmente em teatro. Ou então: eu tenho muita vergonha, então prefiro nem tentar. E assim vai. Então eu acho que essa... talvez essa correlação... o que impede essa correlação entre família, processo educativo e rendimento escolar dentro do projeto de Teatro, por exemplo, vem mais dessa falta de querer ou de entendimento dos pais, mas, quando tem esse querer e esse entendimento, vem mais pra essa questão de cena: meu filho vai apresentar quando? Que horas? E eu quero ver meu filho lá na frente. Algo assim, por exemplo.

16:26 - Professora CP.: Eu concordo plenamente com a Professora BP., com Professora AP., quando a gente tem que desconstruir. Desconstruir. Olha, eu já trabalhei com Português, com sala de aula... já rodei muito em prefeitura... já trabalhei com educação infantil, tempo integral, já trabalhei em projetos fora de escola, vinculados à Secretaria de Desenvolvimento Social, um monte de coisa... então, já rodei. Mas a gente tem que desconstruir. Tanto que o aprendizado não é só pra nós e, o que faz tocar, aprender música, teatro, dança, qualquer que seja a arte, ela não é só pra ser o artista, pra ele tá protagonizando. Então, os pais vendem muito isso pros filhos. Então, ele tem que aprender pra ser o protagonista, pra apresentar, como a Professora BP. falou, ou ele tem que aprender pra passar de ano. Ele não tem que aprender pra ser feliz e... sabe? Ser feliz. E pronto. E acabou. É momento. Ou então pra utilizar o que a música, que é a questão de você ter uma visão periférica, né? Que a música, o teatro e a dança muitas vezes trazem isso. É... a oratória... é... posicionamento crítico, o que o Português traz sem ser, além da... claro que é importantíssimo, concordância verbal, regências, tal, mas o desenvolvimento da oratória de um texto escrito, eles não querem isso não. Eles não conseguem desconstruir, não consegue quebrar preconceito. Aí o processo educativo tanto em projetos, quanto em sala de aula, ele falha, porque o pai passa pro filho: ah, não, você vai ser [inaudível]. Por ele já não ter talento, ele mesmo exclui o próprio filho – é como se fosse um racismo estrutural, sabe? Isso aí não é racismo, mas é racismo contra o próprio filho. Ele mesmo chega pro filho: não, vai nessa aula particular de Português, é uma vez por semana. O que você vai fazer lá? Estuda em casa, senta e estuda em casa. Mas ele não entende que a criança tem que criar hábitos. Essa criação de hábitos depende da família, a família o tempo inteiro ali na formação da pessoa e falando: olha, você tem que ser autodidata? Tem. Se tá ali de graça e lhe vai valer 10%, vá. 10%. Se vale 100% pra você, vá. Então, eu acho que, assim, a família, ela é essencial, mas infelizmente, né? Muita gente não acredita no informal nem no formal, não acredita na escola que traz métodos contemporâneos e nem no que traz o tradicional e que dá certo, os dois dão certo. A gente sabe disso, a gente já passou por isso tudo e sabe que é capaz, sabe?

19:14 - Professora BP.: Eu vou complementar a fala da Professora CP., porque eu acho que esse pensamento que a gente ainda vê, que é esses pensamento verticalizado e não horizontal. Essa questão de você tá no conteúdo na escola, ou você é o intérprete principal da cena ou você é o melhor aluno da nota, então a gente não... os pais ainda passam isso pros alunos nesse quesito de que ou você é isso ou você é aquilo, ou você é 8 ou você é 80, e não conseguem ainda enxergar os outros conteúdos ou os outros paralelos que uma sala de aula dentro de um projeto conseguem agregar pro aluno. Então, não é só aprender dó, ré, mi, fá, sol, lá, si, dó, não é só aprender quem é protagonista, antagonista e ler um texto dramático. É conseguir fazer uma relação, por exemplo, a gente tem aqui também duas professoras de projeto e professora de Português, é relacionar eu como professora de teatro que tô com aluno de 4º ano que ainda tem uma dificuldade na leitura, dar a ele um texto dramático em que a gente consegue partir de um texto dramático para relacionar algumas questões de oração e frase que a aula de Português agrega. Então, é realmente a gente trabalhar essa transdisciplinaridade com o aluno e também oferecer isso pra eles. Oferecer essa relação, sair dessa... dessa... de impor conhecimento, impor matéria, e sim trabalhar o diálogo com ele. Então, é uma briga tremenda com a família, mas a gente tenta.

21:02 - Professora CP.: Verdade.

21:04 - Luiza Marillac: Tá certo. Eu vou apresentar a pergunta número 3.

21:09 - Professora CP.: Luiza, eu posso só complementar... a Professora AP. que começou esse bloco, né? Eu me perdi um pouco, Professora AP., mas só pra concluir, às vezes a gente tem alunos que eles adoram projeto, igual o aluno E, não sei se a Professora BP. tá lembrando dele, aluno E, que o irmão dele é um pequenininho. Toca muito tambor. Ele é tido como disciplinado, acho que tá no 6º ou no 5º... acho que passou pro 6º tal. Mas ele toca tambor, ele é... ele é... ele tem vivência musical, ele tem vivência de rua mesmo... de... é... vamos dizer assim, de música popular, de roda, de tudo. E muitas vezes o castigo vem aí. O menino, ele é bom, às vezes, né Professora BP.? Não sei se você percebe isso também, Professora AP., menino vai, às vezes, porque gosta da gente, ele vai pro projeto porque gosta, ele vai porque ele gosta do instrumento, ele vai porque ele gosta de ler, porque é o momento que ele tem pra conversar com a Professora AP. sobre outras coisas... então ele cria um relacionamento com a gente, aí, na hora do castigo, a mãe vai lá e tira do que ele gosta. Vamos supor que ele tirou nota ruim, aí ela vai lá e pune, igual a escola pune, a família, ela repete e pune de novo, sabe? Então, pra gente chegar nos pais e desconstruir... e são pais jovens, o que me assusta é que são pais jovens, como são tão ainda... não é limitados... com tanto ranço, cara, tanto preconceito mesmo estrutural de tudo... de tudo... vê você no ônibus: oh, ela tá no ônibus? Acha que professor não pode tá no ônibus. Às vezes me vê na rua aqui, que eu moro no centro, tô sempre no centro, toco maracatu, aí me vê no centro, na rua, tocando maracatu: oh, ela tá na rua, sentada na rua. É muito estranho, assim, eles criarem isso. Eles sabem que pode ser muito mais, mas eles não se permitem... e pais jovens, sabe? Desculpa aí ter alongado, Luiza.

23:27 - Luiza Marillac: Não, sem problema. A questão número 3: como vocês avaliam o acompanhamento que as famílias oferecem aos alunos em deveres e trabalhos escolares que vão para casa?

23:51 - Professora AP.: É... quase nulo, assim, eu acho que há uma grande maioria que não consegue dar esse suporte pro filho. Ou por falta de conhecimento, ou por falta de tempo, ou por falta de interesse, né? Aí a gente tem várias vertentes. A Professora CP. colocou num ponto que eu acho muito interessante, que é essa questão dos pais jovens, né? A gente tem... a gente olha hoje e têm muitos pais jovens e eu acho que, como eles são jovens, eles ainda estão muito perto da escola que eles frequentaram, assim, de idade, então eles não criaram uma maturidade suficiente pra entender a importância da escola, porque, às vezes, a escola não teve aquela importância pra eles, então eles jogam isso no filho, eles veem a escola como um depósito de criança, que a gente viu bem nessa pandemia. A briga, os questionamentos e a fala de que nós não estamos trabalhando porque, pra eles, pros pais, trabalharem, a gente tá junto com os meninos. Aí vem essa dificuldade quando os deveres vão pra casa, né? Se a gente for pegar o exemplo agora neste ano mesmo, as primeiras atividades, elas vieram quase todas. Eu, com a minha única turma que eu corrijo, de 7º ano, muitos alunos retornavam. Hoje eu tenho 3...4 alunos só retornando. Então, foi uma queda muito grande, por quê? Não sei... é o cansaço... é a dificuldade de tempo... de encontrar tempo pra ajudar os filhos... e mesmo quando é dever que a gente tá no presencial, eu sempre vejo que é um descaso muito grande que os meninos têm e a família também. Certo? É isso, não tem muito apoio dos pais em fazer as atividades escolares não, não vejo isso não.

25:44 - Professora CP.: É, eu concordo também com a Professora AP., com a forma que ela falou... é realmente um distanciamento, né? Dos pais, mas a gente percebe que, vamos supor, 1º ao 5º... eles vão bem, o pai ainda é mais presente, ajuda, mas, chega no 6º, ele acha que o menino tá pronto, que ele faz sozinho agora.

26:02 - Professora AP.: A falsa ilusão de independência do menino, né? Eles acham que o menino já tá independente, que ele já consegue dá conta daquilo sozinho e, às vezes, não é. Tem aqueles que a gente sabe que dá conta... que dão conta, e a gente sabe que tem muitos que ainda precisam do auxílio, e os pais meio que deixam pra lá, né? E, dependente dos pais, né? Até por questão de dificuldade mesmo de conhecimento no conteúdo. A gente não sabe também avaliar. Mas a gente sempre manda... eu sempre falo, converso, mando bilhete... não conseguiu? Fala que não conseguiu, o que que não conseguiu, traz esse retorno pra gente... até com os pais, e poucas vezes a gente tem esse retorno de falar... de mostrar as dificuldades também. Eles têm muita dificuldade em mostrar a dificuldade, o que atrapalha nesse processo da gente tentar até conhecer os limites deles, até onde a gente pode ir.

26:59 - Professora CP.: Essa correlação que o menino cresceu, ele foi para a escola sozinho, aí o pai já desliga totalmente. Eu outro dia tava pensando nisso... o pai acha: ele já vai para escola sozinho, então ele já sabe fazer o dever sozinho. Mesmo que o pai não domine o conteúdo, quaisquer que sejam, falar de música muitos pais falam, mas não é isso, eles têm que desbloquear... fazer um desbloqueio na cabeça desse pessoal... nem que seja pra falar: meu filho, você tem que sentar, você tem que focar, você tem que ter disciplina... em tudo... em tudo... até pra você trabalhar, pra você ganhar dinheiro. Você quer ganhar dinheiro? Você tem que ter visão – ali eu sei que eu vou ganhar dinheiro nesse momento. Então, eles não, eles acham que a criança cresceu: se vira! Uma frase que eu sempre tive, ainda mais que eu trabalhei em muitos projetos sociais – trabalhei na Apae, trabalhei no [inaudível], que foi um projeto muito grande aí, muito interessante, que trabalhava só com repetência – então chegava e falava assim: eu vou entregar pra Deus! O Deus era o Conselho Tutelar, ele não queria nem saber se o menino tava levando facção ou não: já entreguei pra Deus, minha senhora. Ainda falava assim, então... solto mesmo. Com relação então a sentar e fazer dever com o menino...ih... mas tem pais que fazem. Conforme Professora AP. classificou muito bem... desse tipo, né? Mas... deixa a
desejar.

28:30 - Professora BP.: Eu também faço as minhas palavras da Professora AP. e da Professora CP.. Infelizmente essa relação... esse distanciamento realmente acontece e esse desligamento também, principalmente com os alunos dos anos finais... talvez vem essa questão da vergonha, essa questão de assumir que não consegue... ou então essa... pelo fato de que: não, já sou gente grande! Já sou adolescente! Eu já consigo... já... não preciso de ajuda. Mas tem a vergonha de assumir isso e daí vem essa falta de disciplina, essa falta de conversa, essa falta de diálogo. E eu acho que a relação escola e aluno acontece, né? Administração, diretoria, professor, equipe diretiva... o professores e alunos acontece. O que não acontece é o aluno e a família, que aí fechar esse ciclo família e escola, que é onde vem todo esse embate, porque a gente tenta mandar bilhete, a gente tenta conversar... a gente tenta entender o que tá acontecendo: não, tudo bem, lá em casa o menino faz atividade... A gente vê isso também agora com o ensino remoto: todas as atividades estão sendo feitas em casa, nenhuma tá sendo feita na escola. Então, infelizmente, o recebimento das diversas formas que, nós da escola, estamos tentando propor pros pais e pros alunos, seja WhatsApp, seja envio das apostilas e tudo mais... isso tá acontecendo, mas aí o bloqueio vem entre aluno e familiares. A escola faz sua parte, mas agora aquela questão da educação entre família e aluno, tá o bloqueio aí.

30:26 - Professora CP.: Verdade.

30:28 - Luiza Marillac: Muito bem, mais alguém gostaria de falar? Oh, então enviei a 4: essas famílias normalmente atendem às orientações ou encaminhamentos da escola?

30:44 - Professora CP.: Eu acho assim, atendem, né? Qual que é a pergunta mesmo? Se atendem as orientações da escola. Não é isso, Luiza?

31:01- Luiza Marillac: É. Essas famílias normalmente atendem às orientações ou encaminhamentos da escola?

31:08 - Professora CP.: Sim, conforme a gente conversou, apesar de alguns pais... não, o pai que é presente, ele atende com certeza, o tempo inteiro. E o pai que tem aquele distanciamento por diversas razões, ele atende. Quando ele é chamado, ele vai lá e encara lá a Gestora A, encara a Coordenadora B, encara Gestor B, encara a Gestora C... eu acho que ele atende. O pai que não atende ali, muito pouco. Ali eu acho que uns 90% atendem. Porque acreditam na escola, é aquela questão da credibilidade. Mesmo distante, de repente por ser, conforme a Professora BP. explicou antes muito bem, a formação, o surgimento do Thereza, que eu acompanhei, porque na época eu trabalhava na escola W, até a primeira vice-diretora trabalhava comigo lá, que era a professora G., né? Que saiu há pouco da escola. Ela foi realmente pra tirar um pouco do pessoal dali do Thereza, que tava muito cheio, né? Que sempre foi uma escola modelo pela questão de inclusão, mas também pelo ensino público... no ensino público da rede ela era uma das escolas-modelo, igual a escola X, mas também ele tentou puxar um pouco do pessoal lá de Nova Era que tava surgindo ali pra exibir, né? Que também Nova Era também tinha... então tentou puxar também. Então, eu acho que atendem muito e eles acreditam muito na escola.

32:53 - Professora BP.: Eu acho que... bom, enquanto projeto não sei muito, porque dificilmente eu... o vínculo que eu tenho entre os pais é quando eu peço autorização pra levar o aluno para algum passeio ou para apresentar em algum evento da prefeitura. Então, eu sempre tive um retorno quase que 100% desse retorno dos pais. Agora, essa questão de diálogo, eu realmente... é interessante ver, igual a fala da Professora CP., realmente os pais, eles confiam muito na escola, só que eu acho que também precisa ser o inverso – a escola também precisa confiar nesses pais. Não por que a gente não quer, não por que a escola não quer confiar, é porque realmente os pais não dão essa credibilidade ou esse voto pra que a gente possa confiar neles e que o que tá sendo enviado do aluno até em casa, seja concluído, seja feito. Então, a gente tenta fazer realmente esse máximo, a gente tenta realmente mostrar essa... a escola mostra a sua credibilidade, desde quando ela começou, a partir do Cecília Meireles até então, ela tem essa credibilidade, só que, infelizmente, os pais não dão, não nos oferecem a credibilidade deles. Então, essa questão de diálogo que eu acho que ainda é um caminho, assim, a ser percorrido dentro dessa comunidade que a gente tá falando, que é o Thereza Falci.

34:27 - Professora AP.: Então, quando você colocou na pergunta se as famílias seguem a orientação e os encaminhamentos da escola, eu vejo de duas maneiras: quando esses encaminhamentos, orientações são dentro do conteúdo normal, assim, vamos colocar lá no horário de 7 às 12:20, né? 15? Já até perdi o horário que é da escola, desse período... enfim, quando é esse horário normal, a gente tem um atendimento maior, às vezes um problema de indisciplina, às vezes uma conversa de falar justamente das atividades, quando a gente precisa de conversar, às vezes por conta de atividades que não tenham sido feitas. Então, eu acho que tem um retorno maior. Agora, em relação ao projeto, eu não vejo que os pais respondem essas orientações, porque a gente, às vezes, orienta os pais que o menino precisa do projeto do laboratório, por diversos fatores, e os pais não enviam esses alunos. Então, por exemplo, esse ano não deu tempo de eu trabalhar com os meninos no projeto especificamente, agora, no ano passado, que foi o meu primeiro ano na escola... vamos supor lá... eu não tenho o número aqui...

deixa eu até ver, eu tenho aqui o caderno do ano passado... se eu tinha lá, vamos supor, no 6º ano, 10 alunos com orientação, com encaminhamento pra eles participarem do projeto, então 2... 3... 4 participaram do projeto, se chegou a esse número. Então, em relação a esse tipo de encaminhamento, a gente não tem um retorno satisfatório da família não. Pro projeto, eu não vejo um retorno satisfatório da família. A não ser que, igual eu disse antes, no final do período, quando precisam de nota, principalmente no final do ano. Mas mesmo assim eu acho que fica muito aquém do que a gente necessita, porque são muitos alunos com muitas dificuldades, que poderiam ser ajudados, resolvidos melhorados no laboratório e os pais não têm interesse de mandar o aluno. Eu não sei, eu vi vários questionamentos de condução – às vezes, o menino mora longe – no projeto ele não pode ficar na escola pra almoçar – na jornada ele fica na escola pra almoçar, mas no projeto ele não fica – então ele tem que ir em casa e voltar, mesmo tendo um distanciamento que dá para ele fazer esse deslocamento, né? Mas aí é um gasto a mais pra família também. Então, a gente tem várias situações, mas é um desinteresse muito grande, tanto dos alunos quanto dos pais, porque eles não se empenham em mandar o menino pra escola, até pra criar aquilo que a Professora CP. falou, que é o hábito, né? Que é o vínculo, que é a rotina de estudo, ampliar essa rotina de estudos com eles. No projeto, concluindo e repetindo, no projeto eu não vejo uma resposta satisfatória da família em relação a esses encaminhamentos não.

37:35 - Luiza Marillac: Tá certo, mais algum comentário? Oh, vou colocar a pergunta número 5: quais têm sido as ações da escola para envolver e incluir as famílias no processo educativo?

37:57 - Professora BP.: Bom, eu acho que a abertura que a escola dá, que a equipe diretiva oferece aos pais, é a principal, ao meu ver assim... sempre encaminhando os bilhetes, sempre aberto a conversas, sempre abertos ao diálogo... eu acho que é algo que realmente implica muito, assim, nessa relação que a escola tem pra poder incluir a família do que acontece no dia a dia ali da escola. Dessa vez agora, por exemplo, com a questão da mudança da forma de ensino por causa da pandemia, o Gestor B tava com projetos a respeito de colocar carros de som andando em alguns lugares do bairro, né? De alguns bairros ali próximos à escola... essa relação com o Facebook também, das redes sociais, que é algo também muito próximo, é um meio de comunicação que a escola conseguiu pra poder dialogar com a família... então, eu acho que essa abertura, né? Essa porta de entrada, esse *outdoor* que a escola faz, eu acho que é um dos caminhos realmente que... uma das ações realmente que traz a família, a comunidade pra dentro da escola e o que tá acontecendo lá dentro.

39:25 - Professora AP.: É, no período presencial a gente tem mais é... são os bilhetes, né? Às vezes a conversa na hora do menino chegar na escola, o aluno chegando na escola e tá com algum responsável e, agora, nessa época de pandemia mesmo, são as redes sociais, que é o que mais nos aproxima deles. A escola, ela faz um trabalho muito significativo, quando dessa questão de querer chegar, precisar chegar no aluno, na família dele, infelizmente a resposta não é o que a gente espera, né? Igual eu coloquei antes, do projeto, né? Do laboratório, a escola faz essa insistência da necessidade, a gente procura sempre, mas infelizmente a resposta não é 100% satisfatória, né? Mas o trabalho da escola em relação a chegar à família ele é bem tenso e bem importante, e eu acho que tá no caminho certo, né?

40:23 - Professora CP.: Eu acho que, conforme as meninas falaram, tem trabalhado, tem tentado, mas muitas vezes a gente pode também... uma coisa que ali a escola permite muito, são as sugestões, sabe? Eu, quando eu tava no 2016, eu cheguei perto da professora H e da professora I de História. Professora AP. conheceu, né? Professora BP.? Professora I? Não? Nós

fizemos uma semana falando – aí a minha colega tem um filho de Síndrome de Down – então a gente fez uma semana com os meninos do projeto, todo mundo, mas aí era na mesma escola, com a professora I tal... pra discutir sobre isso. Tá, mas o que que tem a ver? Você tá discutindo com aluno, mas o aluno vai chegar em casa e falar: olha o novo aí. Acontece a participação em jornadas, em apresentações de mostras... ao novo chegando. Mas o que que você fez? Então, o primeiro momento que eu acho que são essas aberturas, isso é uma forma da gente chegar na família: é o ineditismo, é o novo, é a forma da gente, principalmente nosso projeto... nossos professores de projetos, que a gente conversa com os pais... agora mesmo, no ensino remoto, a gente tá tendo pais que nunca veria a gente, nem por trás nem pela frente da cortina. Não veria nunca. Mas agora eles tão vendo, entendeu? Então, eu acho que a primeira forma que a escola consegue chegar perto dos pais é dando abertura para o profissional chegar. A escola tem que chegar? Vou falar ainda da parte que ela chega, mas o profissional, ele tem que também chegar. Como? É chegar com um projeto diferente, né? É a Professora AP. vai lá, faz um projeto diferente... eu faço, você faz... você faz, você cativa o aluno, e ele leva pra casa. Quem tá mandando fazer isso? Ah, tal... outra forma, realmente, essa questão da... a própria escola ela foi, né? Com grande ajuda – aplausos pra Professora BP. – do *Drive*, cara. Isso foi ótimo... e a questão do Facebook, que o *Drive* organizou a escola pra escola pensar em outras coisas... da escola poder cobrar outras coisas: oh, tem... como é que tá o conteúdo? Como é que a gente tá atingindo essas pessoas? Porque se a escola ficasse preocupada só o tempo inteiro, né? Devolveu ou não devolveu? Como que a gente ia pra uma reunião, sem ficar falando o tempo inteiro disso: devolveu? Não devolveu? Onde que tá? Pra onde você mandou? Então, tem uma abertura pra gente pensar, pra escola pensar em outras saídas. E a escola tem feito, conforme as meninas falaram: Facebook, media, festas... festas são momentos de você fazer... reunião... de você trazer família... bingo... bingo não tem não, né? Bingo é na outra. Teve a Festa Junina, né? Teve o Soul Black do Ben, ele durou, né? Uns três anos... então ali ele trouxe família. Trouxe e trouxe muito bem. Trouxe e tirou mesmo. Tirou lá da margem lá, da cerca lá, da beirada da estrada e levou pra frente, sabe? Então, a escola, quando você fala: ah, eu quero fazer isso! Se ela te dá abertura como professor, você faz junto com a escola, a escola te ajuda. Ajuda assim, né? Claro que a gente faz tudo, né? Desculpa, Professora BP.. Mas eu acho que tem feito, tem tentado atrair.

44:25 - Luiza Marillac: Mais alguma contribuição?

44:31 - Professora CP.: Eu acho que é isso, eu acho que o caminho é esse mesmo... na escola a gente se uniu Outro dia eu ainda conversei com a Professora BP., a gente tem que... às vezes até no ensino remoto, pra criação dos grupos, a gente acaba se unindo mais, né? Na formulação dos planos de trabalho, a gente acaba conversando mais... fora que tem, né? Colegas que você consegue chegar mais próximo, tem colegas que não... tem gente que se permite também, tem gente que não se permite, né? A gente se conhece assim.

45:05 - Luiza Marillac: Professora AP., mais alguma contribuição?

45:07 - Professora AP.: Não.

45:09 - Luiza Marillac: Oh, então vamos colocar a última pergunta: vocês têm alguma sugestão de ação, proposta, ideia que possa estreitar a relação e a comunicação entre a família e a escola?

45:35 - Professora AP.: É difícil, né? Assim, eu acho que tudo que tá ao alcance da escola, a

escola faz, eu acho que não tem mais onde mexer. Igual, né? No período de pandemia, carro de som na rua, né? Isso é uma coisa, assim, é ir além, é tentar buscar muito a escola, buscar muito a família, as reuniões. Eu fiquei pensando na hora que a Professora CP. tava falando, é... reuniões comuns os pais vão pouco, mas quando é uma festa, um dia de a família ir na escola, aí aparece mais pais. Às vezes, dá uma enganadinha, assim, né? Falar que é só a festa, mas a gente aproveita e dá mais um aviso que seja importante... não sei, com as mídias sociais, eu acho que, mesmo a gente sabendo que tem muitos alunos que não têm acesso, ficou muito democrático, assim, a gente chega muito mais nos meninos pelo Facebook, pelo WhatsApp, igual, tem o WhatsApp da escola mesmo pros pais. Eu não sei, eu não consigo pensar em nada... nada além do que a escola já faz não, sinceramente.

46:50 - Professora BP.: Eu também não consigo... é... eu consigo enxergar a possibilidade e a criatividade que a escola oferece. Se surgir alguma outra proposta, ideia, a escola abraça essa proposta e a ideia pra justamente cativar esse aluno. Mas, assim, eu não vejo uma escola como impedimento... um lugar que impede, assim, de que não...que se sente saciada ao... dentro das propostas das ideias. Eu não percebo isso de nós professores e da equipe diretiva. Sempre vejo que tá sempre aberta essa... a escutar novas propostas e ideias, e também se for negatar a frase, colocar se teve alguma sugestão e ação que não estreitou a relação entre a comunicação de família e escola, também é negativa a minha resposta, porque tudo foi possível, tudo se tentou pra realmente conseguir atingir algum número e tudo é... tá aberto a se tentar mais ainda, assim. E isso eu falo não só da equipe diretiva atual, eu falo desde o meu período também como ex-aluna da escola.

48:14 - Professora CP.: É... eu também concordo com as meninas, Luiza, você pegou a gente, hein! Isso é dever de casa. Você devia ter falado: oh, essas vocês vão pensar em casa e me responde na próxima aula, né? Você vai ver... isso é sacanagem sua. Mas eu acho também que é aquilo eu falei. Muito da minha fala: escola nenhuma, ela te bloqueia, ela não te... ah, não quero isso! Parece que a gente acaba atraindo, sabe? E o lugar que te bloqueia, você não consegue ficar muito tempo... você não é feliz. Então, se você tá bem ali e, a escola te dá credibilidade, aí sim, vamos sair. Surgiu, o que pode ser feito, os estreitamentos, né? As relações... aí sim, mesmo que haja embates entre ideias, mesmo sendo da mesma área de que aí vai surgir, mas, o que que pode ser feito, eu acho que depende disso que eu falei, eu não tô falando que o profissional tem que fazer tudo, mas você também tem que ter, sabe? Se não você é um mero reprodutor de conhecimentos, você tem que... não é ficar pensando o tempo inteiro em escola, mas você tem que treinar tua cabeça. Vai falar: pô, vou fazer isso que vai dar certo e ter coragem, sabe? E encarar, e... o sorte é que a escola permite isso. Então, a Professora BP. deu a ideia do *Drive* que, né? Ah, quem não aceitaria? Algum diretor poderia falar: não, não vou... usar o institucional... sei lá...eu até reproduzi, né, Professora BP.? Querida que fosse pra outro, mas depois você me explicou, mas agora também tem *e-mail* institucional. Eu colo mesmo. Eu sou uma pessoa que cola. Ideias boas eu colo, cara. Colo mesmo... e... então eu acho o seguinte, tem escolas que não dão abertura, mas quem é diretor, quem sabe gerenciar pessoas, lida com gente, com pessoas, dá abertura, então... a gente tem que pensar, você também tem que propor, eu acho que isso vai muito de você. Eu trabalhei com a coordenadora B, trabalhei com a Gestora A. A Gestora A também, mas a coordenadora B sempre me falou isso, sabe? Pô, propõe aí! Vai, ué! Aí, propõe lá... também trabalhei lá com o professor J e ele falava: Ah, vai lá! Mete a cara aí...você vai fazendo isso [inaudível] e você vai fazendo. Mas que ela tenta, tenta. Falta, assim, tem que planejar, igual você pegou a gente aqui, você vai ver. Não deu pra gente planejar.

50:48 - Professora AP.: Eu pensei numa situação aqui, numa ação, acho que poderia ser... é... eu acho que o pós-pandemia pra gente, vai ser tudo diferente, assim, eu me reconstruí nesse período, assim, na questão tecnológica, né? Que eu conhecia, mas a gente tinha muito pouco acesso, e a gente viu que as coisas podem ficar mais estreitas, né? Nós estamos cada um num lugar, cada uma num lugar e fazendo uma reunião, e conversando. Eu acho que a escola pode, às vezes, investir numa situação assim, sabe? Ver quais pais têm acesso à *internet*, a possibilidade de fazer uma reunião *on-line* por turma, porque, às vezes, o deslocamento também é um fator, né? Que atrapalha. É sair do serviço e ir direto pra escola se for uma reunião à noite, num sábado, enfim. Eu acho que uma ação que poderia ser eficaz é essa: a escola fazer uma pesquisa dos pais que têm acesso à *internet*, que têm condição de fazer esse tipo de reunião e fazer uma reunião *on-line*, né? Porque aí também aproxima, dá os recados, né? Vê o que que é necessário, não sei, pode ser uma ação efetiva, né?

51:56 - Professora CP.: Eu lembrei de uma aqui também, Professora AP., pegando o gancho do seu, mas, assim, como aqui a gente tá conversando não como professores, né? Não é nada disso. Eu até, em uma das reuniões, eu propus da gente tentar, né? Fazer um *Google Meet*, um encontro com os meninos, aí o grupo não aceitou, eu acho que tá certo, a gente tem que ir pela maioria, mas eu levei a ideia lá pro... porque na minha colega lá já tinha feito e a gente fez junto lá, e deu muito certo. Foram cinco alunos, mas já foram cinco alunos que participaram do encontro e sempre participando. Ah, mas e a família? Aí a mãe fala: uma mãe pega, responde pra gente: oh, gostei dessa participação. Teve um pai que participou, agora a gente vai fazer uma gincana em janeiro, que tipo de gincana mesmo, vai lá e pega um chapéu, né? O pai vai achar estranho: o que que esse menino tá correndo dentro de casa? Eu acho isso é uma forma também da gente atingir, através de encontros virtuais, principalmente agora, a partir desse ano, porque não tava nada preparado, né? Realmente tá sobrecarregado. Mas eu acho que a gente pode também ter essas ideias híbridas aí, né? Implantar o hibridismo mesmo, tipo de passar o conhecimento.

53:22 - Luiza Marillac: Tá certo, meninas, alguma outra contribuição?

53:27 - Professora CP.: Acho que a Professora BP. não falou nesse bloco não.

53:30 - Professora BP.: Eu falei.

53:30 - Luiza Marillac: Ela falou que não via mais...

53:34 - Professora BP.: É... A única coisa que eu vejo... a única coisa que me veio agora... por causa da fala da Professora CP., é também a questão do limite, assim, também. Eu acho que a escola também, ela tenta trabalhar esse limite nosso de professor, colega... é professor, colega, família, aluno, por exemplo. Eu vejo de alguns relatos de outros professores de outras escolas, não só municipais, mas estaduais, essa relação de diretor falar que foi na porta do aluno, na porta da casa do aluno no meio da pandemia, bater e querer saber, cadê? E isso não é obrigação da escola, isso não uma obrigação do professor. Isso é uma questão, talvez de interesse mais pessoal do cargo que aquela pessoa ocupa na escola ou de uma pressão que vem de um órgão maior pra poder fazer isso. Eu vejo muito isso no estado, por exemplo, essa questão, essa insistência da busca ativa, como se nós professores fôssemos obrigados a ligar pra todos os nossos alunos. A Professora AP. que é do estado... você é do estado, né, Professora AP.?

54:55 - Professora AP.: Sou.

54:55 - Professora BP.: A Professora AP., que é do estado, sabe do que eu tô falando, então, assim: até que ponto o órgão superior, né? O nosso... vai entender que esse não é nossa obrigação... essa não é... ah, mas os professores estão aí em casa, eles podem fazer isso. A gente pode fazer muita coisa. Eu vi também de outro professor, no início da pandemia, falando: enquanto o estado não pagar a *internet* na minha casa, eu não vou assinar anexo nenhum. O professor tá errado? Não, não tá errado. Então, assim, é essa questão de entendimento, de posicionamento que a gente também tem que, às vezes, alertar o órgão superior, alertar a família, alertar com quem a gente trabalha, pra gente saber que temos limite. Não é tudo ser fácil, que tudo tem que ser... é... quanto mais juntinho melhor, não! Espera...

55:49 - Professora AP.: Eu acho que a escola, aí, ela dá aí, assim, o Gestor B, né? Como na direção, ele enxerga muito esse lado da gente, né? Ele não quer o além, ele põe aquilo que a gente tem que fazer. Igual aqui na escola que eu trabalho, aqui do estado, é uma escola pequena, cidade pequena, então são poucos alunos. É quase um trabalho que os professores realmente fazem, alguns, de ir na casa levar atividade, buscar atividade. E a gente liga toda hora, né? E mandando mensagem, e dando aula *on-line* pra quase ninguém. Eles não têm interesse, então a escola aí deu muito limite da gente mesmo: não! Não vai fazer, então a maioria não quer, então não vai, a gente não precisa ir além, a gente tem que dar conta daquilo que é o obrigatório nosso, né? Mas o além, igual o estado pede... é... pede, né? Bem eufemístico, assim... eu, né? Enfim, nas entrelinhas tá lá, essa busca ativa que a Professora BP. colocou. Ontem a gente teve uma reunião que no memorando falava isso, misericórdia, né? Enfim... é... mas é a aproximação da escola com a família, né? Então, a insistência também, mas a escola insiste, né? O retorno, às vezes, que é como a gente já tinha colocado antes.

57:16 - Professora CP.: Eu concordo com as meninas também, Luiza, porque eu dei esse exemplo, porque você queria exemplo, você fez a pergunta e quis exemplo. Agora faltou falar: você acha certo? Você acha certo? E essas ações, né? Que você fez a pergunta aí: quais as... é...

57:33 - Luiza Marillac: A sugestão, né? Uma sugestão de ação que pode estreitar...

57:34 - Professora CP.: É... Quais as sugestões? Sugestões você tem várias... como como ganhar dinheiro? É por aí, você pode ganhar dinheiro de quanto é jeito, mas tá respeitando os direitos dos trabalhadores? Tá respeitando o direito do pai? Se bater na porta dele nesse momento de pandemia: Oh, o senhor não tá fazendo, por que que o senhor não tá fazendo? Então, realmente, acho que aí cabe a quem que tá no cargo de direção, quem tá no cargo de gerente de... e saber olhar pro outro lado. As ideias são desprezadas...

58:05 - Professora BP.: Enxergar esse macro, né?

58:07 - Professora CP.: É... Isso! Sair do micro pro macro.

58:10 - Professora BP.: Enxergar esse macro da relação.

58:12 - Professora CP.: Sim! Sim! O micro que sai da ideia pra ir pro macro. E quem que você vai atingir? Quem que se... tá... além? Igual dentro da sala, você faz dentro da sua sala, você leva a sugestão, tanto é que eu acatei, eu até falei com o professor K, mas depois eu conversei com ele e falei: não, acho que você tá certo mesmo, o que a gente pensa, às vezes no afã, né? Você vê que o aluno não tá mandando nada. Então vamos fazer isso. Vamos nadar o rio pra ver

se a gente pega o peixe, vamos lá. Vão matar. Calma! Então, às vezes a gente se envolve. Eu dei esses exemplos, claro, porque você pediu aí, eu falei: olha, tem que dar exemplo. Mas falta concluir. Justifique, argumente, né? Contradiga. Mas eu acho que a Professora BP. falou muito bem, a Professora AP. também, maravilhosamente. A gente tem que ver essa questão mesmo, porque se não o tempo inteiro as pessoas te pedem: faz isso pra mim? Faz isso pra mim? Você pode? Você pode? A gente tem que falar não também. Estão certíssimas.

59:17 - Luiza Marillac: Meninas, mais alguma contribuição? Então eu agradeço muito a participação de vocês, tá? Foi de grande importância e vai contribuir muito com o trabalho, e posteriormente, né? Eu vou ter oportunidade de apresentar o trabalho lá na escola, tá? Agradeço muito, vou interromper a gravação aqui.

59:44 - Professora CP.: Eu também agradeço, Luiza, por você ter chamado...

Entrevista com responsáveis por alunos da Educação Infantil : Responsável AInf., Responsável BInf. e Responsável CInf.

0:03 - Luiza Marillac: É... bom dia! Meu nome é Luiza Marillac de Paula Quetz Bittencourt. Sou aluna do Mestrado Profissional em Gestão e Avaliação da Educação Pública da Universidade Federal de Juiz de Fora. Minha pesquisa aborda a cooperação entre família e a instituição no processo educativo da Escola Municipal Professora Thereza Falci. Assim sendo, essa entrevista é direcionada, destinada aos responsáveis que têm alunos nessa instituição, e pra melhor registro, eu gostaria de saber se vocês autorizam a gravação dessa entrevista. Ressalto que as respostas são apenas para fins de pesquisa. Sua participação é voluntária e será mantida no anonimato. Desta forma, desde já agradeço por sua cooperação. Vocês autorizam?

0:54 - Responsável AInf.: Autorizo.

0:54 - Responsável BInf.: Sim.

0:55 - Responsável CInf.: Sim.

0:59 - Luiza Marillac: Tá bem. Então, vamos iniciar. Então eu vou apresentar as perguntas pra vocês e aí vocês, conforme se sentirem à vontade, pode responder na ordem que vocês se sentirem à vontade. É... a primeira pergunta: na sua opinião, os pais devem participar da vida escolar de seus filhos? Por quê?

1:25 - Responsável AInf.: Sim, porque incentiva eles.

1:31 - Responsável CInf.: E por conta de que ajuda bastante, né? Dar apoio na escola também porque... e em casa, eu acho que... igual esse tempo de pandemia, que teve aula *on-line*, né? A gente pode acompanhar o que estava dando na escola e acompanhar o crescimento da criança, entendeu? Porque muita coisa a gente deixa mais pra escola, né? Muitas atividades são feitas na escola. Então, todas vieram pra casa. Então, a gente viu que a criança, ela aprendeu bastante nesse tempo. Eu vi a diferença, minha filha no começo pro fim agora do ano letivo de 2020.

2:12 - Responsável BInf.: Eu também acho muito importante, mesmo porque não é obrigação só da escola, ensinar e educar, né? Tem que partir de casa primeiro, não é só simplesmente

deixar o filho na escola e pronto, né? E com certeza, né? Os nossos filhos, quando tem essa parceria pais-escola, eles se sentem mais responsáveis, né? Eles ficam mais confiantes no que estão fazendo, porque eles não estão sozinhos, estão vendo que não estão sozinhos, né? Tem a participação da família junto e isso ajuda. Principalmente quando tá começando, os pequenininhos, né? Que, às vezes, ficam até com medo, né? De ficar longe da família, longe dos pais, que já estavam acostumados só com a gente e de repente, né? Passa um bom parte do tempo na escola, isso ajuda muito.

3:15 - Luiza Marillac: Desculpa, no início eu não pedi para que vocês se apresentassem, vocês podem falar o nome de vocês e o vínculo que vocês têm com a escola, né? Mãe das crianças da Educação Infantil, né? Mas tem o primeiro e o segundo período.

3:30 - Responsável BInf.: O meu é o aluno A, do primeiro período.

3:37- Responsável CInf.: Meu nome é Responsável CInf. e eu sou mãe da aluna B, do primeiro período da manhã.

3:45 - Responsável BInf.: O meu é Responsável BInf.. O aluno A é da tarde.

3:49 - Responsável AInf.: Eu sou Responsável AInf., mãe do aluno C e da aluno D do segundo período, aluno C do sexto período. E eu adoro a escola, eu estou sentindo falta da escola. É um tempo muito bom com vocês e eu morro de saudades, eu e as crianças.

4:07 - Luiza Marillac: É verdade. Tá sendo tempo difíceis, né?

4:11 - Responsável AInf.: Ah, eles estão sentindo muito a falta de vocês.

4:16 - Luiza Marillac: Sobre a pergunta número 1, vocês querem falar mais alguma coisa?

4:19 - Responsável AInf.: Aqui em casa, o que acontece? Eu ensino um pouquinho, o aluno C ensina um pouquinho, que é o irmão, né? A responsabilidade fica maior pro aluno C devido ao meu trabalho. Eu fico muito tempo fora de casa, eu e meu esposo. Mas eu acompanho, eu gosto e ela gosta muito. Eles gostam, acaba a gente voltando tudo, né? Até ensina a gente.

4:44 - Luiza Marillac: Oh, pergunta número 2: na sua opinião, qual é a importância da família na escola?

4:57- Responsável AInf.: Eu acho muito bom, porque eu me interajo muito bem com vocês, assim, eu acho que é segunda família. Vocês não têm que educar nada, que educação vem de casa, né? Mas a escola Thereza Falci, os professores, tanto do faxineiro como o porteiro, eu gosto muito de vocês, todo mundo trabalha na mesma equipe, não tem nenhum individualismo, entendeu? Então, todo mundo trabalha em grupo, é muito legal, eu interajo bastante com vocês. Gosto muito e as crianças também.

5:33 - Responsável CInf.: A minha experiência com a escola ainda foi pouco tempo, né? Porque a minha menina entrou esse ano de 2020, então a gente teve a greve, né? A paralisação, então a gente... eu tive pouco contato com a escola, mas o pouco contato que eu tive com a escola foi com pessoas educadas, bem direcionadas, que teve boas orientações, todas as dúvidas que eu tive em relação à escola eu fui esclarecida, foram todas esclarecidas. A minha menina

se sentiu bem desde o primeiro dia, não teve reclamação nenhuma, não tem dificuldade nenhuma pra ela poder interagir e se encaixar ali naquele ambiente novo para ela, né? Então, graças a Deus, eu não tenho que reclamar não, da escola. Todo o suporte que eu precisei em relação à escola, eu tive, graças a Deus. Então, eu sou muito grata a vocês. Muito obrigada.

6:26 - Responsável BInf.: Quando eu fui escolher uma escola, né? Pro aluno A, eu não fiz o cadastro municipal, porque eu perdi a data. Então, eu fui procurar as escolas, deixar o nome dele e a que eu tive mais referência foi a Thereza Falci. Eu não conhecia a escola, eu não moro no bairro, né? Próximo à escola. Não, no bairro da escola eu moro próximo, então era a que eu tive mais referências, tanto de outros, né? Alunos, como de outros professores de outras escolas, que falaram muito bem na escola. Então, quando eu recebi a ligação da escola de que eu poderia ir lá fazer a matrícula do aluno A, eu fiquei muito aliviada e já feliz, né? Por ter sido ela a primeira a me ligar, que eu poderia ir lá fazer a matrícula dele. E assim, desde a matrícula, até o primeiro dia de aula, que eu vi aquela montoeira de gente, eu pensei: “meu filho vai chorar, não vai querer”, e assim, a gente foi muito bem recebido, muito bem recebido. Ele não ficou com medo, ele, eu acho, que se sentiu também acolhido, mesmo vendo aquele mundo de gente, né? E eu acho assim, a escola abrir pra família, isso é muito legal. Isso é muito bom, porque a gente sabe onde que a gente tá deixando nosso filho, né? E isso deixa a gente assim, mais aliviada, né? Não fica tão preocupada, né? De deixar os nossos filhos na escola, principalmente nesse tempo que a gente vive, né? Difícil. E depois que teve que, infelizmente, né? Parar tudo, ele até adoeceu, tadinho. Ele ficou tão sentido, porque ele tava amando a escola, amando. Ele se arrumava, ele ia, assim, sem nenhum esforço. Ele sempre perguntava: “hoje tem aula? Hoje tem aula?”. Então assim, ele se sentiu também bem acolhido na escola. Tanto professores como os funcionários, todos educados, todos prestativos, né? No primeiro dia de aula, eu tava com o meu coração apertado. Eu fui de ficar na escola. Então assim, eu achei isso muito importante. Muito. Eu não sei se as outras escolas fazem isso, né? Porque minha experiência tá começando agora. Mas eu gostei muito da escola. Muito. E recomendo ela pra todos que eu conheço.

9:48 - Luiza Marillac: Oh, sobre essa pergunta, qual a importância da família na escola, vocês gostariam de falar mais alguma coisa?

10:00 - Responsável BInf.: Tá com o áudio fechado.

10:01 - Luiza Marillac: Responsável AInf., abre seu áudio aí fazendo favor.

10:04 - Responsável BInf.: Ah não, eu acho que ela não tá falando com a gente não.

10:07 - Responsável AInf.: Oi, desculpa. Eu tô sentido a falta de vocês, as crianças. Vocês é muito competente, eu sou suspeita de falar.

10:17 - Luiza Marillac: Oh, vou passar pra próxima pergunta: você acredita que uma criança cujos pais participam da sua vida escolar tem melhores resultados do que outras crianças cujos pais não participam?

10:35 - Responsável AInf.: Sim. Eu acho que sim, porque eles ficam até mais confiantes, porque eles veem que os pais têm alguma coisa a oferecer também e os pais, a maioria das crianças, tem os pais como exemplo, né? Então, eles veem nossa dedicação, e vê o nosso dia a dia, o trabalho, a honestidade, isso influencia demais. Eu acredito que sim, que é muito importante.

11:00 - Responsável CInf.: Pra mim, com certeza, porque eu ensinei a responsabilidade pra ela, porque assim, com o tempo, a criança vai perdendo o gosto da escola, né? Isso acontece com todo mundo, eu acho que é a empolgação dos primeiros meses, mas com o tempo cai na rotina como qualquer coisa. Então, a criança, ela vai perdendo aquele interesse por algo novo, então esse tempo que a gente teve em casa com as crianças, a gente ensinou a elas responsabilidade. “Oh, isso é hora de estudar, é hora de estudar. Nós vamos sentar, nós vamos ler, nós vamos aprender, nós vamos escrever, é o tempo da escola”. Então, tirava brinquedo, tirava tudo, alimentava bem antes pra poder ter concentração na escola, pra poder aprender. Então, aqui em casa a gente tira sempre o tempo da manhã, né? Então eu tomava o café da manhã e ela falava assim: “agora é hora da gente fazer tarefa, né, mãe?”, por mais que ela não queria fazer, que tinha dia que a gente tinha que brigar pra poder fazer, mas isso eu ensinava pra ela ter o capricho de colocar as coisinhas no lugar, o lápis no lugar, o caderninho no outro, as folhas no outro pra poder a gente sentar, ler e entender aquilo que a gente tinha pra fazer. Então, a participação dos pais nos estudos das crianças, eu acho que influencia 100%, porque se você deixar só pra escola, a criança vai se dedicar só aquele tempinho ali e falar assim: “ah, eu tenho que ir ficar ali 4, 5 horas por dia e acabou, e não preciso me preocupar com aquilo mais”. Então não, então eu pus aqui pra ela que a gente tinha que ter responsabilidade de estudar, que era uma coisa importante e também meu marido chega em casa a partir das sete da noite. Então, ele chegava em casa, ela pegava o caderninho, sentava com ele, explicava pra ele o que ela tinha aprendido naquele dia, mostrava pra ele o que ela tinha feito. Então, eu cobro dela e cobro dele também: “oh, sua atenção, tira 30 minutos só pra você prestar atenção no que ela fez hoje”. Ah, é pouco tempo pra gente? É, porque a gente já aprendeu, mas pra ela é um mundo novo. Então assim, é muito essencial a participação dos pais na escola.

13:06 - Responsável BInf.: Eu vi isso toda vez que eu ia buscar o aluno A, eu sempre perguntava ele: “que que você fez? O que você gostou? Que que você comeu, né?” E como ele era... começando, né? Ele quase não me falava nada. Nada. Eu ficava assim, angustiada: “meu Deus, o que que esse menino fez na escola?”. Mas nesse período dele em casa, a gente tendo que fazer as atividades junto, eu achei interessante que ele foi me contando o que que ele fazia lá. Aí que ele começou a se abrir, né? “Ah, eu fazia assim, a minha coleguinha era assim. Ah, mamãe, você sabia que o coleguinha ficou de castigo?”. Na verdade, o coleguinha era ele, né? Então assim, é a participação da gente nas atividades dos nossos filhos até nos aproxima deles, faz com que eles confiem na gente, se abre, porque isso é muito importante, né? Ainda mais quando vai crescendo, né? [inaudível] se começar a acontecer alguma coisa na escola, eles vão conseguir ter coragem de contar, né? Isso começa desde pequenininho, né? Eu acho muito importante.

14:35 - Luiza Marillac: É, legal. Eu vou passar pra pergunta então número 4, tá bem, meninas? Os alunos fazem deveres e trabalhos escolares em casa com frequência?

14:51 - Responsável AInf.: Faz. Lá em casa faz. Inclusive nesse período de férias, eu comprei até uma apostila pra poder alfabetizar a aluna D na *internet* e tá fazendo. Faz, ela dança, tudo que manda pra ela, faz tudo direitinho, ela fica muito... ela se incentiva, né? Quando chega os trabalhos, aí vem no meu celular. Aí ela fica: “mãe, meu dever. Mãe, meu dever”, então assim, tá fazendo falta, mas tá ajudando.

15:25 - Responsável CInf.: Aqui em casa, eu peguei o nomezinho dela, porque o nome dela é bem comprido, né? E fui na *Lan House* e montei as letrinhas do nome dela numa folha grande,

porque vem aquela fichinha só com o primeiro nome, né? Desde o primeiro dia, eu faço ela escrever o nome completo no caderno, porque já aprende, né? Porque um nome complicado e comprido. Então, eu já ensino desde o primeiro dia escrever o nome completo, então eu fiz a ficha do nome, a ficha das vogais, de número de 1 até 9, eu acho que foram só essas três fichas que eu fiz. Então, a gente todo dia, peço pra ela falar as vogais, peço pra ela contar de 1 até 9, aí ela já sabe até contar de 1 até 10, ela conta, ela já sabe escrever o nome dela sozinha sem olhar na ficha, no dia que ela quer também, né? No dia que ela tá empenhada a fazer, com muita vontade mesmo, ela faz sem olhar. Ela já sabe todas as letrinhas. Então assim, eu sempre cobro dela pra poder fazer, por mais que hoje, igual esses dias, a gente já acabou as últimas tarefas, né? Aí ela fala assim: “nós não tem dever não?”. Eu falei: “hoje não tem tarefinha pra fazer não, mas tem essa fichinha pra você estudar. Vamos estudar?”. Aí ela fala: “ah, mas eu tô numa preguiça”, eu falei: “só um pouquinho, só duas vezes cada fichinha”. Aí ela faz, entendeu? Então eu tô sempre mandando ela contar as coisas: “quantos garfinhos a gente vai usar hoje na hora do jantar?”. Aí eu ponho ela pra colocar as colheres. Então, eu falo pra ela contar, entendeu? Ela me ajuda em casa, porque eu ponho ela pra fazer tarefa de casa também, porque eu acho que isso é muito importante. Ensinar a responsabilidade, capricho, organização pra criança desde pequena, então algumas tarefas aqui em casa, ela faz. Então, eu ponho ela pra fazer, eu ponho pra ela contar as tarefinhas: “oh, quantos que têm aqui pra secar? Vasilha?” Quando é miúdo eu ponho pra secar. Aí eu falo com ela: “quantas vasilhas você secou?” Então, ela vai contando. Então assim, eu... o tempo... o tempo todo que ela tá brincando, o tempo todo que ela tá comigo, que eu tô observando ela, eu faço ela contar, ela falar o nome dela, ela escrever o nome dela quando ela quer desenhar. Então, eu tô sempre cobrando isso dela pra que não esqueça, né? Porque igual eu falei, a gente perde o interesse no que não é novo mais. A gente perde o interesse, então eu sempre tô pondo ela pra poder fazer, exigindo ela mais, mais e mais, entendeu?

17:57 - Responsável BInf.: É, o aluno A, ele sempre gostou desde pequenininho, ele sempre gostou de aprender e isso me sugou muito, muito, porque era sempre o porquê dele veio antes da hora. Enfim, ele sempre queria saber: “o que que é isso? Que cor é essa?”. Então, eu já tive que começar isso antes, mesmo porque na minha época de escola a gente entrava com 6 anos, né? E eu achei que isso ainda era válido. Então, eu não ia colocar ele na escola, eu só iria colocar com 6. Mas aí quando a gente viu que a lei mudou. Aí tanto é que passou a época de eu fazer o cadastro, a gente teve que correr pra tentar achar uma escola pra ele. Então, eu já vinha ensinando ele antes, porque eu pensei: “se eu for colocar com seis, ele vai entrar meio atrasado com relação às outras que entraram antes, então deixa eu começar já”. Então, eu pegava as coisas na *internet*, comprava livrinho pra colorir. Ele sempre gostou disso, sempre. E as atividades da escola, quando começaram a vir, né? Porque ele fazia na sala e às vezes quando chegava, né? Não durou muito tempo porque acho que só foi um mês e 15 dias mais ou menos. Então assim, quando chegava em casa, ele achava: “não, mas eu já fiz na escola, pra que que eu tenho que fazer em casa?” Aí eu tive que começar a explicar pra ele: “não. Em casa também tem o deverzinho de casa. Tá vendo que você tem dois cadernos? Um pra escola e um pra casa”. Então, quando a gente teve que receber as atividades em casa pra ajudar eles, isso foi mais fácil. Ele: “ué, por que que eu tô fazendo dever se eu não tô indo pra escola?” Então, isso ajudou ele... na rotina dele, né? Todo dia depois do almoço, já que ele estudava à tarde, a gente antes de qualquer coisa, antes de ver desenho, antes de brincar, é... almoçava e fazia as atividades, depois ele podia e isso criou nele a rotina. Terminou de almoçar, ele fazia as atividades. Então, isso ajudou, né? Ele a cumprir, né? Algumas ele também não queria fazer e eu não insistia também, não insistia. Porque, pra ele foi um pouco assim, ele achava um pouco chato, porque ele aprendeu a ler antes de ir pra escola, porque eu ensinei, porque eu achei que ele não iria, então

quando ele via as atividades que ele já fazia, ele: “ah, mamãe, essa eu não quero fazer não”, eu falei assim: “mas vai. Essa você vai”. “Ah, essa eu não quero não”, “tá bom, essa não precisa”. Mas a atividade em casa ajuda muito no desenvolvimento, na responsabilidade, porque aqui ele tem que fazer, né? Longe dos coleguinhas, longe da professora, né? E ele vai ter isso pro resto da vida, então desde pequenininho já vai dando a responsabilidade nela. “Não, eu tenho uma atividade pra fazer, então eu vou fazer”, né?

21:40 - Luiza Marillac: Meninas, então vou dar continuidade aqui pra próxima pergunta, tá? Você enfrenta alguma dificuldade para auxiliar o estudante na sua casa em trabalhos e deveres?

21:56 - Responsável AInf.: Não, eu não sinto dificuldade não, só que tem alguma coisa que não é da minha época, né, professora? Aí o que que acontece, eu peço ajuda ao aluno C, quando... eu revezo com o aluno C de vez em quando, aí coisa que eu não tô entendendo, aí eu já peço pro aluno C ou mando a mensagem pra vocês e vocês orientam, porque tem algumas coisas que tá falando tipo grego, né? A nossa época já passou e eu fico meio perdida, mas eu consigo, eu puxo, eu procuro na *internet* algumas coisas e vai orientando a gente, a tecnologia tá melhorado. Eu acho bom isso.

22:40 - Responsável CInf.: Aqui em casa, meu marido até brincou comigo, ele falou assim: “é, a aluna B voltar pra escola, esse tempo de pandemia tem feito bem pra você”, porque a aluna B... como é pelo *WhatsApp*, muita apostila é com desenho, né? E eu sou daquelas bem chatinha com caderno. Eu gosto de caderno colorido, não sei o quê, com livro, escrito reto. Eu sou meio psicopata com essas coisas. Então é... aí eu passei a olhar... eu vou no *Google* e falo assim: “*Google*, como é que desenha um cachorro?”. Aí eu vou lá e desenho o cachorro. “*Google*, como que desenha um outro tipo?”. Outro dia fiz um caranguejo. Meu marido falou assim: “olha, ficou igualzinho”. Eu aprendi a desenhar pra poder fazer o caderno dela ficar mais colorido, igual quando tem uma atividade que é só o áudio, uma vez eu lembro que a professora dela mesma, a professora M, mandou um audiozinho sobre uma... eu acho que é parlenda que fala, né? Sobre uma historinha do sapo. E era só pra mandar o áudio, aí eu fui lá e eu por conta própria, gente, quando começou as aulas em casa, eu comprei folha filipina, eu comprei cartolina, eu comprei EVA, cola, canetinha, eu comprei um monte coisa. Aí eu fui lá, peguei, recortei, fiz o sapo na folha, desenei, colori, fiz o sapo, que é o sapo dentro do saco, né? Fiz o saco com o papel filipino, colei, passei cola com glíter, fizemos aquela festa. E tudo o que a gente também pode fazer, qualquer desenho que a gente possa pintar, a gente pinta, aí eu acho que me diverti com esse tempo de escola em casa, eu me diverti, porque tinha dia que eu sentava aqui era nove, nove e meia da manhã, a gente conseguia sair daqui duas e meia da tarde. Eu olhava em volta, as minhas coisas dentro de casa eu não tinha feito, mas as tarefas dela já tinha feito todas, tava tudo colorido, tudo pintado e ela toda suja de tinta, a mesa ficou suja de tinta, borracha pra tudo quanto é lado. Então assim, eu me diverti muito com esse tempo de escola em casa. Nossa, foi muito divertido! E meu marido debochando de mim o tempo todo, que falava que quem tava fazendo...Ele falava comigo assim: “não tá valendo não, porque quem tá fazendo as atividades é você”, porque tem hora que eu falava com ela: “não é assim que colore, deixa a mamãe te ensinar”. E comprei giz de cera, eu comprei um monte de coisa. Nossa! Eu comprei, olha... Meu marido falou comigo assim: “eu já não tô mais aguentando gastar dinheiro com material”. Eu falei: “não tem importância não, agora eu gasto os meus”. Esses dias pra trás, nas últimas atividades que teve de fevereiro, né? Eu fui na rua e comprei mais lápis de colorir, porque eu não tava contente com o que tava aqui em casa. Pra mim, não coloria bem. Fui lá e comprei outros. Ele falou assim: “de novo? A bolsinha já não tá aguentando mais lápis de cor”. Eu falei: “não tem importância não, pego um pote e coloco dentro do pote”. Então

assim, eu achei muito, muito divertido, entendeu? E uniu muito eu e ela também, a gente passou muito tempo junto.

25:32 - Responsável BInf.: É... a gente acaba aprendendo, né? Com eles e com as atividades que chegam, né? Porque, querendo ou não, a gente que tem que usar a nossa imaginação pra ajudar eles, né? A serem criativos também, né? E o tempo que a gente gasta com eles nas atividades, é realmente um tempo que a gente tem para ficar junto, pra tirar eles da televisão, né? De equipamentos eletrônicos, né? Então, eu achei bem interessante o método, né? Foi muito prático pra todos, eu acho, né? De mandar pelo *Whatsapp*, porque hoje quase todo mundo tem *Whatsapp*, né? Então, eu acho que foi muito válido, eles cresceram muito fazendo as atividades, né? Mesmo longe da escola, mesmo longe dos coleguinhas, mesmo não tendo aquele ambiente ali, né? Pra isso, mas a gente conseguiu fazer isso em casa, né? Com o lápis, com a caneta. Eu acho que eles gostaram até mais, porque na idade deles não pode usar canetinha, em casa tava tudo liberado, então assim, foi muito bom. Muito bom.

27:05 - Responsável CInf.: Aqui em casa, outro dia acabou foi o papel alumínio, né? E ficou aquele rolo grandão. Aí ela falou comigo assim: “mãe, dá pra mim brincar?”. Eu falei: “pode, fica à vontade”. Aí eu tava sentada aqui na mesa fazendo não sei o quê. Aí ela foi e falou assim: “mãe, você faz aquele negócio que põe no olho assim pra mim enxergar?”. Aí eu falei assim: “faço”. Aí a gente fez, cortei ele, fizemos, colamos, passamos aquela fita branca pra colocar no meio... um pedacinho, né? Pra fica um binóculo bonitinho, pintamos, colocamos no sol. E não era atividade. Era só a diversão dela, então qualquer papelzinho que sobra, o rolo de papel higiênico que acabou, ela fala: “mãe, não joga fora não, que a gente vai guardar pra gente fazer atividade da escola”. Então, qualquer coisa que sobra ela quer guardar pra poder fazer atividade da escola.

27:56 - Luiza Marillac: Meninas, oh, então vamos seguir, porque assim, acaba que... uma pergunta acaba que se completa com a outra, né? Em geral, quais assuntos levam a escola a procurar vocês?

28:19 - Responsável BInf.: Assim, não deu muito tempo, né? Pra mim nesse assunto, mas eu acho que seria o desenvolvimento da criança, né? Na sala de aula, se ele tá conseguindo acompanhar juntamente com os outros coleguinhas, né? Atenção, lógico que criança qualquer coisa distrai, né? Mas se ele está conseguindo seguir, né? O andamento ali, eu acho que é isso. Porque desentendimentos na sala de aula, eu acho que isso vai ter, não tem como, né? Um quer uma borracha, o outro quer a mesma. Um quer um lápis, o outro também vai querer o mesmo. Então, isso é normal [inaudível] o fato da criança, é... da professora ver o desenvolvimento dela, né? Como é que fala? O jeito que ela brinca com as crianças, aquela interação da criança junto com as outras, eu acho que isso pode ser que leve a escola a ter... a chamar os pais, a querer conversar, expor, né? O que ele observou no filho, né? No aluno.

29:49 - Responsável CInf.: É exatamente isso daí, eu acho que é o acompanhamento da criança na escola, né? Eu lembro que a primeira vez que a escola veio me comunicar, foi que a minha menina, é... ela é filha única, então assim, muito sozinha, tudo é dela dentro de casa, ela manda em tudo. Tudo que é dela ela manda. Então ela... aí teve o segundo dia de aula, a menina sentou na cadeirinha dela. Ela foi e empurrou a menina. Eu falei: “gente, que vergonha!”. Que vergonha!” Aí eu falei assim... aí eu cheguei, indo pro segundo dia, ela tava em prantos, a gente não precisa falar com ela. Se eu olhar pra ela, ela já chora. Ela tava em prantos, aí tia falou assim: “olha, mãe, a aluna B empurrou”... nem lembro... esqueci o nome da coleguinha. “Empurrou ela, e não quis me dizer por quê”. Aí eu cheguei, indo no caminho com ela e falei

assim: “conta pra mamãe porque que você empurrou ela. Você vai deixar eu contar pro seu pai?”, ela: “não, não. Vou contar é pra você”. Aí ela falou assim: “o que que você fez?”. “Ah, mãe, ela sentou no meu lugar”. Aí eu falei com ela... aí eu falei assim: “[inaudível] ela falou comigo assim: “você sai do meu lugar?” Eu falei: “filha, não é sai, é dá licença”. “Ah, mãe, mas eu falei, ela não quis sair e eu fui e empurrei ela”, eu falei assim: “as coisas não resolvem assim, minha filha, você conversa com a professora”. “Ah, mãe, mas na hora eu esqueci da tia, eu só queria sentar no meu lugar”. Aí eu falei com ela, falei: “não é assim”. Porque ela tem uma irmã de 10 anos, né? As atividades começou antes lá na cidade dela do que aqui em Juiz de Fora. Aí ela falava assim: “mãe, porque que minha irmã tem atividade e eu não? Por que que ela vai na escola todo dia pegar atividade e eu não?” Aí eu expliquei pra ela, falei assim: “você acha que a sua irmã chega na escola e empurra os coleguinhas dela?”. Ela falou assim: “ah, mãe, eu não sei, que ela é grandona, acho que ela não precisa empurrar ninguém não”. Aí eu falei com ela: “toda vez que que você fizer isso, a escola vai vir chamar a mamãe aqui e a gente vai ficar passando vergonha nós dois juntos, vai fazer isso de novo? Ela: “não, vou fazer isso não”. É o que eu falo, é uma coisa assim, são coisas pequenas para os outros de fora, são coisas pequenas de acontecer, mas pra gente é grande. Tudo o que acontece com as crianças na escola, lá no ambiente escolar, eu acho que ela devia contar tudo, tudo, tudo o que acontece. Por mais que seja bobo, que a gente acha assim, é uma coisa bobá, mas eu acho importante a escola contar, porque a gente faz a nossa parte, por mais que a tia fala na escola: “não pode fazer isso”, a gente chega em casa, a gente senta e conversa, então eu acho que qualquer coisinha, pra mim qualquer coisinha que seja, coisa bobá para os outros, pra mim pode contar que eu tô aceitando, tô resolvendo, porque eu gosto dessa participação com a escola. Eu chego lá, eu pergunto como é que é, porque até com o meu irmão, eu tenho um irmão de 12 anos, então eu acompanho ele. Ele nasceu, eu tava com 15, então tudo que... ano letivo dele eu acompanhei porque minha mãe trabalhava fora, então eu chegava na escola com pouco tempo de idade, eu falava com o professor assim: “o que que aconteceu com o meu irmão hoje?”, e ela assustava, ela falava comigo assim, uma vez ela falou comigo assim: “você é a única mãe...”, aí eu falava com ela assim: “eu não sou a mãe dele não”, brava, com ela... “que chega e pergunta como foi o dia do aluno na escola”. Então assim, eu sou a favor da escola falar tudo. Eu acho que é muito importante.

33:07 - Responsável BInf.: E por mais que a gente fale com nossos filhos: “não pode fazer isso, né?”, a gente vai ter que falar isso sempre, não basta a gente falar uma vez só, né? Pra tudo, né? A gente tem que sempre estar lá naquela repetição: “filho, não pode”, né? Até eles conseguirem entenderem, né? Que realmente não pode, que machuca, né?

33:34 - Responsável AInf.: Eu nunca fui chamada, né? Graças a Deus, esses sete anos que o aluno C tá no Thereza eu nunca fui chamada pra algum... Alguma coisa que não seja boa, graças a Deus. Os boletins, sou chamada para os boletins, que são muito bons, vocês estão de parabéns, aluna D tá com vocês tem dois anos, ela é apaixonada também e eu já me interajo com vocês, eu já... quando eu levo ou o pai, a gente já pergunta, então fica mais fácil o convívio e conhecer mais os professores que eles estão, né? Porque esse ano passado teve muita mudança, muitos professores, e eu vou conhecendo dia a dia. Converso com um hoje, converso com outro amanhã, então o que os professores conversam comigo é o que a gente já vai lapidando em casa, né, professora? Então é muito bom, eu tenho uma interação com vocês muito boa. Gosto muito. E é isso.

34:35 - Luiza Marillac: Oh, então eu já lancei a pergunta 7 aqui: em que situações vocês procuram a escola?

34:44 - Responsável AInf.: Eu procuro a escola quando a aluna D ou o aluno C tá meio doente em casa, aí pra falar sobre remédio, alguma coisa assim, que de repente eles possam passar mal e me ligar, e graças a Deus vocês fazem isso, vocês têm essa preocupação, a criança não tá bem e liga pra gente, pra gente poder buscar as crianças. Então assim, o que eu posso acrescentar é desse jeito, né? E vocês também têm um retorno para os pais, vocês têm essa importância, não é só botar a criança na escola e deixar doente. Não, vocês ligam para gente: “oh, mãe, o seu filho não tá legal, quer vir buscar? Tem alguma coisa que a gente possa fazer?”. Eu acho isso muito... e por isso que eu sou fã de vocês. Eu sou suspeita o tempo todo, né? Mas é desse jeito.

35:34 - Responsável CInf.: Eu tenho pouco tempo de experiência, né? Eu comecei esse ano passado e... mas eu sou daquelas que chega e fala assim: “o que que a aluna B precisa melhorar? No que que ela tá com dificuldade? O que que eu preciso pegar com ela em casa?” Eu falei com meu marido esses dias que ela tem... a gente ensina pra ela aqui agora, aí você manda ela fazer uma coisa ela esquece daquilo ali, então eu não tive tempo. Eu falei com ele: “eu não vou fazer nada agora porque ela não teve na escola pra outros professores notarem, né?”. Eu falo que...esse ano provavelmente não [inaudível] vai ter o ano letivo normal, com criança na escola, eu vou perguntar sempre a professora, vou falar: “você acha que a aluna B tá evoluindo bem? Você acha que ela tem guardado as coisas que ela tem aprendido pra ela?”. Porque a gente, em casa, a gente acha que tudo é problema, né? Ah, não é problema, eu digo assim, é tudo é questão de... que a gente que é mãe, a gente é muito coruja, né? Eu sou aquela coruja, se tá uma coisa que não tá andando certo, saiu um pouquinho do normal, da rotina da criança, eu já acho oh...eu falo com o meu marido: “oh, tá algum problema, vamos no médico”, então eu sou daquelas que qualquer coisa que tiver errada eu já acho que precisa procurar uma especialista, então eu tô esperando pra professora acompanhar ela. Outro dia eu falei com ele assim: “eu vou levar ela numa psicopedagoga, porque eu acho que ela tá com déficit de atenção”. Ele falou comigo assim: “o que que é isso?”. Eu falei assim: “porque eu ensino pra ela agora e eu mando ela falar de novo e ela esqueceu”. Então, eu acho que tudo que eu preciso... tudo que achar que tá estranho, eu vou chegar na professora e vou falar assim: “você acha que tá precisando? Pegar com ela isso? Você acha que ela tá com algum problema de atenção? Você acha que ela tá com...”, porque a minha menina, ela é muito ansiosa, ela... tudo que você... se a gente for viajar amanhã, ela é igual a mim, né? Se ela for viajar amanhã, eu não posso falar com ela, porque ela não dorme, ela fica perguntando a cada 5 minutos: “mãe, tá chegando a hora? Chegou o mês que vem? Depois de hoje é amanhã?”. Ela fica assim, então eu evito de ficar contando o que a gente vai fazer pra ela. Então assim, acho que tudo que eu precisar, tiver dúvida, eu vou chegar pro professor e vou perguntar: “como que ela tá? Como é que ela tá indo? O que que ela comeu? Se ela comeu?”, porque na benção pra comer também. Então, eu acho que tudo o que eu precisar, tudo o que eu achar que tá diferente, eu vou perguntar.

38:03 - Responsável BInf.: Eu cheguei a procurar a escola pra conhecer a escola, porque eu não conhecia, e eu fiquei surpresa porque todas que eu fui não deixaram eu conhecer. E essa foi a única que abriu a porta e eu acho que foi a coordenadora, ela me levou pra conhecer a sala, me levou pra conhecer a biblioteca, o lugar da refeição, o parquinho e assim, eu fiquei muito, muito grata, porque deixa a gente menos preocupado, né? E eu vi que a escola, né? Era segura, então eu achei isso muito incrível, muito incrível. Ela tirou um tempo dela que eu sei que ela tava abafada e ela me mostrou a escola, né? E também, eu procurei escola pra falar sobre as questões religiosas do aluno A e eu fui muito bem atendida, conversei com a professora, conversei com a coordenadora, e conversamos assim, foi muito bom a conversa, fui muito bem atendida, né? E respeitada, né? Devido às nossas crenças, né? E o tempinho, né? Que a gente...

que o aluno A teve, foi um ano e um mês, né? Um mês de aula, eu vi que na prática isso aconteceu também, né? Não foi só: “ah, não, pode deixar, a gente entende, a gente sabe, a gente...”, não foi só de boca, foi na prática também. Então, foi nesse tempo, né? Nessas duas questões que eu tive que procurar escola, eu fui muito bem recebida e muito bem respeitada.

40:13 - Luiza Marillac: Legal. Oh, pergunta número 8: a escola tem ações para incentivar a participação de vocês na escola?

40:24 - Responsável AInf.: Tem as reuniões, que são ótimas. Eu nunca gostei de reunião de escola e vou na reunião de vocês, e acho que se vocês vê o resultado, é muito bom, porque fica lotada as salas. Então assim, os pais, eles querem isso, eles querem também de vocês, né? A responsabilidade que a gente tá deixando com vocês com os nossos filhos e o atendimento é ótimo. Assim, sem palavras, porque dá refeição, né? Dá refeição, do estudo, da interação das crianças, várias professoras, vários educadores pra cada setor, é muito bom, entendeu? Eu gosto dessa ação, desse meio de comunicação que vocês adotam.

41:18 - Responsável BInf.: Eu cheguei a participar de uma reunião de pais. Nessa reunião, acho que eles estavam resolvendo... escolhendo um dos pais, alguns pais pra fazerem parte, não lembro do quê, mas eu acho que... é... tem sim, né? Uma parceria assim, de atividades, né? De pais e alunos, e a escola ali. Eu não lembro o nome que era, mas era pra escolher uma votação de pais, né? Colegiado. Colegiado, né?

42:00 - Responsável CInf.: Eu também participei dessa reunião. Tava bem cheia, né? Tinha bastante gente.

42:05 - Responsável BInf.: Um frio!

42:07 - Responsável CInf.: É, uma chuva, né? Eu lembro que tinha chegado da cidade esse dia. Aí eu cheguei correndo, meu marido falou: “não dá tempo de você ir não”, eu falei: “dá”. Eu moro aqui na rua de cima do colégio, né? E eu já cheguei em cima da hora da reunião. Aí ele falou comigo assim: “não dá tempo não”, eu falei: “dá”. Eu larguei o que eu tinha que fazer... joguei as bolsas aqui em casa e saí correndo. É... e realmente, eles estavam escolhendo os pais pra poder acompanhar, né? Tipo uma... como é que posso... tipo, tivesse um grupo escolar e eles fossem os responsáveis. Esqueci o nome certo pra isso. E lá esclareceu tudo, e eu até lembro que teve algumas coisas sobre teatro na escola, né? Umas coisas assim, que eu já tava doida pra saber a idade que podia colocar os alunos, porque eu já queria pôr a aluna B também lá, porque tudo o que era pra ocupar o tempo dela, eu queria, porque eu não sou a favor de criança em rua o tempo todo. Prefiro a criança dentro de casa ou na escola, então é... eu já queria colocar ela nas atividades da escola pra ela ocupar o tempo dela, pra ela aprender coisa nova, pra ela se encher de conhecimento e largar [inaudível] da rua, celular, computador, essas coisas.

43:27 - Luiza Marillac: Então vamos dar segmento aqui. É... vocês têm vontade de participar mais das atividades educativas de seus filhos? Eventos e decisões na escola?

43:39 - Responsável AInf.: O tia, eu vou em todos os eventos, né? Eu participo, vou na festa dos meninos, eu participo, eu vou, no que puder ajudar eu ajudo, né? É... não financeiramente, mas ajudar vocês ali. E o aluno C, ele faz jornada estendida, ele faz dança, faz teatro, aluna D vai fazer também, que ela já tá na idade já. Então, eu gosto, eu participo bastante. O que vocês precisam assim, de participação, eu participo até por causa dos meus filhos, que eu quero, assim,

eu sou uma mãe presente, né? Às vezes meu esposo não pode nem tá junto, mas quando ele pode, ele também vai, não deixa de ir em algum evento da escola, isso é muito importante para as crianças, porque vê que a gente só não bota eles na escola, que a gente faz essa interação com eles, entendeu? E é muito bom.

44:32 - Responsável CInf.: Eu pretendo ser assim também, eu acho que quando começar as atividades na escola, eu quero participar de tudo, eu acho que é importante pra criança, porque a criança vai olhar e falar assim: “nossa, a minha mãe tá comigo pra tudo”, porque quando a criança, quando a infância da criança, ela só lembra dela sozinha e brincado com os coleguinhos na rua e não lembra do pai e da mãe perto, ela vai crescer com isso na cabeça. Se tiver um problema, tiver passado por alguma coisa nova, ela vai falar assim: “eu não vou contar para os meus pais porque eles nunca ligaram pra mim, porque eles não são meus amigos”. Eu acho que esse momento agora, de acompanhamento escolar, de tudo quanto é tipo de coisa nova pra eles, festinha, tudo, e ter o pai ou a mãe por perto, isso dá confiança, passa confiança pra eles. Eles vão pensar assim: “eu posso confiar na minha mãe e no meu pai porque eles estão comigo pra tudo”, então tudo o que tiver na escola e eu poder participar, eu vou tá lá. Agora, se eu não tiver trabalhando, né? Mas eu vou tá lá, juntinho lá, em fechamento com vocês.

45:38 - Responsável BInf.: Eu já falei pro aluno A. O dia que eu não puder ir, então ele também não vai.

45:47 - Responsável CInf.: Ele é meu e ninguém pega.

45:51 - Responsável BInf.: Eu vou junto.

45:52 - Luiza Marillac: Ah, que bom! Oh, questão número 10: você tem alguma sugestão de ação, proposta, ideia que possa estreitar a relação e a comunicação entre a família e a escola?

46:10 - Responsável AInf.: Olha, a base é vocês passam pra gente, entendeu? Então, fica muito mais fácil essa interação, vocês já vão interagindo a gente automático na reunião, né? Na dança, no teatro, e a gente cansa de ir para os teatros acompanhar as crianças na praça CEU, então vocês já fazem esse acompanhamento, com a família, vocês já interagem, e eu acho isso muito legal, entendeu? Que continue assim, né? A gente agradece.

46:48 - Responsável CInf.: Ah, eu lembro que quando eu comecei... quando eu comecei a preocupar com a escola pra aluna B, o meu irmão morava... a minha mãe morava no Araújo, o meu irmão estudava lá na cidade do sol e eu lembro que eu queria colocar ela lá também, porque era a referência que eu tinha. E as mulheres daqui da rua, as mães daqui a rua falavam: “não, não faz isso, esse colégio Professora Thereza Falci, ele é muito bom, porque tudo o que a gente precisa, toda necessidade que nós [inaudível], a escola oferece, todo o apoio, toda base, tudo essa escola oferece, você vai ver”. “Quando você pôr a aluna B lá, você vai se sentir em casa”, e é exatamente isso que aconteceu. Quando eu fui até a escola, já fizeram a gente se sentir em casa. Parece que é um aconchego, né? Parece a casa da mãe. A gente chega, a gente se sente parte daquele universo ali, parte de tudo o que vocês fazem, porque assim, eu só tenho a aluna B, então tudo o que tá acontecendo de novo pra ela, é novo pra mim também. Então, tudo que tiver... que acontecer na vida dela, eu vou estar ali, entendeu? Então, escola, ela faz isso com a gente. A professora Thereza Falci, ela tem uma referência, eu lembro que eu conversei com uma mãe que o filho dela tinha estudado ali, formado ali, hoje já tá trabalhando, e ela sempre teve boas lembranças da escola. Não teve uma reclamação a dar entendeu? Então tipo assim, a

base da escola, é lógico que vocês dão, a escola dá uma base pra gente, mas acho que a base das escolas somos mães de alunos, porque se escola é boa, a referência que as outras vão passar para as mães novas que estão chegando agora vão ser boas também. Então, pra falar a verdade, eu nunca escutei uma reclamação da Escola Professora Thereza Falci, nenhuma reclamação.

48:46 - Luiza Marillac: Oh, agora uma pergunta sobre o dever de casa, né? Qual é o familiar que mais realiza atividades com o estudante?

48:55 - Responsável BInf.: As mães, né? A mãe. É a mãe, porque é a gente que tá em casa com eles, né? Mas quando meu marido tá de férias, eu procuro ele deixar fazer um pouquinho, porque aconteceu isso na pandemia, né? Meu marido ficou de férias, então, pessoal: “hoje é o seu papai que vai te ensinar”, pra ele ver que o pai também pode participar, né? Não é só a mãe, o pai também pode e deve, né?

49:32 - Responsável CInf.: É verdade, eu já sou meio egoísta. Eu já deixo só eu mesma. Eu só chamo quando ela tá fazendo pirraça: “ah, eu não quero fazer”, “oh, eu vou chamar o seu pai”, mas fora isso é eu, eu sou meio egoísta pra isso. Dia de sábado, eu levanto da cama, pé por pé, tem sábado que ele não trabalha e tem sábado que trabalha... pé por pé e venho pra sala... pra cozinha e chamo ela. Vamos fazer as atividades de hoje. E deixa ele lá. Liga a televisão lá no futebol e deixa ele lá sozinho. Prefiro fazer tudo sozinha.

50:05 - Responsável AInf.: Lá em casa já é o aluno C, porque ele pega pra fazer o dele e automaticamente ele faz o da aluna D, né? Aí eu que passo as tarefas pelo meu celular e vou acompanhando tudo, mas se não fizer fica de castigo, tá, tia?

50:26 - Luiza Marillac: Oh, então vamos pra última pergunta: em que tipo de atividade o familiar mais participa? Leitura de livros, dever de casa, trabalho escolar, pesquisas?

50:39 - Responsável AInf.: O meu é pesquisa. O meu é mais pesquisa, porque aí eu vou atrás de jornal, né? De jornais pra poder... eu bato na casa dos vizinhos pra poder pegar, é desse jeito. Aí é essa parte é que eu mais fico interagida, as demais ficam por conta do aluno C.

51:00 - Responsável BInf.: É, a minha é tudo, né? Leitura, atividade com massinha, né? Os movimentos, né? Cortar, colar, é tudo, né?

51:20 - Responsável CInf.: É, aqui em casa também. A única coisa que meu marido participou muito foi trazer jornal, porque, como ele é pedreiro, aí ele vai [inaudível] e muitos condomínios têm aqueles pacotes pra cachorro fazer xixi, não vende, aqueles jornais? Antigos. Aí ele traz pra mim, aí ele me liga e fala: “eu posso levar?”. Aí eu falo: “traz”. Aí outro dia que ele achou revista: “oh, tem um monte de revista aqui, eu posso levar”? Falei: “deve, pode trazer tudo para cá que eu deixo”. O meu rack tem mais jornal do que enfeite, que eu guardo tudo ali.

51:58 - Responsável BInf.: E nessa época, a gente vai precisar de muito, né? Porque é muita gravura, porque eles estão conhecendo as coisas, né?

52:06 - Responsável CInf.: E a gente fica perdida, porque tem revista que a gente não acha nada, né? Eu falo: “ai, meu Deus”. Aí tem coisa que quando eu não acho, eu vou lá e desenho. Tenho que desenhar, porque eu não achei. Mas é bem divertido. Nossa! Eu tô achando

maravilhoso, maravilhoso esse tempo de escola dela, porque a gente se diverte muito, muito mesmo. Sai tudo sujo da mesa.

52:28 - Responsável BInf.: Distrai a nossa cabeça, tira a gente da rotina nossa, né?

52:32 - Responsável CInf.: Verdade.

52:34 - Responsável BInf.: E a hora passa, a gente nem vê.

52:37 - Luiza Marillac: Meninas, vocês queriam acrescentar mais alguma coisa?

52:44 - Responsável CInf.: Eu falei tudo.

52:44 - Luiza Marillac: Então eu vou encerrar a reunião aqui, a gravação.

Entrevista com os responsáveis por alunos dos anos iniciais do Ensino Fundamental: Responsável AInc., Responsável BInc. e Responsável CInc.

0:01 - Luiza Marillac: Meu nome é Luiza Marillac de Paula Quetz Bittencourt, aluna do Mestrado Profissional em Gestão e Avaliação da Educação Pública da Universidade Federal de Juiz de Fora. Minha pesquisa aborda a cooperação entre a família e a instituição no processo educativo da Escola Municipal Professora Thereza Falci. Assim sendo, essa entrevista é destinada a vocês, pais dos alunos do Ensino Fundamental I dessa instituição. Para melhor registro, eu gostaria de saber se vocês autorizam a gravação dessa entrevista. Ressalto que as respostas são apenas para fins de pesquisa e a participação de vocês é voluntária e será mantida no anonimato. Desde já, eu agradeço a cooperação. Vocês autorizam?

0:50 - Responsável AInc.: Autorizo.

0:52 - Responsável CInc.: Sim, autorizo.

0:55 - Responsável BInc.: Sim, eu autorizo.

0:58 - Luiza Marillac: Tá joia. Então eu vou iniciar com as perguntas. Eu vou enviando as perguntas pro chat, se vocês quiserem visualizar a pergunta. Mas também podem me perguntar novamente, sempre que for necessário... que vocês sentirem necessidade, tá bem? A primeira pergunta então: na sua opinião, os pais devem participar da vida escolar dos seus filhos? Por quê?

2:14 - Responsável CInc.: Bom, eu, na minha opinião, com certeza os pais têm que participar, né? Da vida escolar dos filhos. Nosso acompanhamento eu acho que é fundamental pro crescimento escolar deles, né? Independente da idade, né? Eu, por exemplo, tenho filhos pequenos, mas também tenho filhos adolescentes, então eu acho que a nossa participação ela é essencial pro crescimento escolar deles.

2:46 - Responsável AInc.: Então, eu concordo com a Responsável CInc., acho que a gente tem que participar sim, porque os nossos filhos só vão ser alguém na vida a partir do momento que a gente tiver essa junção casa-escola.

3:05 - Responsável BInc.: Eu também concordo com as meninas e eu acho assim, que é muito importante, igual ela falou, a participação de casa-escola porque eles só vão ter um crescimento, né? Em tudo, se eles tiverem um apoio também da família e a escola, né? E a gente agradece a escola, que é uma escola muito boa. E é muito importante a participação tanto dos pais quanto da escola interagindo, os dois juntos.

3:34 - Luiza Marillac: Eu vou pedir nesse momento, que eu esqueci de fazer isso no início, pra vocês se apresentarem, por favor. Que aí vocês falam qual é o ano da criança de vocês.

3:50 - Responsável CInc.: Tá. É... meu nome é Responsável CInc., eu tenho dois filhos matriculados na escola Thereza Falci, um de 9 anos e um de 8 anos.

4:09 - Responsável BInc.: Meu nome é Responsável BInc., eu tenho duas filhas matriculadas na escola Thereza Falci também, uma de 7 anos e uma de 11 anos.

4:22 - Responsável AInc.: Meu nome é Responsável AInc., eu também tenho dois filhos matriculados na escola Thereza Falci, um de 11 anos e uma de 6.

4:38 - Luiza Marillac: Tá bem, obrigada, tá? Pela apresentação de vocês. A pergunta número 2: na sua opinião, qual a importância da família na escola?

4:54 - Responsável CInc.: Bom, na minha opinião, mais ou menos parecida com a pergunta, né? Com a primeira pergunta... a família, ela é importante, né? Eu acho, em todas as fases. Nossos filhos estão na escola, a importância da família tá presente na escola em tudo: em reunião, em participação... Eu acho que assim, eles como alunos, como crianças, né? Que estão ali aprendendo, eu vejo que eles se sentem muito bem, muito importantes. Assim, quando eles veem o envolvimento da mãe numa reunião, quando eles veem o envolvimento da mãe alguma atividade da escola. Então, é muito importante a família tá interagindo junto com a escola, né? Pra tá tanto sendo ajudada, quanto ajudando também a escola, né? Porque a escola, ela também ela precisa da participação dos pais pra eles estarem desenvolvendo os trabalhos, né? Eu acho que a presença da família na escola é essencial, tanto pra família, quanto para escola, né? O crescimento de ambos os lados.

6:11 - Responsável AInc.: Então, eu também acho que é muito importante essa participação. Por que, assim, eu vejo no olhinho dos meus filhos... quando tem uma feira de ciências que eu tô lá, quando tem uma reunião... até o meu menino que estuda com a Luiza no começo, ele ficava assim: “mãe, você foi na reunião? Mãe, você sentou na minha carteira?”. Então, assim, você vê assim que pra eles é importante que os pais estejam lá na reunião junto com a escola e assim, você acaba que... você estando lá, você cria um laço com a escola que você consegue acompanhar o desenvolvimento dos seus filhos.

6:51 - Responsável BInc.: Eu também concordo com as meninas, que é essencial, porque igual ela explicou, é importante. Eu vejo também na minha menina, quando ela foi pro colégio, ela ficava muito perdida, ela tinha... foi pra primeira série. E assim, e foi muito importante para mim o tempo que eu pude tá lá na escola, numa reunião, numa conversa com a Gestora A, uma conversa com o diretor, porque a escola me deixava interagida, eu moro longe da escola. Então assim, é a importância da gente tá perto... eles perto da escola assim é importante, porque a escola... eles passam a maior parte do tempo nela, uma boa parte do tempo eles passam aí. Então, eles conhecem ele, eles convivem com ele. Então assim, é muito importante a nossa presença junto com a escola.

7:40 - Luiza Marillac: Tá certo, vamos continuar. Pergunta número 3: você acredita que uma criança cujos pais participam da sua vida escolar tem melhores resultados do que outras crianças cujos pais não participam?

8:02 - Responsável CInc.: Você pode repetir? Porque falhou para mim a chamada aqui.

8:07 - Luiza Marillac: Você acredita que uma criança cujos responsáveis participam da vida escolar tem melhores resultados do que outras crianças cujos responsáveis não participam?

8:22 - Responsável CInc.: Com certeza. Eu mesma sou um exemplo, né? Eu nunca tive apoio da minha família pra estudo, então eu fiz até aonde... até aonde eu pude fazer sozinha, porque eu morava na zona rural e pra eu terminar o Ensino Médio eu teria que ir pra cidade mais próxima. E eu não lembro da minha mãe em nenhuma das reuniões da minha escola. Então, eu, quando me tornei mãe, eu quis sempre tá presente em tudo: em todas as reuniões, em todos os assuntos da escola, porque eu achava isso. Eu acho isso muito importante, porque eu tiro por mim mesma, porque eu parei os meus estudos por falta de apoio, né? Hoje eu tô com 31 anos, estou voltando agora, vou fazer o Ensino Médio esse ano. E não foi por falta de vontade, foi por falta de apoio. Então, uma criança que tem apoio, com certeza ela tende a crescer muito mais... a chegar muito mais longe do que uma criança que não tem um apoio em casa, né? Porque o nosso papel de pai é apoiar, incentivar, é olhar os cadernos, é tá conversando com as professoras para saber o desenvolvimento, o comportamento da criança na escola... então, é importantíssimo a participação dos pais.

9:47 - Responsável AInc.: Então, eu concordo, porque assim, a partir do momento que você tá ali com seu filho, igual eu já fui em várias reuniões, tanto com as professoras dos meus filhos, quanto com os coordenadores, você vê que se você tiver ali, por mais que seja uma criança difícil, que a Luiza sabe que o meu é, você consegue ainda dar uma continuidade, entendeu? Agora, se é uma... porque eu tenho um exemplo de uma tia que é professora, ela tem um aluno que quando ela chama a mãe pra reunião, a mãe chega lá e vai brigar com ela. Então, quanto mais ela chama a mãe pra reunião, mais a mãe briga com ela em relação à filha, pior a criança fica na escola. Então, eu acho assim, se o pai tiver ali e mostrar para o filho que ele tá a favor da professora, tentando ensinar pra ele, ele consecutivamente vai cada dia melhorar mais.

10:49 - Responsável BInc.: Eu concordo também com Responsável AInc. e com a Responsável CInc.. Tudo que elas falaram, né? E é muito importante esse apoio de nós, famílias, com as crianças na escola, porque eles precisam ver que nós estamos lá, né? Os professores também precisam... toda a escola precisa ver o interesse também da família em tá indo buscar. Eu... as minhas filhas... eu sempre trabalhei em dois horários, então assim, hoje eu trabalho em um só. Mas elas sempre sentiram muito isso, porque a mais velha foi pra creche com dois meses. Então assim, eu não tive contato. A mais velha eu não vi muita coisa dela. Então assim, muitas reuniões eu ia depois do horário pra poder ter o contato com a professora. Ela marcava um horário pra mim. Só que não era a mesma coisa, porque quando tinha uma reunião, uma festinha, festividade, sempre o meu esposo que ia. Então assim, eu nunca estava nas festividades. Então, ela sempre me cobrou muito. Hoje assim, eu entendo como eu errei com ela em coisas que passou, agora não tem jeito mais, né? O apoio que a família tem a dar à criança nessa fase... o adolescente, a escola, né? É muito importante, porque depois, igual a Responsável CInc. falou, depois agora passou, e esse apoio não teve, né? E assim, querendo ou não, eu me sinto culpada, mas não tem como eu voltar atrás, mas pra frente eu tô fazendo.

12:22 - Luiza Marillac: Com certeza. Olha, eu vou lançar a próxima pergunta, tá bem? Os alunos fazem os deveres e trabalhos escolares em casa com frequência?

12:42 - Responsável CInc.: Sim, os meus fazem. Apesar de eu ter uma dificuldade muito grande, né? Pra ensinar, principalmente o menino menor, que é muito... muito ativo, muito agitado. Mas eles fazem. Eu procuro sempre tá em dia com os deveres, os trabalhos da escola... tudo... tudo direitinho, né? Pra eles também não ficarem atrasados, né?

13:13 - Responsável AInc.: Então, os meus também fazem. Assim, o mais velho, ele tenta muito: “ah, não tem dever”. Aí eu falo assim: “pega o caderno pra mim ver”. Tenta, tipo... esconder, porque quer brincar, quer mexer no celular, essas coisas de criança mais assim, de 11 anos. Agora, a pequenininha, ela já chega: “aqui mamãe, tem dever, mamãe, tem dever, mamãe, tem dever, mamãe”. Desde a hora que pega na escola. Então assim, mas eu sempre procuro olhar caderno, procuro perguntar, assim... a não ser que dá um desencontro aí. Mas a gente tá sempre fazendo.

13:54 - Responsável BInc.: Com as minhas meninas eu também não tenho problema. Elas assim, são bem comprometidas, né? Com as coisas delas, né? A pequena, igual ela falou, a pequena chega em casa toda feliz falando que tem dever, é muito ansiosa pra levar as coisas pra escola, né? Pra mostrar pra professora. A minha também de 11 anos ela reluta um pouco, mas assim, ela sabe o compromisso, né? Elas têm um horário, ela fica com a minha mãe numa parte do dia. Então assim, elas têm um horário estipulado. Então assim, eu não tenho muito problema com elas não.

14:30 - Luiza Marillac: Complementando a pergunta número 4, vem a número 5: você enfrenta alguma dificuldade para auxiliar o estudante na sua casa em trabalhos e deveres?

14:45 - Responsável CInc.: Ah, eu tenho bastante. Eu tenho bastante, porque igual eu falei, né? Os meus são dois. Então, é muito difícil conseguir que eles se concentrem, que eles sentem, que fiquem ali um período para fazer... igual esse período de pandemia. Nossa, eu tenho passado muita dificuldade. Estamos com as apostilas atrasadas porque é muito difícil conseguir dentro de casa, né? Auxiliar... fazer com que eles fiquem ali um período ali maior, né? Porque agora tá tendo que ficar um período maior. Então assim, eu tenho bastante dificuldade nessa área de dever, mas eles fazem.

15:33 - Responsável AInc.: Então, no meu caso também a dificuldade tá sendo maior agora na pandemia, né? Porque: “ah, mãe, eu não posso fazer nada. Ah, mãe, eu só tenho que estudar”. E estamos atrasados também nas apostilas. Mas eu tento sempre mostrar que se não for por esse caminho, outro não tem, né? Então eu falo: “não, tem que sentar, tem que fazer dever sim”. E no meu caso, eu tenho uma tia professora, então, quando acontece de alguma apostila eu ter dificuldade, eu tiro foto, mando pra ela e falo assim: “me ajuda nessa atividade aqui, pelo amor de Deus!”.

16:19 - Luiza Marillac: Alguém mais gostaria de responder?

16:25 - Responsável BInc.: No meu caso também está sendo a dificuldade das apostilas, né? Nós estamos com duas atrasadas. E o meu problema maior é o meu horário, porque como elas ficam com a minha mãe, e na parte da manhã a minha mãe tem coisa que não consegue ensinar

à do quinto ano, né? E a pequeninha é muito relutante, ela gosta muito de fazer a atividade, então ela teima com a minha mãe muitas coisas. Mas assim, tanto que a pequena eu tive que pedir uma moça pra poder tá ajudando ela, né? E a hora que eu chego é a hora que eu vou ensinar pra elas. A minha dificuldade maior é o meu tempo.

17:11 - Luiza Marillac: Oh, pergunta número 6: em geral, quais assuntos levam a escola a procurar vocês?

17:22 - Responsável CInc.: Bom, no meu caso eu só fui procurada mesmo, não no Thereza, ali no Thereza até hoje eu nunca tive nenhum problema, nunca fui chamada pra nada não. Mas já fui chamada em outras escolas, porque o meu caçula é arteiro. Aí eu já fui chamada... briga com coleguinha, entendeu? Só... mas ali no Thereza, graças a Deus, eu nunca tive problema não. Ele interage bem com a escola mesmo. Com a escola inteira, não é só a sala dele não. Com a escola inteira, com todo mundo que trabalha... ele conhece mais gente na escola do que eu. Então assim, eu só fui chamada numa escola antes porque tava com briguinha na sala e tal... ele é novinho, tem 8 anos, mas é arteiro. Só.

18:20 - Responsável AInc.: No meu caso, eu sou chamada na escola por, também, bagunça, no meu caso é o mais velho. Ele é muito falante, ele quer conversar, ele quer... e assim, atrapalha a sala inteira a prestar atenção. É o que eu sempre escuto: “ele fala muito, ele conversa muito, que não deixa ninguém prestar atenção”. Então assim, eu sou chamada muito por isso, porque é o que eu falo com ele aqui em casa, ele sabe. Porque quando tá eu e ele pra fazer o dever dele, ele faz perfeitamente. Agora, se a minha menina de 6 anos tiver, acabou, ele não consegue se concentrar. Então assim, ele eu acho que essa falação, esse agitação dele na sala é porque ele não consegue parar e se concentrar, né? Então, eu sou muito chamada na escola por isso.

19:11 - Responsável BInc.: É, eu também não sou muito chamada. Já fui, mas por causa da minha pequena, porque ela é muuuito tímida. Então assim, ela é difícil de soltar com as pessoas... ela não é muito de conversar. Aí a Gestora A até me chamou na época porque não tava conseguindo... ela fazia as atividades mas se isolava muito, mas pelo fato da timidez dela. Então, é só por isso.

19:41 - Luiza Marillac: Oh, eu vou passar para próxima pergunta: em que situações vocês procuram a escola?

19:55 - Responsável CInc.: Bom, eu acho que eu nunca procurei assim por alguma coisa pessoal dos meus meninos não. Eu procuro por alguma informação, alguma coisa assim, nunca tive que ir procurar pra resolver alguma coisa, resolver alguma questão, algum problema com eles. Nunca tive que procurar não.

20:25 - Responsável AInc.: É... no meu caso, assim, é mais para saber informações de como eles estão na escola, se está precisando de alguma coisa, entendeu? Reclamar ou ter algum problema com a escola, eu também nunca tive não, é mas pra saber informações mesmo.

20:48 - Responsável BInc.: É, eu também. A escola... eu nunca é... pra reclamar, assim, eu nunca tive nada não. Pelo contrário, né? Quando as minhas meninas foram pra lá, foram muito bem recebidas, né? A escola sempre... tudo o que precisei assim, né? Ela sempre me atendeu, precisava nem de eu ir. Muitas das vezes no caderno de recados, eu conseguia resolver as coisas, era bilhete, era alguma coisa assim. Então, nunca precisei não, a não ser assim, uma reunião, né? Pra poder perguntar, mas nada assim de grave não.

21:25 - Luiza Marillac: Eu vou lançar a pergunta número 8, tá? A escola tem ações para incentivar a participação de vocês na escola?

21:43 - Responsável CInc.: Assim, eu não conheço muito ainda o colégio porque os meus meninos foram para lá esse ano, né? Então, não estudaram, porque... presencialmente não, porque aí logo veio a pandemia. Meu menino estudou duas semanas só, praticamente, né? Que teve de aula. Então, eu não tenho muito contato com a escola, né? Mas eu cheguei a participar de uma reunião, recebemos aqui o chamado da reunião e tudo, e eu tive na reunião, né? Foi a primeira reunião que teve, tipo uma apresentação da escola. Achei muito bacana os projetos que eles apresentaram, as propostas e tal, mas aí não deu tempo de interagir com a escola porque logo depois veio a pandemia. Então assim, eu ainda não tenho muito contato assim direto com a escola, apesar de que nos grupos é muito bem... os professores interagem muito bem... o *WhatsApp* da secretaria, sempre que eu mando alguma coisa eles respondem, né? A secretária A que trabalha na secretaria sempre me tirou minhas dúvidas, sempre me respondeu muito bem. Então assim, a princípio eu não tenho o que reclamar, eles são bem atenciosos, mas ainda tô num período ainda de conhecer.

23:11 - Responsável AInc.: Eu, no meu caso, eu estudei aí, então eu conheço a escola muito. Foi eu, os meus irmãos e agora os meus filhos. Então assim, a escola sempre que pode... é uma feira de ciências, é a festa junina, sempre eles estão mandando bilhete convidando, pedindo para as crianças participarem das danças... então assim, a escola tem muita comunicação com os pais sempre... a gente sempre tá podendo participar da escola. Tá lá, é numa reunião... sempre tem, sempre tem alguma coisa. A escola é muito boa e que une muito o família-escola.

23:54 - Responsável BInc.: É, eu concordo com as meninas também porque as minhas filhas estão lá já tem 4 anos e elas vieram de uma escola que era totalmente diferente. Lá não, lá elas já participaram da peça de teatro, elas já foram para rua, elas já cantaram... as reuniões são muito bem-feitas, tem horários que eles disponibilizam reuniões pra gente. Eu já fui em reunião lá mais tarde, 7 horas da noite, já fui em reunião mais cedo. Então assim, eles procuram fazer o melhor para gente e procuram encaixar também os pais na escola. Então assim, eles procuram nos ajudar também assim da melhor maneira possível pra nós podermos participar dessas atividades na escola e, assim, é muito bem feita as coisas aí. Feira de ciências, a minha menina mais velha já participou e assim, muito organizada, né? A festa junina elas não participaram, mas assim, eu fiquei sabendo que é sempre muito bem organizado. E tudo assim, que eles fazem, você vê o capricho, o cuidado. Então assim, tudo muito bem preparado todas as coisas que eles fazem pra escola.

25:09 - Luiza Marillac: Tá certo, meninas, eu vou encaminhar a próxima pergunta: você conhece as atividades que acontecem no contraturno da escola? Caso positivo, na sua opinião, de que modo essas atividades influenciam a vida escolar da criança?

25:30 - Responsável CInc.: Atividade o quê? Você pode repetir?

25:33 - Luiza Marillac: Você conhece as atividades que acontecem no contraturno, é... o seu menino tá... estuda no 5º ano, né? Ele estuda na parte da tarde, né? De manhã, as atividades que são oferecidas pra que ele possa ir à escola fazer, como teatro, dança... você conhece essas atividades? Que é oferecida no outro turno? Na sua opinião, de que modo essas atividades influenciam a vida escolar da criança?

26:11 - Responsável CInc.: Sim, eu conheci na reunião... eu não cheguei a participar nem conhecer pessoalmente... os meus meninos não deu para participar de nada, né? Porque não teve oportunidade, mas eles chegaram a apresentar lá no dia da reunião, falar, né? Explicar direitinho, eu achei muito bom, muito bom. A criança... ajuda a criança a envolver mais com a escola, né? A criança ocupar aí o tempo vago, né? Por exemplo, uma criança que estuda à tarde, ocupar a manhã, né? Com algo que vai acrescentar aí na vida escolar dele, né? Então assim, as atividades que eles apresentaram lá, muito bom. Eu tive interesse de colocar meus meninos, mas ainda não tive oportunidade, mas é muito bom. Achei muito bom.

27:04 - Responsável AInc.: Então, eu conheço teatro, música, canto... conheço. Meu menino até participou, ele participou dois anos. No segundo, ele participou só até metade porque ele ganhou um castigo, porque ele gosta muito, né? Então, como ele gosta muito e ele tava num período assim... muito... muito assim, sem prestar atenção na aula durante à tarde, a analista falou pra ele que ia dar esse castigo pra ele. Então assim... nossa, ele adorava, adorava! Ele ia, ele fazia até dever mesmo, tinha vez que ele fazia era na escola, porque tem aula particular... assim, de reforço também, é... teatro, música... Então assim, ele fez e ele gostava muito. Nossa! Ele gostava demais. E é uma coisa assim, que estimula criança, né? Ele chegava: “ah, mãe, a tia tal ensinou esse passinho. Ah mãe, a gente vai fazer a peça tal”. Então, ele tinha uma ativação muito grande em relação a esses projetos.

28:14 - Responsável BInc.: É, eu também conheço essas atividades, né? Assim, por já ter visto no teatro eles apresentarem e tudo. Minhas meninas são doidas pra poder participar, só que, porém, pela falta do meu horário, né? Que não dá para poder levar e eu não tenho como... alguém que leve, eu moro em bairro... não moro no mesmo bairro, moro num bairro um pouco distante. Então, não tem como levar, mas assim, no caso da música, né? Que a pequenininha faz com a professora na escola, ela gosta muito. Então, ela já pede para comprar um pandeiro, porque eles trabalham muito com pandeiro para coordenação motora, essas coisas todas. Então, eu conheço e acho assim, bem legal, muito... participar.

29:01 - Luiza Marillac: Oh, então eu vou encaminhar pra vocês a pergunta de número 10: vocês têm vontade de participar mais das atividades educativas de seus filhos, eventos e decisões na escola?

29:23 - Responsável CInc.: Sim, eu tenho. Com certeza, é sempre bom a gente tá envolvido, né? A gente vê também a alegria no olhinho deles quando eles veem que a mãe participa, né? Das coisas da escola. Então, eu tenho sim vontade de cooperar com a escola e mais algo... mais alguma coisa que eu puder tá cooperando com a escola.

29:49 - Responsável AInc.: Então, eu, no meu caso, eu já participo de tudo, porque eu trabalho na parte da noite, então, Graças a Deus, sempre que tem, eu tô lá. Mas, e se tiver mais, eu estarei lá também, sempre que tiver alguma coisa eu estarei lá, porque é aconchegante você chegar na escola. Não é aquela escola fria, é aquela escola que é aconchegante, é gostoso. Então, sempre que tiver, eu tô lá. Gosto muito de participar.

30:23 - Responsável BInc.: É, eu também gostaria de participar mais, né? Agora sim, eu já consigo mais participar da vida escolar das minhas filhas, né? E assim, a respeito da escola, realmente é aconchegante. Lá tem assim, desde a moça que dá a merenda até o diretor, são pessoas assim, tão agradáveis que você sente o prazer de estar na escola e participar de todas as

atividades, né? Porque todo mundo lá te recebe com tanto amor, tanto carinho, que você se sente até como se fosse uma pessoa especial. Você não é. Você é simplesmente uma mãe de um aluno na escola, mas se sente especial pelo modo que eles tratam a gente. Então, eu gostaria também de participar mais.

31:08 - Luiza Marillac: Pois é. Então, nesse caso positivo, vocês têm alguma sugestão de ação, proposta, ideia, que possa estreitar a relação e a comunicação entre a família e a escola?

31:27 - Responsável CInc.: Não, eu acho que a princípio a escola tá bem amparada nessa questão, eu me sinto assim... eu acho que a escola é bem comunicativa já com as famílias, sempre tá procurando... informação, bem formada, sempre informa a gente de tudo... Então assim, a princípio não, a princípio eu não tenho nenhuma sugestão.

31:55 - Responsável AInc.: É, no meu caso também não tenho nenhuma sugestão não, porque realmente foi o que a Responsável CInc. falou, já é bem... a gente já tem uma comunicação boa, já é bem abrangente a comunicação família-escola, então acho que assim, por enquanto não tem nada não.

32:15 - Responsável BInc.: É, eu também concordo. Eu acho que o que a escola tem que fazer, que tem que passar para gente, eles já tão fazendo, né? Todo... eu não tenho nada que reclamar, eu acho que tá tudo bem.

32:31 - Luiza Marillac: Agora sobre as atividades, né? As atividades que a criança leva pra casa. Qual é o familiar que mais realiza atividades com o estudante?

32:50 - Responsável CInc.: Bom, aqui na minha casa sou eu, né? A mãe. Não tem outra pessoa, só eu mesmo. Só eu que sento pra fazer com eles.

33:09 - Responsável AInc.: É, aqui em casa também geralmente sou eu, mãe. Mas, tem talvez alguma coisa que talvez eu não entendo ou tô meio sem tempo, aí meu esposo entra, mas geralmente sou eu mesma, a mãe.

33:26 - Responsável BInc.: É, geralmente sou eu com a mais velha, né? E já a mais nova, ela já tem... ou ela faz com meu esposo, ou senão ela faz com a minha mãe, na parte da manhã, porque quando ela chega do colégio, que ela chega na parte da tarde, ela já prefere fazer de manhã. Então assim, eu só avalio o caderno, vejo mais ou menos, explico pra ela o que que é e ela prefere fazer na parte da manhã com a minha mãe. Mas assim, eu já expliquei pra ela, mas geralmente sou mais eu mesmo.

34:01 - Luiza Marillac: Oh, em que tipo de atividade o familiar mais participa? Leitura de livros, dever de casa, trabalho escolar, pesquisas...? Que tipo de atividades mais participa o familiar?

34:20 - Responsável CInc.: Eu, em tudo. Tudo que eles vão fazer, eu que auxílio: dever de casa, as dúvidas, as pesquisas que tem que fazer, se tiver algum livro que tem que ler, eu que sento pra ler junto... é tudo eu mesma, todas as atividades que vêm.

34:42 - Responsável AInc.: É, eu no meu caso, também todos: coisa da feira de ciências, eu sento, eu vou fazer junto, eu vou colar, eu vou recortar, eu vou fazer ali junto. Livro, o mais

velho geralmente eu ponho ele para ler e eu fico escutando. Tipo assim, tô fazendo almoço: “oh, aluno E, vão ler o livro aí que tá na hora de ler”. Então, eu vou fazendo as minhas coisas e ele vai lendo. Na hora que eu vejo que tem... igual ele come muito ponto, nunca vi comer ponto, aí eu volto, leio com a pontuação certa e mando ele reler. E a pequenininha, o livro é na hora de dormir:” mamãe, eu trouxe o livro da escola”. Então, na hora de dormir, eu sento e acaba que eu leio para os dois, porque os dois dormem juntos, né? No mesmo quarto, aí eu sento e leio para os dois. Ou senão, se acaso o mais velho não tiver livro pra ler: “aluno E, vamos ler o livro aqui da historinha aqui que a sua irmã trouxe da escola”. E dever também, sento, faço. Eu tenho uma lanchonete em São Judas, muitas das vezes ele saía da escola e ia direto pra lanchonete ficar comigo. Então, era lá que a gente ia fazer o dever, e aí tinha três amiguinhas que era da mesma escola, duas até... uma da mesma sala e outra da mesma série, então fazia aquela roda e vão todo mundo fazer dever junto. E aí sentava todo mundo pra fazer o dever junto. Então assim, eu participo de todas as atividades.

36:10 - Responsável BInc.: Geralmente, aqui em casa são os dois, né? Porque a gente se divide, né? Pela leitura, o trabalho... a gente sempre pega junto, a gente marca um dia e a gente ajuda, no caso, mais a aluna F, com feira de ciências. A aluna G é mais as leituras, né? Ela ainda não traz trabalhinho, né? Essas coisas mais bem elaborado pra casa, então é quando tem uma feira de ciências ou algum trabalho, algum cartaz que eles têm que fazer, igual teve até um da dengue um tempo atrás. A gente pegou e foi nos postos procurando panfleto e tudo. Então, a gente procura tá os dois, porque pelo fato dos dois trabalharem, então a oportunidade que a gente tem de tá com as duas juntas pra sentar, então a gente procura tá com as duas. No caso assim, ou na hora da leitura à noite, que é no caso mais a aluna G, né? Que é a menor, ou a mais velha num trabalho.

37:10 - Luiza Marillac: Tá bem, então. Vocês gostariam de colocar mais alguma coisa?

37:18 - Responsável CInc.: Não.

37:20 - Luiza Marillac: Tá. Então vamos pra última pergunta: na sua opinião, quais são os principais benefícios para o estudante quando os pais participam da sua vida escolar?

37:33 - Responsável CInc.: Os principais benefícios... eu acho que tudo é importante, né? O que a gente já falou, tudo que foi falado, né? Mas, eu acho assim, que quando o aluno tem o apoio, tem a participação dos pais na escola, eu acho que eles têm um ânimo maior de tá fazendo, de tá ali realizando as atividades da escola, ele se sente ali acolhido tanto pela escola já, mas ele se sente acolhido pela família. Então, acho que a expectativa do aluno fica muito maior quando se tem aí o apoio da família.

38:28 - Responsável AInc.: Então, eu acho que o benefício é assim, é estimular, né? É mostrar: poxa, minha mãe tá comigo, poxa, meu pai tá comigo, então vamos fazer bonitinho, vamos fazer direitinho. Igual todas as vezes que o meu menino foi participar da feira de ciências, eu tava ali: “ah, vamos fazer assim, filho, talvez assim fique melhor. Ah, mãe, mas eu acho que se fizer desse outro jeito”. Então assim, a gente tava sempre ali, um dando ajuda o outro pra ficar de uma forma melhor, pra gente conseguir apresentar uma coisa muito legal... ah, sei lá, uma coisa que chamasse mais atenção da escola, uma coisa melhor, né? Então, eu acho assim, que estimula a criança a falar: “poxa, eu vou fazer porque o meu pai vai tá lá pra ver, porque minha mãe vai tá lá para ver”. Entendeu? Então, é um estímulo maior para as crianças.

39:22 - Responsável BInc.: É, a tendência é eles quererem retribuir aquela confiança que nós estamos passando pra ele, aquele apoio que nós estamos dando pra ele, eles querem retribuir. Igual a Responsável AInc. falou, né? É eles quererem fazer um trabalho melhor, eles querem fazer um desenho bonito pra quando chegar em casa ou até mesmo na escola, quando nós formos lá, eles querem mostrar, né? Que tá valendo a pena essa confiança que nós estamos depositando neles, né? Por mais mínima que seja, vamos supor, uma dança, uma apresentação de um cartaz, mas assim, eles mostrarem pra nós que assim: “olha mãe, olha pai, olha a vó, tio”... independente de quem seja, olha só, eu tô botando em prática tudo aquilo que você tem me ajudado em casa, olha como eu tirei uma nota boa, porque graças ao que você me apoiou, que você me incentivou... então assim, eu acho muito importante essa participação nossa com eles na escola.

40:25 - Luiza Marillac: Tá certo, meninas. Alguém gostaria de colocar mais alguma coisa?

40:31 - Responsável CInc.: Não, eu não.

40:34 - Responsável BInc.: Eu também não.

40:35 - Luiza Marillac: Oh, então eu vou interromper a gravação aqui.

**Entrevista com os responsáveis por alunos dos anos finais do Ensino Fundamental:
Responsável AF., Responsável BF. e Responsável CF.**

0:02 - Luiza Marillac: Boa noite! Meu nome é Luiza Marillac de Paula Quetz Bittencourt, sou aluna do Mestrado Profissional em Gestão e Avaliação da Educação Pública da Universidade Federal de Juiz de Fora, e em minha pesquisa eu abordo a cooperação entre família e a instituição no processo educativo, especificamente da Escola Municipal Professora Thereza Falci. Assim sendo, essa entrevista é destinada aos responsáveis por alunos dessa instituição e, para melhor registro, gostaria de saber se vocês autorizam a gravação dessa entrevista. Ressalto que as respostas são apenas para fins de pesquisa e a participação de vocês é voluntária e será mantido o anonimato. Desde já eu agradeço a cooperação. Vocês autorizam?

0:50 - Responsável AF./Responsável BF./Responsável CF.: Sim.

0:53 - Luiza Marillac: Então, eu vou enviando no *chat* as perguntas e vou fazendo elas oralmente também, e vocês fiquem à vontade de responder, se tiver dúvida eu posso repetir, tá bem?

1:09 - Responsável AF.: Tá ok.

1:11 - Responsável CF.: Ok.

1:25 - Luiza Marillac: Pergunta número 1: na opinião de vocês, os pais devem participar da vida escolar dos seus filhos? Por quê? Antes de responder, eu queria pedir pra vocês se apresentarem, por favor.

1:51 - Responsável AF.: Boa noite, meu nome é Responsável AF., pai do aluno H, que esse ano está no 7º período. É isso?

2:00 - Luiza Marillac: Isso.

2:03 - Responsável CF.: Eu sou a Responsável CF., mãe da aluna I, que esse ano está no 9º ano.

2:14 - Responsável BF.: Olá, boa noite, eu sou o Responsável BF., sou pai da aluna J. Ela está cursando esse ano de 2021 o 9º ano.

2:23 - Luiza Marillac: Tá bem. A pergunta número 1: na sua opinião, os pais ou responsáveis devem participar da vida escolar dos seus filhos? Por quê?

2:39 - Responsável BF.: Então, na minha opinião, ativamente. Eu acho que, apesar da maturidade estar chegando aos poucos aí, eu acho que não tem a questão da identidade formada, o caráter formado... então, cabe aos pais acompanharem de perto a evolução, o acompanhamento diário com relação a exercício, à matéria dada em sala de aula, pra ver se está conseguindo acompanhar. E é assim na minha casa, com as duas filhas que estão em anos escolares, e sempre foi, e eu espero que continue, porque eu acho muito importante.

3:18 - Responsável CF.: Eu concordo com o Responsável BF., também acho que tem que ser acompanhado de perto. A gente precisa dar o suporte necessário, nem sempre eles sabem tudo. A gente sabe que tem o *Google*, que eles pesquisam e tudo, mas é muito importante a gente acompanhar, tá por dentro da matéria, ver o que que tá acontecendo. É sempre bom. Acho muito válido.

3:42 - Responsável AF.: Eu acho importante. Primeiro, porque é mais um estímulo até pros nossos filhos, né? É o que eu imagino. E hoje em dia, acompanhando eles em todos os momentos, em todas as etapas, é o que eu faço com o meu filho. A minha filha, por exemplo, quando estudou aí também, ela era mais centrada, e o meu menino é mais disperso, sabe? Eu acho muito importante. Eu acompanho as reuniões, tudo que tem que fazer lá na escola eu tô sempre junto. Antes eu até colocava ele na van, sabe? E já tem alguns anos que eu tanto levo, trago e acompanho isso tudo.

4:45 - Luiza Marillac: Número 2: na sua opinião, qual é a importância da família na escola?

5:03 - Responsável BF.: Então, eu acho importantíssimo, né? A família do aluno se interagir com a escola, saber a metodologia da escola, quem são os professores, os diretores, conhecer por dentro da escola. Então, assim, eu acho que isso é uma troca. E, do mesmo lado, a escola conhecer os pais. É uma troca válida. Eu acho que é importante dos dois lados.

5:45 - Responsável CF.: Concordo com o Responsável BF., eu acho que a família é tudo, né? O acompanhamento de perto, a gente precisa mesmo fazer isso. Conhecer a escola, eu acho muito importante, professores, né? Até os próprios colegas. Isso é muito válido. Sempre.

6:04 - Responsável AF.: Então, no meu caso, nesse ano de pandemia, então, tá todo mundo estudando junto com o aluno H, sabe? Porque tá uma dificuldade tão grande, que você não tem noção. E esse ano, por exemplo de 2020, ano passado, cada um pegou uma etapa – a minha filha, a irmã dele, que fez o 9º ano na escola, minha esposa, e eu – ajudando sempre... tudo sobre as matérias, tudo. E eu acho que é importante demais a gente ter contato com a escola. A

escola pra mim, não é porque o aluno H estuda lá, [inaudível] eu acho ela maravilhosa. Tanto os professores... tudo que eu precisei, eu sempre tive um apoio muito grande na escola.

7:20 - Luiza Marillac: Mais alguma coisa? Mais alguma colocação?

7:28 - Responsável AF.: Não, pra mim tá bom.

7:35 - Luiza Marillac: Vou enviar a pergunta número 3: você acredita que uma criança cujos pais participam da vida escolar tem melhores resultados do que outras crianças cujos pais não participam?

7:50 - Responsável BF.: Sem dúvida. Tanto apoio psicológico, apoio moral, incentivo. Eu acho que isso aí faz parte do dia a dia de toda criança e aqueles pais que estão por perto e acompanham efetivamente o processo, tanto na escola quanto em casa, eu acho que a chance dessa criança ser bem mais sucedida é muito grande.

8:26 - Responsável AF.: Sem dúvida. Eu acho que a participação da família junto é primordial.

8:38 - Responsável CF.: Eu concordo com os dois. Eu também, eu já... aproveito a resposta dos dois. Acho que é fundamental, essencial, né? Digamos assim.

8:54 - Luiza Marillac: Os alunos fazem deveres e trabalhos escolares em casa com frequência? Aí vocês considerem esse momento de pandemia e o presencial também, né? Os alunos fazem deveres e trabalhos escolares em casa com frequência?

9:12 - Responsável CF.: Sim, a minha filha, por exemplo, já chega, descansa, e daí a pouco tá fazendo as atividades, não deixa acumular.

9:22 - Responsável AF.: Sim, e... até levantar uma questão. A minha filha, por exemplo, e meu filho, se tratando de hoje, como tá tão difícil – hoje não se pode confiar em ninguém – às vezes alguns professores falam de exercício, de fazer em casa de amigo. Eu nunca permiti não. Nem a minha menina, nem o meu menino, entendeu? Eu sempre bati numa tecla o seguinte: se tiver que fazer em grupo, que faça na escola. Às vezes, eles me acham meio “quadrado”, sabe? Mas eu, por exemplo, eu não concordo deles... porque antigamente era totalmente diferente, né? Tinha valores, alguma coisa assim. Hoje em dia ninguém acredita em ninguém, não sabe o que que se passa na outra casa, entendeu? Aí, eu não sei se eu tô errado, mas eu tive até alguns problemas na escola, assim, na questão de falar isso, entendeu? Nesse ano, por exemplo, que passou, todos os exercícios eles fizeram... aluno H fez em casa, com a participação da gente também.

10:53 - Responsável BF.: Então, aqui em casa sempre foi ou por espontânea vontade ou por espontânea pressão. A gente vai acompanhando, e a mais velha, eu não sei se é pela idade ou se é dela mesmo, mais responsável, mais correta com os exercícios, não precisa da gente ficar cobrando tanto, mas a de 11 anos, que foi pro 6º ano esse ano, é complicado, tem que ficar um pouco mais em cima, mas nunca deixaram de fazer, tanto antes da pandemia... com a pandemia, eu acho que até mais, porque o fato de tá estudando em casa... prova e ser feita toda a programação em casa, eu acho que o tempo de estudo ficou bem maior e, com isso, o nosso tempo, o nosso dedicar no dia a dia aí se tornou importantíssimo.

12:03 - Luiza Marillac: Tá certo. Questão número 5: você enfrenta alguma dificuldade para auxiliar o estudante em sua casa em trabalhos e deveres?

12:18 - Responsável CF.: Às vezes tem uma coisinha complicada, né? A gente apela pro amigo *Google*. Mas a maioria das vezes dá para fazer, mas claro que tem dúvida sim e a gente recorre ao *Google*.

12:35 - Responsável AF.: Eu concordo com a Responsável CF.: só no *Google*.

12:40 - Responsável CF.: Só no nosso amigo *Google*, não tem jeito.

12:45 - Responsável BF.: Eu sou do contrário, eu acho que eu sou mais da pesquisa. Eu acho que o *Google* atrapalha um pouco o aluno, eu acho que o aluno fica... acaba se tornando, assim, preguiçoso. Acho que o fato dele chegar ali, abrir a página ali, e pesquisar, tá tudo ao alcance da tela ali, eu acho que acaba que perde um pouco aquela essência do descobrimento, sabe? Benditas eram as enciclopédias antigamente, né? Não sei se foi da época de vocês aí, mas na época que eu estudava era enciclopédia e biblioteca o tempo todo. Então, assim, eu acho que eu sinto falta um pouco disso, sabe? Aquela resposta pronta, eu sou contra um pouco. Eu acho que o aluno tem que pesquisar, ele tem que... a nossa, por exemplo, quando tem dúvida em alguma coisa da matéria, eu já não respondo de cara, eu peço pra ela dar uma olhada na matéria, reler a matéria, ver se entendeu, fazer um resumo... eu faço de tudo pra que elas busquem a resposta, é isso que eu acho que é o papel do pai e da mãe. Eu acho que é esse papel... fundamental você não dar a resposta pronta, porque a gente não vai poder auxiliar o tempo todo, né? É importante que a criança tenha o hábito de pesquisar e procurar por si própria.

14:14 - Responsável AF.: Mas então, o *Google*, pra mim, ele serve pra mim. Quanto a ele não, ele tem que pesquisar nos livros. O problema é que a gente tem que auxiliar sabendo o que que tá fazendo, você entendeu? O *Google*, pra mim, eu creio que a Responsável CF. também usa pra ela, entendeu? Pra você poder explicar, não é isso?

14:34 - Responsável CF.: Isso, exatamente, Responsável AF..

14:34 - Responsável BF.: Mas a gente não pode deixar eles sozinhos, né? Porque se não acaba burlando as regras.

14:43 - Responsável CF.: Ah, meu filho, a minha filha dá “nó até no pingo d’água”, tem que ficar de olho mesmo. Terrível.

14:49 - Responsável AF.: O aluno H também é burlador.

14:53 - Luiza Marillac: Vamos pra pergunta número 6: em geral, quais assuntos levam a escola a procurar vocês?

15:08 - Responsável BF.: Difícil essa, hein?

15:10 - Responsável AF.: Como é que é? Não entendi a pergunta.

15:13 - Luiza Marillac: Em geral, quais assuntos levam a escola a procurar vocês, pais?

15:19 - Responsável CF.: Comportamento dos filhos, talvez? Comportamento, notas... difícil essa pergunta.

15:28 - Responsável AF.: Reuniões...

15:30 - Responsável CF.: Reuniões... é...

15:32 - Responsável AF.: É que geralmente, no meu caso, é sempre quando tem reuniões lá que eu... que a escola, né? Não é nesse sentido? Ou eu entendi errado?

15:44 - Luiza Marillac: Não, é em quais assuntos levam a escola procurar vocês? Vocês já foram procurados pela escola?

15:54 - Responsável BF.: Assim melhorou. Não, eu acho que não. Em relação a...

15:59 - Responsável AF.: Sim.

16:01 - Responsável CF.: Sim. Sim, Responsável AF., eu tô contigo. Ai, Responsável AF..

16:16 - Responsável AF.: Teve um ano, eu acho que foi na 4ª ou na 5ª série...

16:24 - Responsável CF.: A aluna I tá aqui ouvindo, só rindo...

16:30 - Responsável AF.: Teve uma professora, acho que a professora L, de Matemática, lá de Lima Duarte, acho que é isso. Era isso? Hein, Luiza?

16:42 - Luiza Marillac: Tem uma professora de Lima Duarte, mas a que eu conheci não é professora L não.

16:47 - Responsável AF.: Não? Como que é, então? Não, professora L acho que foi uma que eu estudei. Como que era o nome dela? Você sabe?

16:54 - Luiza Marillac: Tem uma professora L e a professora... a professora que eu conheço de Lima Duarte é professora de Português, não é de Matemática não. De matemática é a Professora AF....

17:07 - Responsável AF.: Professora M, professora M... era professora M. Não era essa?

17:14 - Luiza Marillac: De Matemática?

17:18 - Responsável AF.: É, mas eu não sei se era do 5º ano ou do 4º... meu Deus! Só sei que... vamos lá. O que que acontece? Eles mandaram um recado pra mim, pra me procurar porque ela precisava conversar comigo. Aí eu fiquei assim, né? Falei: “pronto, vem alguma coisa aí”. Aí acabou que aquela coordenadora, né? Como que...

17:47 - Luiza Marillac: Coordenadora B?

17:49 - Responsável AF.: Não, a Gestora A...

17:50 - Luiza Marillac: Gestora A.

17:53 - Responsável AF.: É, Gestora A. Aí mandaram um recado, eu peguei, fui. Marquei um dia e acabei indo lá. Aí eu cheguei lá porque eles queriam saber o que que estava acontecendo... que a professora tava preocupada porque o aluno H era muito carente, entendeu? Que ele sempre ficava falando com ela, beijando, abraçando... se tinha algum problema em casa. Eu pensei e falei assim: “não”. Aí a gente começou a conversar: eu, essa professora e a coordenadora, né? Aí eu comecei a falar dele, que ele tinha um problema e que o problema dele era ser tímido. A professora: “ahn?”. Aí comecei a contar as coisas, ela falou assim: “não, nós não estamos falando da mesma criança, do mesmo aluno”. Eu falei: “por que? Mas ele...” Aí ela começou a me contar, eu falei assim: “não, isso aí é uma jogada dele. Isso aí, ele ganha os outros desse jeito, é com carinho, com beijo”. Parece que tem uma dificuldade, sabe? Mas não é. E ele enganando ela assim, sabe? Tipo... que ele é muito cheio de carinho assim, mas com segundas intenções, sabe? Aí, até nós encontramos um dia lá numa festa dessas aí, aí eu vi: o filho dela é idêntico ao aluno H, né? O meu filho. Aí eu e minha esposa falamos assim: “ela se apegou tanto ao aluno H porque parece o filho dela”, mas mal ela sabia que era uma jogada dele, entendeu? Quando eu fui lá, eu achei que realmente tinha algum problema, do jeito que eles tavam falando. Aí eu olhei e falei: “ahn, você não conhece a peça”. Ele faz isso com a mãe, comigo. Ele nunca joga assim... ah, como que eu vou falar? Ele nunca... tipo assim, com a mãe ele é uma coisa, comigo é outra. Se eu falo alguma coisa, ele sempre acha um meio termo, sabe? Pra não desagradar ninguém. É assim e assim ele lidou com a professora também. Isso que eles me procuraram uma vez. Só.

20:23 - Luiza Marillac: E vocês citaram reuniões também, né?

20:27 - Responsável AF.: É, reuniões sempre, né?

20:28 - Luiza Marillac: Previstas... Responsável BF.?

20:30 - Responsável BF.: É, eu acho que é isso: reuniões, alguma coisa do dia a dia. Chamar atenção, eu acho que eu nunca foi preciso de ir, em comportamento diferente... é o básico mesmo, de praxe.

20:49 - Luiza Marillac: Responsável CF.?

20:54 - Responsável CF.: Concordo com o Responsável BF., o básico mesmo: reuniões, pegar material, essas coisas.

21:02 - Luiza Marillac: Então vamos seguir: em que situação vocês procuram a escola?

21:14 - Responsável AF.: Em quais situações? Então, em quais situações ou as situações que já aconteceram de eu procurar a escola? É isso?

21:38 - Luiza Marillac: É.

21:39 - Responsável AF.: Olha, teve um ano que o meu filho... tipo assim, a educação que eu dou pro meu filho é tipo a mesma que minha mãe me deu. Então, tipo assim, eu não gosto de mentira, já é o jeito dele. Aí, o que que acontece? Ele teve uma vez que ele queria ir no banheiro e não deixaram, entendeu? O que acontece? Quando ele chegou a pedir, é porque ele tá querendo ir mesmo e acabou que ele fez o xixi na roupa, entendeu? E nisso aí... eu não tô me

recordando muito... tipo assim, eu fiquei sabendo, eu fui na escola, menina, mas igual um leão, entendeu? Eu falei assim: “pô, é muita sacanagem”. Aí quando eles me ligaram, pra mim levar uma roupa pra ele, sabe? Porque ele tinha feito xixi na roupa, aí acabou que, quando eles tentaram, não conseguiram falar comigo. Aí eu peguei e falei: “pô, é brincadeira, né? A criança pedindo pra ir no banheiro...”. Ele tinha me falado que tinha pedido duas vezes. Aí eu fui, eu falei... pra te falar a verdade eu falei: “gente, eu vou na Secretaria de Educação, porque é uma covardia isso”. Aí, eu peguei e fui conversar lá com o Gestor B... é... Gestora A e depois com o Gestor B. Aí eu peguei, mas eu tava revoltado porque... pô, você pensa bem, você dentro da sala... aí, eu conversando com meu filho, aí ele pegou e falou assim... que todo mundo riu dele, né? Ele falou assim: “Ah, pai, não coisa não, porque se fosse do outro jeito, eu também ia rir de quem tivesse feito xixi na roupa”. Então você não quer que eu faça nada? Ele falou: “não, pai, não quero não. Isso que aconteceu comigo poderia acontecer com qualquer outro e eu faria a mesma coisa”. E conversando com o Gestor B, aí o Gestor B me falou porque na escola, sempre quando é um aluno mais novo, ele não deixa ir sozinho porque tem os outros alunos mais velhos. Quando ele me falou isso, eu pensei, eu falei: “gente, eu tão ‘pê da vida’ com a escola e a escola, querendo ou não, preservando a integridade dos nossos filhos, né?”. Aí eu depois até falei: “não, realmente você tem razão”. Mas foi nesse sentido aí só, que eu procurei a escola.

24:26 - Responsável CF.: Eu procurei a escola... assim, eu também não costumo ir muito na escola, e eu procurei o ano passado quando a minha filha repetiu de ano. Foi a pior sensação da vida, gente. Ela estudava num colégio particular e aí ela fez a recuperação, e eu fui chamada lá porque ela não passou, né? Aí eu fiquei bem, bem abalada. Foi o dia de procurar a escola. Foi complicado. É triste você ver que um ano inteiro e não deu. E ela conseguiu repetir de ano na pandemia, né? Que é o pior.

25:11 - Responsável AF.: Que isso!

25:13 - Responsável CF.: É, é complicado, mas assim, é o que o Responsável AF. falou, sabe? A gente tem que ter um acompanhamento de perto e, assim, eu sou divorciada. É eu e ela. Então, eu tava trabalhando e ela em casa, e eu não tinha como monitorar se tava assistindo aula. E, na verdade, ela não tava assistindo aula, tava faltando, tava cheia de falta porque não tava assistindo aula, botava pra assistir aula e ia dormir. Então, é bem complicado isso, sabe? Mas tá bom, agora é vida nova, é outro ano. A gente tem que pensar assim, né?

25:47 - Responsável BF.: Bom, eu sou novo na escola, esse ano, né? Então, assim, experiências anteriores... eu já procurei a escola várias vezes, por vários motivos. Eu acho que todos na área da metodologia, alguma coisa que eu tinha dúvida, não sabia como funcionava, professor, algum material, trabalhos, esse tipo de coisa, né? Também, como o nosso amigo disse aí anteriormente, não sou a favor de trabalho em grupo, assim, a não ser que seja na escola, sabe? E elas vêm de uma escola que eram reservados 12 pontos por bimestre só de trabalho e esses 12 pontos eram divididos em 4 etapas de 3 pontos cada uma, e isso me tirava do sério porque você tinha que reunir... sabe? Eu fui na escola várias vezes, questionei várias vezes, e infelizmente tinha aquele aluno que não fazia nada e se aproveitava da boa vontade dos outros terem feito e ele ainda saía com crédito. E eu não achava isso justo. Eu sou contra o trabalho, totalmente. Tudo bem você ter uma dinâmica de grupo, tudo bem você ter uma reunião em grupo, mas trabalho avaliativo eu sou totalmente contra. Eu acho que a criança tem que ser avaliada em prova, sempre prova, porque na hora que ela chegar lá na frente, ela vai ser avaliada é através de prova. Então, eu acho que quanto mais você faz uma coisa, mais bom você fica

naquilo. Então, eu acho que é importante isso. E assim, eu batia de frente com elas com relação a essa metodologia. Quem sou eu pra questionar alguma coisa, mas era justamente pra ajustar uma coisa ou outra mesmo.

27:49 - Responsável AF.: Eu também procurei a escola numa outra época com a minha filha. Eu morava na Barreira... Novo Triunfo, e na escola de lá a minha filha era a top, sabe? Só como se fosse AA, só AA, só fechamento, em todas as matérias. E foi quando eu mudei de lá pra Benfica e onde que até a secretária de lá que tinha indicado pra mim colocar meus filhos no Thereza Falci. Menina, a minha filha teve tanta dificuldade em Geografia, com o professor K, né?

28:29 - Luiza Marillac: Professor K é Matemática.

28:31 - Responsável AF.: Matemática. Em Geografia quem que era? Só umas matérias assim, menina, e que eu não tava entendendo. Eu tive que colocar até ela em aula particular, vocês não acreditam, porque é verdade. E aonde que eu vi que a escola, por ser municipal, eu acho que o nível dela é top, entendeu? Tanto é que a minha filha passou no Ifet em 4º lugar. De 3 vagas, ela conseguiu, ela tá estudando lá até hoje. Acabou de me falar que tinha passado de ano ontem. Já tá indo pro terceiro ano e ela tá fazendo aquele integrado, né?

29:25 - Luiza Marillac: O médio com o técnico?

29:27 - Responsável AF.: É, médio com técnico. E pra te falar a verdade, graças a Deus, isso foi através dessa escola, do Thereza Falci, que ela teve uma base ótima.

29:43 - Luiza Marillac: Que bom. Vamos seguir aqui: a escola tem ações para incentivar a participação de vocês lá na instituição? Na escola?

29:59 - Responsável AF.: Então, as ações é sempre que, tipo assim, convite das reuniões, e toda vez que vai nas reuniões, são todos os professores... sei lá, o acolhimento é legal, tanto é que eu acompanho bem essas reuniões. Antigamente era menos e, cada vez, até antes da pandemia, né? Tava até assustando eles, porque quando chegava aquela quantidade de pais nas reuniões. Tanto é porque todo mundo tava gostando, né? Teve uma vez que eles tiveram que reformular lá porque não tava esperando tanta gente.

30:46 - Luiza Marillac: Entendi. E o Responsável BF.? Responsável CF.?

31:00 - Responsável BF.: Então, eu acho que através das festas, de alguma campanha que a escola consiga fazer. E eu acho muito válido. Acho que é válida essa aproximação o tempo todo e, querendo ou não, o pai e a mãe se sente acolhido o tempo todo. É importante a escola promover encontros periodicamente.

31:37 - Luiza Marillac: Responsável CF?

31:43 - Responsável CF.: Ficou mudo aqui, desculpa. Ô Luiza, é meu primeiro ano também na escola, né? E não conheço muito, eu vejo falar muito bem da escola e tudo. Essas ações de... eu acho que são acolhimentos, né? Pra gente participar, interagir, conhecer, acho muito bom. Acho que tem que ser feito sim, e a gente sente falta disso, né? Já tem um tempinho nessa

pandemia, a gente sente falta disso, dessas reuniões, desses encontros... é muito bacana, eu acho muito bom.

32:25 - Luiza Marillac: Questão número 9: você conhece as atividades que acontecem no contraturno da escola?

32:37 - Responsável BF.: Sim, as extracurriculares que você diz?

32:40 - Luiza Marillac: É, algumas atividades que têm no contraturno da escola.

32:44 - Responsável BF.: Dança, né? Teatro... é, já ouvi falar e conheço bastante gente que faz uso e gosta. Eu, como sou novo na escola, não tenho...

32:57 - Luiza Marillac: Eu ia perguntar: no caso positivo, qual a opinião de vocês? De que modo essas atividades influenciam na vida escolar da criança?

33:07 - Responsável BF.: Ah, influencia muito, né? Aí entra aquela parte que eu tava falando, que substituí aquele trabalho em grupo. A interação com os colegas fora da sala de aula, ela é muito importante, ela cria vínculo e acaba que essa troca de experiência, ela no dia a dia, ela é levada pra dentro da sala de aula. Então, isso aí acaba que já ajuda o aluno.

33:41 - Responsável CF.: É isso aí.

33:49 - Responsável AF.: Eu ia pedir para repetir a pergunta, que eu não...

33:57 - Luiza Marillac: Você conhece as atividades que acontecem no contraturno da escola? E, caso positivo, na sua opinião, de que modo essas atividades influenciam a vida escolar da criança?

34:14 - Responsável CF.: Então, igual eu tô falando, eu não conheço, mas eu ouvi que tem teatro, né? Que tem algumas opções lá. A minha filha já fez outras vezes, em outros colégios, ajuda bastante a socializar mais e a se soltar um pouco mais. Não que a aluna I seja tímida não, que a aluna I é bem falante, desinibida, ela não tem problema com isso, mas eu acho que ajuda a criança se soltar um pouco mais, principalmente o teatro, né? Ajuda muito a criança a se soltar mais, falar melhor em público, né? Tem gente que nem eu, por exemplo, tenho dificuldade de falar em público. A minha filha já fala bem, [inaudível] muito bem. Então, assim, acho muito interessante constar, assim, nas extracurriculares. Acho muito bom. Não conheço ainda o trabalho da escola, mas já ouvi falar também bastante.

35:17 - Responsável AF.: O meu filho aluno H fez dança, ele que me pediu. E realmente, a socialização e... sei lá, parece que melhora bem o convívio dele com os alunos, com os coleguinhas. Eu acho que tem mais tempo aí a hora que eles podem extravasar um pouco a vontade de conversar, de participar das atividades. Eu acho muito importante sim, melhora bem.

36:04 - Luiza Marillac: Então vamos seguir. Vocês têm vontade de participar mais das atividades educativas de seus filhos? Eventos, decisões na escola...?

36:17 - Responsável BF.: Eu acho que não, que eu já participo bastante. Pelo menos aqui, sou eu que tomo a frente com relação a isso, reuniões e outros afazeres da escola. Então, assim, eu acho que tudo que a escola necessita da minha parte eu sou a favor, estou à disposição. E é isso.

37:02 - Responsável AF.: Então, o que que acontece? Eu, no que for preciso, eu participo sem problema nenhum, entendeu? Agora, questão de querer participar... quando é necessário, ô Luíza, eu faço, não tem problema nenhum. Mas eu acho que o que geralmente, o que já tem pra fazer, eu faço sem problema. Não é que tá faltando mais vontade assim, sabe? Quando tem, que eu sou comunicado, e questão de reuniões, esses negócios, eu dou minha participação, entendeu? Mas não é que eu acho que precisa mais. Necessitando, eu tô dentro, entendeu?

38:05 - Luiza Marillac: Tá certo.

38:08 - Responsável CF.: Então, eu também, Luiza, participo do que for necessário, pode contar sempre comigo. Eu sou participativa sim, sempre.

38:22 - Luiza Marillac: Pois é, então, caso positivo, né? Todos os dois falaram e o Responsável BF. falou que já participa bastante, vocês têm alguma sugestão de ação, proposta, ideia que possa estreitar a relação e a comunicação entre a família e a escola?

38:45 - Responsável CF.: Eu não tenho não, nenhuma sugestão.

38:51 - Responsável AF.: Então, eu, particularmente, o que a escola, as propostas que eles têm, eu acho que já é o suficiente, porque, tipo assim, eu sou muito de pensar pelos dois lados, sabe? Porque alguns pais... eu, por exemplo, sou aposentado, eu tenho tempo. Agora, muitas vezes, outros já têm uma dificuldade de horário, nem sempre têm esse tempo ocioso pra fazer alguma coisa na escola. Aí eu penso dos dois lados. E as propostas da escola, pra mim, eu acho que já basta, entendeu?

39:46 - Responsável BF.: É, eu também não tenho nenhuma indicação não. Eu acho que varia muito de escola pra escola e ninguém melhor do que quem tá lá dentro, no dia a dia aí, pra saber o que se torna aplicável.

40:27 - Luiza Marillac: Então, pra gente fechar, retomando ao tema principal: na sua opinião, quais são os principais benefícios para o estudante quando os pais participam da sua vida escolar?

40:45 - Responsável BF.: Eu acho que o estímulo e a autoconfiança, eu acho que isso aí são os dois pontos mais importantes, na minha opinião, e o aluno pode sentir ao ver o seu pai e sua mãe se interessar por aquilo que é tão importante na vida dele.

41:10 - Responsável CF.: Eu acho que eles se sentem seguros também. Já aproveitando a deixa do Responsável BF., segurança também. A gente interagindo mais, eu acho que eles se sentem mais seguros, talvez.

41:27 - Responsável AF.: É, no meu caso eu acho o seguinte... no meu caso, com o meu filho, não dá espaço pra ele aprontar, entendeu? Sendo bem sincero.

41:38 - Responsável CF.: Boa, Responsável AF.! Esqueci desse detalhe, concordo com você. Essas crianças são terríveis.

42:03 - Luiza Marillac: E na família de vocês, quem mais realiza as atividades com o estudante?

42:08 - Responsável BF.: No meu caso aqui sou eu.

42:13 - Responsável CF.: Aqui em casa sou eu, só tem eu mesma.

42:20 - Responsável AF.: Então, aqui em casa, geralmente sou eu. Porém, ele usa mais a mãe dele, entendeu? A mãe dele é mais brava, ela exige bastante dele. Eu, às vezes, pra te falar a verdade, eu fico muito nervoso, porque ele dispersa muito quando tá fazendo exercício, aí eu fico... exalto um pouquinho, aí ele prefere com a mãe dele, que a mãe dele briga muito mais, mas a participação dela é essencial. Quando tem essa dificuldade também na questão da matéria, que às vezes a mãe dele tem mais dificuldade, aí tem que ser os dois juntos, entendeu? Eu no *Google*, pra mim tentar entender o que que é, porque eu sinto muita dificuldade. Tipo assim, as matérias do aluno H, às vezes, algumas coisas que você acha que é lógica e não é, entendeu? Necessita de dois.

43:40 - Luiza Marillac: É, e assim, que tipo de atividade o familiar mais participa? Leitura de livros, dever de casa, trabalho, pesquisa, estudar pra prova...?

43:50 - Responsável AF.: É isso aí...

43:51 - Responsável BF.: Tem cada coisa aí...

43:53 - Responsável CF.: É... aqui em casa, a leitura. Eu gosto muito de ler. A minha filha [inaudível]. A gente fica no pé, acaba [inaudível] bastante, ela desapegou do celular durante uns meses e leu bastante. Fez bem pra ela. Então, a leitura, a gente acompanha sempre.

44:18 - Luiza Marillac: Responsável AF.?

44:20 - Responsável AF.: O meu filho é empurrado, sabe? Tudo tem que ser a “ferro e fogo” com ele. Ele me dá baile. Questão de leitura é um problema seríssimo, seríssimo, e ele consegue me enganar bastante, sabe? Aí fica... o que pega mais aqui em casa é a questão de leitura, porque o resto a gente tem que fazer com ele, tem que empurrar ele. Ainda mais nesse caso de pandemia, a vontade dele é nenhuma. Nem... eu brinco aqui em casa que cada um tem que ganhar um diploma de cada ano, entendeu? A irmã um período, a minha esposa outro, eu outro, a tia dele outro... pra você ter ideia, nessa pandemia, eu coloquei ele numa professora particular aqui. Eu levava e trazia... Três, quatro vezes na semana. Eu coloquei ela por causa dessas apostilas, que é muita matéria e eu não tava entendendo... quando você vai dia a dia, até que você vai assim, tal. Mas era tanta coisa na apostila, tanta, que eu falei assim: “poxa...”. Ele saturou a irmã, a mãe e a minha participação. Cansou os três, entendeu? Aí eu pensei, falei assim: “ah, aquela professora particular, tal. Vou levar ele”. Aí fui, conversei com ela, aí coloquei. [Inaudível] ele lá direto. Você acredita que no dia que eu fui ver a quarta apostila, ela tava refazendo a que nós tínhamos feito aqui em casa? Aí foi uma loucura, né? Pra colocar tudo em dia. Ele conseguiu enganar ela, e tinha um tal de jogar bola meia hora na aula particular lá,

na hora que eu fiquei sabendo eu falei: “ah, você tá brincando comigo, né? Poxa, tendo o maior trabalho. A leitura é um problema sério aqui em casa.

46:39 - Luiza Marillac: E o Responsável BF. disse que é um pouquinho de tudo, né, Responsável BF.?

46:42 - Responsável BF.: Eu acho que sim, um pouquinho de tudo.

46:46 - Luiza Marillac: Vocês gostariam de fazer mais alguma colocação? Mais alguma contribuição?

46: 55 - Responsável CF.: Eu não.

46:57 - Responsável AF.: Eu acho que tá tudo aqui...

46:59 - Luiza Marillac: Então eu vou agradecer vocês, tá? Pela disponibilidade, pela boa vontade, pela paciência e vou encerrar aqui a gravação... peraí, interromper aqui a gravação.

APÊNDICE C – Ficha para levantamento de demandas a partir dos grupos de trabalho

Filha para levantamento de demandas	
Data: ___ / ___ / _____ (1º encontro)	
Data: ___ / ___ / _____ (2º encontro)	
Grupo de trabalho: () Ed. Infantil () EF_ anos iniciais () EF_ anos finais	
Membros:	
Tema sugerido:	
Justificativa (qual é a motivação que leva o grupo a sugerir esse tema):	
Descrição da sugestão de abordagem:	
Indicação de referências (BNCC, ou outro material do MEC, textos científicos):	

APÊNDICE D – Panfleto a ser distribuído às famílias na primeira reunião de pais do ano letivo de 2023.

Início do Ano Letivo 2023

COMUNICADO

Prezados pais e/ou responsáveis;

Ao cumprimentá-los, dirigimo-nos a todos com otimismo e alegria pelo início de mais um ano letivo. Aproveitamos a oportunidade para desejar boas-vindas às famílias de alunos novatos e, a todos os estudantes, um excelente ano escolar.

Nesta oportunidade, apresentamos o novo canal de comunicação da escola: o boletim informativo que vocês receberão trimestralmente (fevereiro/maio/agosto/novembro) de forma digital, através de seus e-mails. Tal boletim cumpre ao propósito de aproximar ainda mais os entes: escola e família, através da abordagem de temas, rotinas e orientações que possam colaborar para o processo educacional de seus filhos.

Reforçamos que o relacionamento com a família é uma das diretrizes de nossa escola e, por isso, uma das prioridades do nosso trabalho. Portanto, certificamos aos senhores que, para além desse canal de comunicação, seguiremos acolhendo a todos com atenção, dentro de suas necessidades e demandas. A formação integral de nossos alunos é o nosso grande objetivo. Nesse sentido, visando ao aperfeiçoamento constante da parceria Família e Escola, pedimos a colaboração de vocês para confirmarem os dados solicitados abaixo para o devido recebimento do boletim informativo, que acontecerá de forma digital.

Agradecemos a confiança e contamos com a parceria de vocês ao longo desta nossa caminhada.

Atenciosamente.

Equipe Gestora

Dados para o envio do boletim informativo

(após o preenchimento, destacar essa parte e entregar na secretaria no prazo de 07 dias)

Aluno: _____

Segmento educacional: () Educação Infantil () 1º ao 5º ano () 6º ao 9º ano

Turma: _____

Nome do responsável: _____

e-mail do responsável: _____

APÊNDICE E – Sugestão a ser apresentada para equipe que trabalhará diretamente com a primeira edição do boletim informativo.

ESCOLA MUNICIPAL PROFESSORA THEREZA FALCI

Boletim Informativo do Thereza

(32) 3690 7837 / 98480 6808

BEM-VINDO DE VOLTA À ESCOLA!

Ao iniciar o ano letivo de 2023, desejamos que todos sejam muito bem vindos. Contamos com cada um de vocês para que juntos possamos percorrer os caminhos necessários para o crescimento institucional, acadêmico, individual e social de toda comunidade escolar.

Apresentamos esse novo canal de comunicação: o boletim informativo, o qual vocês receberão trimestralmente de forma digital. Através dele, buscaremos nos aproximar de vocês e trazer conteúdos que colaborem para as rotinas escolares e também, para o processo educacional como um todo.

Reforçamos que o relacionamento com a família é uma das diretrizes de nossa escola e, por isso, uma das prioridades do nosso trabalho.

Relação escola-família e suas contribuições para a ampliação das habilidades socioemocionais do aluno

O limite estabelecido pelos muros da escola não representa o que acontece no interior da instituição. A experiência vivenciada e a construção de saberes individuais e coletivos ocorridas neste espaço deixam marcas significativas e repercutem na vida, não só do estudante, mas de cada membro da comunidade escolar. Nessa perspectiva, todos

aqueles que estão envolvidos, direta ou indiretamente, com a educação devem pensar, planejar e executar atentamente as ações ocorridas no ambiente escolar. Tal cuidado se faz necessário para que a vivência dessas ações possibilite, para além da construção de saberes, o desenvolvimento social e emocional do aluno. Desenvolvimento esse que lhe dará suporte na sua vida em sociedade. Nesse sentido, a família, ente participe da comunidade escolar, pode e deve contribuir para o processo de construção do estudante de tal forma que esse elo colaborativo entre escola e família influencie a formação integral do estudante.



FUTUROS EVENTOS

Período de inscrição para jornada estendida e projetos extracurriculares: 20/02 à 03/03/2023

Períodos escolares incluídos no 1º semestre:
 - 1º bimestre: 01/02/2023 à 12/04/2023
 - 2º bimestre: 13/04/2023 à 30/06/2023

A Família pode e deve contribuir para o processo de construção do estudante!

NOTAS DA SYCAMORE



DESTAQUES RECENTES

A participação de nossos alunos e seus familiares foi destaque em eventos municipais e atividades internas de construção e protagonismo estudantil. Confira algumas imagens.



Reunião de pais



Evento esportivo - UFJF



Oficina expressão e movimento



Reunião pedagógica

Rotina de estudo

A escola é um ambiente de construção individual e coletiva do conhecimento, no entanto não é o único espaço de construção. O estudante está inserido em vários outros núcleos sociais e, as experiências vivenciadas em cada um deles tornam-se relevantes em seu processo de construção. Nesse sentido, a participação da família e da comunidade na jornada educacional da criança precisa ser colocada em evidência e suas possíveis contribuições discutidas para que o processo de aprendizagem seja otimizado. Nessa direção, as famílias devem auxiliar o estudante na rotina de estudo, sobretudo no ambiente doméstico. Seguem algumas dicas:

1. Estabeleça um local para estudo;
2. Monte um cronograma para as disciplinas que deverão ser estudadas;
3. Tente manter horários fixos para estudo e também para outras atividades;
4. Deixe ao alcance do estudante todos os materiais necessários;
5. Estabeleça pausas e evite distrações no momento do estudo;
6. Tenha o horário de aulas disponível no local de estudo e prepare o material de aula assim que terminar o momento de estudo;
7. Cuide da alimentação, do sono e do tempo de uso de eletrônicos.

A contribuição da família poderá ser transformada!

Contamos com vocês!



Dica Cultural

Conheça e visite os museus de nossa cidade!

- Museu Ferroviário de Juiz de Fora;
- Museu da Faculdade de Farmácia e Bioquímica da UFJF;
- Museu de Arqueologia e Etnologia Americana;
- Museu de História Natural;
- Museu de Arte Moderna Murilo Mendes;
- Museu do de Cultura Popular da UFJF;
- Museu Mariano Procópio;
- Museu de Malacologia Prof. Maury Pinto de Oliveira;
- Museu Dinâmico de Ciência e Tecnologia;
- Museu de Marmelos;
- Museu do Credireal.